

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

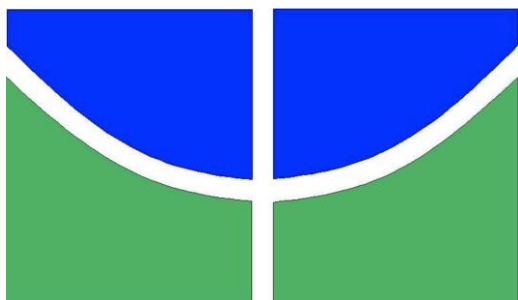
Curso: Comunicação Social – Jornalismo

**ENQUADRAMENTOS DAS MANIFESTAÇÕES DE
JUNHO DE 2013 NOS JORNAIS *THE NEW YORK TIMES* E
*LE MONDE***

Isabela Patrícia Maia Silva

Brasília-DF

Dezembro/2015



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Curso: Comunicação Social – Jornalismo

**ENQUADRAMENTOS DAS MANIFESTAÇÕES DE
JUNHO DE 2013 NOS JORNAIS *THE NEW YORK TIMES* E
*LE MONDE***

Isabela Patrícia Maia Silva

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Dione de Oliveira Moura

Brasília-DF

Dezembro/2015

ISABELA PATRÍCIA MAIA SILVA

**ENQUADRAMENTOS DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE
2013 NOS JORNAIS *THE NEW YORK TIMES* E *LE MONDE***

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Dione Oliveira Moura
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Liziane Soares Guazina
Avaliadora

Prof^a. Dr^a. Luciane Fassarella Agnez
Avaliadora

Prof^a. Dr^a. Márcia Marques
Avaliadora Suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pela sabedoria que vem do Alto e pelas oportunidades concedidas.

À minha família. Aos meus pais, pelo exemplo sempre presente. À minha mãe, que mesmo nos momentos difíceis sempre consegue ser exemplo de determinação e fé. Ao meu pai, pelos conselhos e incentivos constantes. À minha irmã, pela companhia nessa terra distante. À minha família estendida: meu noivo e seus pais, irmãs e avó, pelas incontáveis caronas, jantares e almoços, conselhos e cuidados. Minha jornada na UnB não seria a mesma sem vocês, não seria possível sem cada um de vocês.

Aos professores que me auxiliaram neste caminho, em especial à minha orientadora Dione Moura, pela disposição e conselhos. A todos que cruzaram meu caminho durante esses anos de UnB, e que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a ver o mundo com quadros diferentes.

RESUMO

Este trabalho analisou a cobertura das manifestações de junho de 2013 feita por dois dos principais jornais do mundo, *The New York Times* e *Le Monde*. Para isso, foi usado o marco teórico do enquadramento (ou *framing*) e, através da análise de conteúdo segundo proposta por Bardin, analisados 37 textos publicados nos veículos durante o período de 14/06/2013 a 30/06/2013. Os enquadramentos foram divididos, segundo proposta de Porto, entre noticiosos e interpretativos. Foram encontrados, ao todo, sete enquadramentos, sendo três noticiosos (Conflito, Estratégia/Jogo de Interesses e Interesse Humano) e quatro interpretativos (O retrato do Brasil atrasado, O gigante acordou, Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver" e Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos).

Palavras-chave: *Enquadramento, jornalismo internacional, The New York Times, Le Monde, enquadramentos noticiosos, enquadramentos interpretativos.*

ABSTRACT

This study analyzed the coverage of the demonstrations that occurred in June 2013 in Brazil by two of the leading newspapers in the world, The New York Times and Le Monde. In order to do so, we adopted the theoretical basis of framing and, through content analysis as proposed by Bardin, analyzed 37 articles published in these papers during the period from 06/14/2013 to 06/30/2013. The frames found were divided, as proposed by Porto, between news and interpretive frames. Seven frames were found in total, three news (Conflict, Strategy/Game of Interests and Human Interest) and four interpretive (The picture of a backward country, The giant has awoken, World Cup and Brazil "for the English to see" and Crisis of representation: cynicism towards politics and politicians).

Keywords: *Framing, international journalism, The New York Times, Le Monde, generic frames, issue-specific frames.*

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	111
Gráfico 2	112
Gráfico 3	113
Gráfico 4	113
Gráfico 5	114
Gráfico 6	114
Gráfico 7	115
Gráfico 8	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	59
Quadro 2	61
Quadro 3	135
Quadro 4	144
Quadro 5	153
Quadro 6	154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013.....	12
1.1 Linha do tempo.....	12
1.2 Aspectos gerais.....	16
1.2.1 Movimento Passe Livre (MPL), o transporte público e o acesso à cidade.....	17
1.2.2 Mídias sociais digitais, crítica à mídia "tradicional" e a ocupação da cidade.....	20
1.2.3 Crise de representação.....	25
1.2.4 Descontentamento com sistema público e Copa do Mundo.....	29
CAPÍTULO 2: REVISÃO TEÓRICA.....	32
2.1 Agenda-setting	32
2.2 Teoria do enquadramento.....	34
CAPÍTULO 3: JORNALISMO INTERNACIONAL	42
3.1 Os jornais The New York Times e Le Monde	45
3.1.1 Breve histórico.....	45
3.1.2 Jornalismo de referência.....	46
3.1.1 Cobertura internacional do The New York Times e Le Monde	49
CAPÍTULO 4: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	54
4.1 Escolhas metodológicas	54
4.2 Caminhos metodológicos	57
4.2.1 Análise de conteúdo	57
4.2.2 Enquadramentos encontrados.....	59
4.2.2.1 Enquadramentos noticiosos	60
4.2.2.2 Enquadramentos interpretativos	62
CAPÍTULO 5: ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS	69
5.1 The New York Times.....	69
5.2 Le Monde	74
CAPÍTULO 6: ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS.....	82
6.1 The New York Times.....	82
6.2 Le Monde	95
CAPÍTULO 7: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA COBERTURA	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	134

INTRODUÇÃO

"Afiml, para onde vai o Brasil?". A pergunta abria a matéria publicada no jornal *Le Monde*, no dia 25/06/2013, sobre as proporções que haviam tomado as manifestações de junho de 2013. No Brasil e no mundo, os protestos tomaram as páginas dos principais jornais, que procuravam entender os acontecimentos no país. Se as manifestações começaram por conta dos aumentos na passagem de transporte em São Paulo, foram também reveladoras de questões muito mais profundas, relacionadas ao cenário político e social do país, mas também do mundo.

No olho do furacão estava o Movimento Passe Livre (MPL), grupo de caráter apartidário, horizontal, sem lideranças. Os protestos ganharam força após o Quarto Grande Ato na cidade de São Paulo, organizado pelo MPL, formado na sua maioria por jovens estudantes, reivindicando a revogação do aumento, mas também transporte público de qualidade que garantisse o acesso à cidade à toda população. O MPL chamou os brasileiros às ruas para barrar o aumento, e acabou provocando uma das maiores ondas de protestos já vistas na história do país (TABAK; MENEZES; LOBO, 2013).

Nesse contexto de ruas em polvorosa, jornalistas e especialistas procuravam entender para onde ia o Brasil, ou pelo menos o que estaria causando manifestações em tais proporções. A imprensa nacional, que começou com uma cobertura chamando manifestantes de "vândalos" (MARADEI, 2013), mudou de lado quando vários jornalistas foram atingidos por balas de borracha durante as coberturas, detidos por motivos tão banais quanto "porte de vinagre" (BARBARA, 2013).

Já a imprensa internacional começou a dar destaque para o país que, durante a Copa das Confederações e a um ano da Copa do Mundo de 2014, enfrentava problemas tais como "crise de representação" e serviços públicos precários, evidenciados nas manifestações nas ruas. Este trabalho é motivado, então, a estudar a cobertura dos jornais *The New York Times* e *Le Monde* durante o período de protestos no país. Procuraremos identificar os principais temas abordados e de que forma essas mídias compreenderam os protestos, quais as justificativas dadas e como foram interpretadas as possíveis causas. Para responder a essas dúvidas, apoiaremos esta monografia no quadro teórico do enquadramento.

O objetivo central desta pesquisa é, portanto, identificar e analisar os enquadramentos utilizados para cobrir as manifestações de junho de 2013 no Brasil por dois dos maiores jornais do mundo, o *The New York Times* e o *Le Monde*. Buscamos compreender quais foram os enquadramentos utilizados nos jornais para interpretar os eventos no Brasil nos dias de maior presença nos protestos. Entendemos enquadramento como padrões interpretativos, utilizados por jornalistas, mas também pela sociedade, para compreender fatos e eventos políticos (GITLIN, 1980). Concordamos com os autores citados neste trabalho, no que diz respeito aos enquadramentos serem padrões inevitáveis. Como explica Tuchman (1978), o jornalismo oferece uma janela para o mundo, mas por vezes esta janela se mostra limitada por molduras, quadros ou enquadramentos:

Notícias são uma janela para o mundo. Através de seu enquadramento, os americanos aprendem de si e dos outros, de suas próprias instituições, líderes e estilos de vida, e os de outras nações e seus povos. [...] Mas, como qualquer enquadramento que delinea um mundo, o enquadramento de notícias pode ser considerado problemático. A vista através de uma janela depende se a janela é grande ou pequena, tem muitos painéis ou poucos, se o vidro é opaco ou transparente, se a janela fica em frente a uma rua ou a um quintal (TUCHMAN, 1978, p. 1, tradução nossa).

Os enquadramentos são, portanto, padrões comuns ao processo de construção das notícias. O que jornalistas podem fazer é esforçar-se para promover diversidade nos enquadramentos, nas interpretações promovidas por fontes e pelos próprios jornalistas. Deste modo, é importante analisar quais enquadramentos são utilizados nas coberturas de eventos e temas políticos. Acreditamos ainda que a relevância deste trabalho esteja no fato de que o noticiário internacional, como afirmou Tuchman, seja uma forma de conhecer o mundo. Tendo isso em vista, é importante compreender como o Brasil é retratado na imprensa estrangeira, especialmente em jornais de grande importância no cenário internacional, como é o caso do *The New York Times* e *Le Monde*.

Para analisarmos os enquadramentos adotados, empreendemos também um esforço para traçar nossa própria compreensão dos eventos. Para isso, recorreremos a diversos autores no capítulo 1 deste trabalho. A reflexão servirá para verificarmos se houve esforço por parte dos jornais analisados em promover também a diversidade de enquadramentos interpretativos. Como explica Porto (2004), a diversidade interpretativa acontece quando fontes oferecem avaliações e análises diferentes dos eventos ou temas políticos.

No capítulo 2, faremos uma revisão teórica sobre os conceitos que darão sustentação a este trabalho. Trabalharemos brevemente sobre a questão da *agenda-setting*, ou teoria da agenda, que modificou os debates de pesquisa em Comunicação na década de 1970. Esta teoria, por sua vez, serviu de bases para as teorias do enquadramento. O campo destas teorias é vasto, pois enquadramentos podem aparecer em e afetar quatro *loci*, como explica Entman (1993): o comunicador, o texto, o receptor e a cultura. Portanto, os estudos de enquadramento investigam esses quatro pontos e ajudam a compreender como funcionam. Neste trabalho, investigaremos os enquadramentos apenas no texto.

No capítulo 3, apresentaremos alguns conceitos e teorias do Jornalismo Internacional, sua importância na sociedade atual, bem como pesquisas sobre seus efeitos nas audiências. Discutiremos, por exemplo, como efeitos de agendamento e enquadramento foram constatados nos leitores dos Estados Unidos, o que reforça a importância do tema desta pesquisa. Faremos também uma breve contextualização dos jornais analisados, *The New York Times* e *Le Monde*: seu surgimento, sua importância no cenário internacional e como se dá a cobertura desses veículos a assuntos e temáticas internacionais.

No capítulo 4, explicaremos os caminhos metodológicos que permitiram chegar às conclusões desta pesquisa. Analisaremos a metodologia proposta por Porto (2004), que divide enquadramentos entre noticiosos e interpretativos, e passaremos pela metodologia aplicada para encontrar os enquadramentos: a análise de conteúdo.

Finalmente, nos capítulos 5 e 6, passaremos à análise dos enquadramentos encontrados com o auxílio da análise de conteúdo segundo proposta por Bardin (1977). Faremos essa análise por tipo de enquadramento (primeiro noticiosos, depois interpretativos) e por jornal, a fim de darmos um panorama mais completo da cobertura. O capítulo 7 oferecerá uma breve análise comparativa da cobertura feita pelos dois veículos em número de textos, gêneros e tipos de enquadramento.

CAPÍTULO 1: AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013

As manifestações de junho de 2013, também conhecidas como Jornadas de Junho, marcaram a cena política e social do Brasil. Para compreendermos melhor os protestos e produzirmos uma análise mais completa desse cenário tão complexo, precisamos fazer uma breve contextualização dos possíveis motivos que teriam levado mais de um milhão de brasileiros às ruas. Mesmo após mais de dois anos dos acontecimentos, parece impossível determinar *uma* única causa para as manifestações. Identificamos, no entanto, diversas causas, ou um conjunto de causas *estruturais* e motivações *pessoais*¹, nas palavras de Castells (2013).

Este capítulo se propõe a fazer uma breve localização temporal e estrutural das manifestações. É necessário frisar que a análise neste trabalho começa apenas a partir do dia 14 de junho, data em que se iniciou a cobertura nos jornais estrangeiros analisados, mas os protestos começaram antes dessa data e seus motivos remontam a datas ainda mais distantes. Não poderíamos, portanto, deixar de contextualizar as manifestações.

Não pretendemos, de forma alguma, esgotar o tema ou suas possibilidades de investigação. Uma manifestação rica em indivíduos, localidades e temáticas não poderia ser analisada em toda a sua complexidade apenas neste trabalho. Nos propomos, no entanto, a ir um pouco além ou em trajetórias diferentes das análises propostas pelas publicações em questão. Isso não significa, *a priori*, que os noticiários tenham sido mal sucedidos em suas observações. Significa apenas que, como trabalho acadêmico que propomos, faremos um esforço no sentido de ampliar os possíveis caminhos de análise.

1.1 Linha do tempo

No dia 23 de maio de 2013, após adiar o aumento das tarifas em janeiro, os governos municipal e estadual de São Paulo anunciaram o novo preço das passagens, que iriam de R\$3,00 para R\$ 3,20. Esse aumento se deu mesmo após o governo federal

¹ Obviamente, por não ser o foco deste trabalho, é difícil identificar de forma certa as motivações pessoais dos manifestantes. Elas são as mais diversas e envolveriam outros campos de pesquisa. No entanto, em toda a pesquisa, acabaremos por pincelar estes possíveis motivos (seja na citação a pesquisas de opinião, seja na análise de outros autores) que podem ter levado indivíduos, pessoas, às ruas.

suspender a cobrança de dois impostos que incidiam sobre as tarifas de transporte coletivo e, a partir de 2 de junho, entrou em vigor em São Paulo a tarifa com novo valor.

No dia 6 de junho de 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) organizou o Primeiro Grande Ato² contra os aumentos, que contou com cerca de dois mil manifestantes, segundo a Polícia Militar (PM), e cinco mil, segundo o MPL³. Desde então, as ações já sofriam repressão da polícia e eram vistas como "vandalismo" pela maior parte da mídia brasileira. A Folha de S. Paulo, por exemplo, publicou no dia 7 de junho (sexta-feira) matéria com o título "Protesto contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP" e subtítulo "A PM utilizou balas de borracha e gás para tentar conter depredação". A ação policial era vista como uma medida de contenção das ações *vândalas* dos manifestantes.

O Segundo Grande Ato aconteceu no dia seguinte, 7 de junho, com cerca de cinco mil manifestantes (de acordo com a PM). As ações de vandalismo e violência continuam sendo o destaque na mídia. No dia seguinte, na Folha de S. Paulo, a primeira página do caderno Cotidiano exibiu matéria com o título "Novo ato contra tarifa faz até colégio fechar mais cedo. Pelo segundo dia, grupo sai às ruas, picha ônibus, fecha vias e assusta o comércio".

As manifestações continuaram no dia 11 de junho, com o Terceiro Grande Ato. Entre cinco e 15 mil manifestantes, segundo dados da PM e do MPL, respectivamente⁴ foram às ruas em São Paulo. Novamente, o jornal Folha de S. Paulo dá destaque à violência (dos manifestantes) e aos confrontos. Em editoriais publicados no dia 13 de junho, os jornais Folha de S. Paulo⁵ e O Estado de S. Paulo⁶ cobravam posicionamento do prefeito Fernando Haddad (PT) e do governador Geraldo Alckmin

² Apesar de ser o primeiro ato de maior proporção, o movimento já havia organizado outros protestos menores em São Paulo. Sobre o assunto, consultar < <http://saopaulo.mpl.org.br/2013/09/13/primeiras-chamas-os-atos-regionais-que-inauguraram-as-jornadas-de-junho/>>. Acesso em: 1º nov. 2015

³ Nota sobre a manifestação do dia 6. **Movimento Passe Livre - São Paulo**. 6 jun. 2013. Disponível em <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/07/nota-sobre-a-manifestacao-do-dia-6/>>. Acesso em: 1º nov. 2015.

⁴ Protesto contra tarifa tem confronto, depredações e detidos em SP. **G1 São Paulo**. 11 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-contratarifa-tem-confronto-depredacoes-e-detidos-em-sp.html>>. Acesso em: 1º nov. 2015.

⁵ Retomar a Paulista. **Folha de S. Paulo**. 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>. Acesso em: 1º nov. 2015

⁶ Chegou a hora do basta. **O Estado de S. Paulo**. 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://opiniaio.estadao.com.br/noticias/geral,chegou-a-hora-do-basta-imp-,1041814>>. Acesso em: 1º nov. 2015

(PSDB). O primeiro jornal classificou o MPL de "grupelho" e "jovens predispostos à violência", e exigiu: "É hora de pôr um ponto final nisso. (...) No que toca ao vandalismo, só há um meio de combatê-lo: a força da lei". O segundo jornal declarou a "hora do basta" para os "baderneiros", identificando o vandalismo como "a marca do protesto organizado pelo Movimento Passe Livre". Pediu também ações mais duras do governador, que até então estaria tendo uma atitude "excessivamente moderada". Também no Rio de Janeiro os protestos começam a tomar mais corpo.

Pode-se concluir que o dia 13 de junho foi o mais marcante para as manifestações. Haddad e Alckmin parecem ter ouvido o "clamor" da imprensa, e o Quarto Grande Ato ficou marcado pela extrema violência policial. Cinco mil pessoas teriam participado do protesto, segundo a PM. Mais de 200 manifestantes foram detidos, outros 100 ficaram feridos e mais de 20 jornalistas foram atingidos durante os conflitos (ARTIGO 19, 2014). Já nesse dia, os protestos se espalhavam ainda mais pelo Rio de Janeiro, e chegavam também a Maceió, Porto Alegre e Natal.

O ato do dia 13 marcou a mudança do posicionamento da imprensa, provavelmente pela grande repressão policial, ou pelos ataques a jornalistas (MARADEI, 2013; ARTIGO 19, 2014). A essa altura, a crítica ao posicionamento da grande mídia já era ferrenha, inclusive por parte de seus leitores e telespectadores (MARADEI, 2013). Um caso interessante para ilustrar a situação foi a reação embasbacada do apresentador José Luiz Datena, do *Brasil Urgente*, quando seus telespectadores se mostraram favoráveis aos protestos, e não apenas isso, mas aos protestos *com baderna* (VIANA, 2013).

O dia 13 de junho marcou, portanto, uma verdadeira virada nas manifestações. Nas mídias sociais, tomava força o movimento de compartilhamentos de tuítes e *posts*. A repressão policial, a fragilidade do Estado de Direito e a necessidade de protestar passaram a repercutir na *internet* (CAVALCANTI, 2013; CRUZ, 2014). A partir de então, as manifestações passaram a tomar grandes proporções, e foi quando começaram também a ocupar as páginas do *New York Times* (já no dia 14 de junho) e do *Le Monde* (apenas no dia 18, mas como consequência indireta do dia 13). As motivações difusas também serão explicadas pelo aumento do número de manifestantes, bem como pela constatação, causada pela repressão policial, de que muitos direitos estavam sendo ameaçados (CAVALCANTI, 2013).

Na segunda-feira, 17 de junho, as manifestações começaram a tomar o país. Segundo estimativas⁷, mais de 250 mil brasileiros (65 mil apenas em São Paulo, segundo o Datafolha) foram às ruas protestar, atingindo cidades em pelo menos 11 estados e no Distrito Federal. Segundo pesquisa do Datafolha⁸, em São Paulo os manifestantes foram às ruas protestar contra o aumento das tarifas do transporte público, a corrupção, a violência policial, a má qualidade dos transportes, os políticos e a favor da tarifa zero. Em outras cidades, manifestantes também eram contra os gastos com a Copa do Mundo, a PEC 37, o projeto chamado de Cura Gay, entre outros motivos.

A data foi marcada também pela ocupação de prédios públicos e símbolos do poder. Em Brasília, os manifestantes subiram na marquise do Congresso Nacional; no Rio de Janeiro, o Palácio Tiradentes e a Câmara Municipal foram ocupados; em São Paulo, foi a vez do Palácio dos Bandeirantes, enquanto em Vitória os manifestantes se reuniram em frente à casa do então governador Renato Casagrande (PSB).

Nos dias 18 e 19 de junho, seguiram-se outras manifestações de menores proporções, mas com números superiores a 100 mil (em todo o Brasil)⁹. Várias cidades dos interiores dos estados também organizaram protestos, com pautas locais. No dia 19 de junho, os governos municipal e estadual de São Paulo anunciaram a suspensão do aumento das tarifas e o retorno para o preço de R\$ 3,00.

No entanto, a queda das tarifas não era mais suficiente para atender as demandas nas ruas, e o dia 20 de junho de 2013 ficou marcado como o maior dia de manifestações, com cerca de 1,4 milhão de manifestantes em mais de 150 cidades¹⁰. As pautas, que já eram múltiplas, experimentaram então uma explosão, variando também conforme as localidades (CAVALCANTI, 2013). As manifestações tomaram também a *internet*, com o uso de *hashtags* (simbolizadas por #, no Twitter) como "vem pra rua", "muda Brasil", "o gigante acordou", entre outros, movimento que vinha acontecendo desde os dias 13 e 15 de junho (MALINI et al., 2014).

Depois do dia 20 de junho, o número absoluto de manifestantes nas ruas começa a cair, mas muitas cidades continuam organizando protestos. No dia 21, a

⁷ Dados disponíveis no site de notícias G1, em: <<http://g1.globo.com/brasil/protestos-2013/infografico/platb/>>. Acesso em: 1º nov. 2015.

⁸ Pesquisa divulgada na Folha de S. Paulo, 18 jun. 2013.

⁹ Dados disponíveis no site de notícias G1, em: <<http://g1.globo.com/brasil/protestos-2013/infografico/platb/>>. Acesso em: 1º nov. 2015.

¹⁰ Idem.

presidenta Dilma Rousseff fez seu primeiro pronunciamento, afirmando que ouviria a "voz das ruas", ao mesmo tempo em que condenava qualquer tipo de violência¹¹. Anunciou também o Plano Nacional de Mobilidade Urbana e a destinação dos *royalties* do petróleo para a educação, entre outras medidas. As manifestações começam também a focar-se em temas específicos, e no dia 22 de junho houve uma grande manifestação em São Paulo contra a PEC 37.

Na segunda-feira, 24 de junho, a presidenta convocou uma reunião com prefeitos e governadores e fez o anúncio de cinco pactos: pela responsabilidade fiscal; pela reforma política; por melhorias na saúde pública; pela qualidade dos transportes públicos; e pela educação pública¹². A presidenta apresentou também propostas de como essas melhorias poderiam ser alcançadas.

No fim do mês de junho, nota-se a diminuição no número de cidades e manifestantes. O dia 26 foi marcado por outro grande protesto em Belo Horizonte, com cerca de 50 mil participantes, onde uma pessoa morreu¹³. Neste período, notaremos um crescimento no número de matérias interpretativas nos jornais analisados, inclusive com opiniões sobre as propostas feitas pela presidenta. Após essa última grande manifestação, os protestos continuaram apenas com mobilizações menores em pontos isolados. Nossa análise, que se encerra em 30 de junho, não contempla outras manifestações que adentraram o mês de julho ou protestos posteriores como possíveis consequências das manifestações de junho de 2013.

1.2 Aspectos gerais

As manifestações de junho de 2013 foram caracterizadas por alguns aspectos gerais, utilizados pela mídia e, em certa medida, pelos manifestantes, para entender e elucidar os protestos. Esses aspectos estão, em maior ou menor medida, evidenciados nas coberturas da imprensa, tanto de veículos nacionais, quanto daqueles que serão analisados neste trabalho. Porto (2004, p. 94) sugere que, para conseguir fazer

¹¹ O pronunciamento completo está disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-nacional-de-radio-e-tv>>. Acesso em: 1º nov. 2015.

¹² O discurso pode ser lido na íntegra em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-reuniao-com-governadores-e-prefeitos-de-capitais>>. Acesso em: 1º nov. 2015.

¹³ Informações do portal de notícias G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/morre-jovem-que-caiu-de-viaduto-durante-manifestacao-em-bh.html>>. Acesso em: 1º nov. 2015.

uma análise mais coerente e completa, o pesquisador ou pesquisadora deve "analisar não só os enquadramentos dominantes ou de grupos influentes, mas também incluir as interpretações promovidas por movimentos sociais ou de oposição, inclusive aquelas que são excluídas pela mídia".

Esta etapa é, portanto, um esforço de compreensão mais profunda das manifestações de junho de 2013, com apoio em opiniões e fontes que podem ter sido menos evidenciados nas coberturas. Consideramos que os protestos têm características particulares, próprias aos locais em que surgiram, mas também possuem traços gerais (por exemplo, o combate à corrupção ou a rejeição da política e dos políticos tradicionais), presentes nas manifestações ocorridas não apenas no Brasil, mas em outras partes do mundo, como a Primavera Árabe (no Egito, Líbia e Síria, entre outros países), os *Indignados* na Espanha e o *Occupy* nos Estados Unidos e Europa¹⁴.

1.2.1 Movimento Passe Livre (MPL), o transporte público e o acesso à cidade

Como mencionado anteriormente, o MPL foi responsável por organizar os primeiros atos na cidade de São Paulo. Apesar de não ser responsável pelos protestos que explodiram no restante do país, a participação do grupo foi essencial para as manifestações de junho de 2013. O grupo começou a tomar forma em 2005, durante o V Fórum Social Mundial de Porto Alegre (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2013). Mas a essa altura, já era responsável por organizar ações contra o aumento das passagens do transporte público e a favor do passe livre em diversos estados.

A primeira delas foi em 2003 na cidade de Salvador, na Bahia, em uma revolta que ficou conhecida como "Revolta do Buzu" (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2013). A série de manifestações começou após o anúncio de aumento das passagens de ônibus. Segundo os integrantes do MPL - São Paulo (2013, p.14), durante os protestos na Bahia "estudantes secundaristas pulavam os muros das escolas para bloquear ruas em diversos bairros, num processo descentralizado, organizado a partir de assembleias realizadas nos próprios bloqueios". A horizontalidade, aliás, é uma das marcas do movimento, segundo seus integrantes.

¹⁴ Em *Redes de Indignação e Esperança*, Castells conta a história e faz análises sobre os movimentos citados.

Já em 2004, outra revolta foi organizada em Florianópolis para barrar novos aumentos nas passagens (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2013). Como resultado, os alunos conseguiram impedir o aumento e garantir o passe livre estudantil. Depois da organização do grupo em 2005, seguiram-se manifestações em diversas cidades do país em 2006, 2008, 2009, 2010, 2011 e, antes de São Paulo, em janeiro e abril de 2013 (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2013). Entre as conquistas, não apenas a revogação de aumentos, mas também o passe livre estudantil em locais como o Distrito Federal (em 2009). Atualmente, o MPL se define como

[...]um movimento social de transportes autônomo, horizontal e apartidário, cujos coletivos locais, federados, não se submetem a qualquer organização central. Sua política é deliberada de baixo, por todos, em espaços que não possuem dirigentes, nem respondem a qualquer instância externa superior (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2013, p. 15).

Após a primeira fase de protestos ligados principalmente à causa estudantil, o grupo passou a envolver-se também com outros setores da sociedade, e começou a defender a tarifa zero para todos. A questão, para o grupo, está intimamente ligada à apropriação das cidades pelos cidadãos:

O acesso do trabalhador à riqueza do espaço urbano [...] está invariavelmente condicionado ao uso do transporte coletivo. As catracas do transporte são uma barreira física que discrimina, segundo o critério da concentração de renda, aqueles que podem circular pela cidade daqueles condenados à exclusão urbana. Para a maior parte da população explorada nos ônibus, o dinheiro para a condução não é suficiente para pagar mais do que as viagens entre a casa, na periferia, e o trabalho, no centro: a circulação do trabalhador é limitada, portanto, à sua condição de mercadoria, de força de trabalho (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2013, p. 15).

O acesso à cidade está, portanto, comprometido nos grandes centros urbanos. Existe uma desigualdade latente no que diz respeito a quem tem direitos na cidade e à cidade¹⁵ (ALFONSIN et al., 2015), e a garantia a esses direitos perpassa a questão do transporte público, como defende o MPL. O conceito de "direito à cidade" foi cunhado pelo sociólogo francês Henri Lefebvre na década de 1960, e faz referência ao "direito de experimentar e usufruir tudo que a cidade tem a oferecer", mas é um direito que precisa ser conquistado através da luta (ALVES, 2013, p. 32). Obviamente, engloba muitas outras questões no ambiente urbano, como moradia, emprego, saúde,

¹⁵ O próprio termo "direito à cidade" é um manifesto contra as desigualdades urbanas, e é cunhado a partir da constatação de injustiças na distribuição de direitos nos grandes centros urbanos. Ver Alfonsin et al. (2015).

lazer, dentre outros, mas a mobilidade urbana é essencial nesse conceito (do direito à cidade) e foi, definitivamente, um ponto central nas manifestações brasileiras de 2013. Castells também faz avaliação do sistema de transporte público brasileiro, e da centralidade do tema para o país:

Passe Livre. Porque a mobilidade é um direito universal, e a imobilidade estrutural das metrópoles brasileiras é resultado de um modelo caótico de crescimento urbano produzido por especulação imobiliária e pela corrupção municipal. E com um transporte a serviço da indústria do automóvel, cujas vendas o governo subsidia. Tempo de vida roubado e pelo qual, além de tudo, deve-se pagar (CASTELLS, 2013, p. 178).

Portanto, para o MPL, a tarifa zero seria uma das formas de consolidar o direito à cidade dos brasileiros, bem como outros direitos. Após revisitar o projeto Tarifa Zero, proposto (mas sem êxito na aprovação) na década de 90 pela prefeitura de São Paulo, o grupo passou a defender com mais vigor a pauta:

Daí em diante, assumiu-se o discurso do transporte como direito, aliás fundamental para a efetivação de outros direitos, na medida em que garante o acesso aos demais serviços públicos. O transporte é entendido então como uma questão transversal a diversas outras pautas urbanas (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2013, p. 16).

As questões da tarifa zero e de um transporte público de qualidade entraram na pauta de vários protestos pelo país. Para Chauí (2013), o transporte coletivo em São Paulo é "indecente, indigno e mortífero" (características que, infelizmente, aplicam-se a diversas cidades do país). No caso específico dos ônibus, as frotas são antigas e de péssima qualidade e as linhas possuem apenas trajetos longos e mais lucrativos, sendo inviável utilizar o transporte público em trajetos menores (CHAUI, 2013).

Esse quadro de carência generalizada dos transportes aliado à *expertise* acumulada pelo MPL foram essenciais para as manifestações de junho de 2013, ao menos para seu pontapé. Para Romão (2013), o MPL é uma das questões a serem consideradas para a análise e compreensão dos protestos. Ele faz parte do "caldo de cultura" que explica o início das manifestações. O autor considera que quatro fatores iniciais estão na base dos primeiros protestos:

aumento das passagens de ônibus no mesmo momento em grande parte dos municípios do país; considerável "revolta" popular com os prefeitos que, invariavelmente, haviam prometido, em suas campanhas eleitorais, não efetuar aumentos no preço das passagens; um movimento social enraizado, com crescente grau de organização e mobilização, formado por jovens do ensino médio e, nas grandes cidades, também por universitários; e uma capacidade enorme de manejo das redes sociais, em

suas características de agregação e de rapidez na divulgação de experiências do movimento em cada localidade (ROMÃO, 2013, p. 12).

O MPL e o transporte coletivo urbano estão, portanto, no âmago das manifestações de junho de 2013. Outro aspecto ressaltado pelo autor foi o uso das mídias sociais. Passaremos agora à análise dessa questão.

1.2.2 Mídias sociais digitais, crítica à mídia "tradicional" e a ocupação da cidade

O uso de redes sociais na *internet* foi marcante nas manifestações de junho de 2013, assim como uma elevada crítica à imprensa e mídia "tradicionais". Como analisado anteriormente, desde os primeiros dias houve uma crítica à cobertura feita por esses meios, que a princípio definiram os manifestantes como "vândalos". A imprensa chegou a exigir ações mais duras da polícia para evitar a "baderna". Estas não são, no entanto, características apenas das manifestações brasileiras. Em várias partes do mundo, cidadãos têm usado mídias como *Facebook*, *Twitter* e *YouTube* para se unir em torno de causas comuns e desafiar autoridades, tanto governamentais como instituições tradicionais (CASTELLS, 2013; SAKAMOTO, 2013).

No caso das manifestações brasileiras, é interessante frisar que essas mídias digitais foram utilizadas não apenas pelos manifestantes, para organizar protestos e expor suas opiniões, mas também pela mídia e imprensa tradicionais para acompanhar, explicar e entender o desenrolar dos protestos:

Pelo próprio uso dessas mídias digitais, o movimento brasileiro cresceu e se transformou ganhando em número de envolvidos, pautas, reivindicações, vozes e cidades participantes. Desse inesperado contexto, jornalistas e redações inteiras precisaram aprender rapidamente novas maneiras de agir e entregar a notícia (CRUZ, 2013, p. 121).

Castells demonstra que essa utilização de redes sociais na *internet* em movimentos de protesto é uma tendência mundial: foi assim na Tunísia, Egito, Estados Unidos e Espanha, e também no Brasil (CASTELLS, 2013, p. 182). Para o autor, essas redes representam espaços de autonomia, áreas não controladas pelos governos ou empresas: são um espaço de livre circulação de informações, imagens e textos. O autor considera ainda que as mídias sociais foram essenciais para unir cidadãos e permitir-lhes superar o medo:

Compartilhando dores e esperanças no livre espaço público da internet, conectando-se entre si e concebendo projetos a partir de múltiplas fontes

do ser, indivíduos formaram redes, a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais. Uniram-se. E sua união os ajudou a superar o medo, essa emoção paralisante em que os poderes constituídos se sustentam para prosperar e se reproduzir, por intimidação ou desestímulo – e quando necessário pela violência pura e simples, seja ela disfarçada ou institucionalmente aplicada. Da segurança do ciberespaço, pessoas de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história – sua história –, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais. (CASTELLS, 2013, p. 11-12)

Portanto, para o autor, a *internet* e as mídias sociais digitais são essenciais para a organização de movimentos como o de junho de 2013 (CASTELLS, 2013). Elas permitem que cidadãos de toda parte expressem suas opiniões e unam-se em torno de objetivos comuns, formando redes e superando diferenças partidárias ou organizacionais. Castells considera ainda que é nessas redes que os movimentos sociais podem exercer sua função de contrapoder¹⁶ de forma livre e organizar-se, já que não encontram espaços nas mídias tradicionais. Elas são um desafio ao poder institucional, controlado pelo Estado e por empresas de interesse privado, e é neste ponto que reside seu poder:

Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida. (CASTELLS, 2013, p. 18)

Especificamente no Brasil, as redes foram utilizadas para fazer convocações para a participação dos protestos. Com o crescimento das manifestações e sua multiplicidade de localidades, grupos locais responsabilizaram-se pela organização de manifestações, mas o MPL lançou na rede a primeira convocação com o bordão que seria utilizado para convidar os cidadãos à luta: "Vem Pra Rua".

O convite representa a interação entre as mídias digitais e as ruas. Não é apenas um convite à participação nos protestos, é também um convite à ocupação da cidade, à retomada das ruas pelos cidadãos. E esse é um ponto fulcral para compreender também o sucesso do movimento, uma vez que a "revolução" não acontece apenas na *internet*. Como explica David Harvey (2012, p. 60-61), "o poder coletivo de corpos no

¹⁶ O autor define contrapoder como " a capacidade de os atores sociais desafiarem o poder embutido nas instituições da sociedade com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios valores e interesses" (CASTELLS, 2013, p. 14). Ou seja, existe uma disputa pelo conjunto de valores que se impõem na sociedade, em todas as suas esferas, e essa disputa se dá entre o poder e o contrapoder.

espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado". Referindo-se às manifestações ocorridas no Egito em 2011, o autor continua: "A praça Tahrir mostrou ao mundo uma verdade óbvia: são os corpos nas ruas e praças, não o balbucio de sentimentos no Twitter ou Facebook, que realmente importam" (HARVEY, 2012, p. 61). Apesar de uma certa diminuição do papel das mídias digitais, concordamos com o autor no sentido de que a ocupação do espaço público é o objetivo final das manifestações *online*.

Partindo da mesma ideia, o MPL propõe essa interação entre cidadão e cidade, entre espaço urbano e os manifestantes. Como discutido no capítulo anterior, o acesso à cidade e a seus serviços é uma pauta das manifestações. Mas a ocupação da cidade é como essa pauta se evidencia. A cidade é, ao mesmo tempo, objetivo e meio para obtê-la:

Se a retomada do espaço urbano aparece como objetivo dos protestos contra a tarifa, também se realiza como método, na prática dos manifestantes, que ocupam as ruas determinando diretamente seus fluxos e usos. A cidade é usada como arma para sua própria retomada: sabendo que o bloqueio de um mero cruzamento compromete toda a circulação, a população lança contra si mesma o sistema de transporte caótico das metrópoles, que prioriza o transporte individual e as deixa à beira de um colapso. Nesse processo, as pessoas assumem coletivamente as rédeas da organização de seu próprio cotidiano (MOVIMENTO PASSE LIVRE - SÃO PAULO, 2013, p. 16).

Nesse sentido, Malini et al. (2014) analisaram o uso da expressão¹⁷ #VemPraRua na mídia *Twitter*, entre os dias 15 e 17 de junho. Como foi dito anteriormente, o dia 13 de junho marcou uma virada para as manifestações, por conta da forte repressão policial. Malini e sua equipe constataram esse fato ao analisar o compartilhamento de informações na rede. Foi nesse momento que notou-se o aumento na *hashtag* #VemPraRua. No dia 15, a *hashtag* cresce juntamente com #acordabrasil, #ogiganteacordou e #violência. No dia 16, começam a crescer *hashtags* contra a presidenta, como #foradilma e #chupadilma. Finalmente, no dia 17, crescem também as *hashtags* com forte crítica à cobertura midiática, evidenciada por #opovonãoéboboaabaixoàredeglobo, #aglobonãomerepresenta e #abaixoàmanipulação.

Para os autores, o uso das mídias sociais digitais permite uma irradiação das emoções vividas nas ruas, e, como argumenta também Castells (2013), um sentimento

¹⁷ Denominaremos o *símbolo sustentado #* como *hashtag*, como é corrente nos estudos sobre mídias sociais. Ver Cruz (2013).

de união, de todo entre os diversos manifestantes. A estratégia do compartilhamento amplifica a repercussão social desses movimentos:

Foi uma ação de circunvizinhança (amigo compartilha conteúdo para amigos) que produziu uma corrente de micro-opiniões que criaram a sensação que os protestos em Belo Horizonte aconteciam tal como em São Paulo, que aconteciam tal como no Rio de Janeiro, que aconteciam tal como em Manaus, que aconteciam como em Pernambucano, enfim, num encadeamento coletivo cujo principal resultado é a transformação de uma determinada causa em grande agenda de opinião internacional, atraindo o interesse dos grandes veículos de comunicação, que pressionados pela audiência, rompem o seu silêncio habitual sobre as pautas dos movimentos sociais e reproduzem “últimas notícias” para o “seu público” (MALINI et al., 2014).

Essa combinação de uso das mídias sociais digitais, de um lado, e elevada crítica às empresas de comunicação, do outro, acabou por gerar um grande fluxo de informação "alternativa", na qual se destaca a Mídia Ninja. Essa situação colocou os veículos de comunicação em uma posição inesperada, e as ruas foram, aos poucos, ganhando espaço na mídia e agendando¹⁸ a imprensa (CRUZ, 2014). Como explica Maradei (2013) "junho de 2013 deixou também uma importante lição: a de que, com a força das articulações propiciada pela internet, diante de novas formas de mediações, não há mais espaço para a visão imperativa dos jornais " (p. 12). Caberia uma reflexão mais profunda sobre o papel da mídia na sociedade brasileira, e sobre como esse papel tem sido cumprido ou negligenciado, mas o tema extrapola os limites deste trabalho.

Apesar da inegável relevância das mídias sociais digitais nas manifestações de junho de 2013, é importante lembrar que seu uso não se dá sem críticas. Na visão de Harvey (2012), como já expusemos, essas mídias nada mais são que um meio que leve os cidadãos às ruas, à ocupação da cidade. Para Chauí (2013), existe um certo perigo nessa forma de organização dos protestos, originado na própria natureza do instrumento usado: a "dimensão mágica" que as manifestações, por vezes, assumem. Apesar de se propor como um instrumento alternativo à mídia tradicional, aqui também os manifestantes não possuem o controle econômico ou técnico do instrumento "mágico" utilizado:

A dimensão é mágica porque, assim como basta apertar um botão para tudo aparecer, assim também se acredita que basta querer para fazer acontecer. Ora, além da ausência de controle real sobre o instrumento, a magia repõe um dos recursos mais profundos da sociedade de consumo

¹⁸ A teoria da agenda ou *agenda-setting* será discutida em mais detalhes no capítulo de revisão teórica deste trabalho.

difundida pelos meios de comunicação, qual seja, a idéia de satisfação imediata do desejo, sem qualquer mediação (CHAUI, 2013).

Se, para Castells (2013), as redes sociais são capazes de unir indivíduos e ajudá-los a superar o medo, para Gladwell (2010), elas na verdade produzem apenas vínculos fracos entre os participantes das manifestações. O autor cita o exemplo da ocupação de uma lanchonete na Carolina do Norte por estudantes negros em 1960, quando uma garçonete se recusou a servir "crioulos". As animosidades estavam altas, e os quatro estudantes negros que começaram o protesto tinham motivos reais para temer por suas vidas. No entanto, eles resistiram. Para Gladwell, o ativismo *online* oferece a tentação da facilidade e rapidez de articulação (como bem apontou Chauí), mas, na verdade,

não passa de uma forma de organização que favorece as conexões de vínculo fraco que nos dão acesso a informações, em detrimento das conexões de vínculo forte que nos ajudam a perseverar diante do perigo. Transfere nossas energias das entidades que promovem atividades estratégicas e disciplinadas para aquelas que promovem flexibilidade e adaptabilidade. Torna mais fácil aos ativistas se expressarem e, mais difícil, que essa expressão tenha algum impacto. Os instrumentos de redes sociais estão aptos a tornar a ordem social existente mais eficiente. Não são inimigos naturais do status quo. Se, na sua opinião, o mundo só precisa de um ligeiro polimento, isso não deve lhe causar preocupação. Mas se você acredita que ainda existem lanchonetes por serem integradas ao mundo, essa tendência deveria incomodá-lo (GLADWELL, 2010).

Independente do nível de importância atribuído às redes sociais digitais nas manifestações, por meio desta análise, procuramos evidenciar que elas tiveram, sim, papel relevante. Isso não significa dizer que foram as únicas responsáveis pela explosão dos protestos. Como expusemos anteriormente, foi necessário que um movimento social estruturado e presente *nas ruas* fizesse a articulação inicial. No entanto, ao nosso ver, o uso dessas mídias digitais alerta principalmente para a baixa representatividade dos cidadãos nas mídias tradicionais. Se, como propuseram alguns dos autores expostos, a mídia tradicional está tomada e controlada e a *internet* é a única via alternativa, cabe aos próximos estudos identificar formas que contribuam para a promoção da diversidade.

Por outro lado, a crise de representação relativa à mídia se insere em um contexto de crise mais amplo, que será discutido no próximo tópico, mas todos esses aspectos estão intimamente relacionados. Como explica Sakamoto (2013, p. 98), as revoltas não foram apenas contra partidos, mas contra "instituições tradicionais que representam a autoridade como um todo". Portanto, precisamos pensar urgentemente em soluções à essa crise. Como explica Lima (2013, p. 94), "é indispensável [...] que uma

reforma política incluía a regulação das comunicações como garantia de que se estabeleçam as condições para a formação de uma opinião pública capaz de agregar mais vozes ao debate público".

1.2.3 Crise de representação

A crise de representação, evidenciada pelo discurso "apartidário" presente nos protestos, é outro fator marcante das manifestações. Apesar de se intitularem apartidárias, o que se reproduziu nas ruas foi um sentimento *antipartidário*, com uma rechaça aos partidos políticos e seus atores. Cavalcanti (2013) analisou as convocatórias do *Facebook* e demonstrou como esse sentimento estava presente nos discursos. Frases como "não somos a voz de um partido, e sim de um povo"; "pedimos aos manifestantes que não levem acessórios ou bandeiras que denotem vinculação partidária"; "entendemos também que isso é do povo, então evitem material de partidos" e ainda "não vamos politizar esses atos que é a vontade do povo. Se você faz parte de partidos ou gosta, deixe de lado ao menos nesse momento" (CAVALCANTI, 2013, p. 68) estavam presentes.

A situação é reveladora de alguns problemas. Primeiramente, mostra a instauração clara de uma crise de representação. Os manifestantes, ou pelo menos os organizadores das manifestações, demonstram não se sentirem representados pelos partidos existentes. Outro problema é a associação entre partidos, política e desonestidade ou corrupção, evidenciada na frase "estamos manifestando a favor do povo, a favor da vergonha na cara, a favor da honestidade! Bandeiras, cartazes de partidos políticos NÃO serão aceitos" (CAVALCANTI, 2013, p. 68). Outras convocatórias pedem que se evite "politizar" o ato, com uma definição de política ligada estritamente a partidos. O autor cita ainda diversos exemplos que evidenciam a separação entre os políticos e o "povo" (na verdade, os manifestantes), e a ideia de um "povo brasileiro" unificado e soberano:

Existe a pretensão de identificar uma unidade na voz do povo: os protestos são um momento de unificar aquilo que se tem de comum. O conteúdo unitário resultante acaba sendo nada mais que o óbvio, a "verdadeira vontade objetiva" que não estava sendo considerada pelos representantes e pelas instituições (CAVALCANTI, 2013, p. 71).

Novamente, essa crise na representação democrática não é exclusividade do Brasil. Em países autoritários e democráticos, em vias de desenvolvimento ou plenamente desenvolvidos, os últimos anos têm mostrado que o modelo de

representação precisa ser revisto (ŽIŽEK, 2013). Na avaliação de Castells (2013) e de Žižek (2013), mesmo os países com democracias estabelecidas enfrentam um mal-estar em relação a suas instituições políticas. Castells (2013) afirma que, tanto no Brasil como em outros países onde explodiram revoltas, os cidadãos exigem o respeito de "uma classe política que vê os votos como seus, seus cargos públicos como direito próprio e suas decisões como indiscutíveis" (p. 178). Ainda sobre as crises da democracia, o autor continua:

Como em todo o mundo, diziam os manifestantes, a democracia tem sido sequestrada por profissionais da política que, em sua diversidade, estão quase todos de acordo em que a política é coisa dos políticos, não dos cidadãos. A democracia foi reduzida a um mercado de votos em eleições realizadas de tempos em tempos, mercado dominado pelo dinheiro, pelo clientelismo e pela manipulação midiática. E essa incapacidade cidadã de controlar seu dinheiro e seus votos tem consequências em todos os âmbitos da vida (CASTELLS, 2013, p. 178-179).

O quadro traçado por Castells é facilmente identificado no Brasil, e nas manifestações de junho de 2013. Romão (2013) afirma que com o aumento da complexidade das sociedades contemporâneas os partidos têm cada vez mais dificuldade em apreender as novas "clivagens sociais". Como já havia diagnosticado Offe (1994), o "primeiro circuito" de representação (nas quais se encaixam as instituições políticas formais, como o parlamento e os partidos políticos) já não é suficiente para responder a todas as diversas e complexas demandas da sociedade. O autor propõe que um "segundo circuito" (associações da sociedade civil, como sindicatos) seja mais capacitado para atender essas demandas.

Romão (2013, p. 14) identifica ainda a crise dos partidos políticos como consequência dos partidos *catch all*, que, como sugere o nome, "caracterizam-se por abrigar demandas movidas por qualquer ou nenhuma base ideológica". Além disso, como identificou Castells na passagem supracitada, pode-se identificar nas ruas a opinião de que os partidos transformaram-se em "balcões de negócio", que se apropriam do Estado e "retalham-no em nome de seus próprios interesses de conservação" (ROMÃO, 2013, p. 14). No caso brasileiro, Romão aponta três fatores que contribuem para a visão dos partidos "cartelizados":

i) nosso presidencialismo de coalizão, em que o presidente é obrigado a construir amplas bases de apoio no Congresso Nacional, e os partidos, num fenômeno que Nobre (2010) tem chamado de peemedebização, se mantêm quase permanentemente como base dos governos de plantão; *ii)* nossa fragmentação partidária, que reforça essa tendência e, ao induzir a

formação de dezenas e dezenas de ministérios (nos estados, número equivalente de secretarias), traz para o âmbito do Executivo a desagregação do Congresso; e *iii*) o sistema federativo e a força política dos governadores em seus estados fazem com que a maioria dos partidos seja, ao mesmo tempo, base governista em um governo liderado pelo PT no nível federal e base governista em governos liderados por partidos como o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) ou os Democratas (DEM) no nível estadual (ROMÃO, 2013, p. 14-15).

O autor considera, portanto, que a crise de representação identificada nas ruas não é sem razão. Por sua vez, esse sentimento de "geleia geral dos partidos políticos" (ROMÃO, 2013, p. 15) contribui para que os manifestantes se afastem das legendas partidárias e das instituições por elas dominadas e oponham o "povo" aos partidos e aos políticos. O autor propõe que as instituições saibam se adaptar a uma sociedade cada vez mais fluida e exigente, e que mecanismos sejam desenvolvidos para aproximar os cidadãos das "instâncias de tomada de decisão" (ROMÃO, 2013, p. 17).

Outro ponto ressaltado por Cavalcanti (2013) e outros autores (CHAUI, 2013; ROMÃO, 2013) é o surgimento de um sentimento de nacionalismo durante as manifestações. Ele está imbricado na rejeição aos partidos como formas eficientes de representação, assumindo por vezes tons autoritários (CHAUI, 2013; ROMÃO, 2013), que remontam à máxima fascista "meu partido é meu país". Apesar do suposto apartidarismo, percebeu-se que grupos com tendências de extrema direita passaram a tomar os protestos, ao ponto do próprio MPL procurar afastar-se das manifestações, por perceber o risco de apropriação do movimento por esse grupo. O perigo mora na ideia de que é possível fazer política (ou não fazê-la, já que para muitos esta estaria reduzida à corrupção) sem mediação, ou desejável construir governos sem instituições mediadoras, características mesmas das ditaduras (CHAUI, 2013).

Não podemos deixar de mencionar, também, a possível contribuição da mídia para a crise instaurada. Em uma constante busca por credibilidade, as mídias tradicionais valorizam a "cobertura adversária" (GUAZINA, 2011), ou seja, a ênfase em denúncias, em que o "jornalismo coloca-se como defensor do interesse público em contraposição a uma política permeada de interesses privados e pessoais" (GUAZINA, 2011, p. 230). Para Santos (2014, p. 90), a avaliação negativa dos políticos e da política por parte da sociedade está intimamente ligada ao "bombardeio de notícias sobre os casos de corrupção e a escassa divulgação de uma agenda positiva do Poder Legislativo". Quando a mídia se coloca como única defensora do interesse público (o

que, por sinal, os manifestantes contestam), desvalorizando o político e a política, é natural que se instaure na sociedade esse vácuo representativo¹⁹.

Além disso, o que muitos pesquisadores apontam (GUAZINA, 2001; GUAZINA, 2011; SANTOS, 2014) é que a cobertura tende a variar de acordo com os interesses da própria mídia. Segundo Santos (2014, p. 90), a imprensa possui dois pesos e duas medidas, noticiando de forma diferente "quando dois partidos opostos cometem a mesma irregularidade, a mesma infração, o mesmo crime". Esses fatos não isentam, de forma alguma, os partidos políticos de suas ações potencialmente prejudiciais à democracia. Mas contribuem para a crise de representação, tanto no que diz respeito aos partidos e instituições políticas, como à própria mídia, como comentado anteriormente.

Lima (2013, p. 90) identifica ainda que a imprensa tradicional ou "mídia de massa" desenvolve uma "cultura política que desqualifica sistematicamente as instituições políticas e os próprios políticos". Apesar das "legítimas e inúmeras razões que justificam a expressão democrática de uma insatisfação generalizada por parte de uma parcela significativa da população brasileira" (LIMA, 2013, p. 90), não se pode ignorar os riscos que a instauração dessa cultura traz à democracia. Como citado anteriormente, o lema "meu partido é meu país", ligado ao fascismo, demonstra como a desqualificação da política e de seus atores tem tendências autoritárias. Nas ruas brasileiras, durante as manifestações, a rejeição da política e dos políticos chegou ao extremo de jovens militantes de partidos e movimentos sociais de esquerda serem espancados (CHAUI, 2013).

Apesar do assunto ter voltado à voga com as manifestações, a crise de representação não é algo completamente novo na cultura política brasileira. Lima (2013) recorre a Souza (1988) para explicar como o "discursos adversário" já estava presente na mídia brasileira nos finais da década de 1980. Para Souza,

[...] os meios de comunicação têm tido uma participação extremamente acentuada na extensão do processo de *system blame* [...] A despeito da evidente responsabilidade que cabe à imensa maioria da classe política pelo desenrolar sombrio do processo político brasileiro, os meios de comunicação a apresentam de modo homogeneizado e, em comparação com os dardos de sua crítica, poupam outros setores" (SOUZA, 1988, p.586-9 *apud* LIMA, 2013, p. 91-92).

¹⁹ Diversos autores estudam a relação da mídia com o declínio de confiança dos cidadãos em relação aos políticos. Miguel (2008) demonstra como a mídia pode ter contribuído para esse declínio em várias fases do pensamento da Ciência Política, bem como em diversas fases das democracias Ocidentais.

O principal problema dessa linha de jornalismo, como já afirmado anteriormente, é que, sem política nem políticos para realizar as mediações, restam os regimes autoritários. Na avaliação de Lima (2013, p. 91), portanto, a "velha mídia" acaba se impondo como um obstáculo à consolidação democrática brasileira.

Finalmente, é importante fazermos também uma pequena observação sobre a relação entre crise de representação e a violência policial, já demonstrada nas páginas anteriores. Não se deve esquecer que em nossa sociedade o Estado é o detentor do monopólio da força. A forma como o poder público limita e reprime as manifestações e os manifestantes contribui ainda mais para essa crise (ROMÃO, 2013; SANTOS, 2014). A violência policial ajuda a aprofundar a insatisfação da sociedade diante do Estado, evidenciando sua incapacidade de atender e escutar as demandas sociais das ruas. O que é tão grave quanto é o fracasso da imprensa e mídia em geral em apreender essas vozes, resultando na criticada cobertura vista na imprensa brasileira, especialmente nos primeiros dias de manifestação. É extremamente preocupante quando, em uma sociedade democrática, a questão social passa a ser "caso de polícia" (MAIOR, 2013, p. 84), tanto para o poder público quanto para a imprensa.

1.2.4 Descontentamento com sistema público e Copa do Mundo

Um último ponto que queremos levantar é o descontentamento dos manifestantes com o sistema de serviços públicos brasileiro (especialmente transporte, saúde e educação) e uma certa condenação da Copa do Mundo e de outros eventos esportivos (como a Copa das Confederações e Olimpíadas). Os cartazes e palavras de ordem proferidas durante os protestos evidenciaram o hiato percebido pelos manifestantes entre o sistema público e a Copa "padrão FIFA". Se, por um lado, o governo e a iniciativa privada despejavam bilhões de reais para realização do Mundial, por outro, percebia-se o descaso do poder público com os serviços essenciais prestados à população.

Leonardo Boff (2013) oferece uma possível interpretação para as manifestações. Segundo o autor, o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) ofereceu à população benefícios básicos, exemplificados nos programas como Bolsa Família, Luz para Todos e Minha Casa, Minha Vida. No entanto, referindo-se ao poeta cubano Ricardo Retamar, Boff (2013) afirma que o ser humano possui duas fomes: a de pão,

que é saciável, e a de beleza, que é insaciável. Boff interpreta que essa "segunda fome" não tem sido saciada nos últimos anos de governo petista: "Sob beleza se entende educação, cultura, reconhecimento da dignidade humana e dos direitos pessoais e sociais como saúde com qualidade mínima e transporte menos desumano" (BOFF, 2013).

A questão dos transportes, como abordado anteriormente, é central na compreensão das manifestações de junho de 2013. No entanto, outros pontos foram levantados no decorrer dos protestos, razão pela qual passamos a observar uma "explosão de demandas" (ROMÃO, 2013). O governo federal parecia concordar com as vozes das ruas, visto que, em discurso proferido durante a reunião de governadores e prefeitos, a presidenta Dilma Rousseff propôs os cinco pactos, como explicado anteriormente, que abordavam, dentre outras questões, os transportes, a saúde e a educação públicos.

Se, por um lado, os analistas concordam que o Brasil vivia, em junho de 2013, um momento de claro desenvolvimento social e econômico (ainda que este demonstrasse sinais de desaceleração), por outro, justamente esse momento de progresso se mostra favorável para o surgimento de novas demandas (WAISBICH, 2013). Apesar dos avanços, ainda existe um hiato entre as expectativas dos brasileiros e a realidade vivida pela maioria da população (WAISBICH, 2013). Para Romão (2013), a Copa das Confederações, que acontecia no país durante os protestos, e os demais megaeventos esportivos, evidenciaram ainda mais esse "país moldado 'para inglês ver' - o país da Copa - e o Brasil real, que requer mais e melhores hospitais e escolas" (p. 13). Estava, então, feita a conexão entre a Copa do Mundo e os serviços públicos nas manifestações.

Curiosamente, essa reivindicação por melhores serviços também não é exclusividade do Brasil. Como bem lembra Žižek (2013), outros países passam por uma fase de diminuição dos serviços públicos e desmantelamento dos serviços sociais, ainda que isso se dê de maneira bem diferente do que acontece aqui. Reconhecidamente, o autor nomeia países em crise, como a Grécia e a Turquia. Mas questiona se esses vizinhos tão opostos não teriam, afinal, muito em comum, talvez até com o Brasil. Castells (2013) também constata essa tendência mundial a seguir um modelo de

desenvolvimento que associa crescimento desestruturado ao desprezo às dimensões humana e ecológica, que ele identifica presente no país:

Um modelo centrado no crescimento a qualquer custo, ainda que, no caso do Brasil, acompanhado de uma redução da pobreza e de políticas sociais redistributivas. Mas sem assumir a nova cultura da dignidade e do florescimento da vida para além do consumo. Um modelo neodesenvolvimentista, como o chinês e tantos outros, que enveredam por uma senda autodestrutiva com o objetivo de sair da pobreza. Sem entender que a escolarização sem uma verdadeira melhoria do ensino não é educação, mas armazenamento de crianças. E que a saúde sem a potencialização de médicos e enfermeiros e sem um viés preventivo é um poço sem fundo, no qual a produtividade se mede pela ocupação de camas de hospitais, contando os enfermos, e não os saudáveis (CASTELLS, 2013, p. 179).

A Copa das Confederações e a Copa do Mundo, bem como as Olimpíadas, funcionaram então como um lembrete aos manifestantes do descompasso entre os gastos governamentais com os megaeventos e a carência do sistema público. Apesar das notórias melhorias vivenciadas pelos brasileiros nos últimos anos, ainda é necessário avançar. Como bem lembra Maricato (2013),

nem toda melhoria das condições de vida é acessível com melhores salários ou com melhor distribuição de renda. Boas condições de vida dependem, frequentemente, de políticas públicas urbanas - transporte, moradia, saneamento, educação, saúde, lazer, iluminação pública, coleta de lixo, segurança (MARICATO, 2013, p. 19-20).

Fica claro, portanto, que a Copa das Confederações se mostrou como um período excelente para a exigência de serviços públicos "padrão FIFA". Não sem motivos, os manifestantes foram às ruas reivindicar mais que redução das tarifas do transporte público. Como procuramos demonstrar ao longo deste capítulo, os motivos que levaram os brasileiros às ruas, ainda que distintos, estão profundamente conectados. O transporte de péssima qualidade se conecta a uma insatisfação mais geral com os serviços públicos; o uso das redes sociais é indicativo de uma mídia tradicional excludente e pouco representativa; por sua vez, a crise de representação atinge as mais diversas instituições políticas tradicionais.

Afirmamos anteriormente e voltamos a lembrar: esta análise não se propõe exaustiva e completa. Outros pontos e questões podem e devem ser levantados para ajudar a compor a colcha de retalhos que é a interpretação dos acontecimentos. Estes foram, no entanto, os aspectos que consideramos mais relevantes para sustentar nossa análise.

CAPÍTULO 2: REVISÃO TEÓRICA

Neste capítulo, faremos uma breve revisão das teorias que servirão de apoio à nossa análise. Passaremos rapidamente pela teoria da agenda, ou *agenda-setting*, desenvolvida por vários teóricos do campo da Comunicação, mas em especial McCombs e Shaw. A seguir, veremos as bases do enquadramento ou *framing*, teoria que sustenta este trabalho. Faremos uma breve revisão dos principais conceitos fundadores da teoria, e em seguida veremos alguns estudos que aplicaram a teoria de enquadramento e seus possíveis efeitos na audiência.

2.1 Agenda-setting

O campo da Comunicação viu o nascimento e a decadência de várias teorias no decorrer do século XX. No entanto, a teoria da agenda ou *agenda-setting* é uma daquelas que ainda consegue explicar satisfatoriamente muitos aspectos da Comunicação. Prova disso é uma relativa constância da utilização da teoria em artigos e pesquisas científicas (MCCOMBS, 2005; WEAVER, 2007).

A *agenda-setting* começou a tomar corpo como marco teórico na década de 1970, com o trabalho inaugural de McCombs e Shaw. Seu embrião remonta, no entanto, ao célebre *Public Opinion*, de Walter Lippman, que sugeriu uma relação entre a agenda da mídia e a agenda do público (PENA, 2013). No trabalho intitulado *The agenda-setting function of mass media*, McCombs e Shaw investigaram o nível da influência midiática nos eleitores da cidade de Chapel Hill, nos Estados Unidos, durante as eleições presidenciais de 1968.

Os pesquisadores questionaram os entrevistados sobre quais eles consideravam ser os temas mais relevantes para a campanha (sendo que o questionário pedia especificamente para que os entrevistados dessem suas respostas sem levar em consideração o que os políticos estavam dizendo). Os resultados obtidos na pesquisa sugerem que a mídia teve um grande impacto na opinião dos eleitores: os assuntos apontados pelos moradores de Chapel Hill como mais importantes coincidiram com aqueles que receberam mais espaço nos principais veículos de comunicação do país.

A mídia teria então um papel relevante em pautar a audiência quanto à importância dispensada a cada assunto (MCCOMBS; SHAW, 1972). A *agenda-setting* tem sido resumida através da frase de Bernard Cohen, que afirma que a imprensa pode

não ter sucesso em dizer ao público "o que" pensar, mas geralmente consegue dizê-lo "sobre o que" pensar (AZEVEDO, 2004, p. 43).

Portanto, a *agenda-setting* "não defende que a imprensa pretende persuadir" (PENA, 2013, p. 144). Ela é capaz, no entanto, de agendar a pauta dos cidadãos, do espaço público, e de definir prioridades para políticos e eleitores: "sob essa perspectiva, a ação dos jornais, da televisão e de outros veículos de informação faz com que o público saiba ou ignore, preste atenção ou descarte, realce ou negligencie elementos específicos dos cenários social e político" (SILVA, 2006, p. 46).

Apesar de sua ampla aceitação entre estudiosos de Comunicação, a *agenda-setting* passou a sofrer várias críticas por não levar em consideração o conteúdo da mídia, ou "como as diferentes formas de apresentação dos temas pela mídia podem afetar o processo de formação de preferências políticas da audiência" (PORTO, 2004, p. 76). A teoria foi por diversas vezes acusada de ser "simplista" por estudar os assuntos apenas de maneira ampla e geral e por superestimar a ordem desses assuntos na mídia e na opinião pública (SCHEUFELE; TEWKSBURY, 2007)²⁰.

Essas e outras críticas à teoria da agenda levaram ao desenvolvimento de novas teorias, como a do enquadramento, que veremos a seguir. Os questionamentos levantados sobre as lacunas deixadas pela *agenda-setting* levaram seus proponentes a revisar esta teoria. O próprio McCombs começou a incorporar o conceito de enquadramento (MCCOMBS, 2005) no que passou a ser conhecido como "segundo nível de efeitos" da *agenda-setting*. No entanto, essa incorporação tem sido bastante criticada (SCHEUFELE; TEWKSBURY, 2007), considerando que as duas teorias partem de premissas significativamente diferentes. Não utilizaremos os conceitos da *agenda-setting* diretamente neste trabalho, mas é importante compreender como suas bases serviram para dinamizar o campo da Comunicação e desenvolver novas perspectivas teóricas.

²⁰ Essa é uma disputa entre linhas teóricas (*agenda-setting* e enquadramento), a qual o próprio McCombs já abordou em seus estudos. Desde a década de 1990, os estudiosos do *agenda-setting* têm desenvolvido pesquisas do chamado "segundo nível de agendamento". Para mais detalhes sobre o novo marco teórico, consultar McCombs (2005).

2.2 Teoria do Enquadramento

Para suprir essa lacuna deixada pela *agenda-setting*, vários teóricos passaram a recorrer ao conceito de *framing* (enquadramento). No entanto, este ainda não é um conceito fechado, e não há apenas uma definição aceita. Um dos primeiros pesquisadores a apresentar noções de *framing* foi Erving Goffman, em 1974, em seu livro *Frame analysis*. Segundo Goffman, indivíduos usam "*primary frameworks*" (ou enquadramentos primários) para entender e interpretar acontecimentos do mundo e de suas vidas (GOFFMAN, 1986). É esse "enquadramento primário" que permite dar sentido aos acontecimentos. Como explica Porto (2004, p. 78), "Goffman define enquadramentos como os princípios de organização que governam os eventos sociais e nosso envolvimento nestes eventos".

O conceito continuou a ser desenvolvido na área da Psicologia por Kahneman e Tversky, (1984) que demonstraram em suas pesquisas que a formulação (ou enquadramento) de um assunto pode determinar as escolhas das pessoas (PORTO, 2004; SCHEUFELE e TEWKSBUY, 2007). Em um dos experimentos conduzidos pelos autores, os participantes deveriam escolher entre dois programas para combater uma epidemia de uma grave doença nos Estados Unidos, que poderia matar 600 pessoas. Os programas foram apresentados a dois grupos diferentes, modificando apenas as chances "de vida" e "de morte": um programa salvaria 200 pessoas, e outro mataria 400 pessoas. Como resultado, o primeiro foi escolhido por 72% dos participantes da pesquisa no primeiro grupo, e o segundo, por 22% dos participantes do segundo grupo, apesar de terem como resultado o mesmo número de mortos (400, ou 200 pessoas salvas).

Uma das principais contribuições para o marco teórico dos estudos de enquadramento foi feita em 1980 por Todd Gitlin no livro *The whole world is watching*. Foi ele um dos primeiros a definir de forma clara o conceito de enquadramento:

Os enquadramentos da mídia [...] organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também, em um grau importante, para nós que recorremos às suas notícias. Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira (GITLIN, 1980, p. 7 *apud* PORTO, 2004, p. 80).

Segundo Gitlin (1980), enquadramentos são inevitáveis, porque são o único meio que os jornalistas têm para organizar e processar a grande quantidade de informação que passa rotineiramente por uma redação, por exemplo, e que circula na sociedade. Portanto, toda análise do jornalismo e das comunicações de massa deve perguntar quais são os enquadramentos presentes, por que eles foram escolhidos e quais as implicações dessas escolhas (GITLIN, 1980, p. 7). Essa compreensão de enquadramentos como inerentes à cultura jornalística é compartilhada por vários autores (TRAQUINA, 1993; TUCHMAN, 1978).

Em *The Whole World is Watching* (1980), o autor estuda a evolução dos enquadramentos da mídia americana (especialmente *The New York Times* e *CBS News*) na cobertura dos protestos organizados por estudantes (*Students for a Democratic Society*, ou SDS) contra a Guerra do Vietnã. Em 1965, o movimento começou a ganhar força e membros, organizando passeatas contra a guerra. Foi assim que passou a ganhar também publicidade e atrair refletores. No entanto, Gitlin (1980, p. 27) argumenta que essa publicidade não foi necessariamente boa para o movimento, pois a mídia fazia ênfases e seleções em temas específicos, influenciada pela cultura jornalística, mas também pela cultura americana da época.

A mídia americana optou por utilizar temas depreciativos, que começaram a se tornar recorrentes e a reverberar na sociedade americana (GITLIN, 1980, p. 27). Segundo o autor, os "enquadramentos" utilizados no início da cobertura foram: trivialização (foco na linguagem, idade, modo de vestir e de se portar dos manifestantes), polarização (enquadrando o grupo como extremistas), ênfase em conflitos internos, marginalização (mostrando integrantes como "fora da regra", não representativos da sociedade), menosprezo pelos números (reportando número *menor* de participantes) e menosprezo da efetividade do movimento (GITLIN, 1980, p. 27-28).

Com o crescimento e evolução do movimento, a mídia modificou a cobertura, e passou a se apoiar em declarações do governo e de outras autoridades e enfatizar a presença de comunistas, o uso das bandeiras dos "vietcongues" e a violência durante as demonstrações. Passou também a fazer uso depreciativo de aspás (como "marchas pacíficas") e a chamar atenção a movimentos de direta contrários ao SDS (GITLIN, 1980, p. 28). O autor conclui que, através da cobertura oferecida pelos veículos citados, a mídia impediu que a mensagem do SDS fosse passada para a

sociedade americana, deixando a impressão de que o movimento era extremista e perigoso para o bem comum (GITLIN, 1980, p. 28).

Outro importante marco nas teorias de enquadramento foi proposto por William Gamson e vários colaboradores (PORTO, 2004). Para tais autores, todo tema político (por exemplo: ações afirmativas, políticas sociais do governo, armamento nuclear etc.) possui uma cultura, "um discurso em andamento que evolui e se modifica com o tempo, fornecendo interpretações e significados a eventos relevantes" (GAMSON; MODIGLIANI, 1989, p. 1, tradução nossa). Essa significação se dá através de "pacotes interpretativos", que reúnem elementos tais como metáforas, frases de efeito, exemplos históricos, entre outros, e são utilizados para dar sentido aos acontecimentos.

Essa tradição de pesquisa considera o enquadramento como uma parte central dos pacotes interpretativos: o seu núcleo. Na concepção desses autores, um enquadramento é "uma ideia central organizadora [...] que atribui significado a eventos em desenvolvimento, tecendo uma conexão entre eles" (GAMSON; MODIGLIANI, 1987, p. 143 *apud* LIM; SEO, 2009, p. 205, tradução nossa). O enquadramento é, portanto, o responsável por dar significação aos fatos, em uma construção que acontece *fora* do âmbito jornalístico (por exemplo, na cultura), mas também com a colaboração ativa dos jornalistas (GAMSON; MODIGLIANI, 1989; GAMSON; MEYER 1996).

Gamson também contribuiu para o estudo dos efeitos de enquadramento no público. Em seu livro *Talking Politics* (1992), o pesquisador analisou como a mídia poderia influenciar a compreensão dos indivíduos sobre assuntos políticos. Gamson reuniu um grupo de pessoas "comuns" para conversar sobre temas em voga na imprensa americana à época: armamento nuclear, ações afirmativas, o conflito árabe-israelense e as políticas industriais. O autor fez uma análise de conteúdo prévia e identificou quais eram os discursos públicos promovidos em torno desses temas.

O autor concluiu que a forma como os cidadãos constroem sua compreensão de temas políticos é bastante complexa. Segundo Gamson, a noção por vezes difundida em pesquisas das ciências sociais de que as pessoas são passivas frente às informações da grande mídia é errada (GAMSON, 1992, p. 4). Elas conseguem fazer sentido e construir opiniões sobre eventos políticos complexos, como por exemplo as ações afirmativas. O autor concluiu ainda que a informação da mídia é relevante para a

construção dessa compreensão (no caso dos estudos, especialmente nos temas armamento nuclear e conflito árabe-israelense), mas os indivíduos também se utilizam de experiências pessoais e da "sabedoria popular" para desenvolver opiniões e entendimentos sobre os temas (GAMSON, 1992, p. 179).

Gamson compara o "percurso" feito para se chegar ao sentido de um tema com uma trilha em uma floresta: "Os vários enquadramentos oferecidos no discurso da mídia fornecem mapas que indicam pontos úteis de entrada, e sinalizações em vários cruzamentos destacam os marcos significativos e alertam sobre os perigos de outros caminhos" (GAMSON, 1992, p. 179; tradução nossa). Esse percurso complexo, com várias sinalizações e opções de caminhos (perspectivas), é evidenciado pela presença de diversos enquadramentos midiáticos na construção do significado pelo grupo de participantes, bem como de outros recursos, como as experiências pessoais. No entanto, o autor alerta: baixa dependência da mídia (para construir entendimentos) não significa baixo uso ou influência. Mesmo nos casos em que os grupos utilizavam a sabedoria popular e experiências para construir significados, a maioria também baseou-se no discurso da mídia (GAMSON, 1992, p. 179).

No Brasil, de forma semelhante a Gamson, Aldé (2001) realizou entrevistas para compreender como o "cidadão comum" contrói significados e explicações para eventos e temas políticos cotidianos. A pesquisadora estudou ainda como esses cidadãos formulam suas atitudes políticas e qual a influência da mídia nessa formulação. A autora concluiu que as pessoas geralmente recorrem apenas às conclusões de uma sequência de fatos, descartando os detalhes (ALDÉ, 2001, p. 25). Ou seja: quando o cidadão formula uma opinião, ele não costuma lembrar o caminho cognitivo completo que o levou àquela formulação. Nas palavras da autora, "uma vez aceito o argumento, guarda-se a conclusão, capaz de orientar o cidadão quanto às suas posições e escolhas" (ALDÉ, 2001, p. 26).

No contexto dos enquadramentos veiculados na mídia, essa afirmação é importante, porque "os fatos, nomes e detalhes modificam-se quase diariamente, mas a estrutura na qual se enquadram – o sistema simbólico – é mais duradoura" (BIRD; DARDENNE, 1988, p. 265 *apud* ALDÉ, 2001, p. 26). Ou seja: os enquadramentos oferecidos por emissores com "autoridade" (como jornalistas, por exemplo), podem ter grande aceitação para o cidadão comum. Outro ponto interessante da pesquisa é a

compreensão de enquadramentos como "chaves de leitura" ou "caminhos cognitivos" (ALDÉ, 2001, p. 22). Essas chaves são utilizadas pelas pessoas para justificar opiniões e ideias, dar sentido aos fatos e construir significados de eventos ou temas: "muitas notícias passam a ser usadas pelas pessoas como chaves explicativas, com as quais ilustram suas ideias sobre as instituições, o comportamento dos políticos, grupos organizados ou jornalistas" (ALDÉ, 2001, p. 163).

Finalmente, a autora conclui que os meios de comunicação se apresentam como fornecedores de "quadros de referência" acessíveis, pois são uma forma prática e cotidiana que os cidadãos têm de conhecer e compreender o mundo:

Nesse sentido, podemos afirmar que a maneira pela qual os meios, que aparecem como quadros de referência particularmente acessíveis ao cidadão comum, organizam e apresentam a informação tem efeitos importantes em sua interpretação; seu enquadramento pode ser determinante na interpretação do mundo público (ALDÉ, 2001, p. 187).

Outro autor que contribuiu para os estudos de enquadramento foi Robert Entman. Um dos primeiros pesquisadores a realizar uma revisão teórica do enquadramento, Entman (1993) buscou resumir os principais marcos teóricos em seu artigo intitulado *Framing: toward clarification of a fractured paradigm*. O autor constata desde então a dificuldade em encontrar um consenso no uso do termo. Entman propõe então uma definição, já clássica:

O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1994, p. 294 *apud* PORTO, 2004, p. 82).

Entman considera ainda que os enquadramentos se localizam em pelo menos quatro pontos durante o processo de comunicação: no comunicador, no texto, no receptor e na cultura (ENTMAN, 1993). No caso do texto, os enquadramentos podem ser identificados pela presença ou ausência de palavras-chave, frases feitas e estereótipos, entre outros. Não obstante a localização do enquadramento (comunicador, cultura, texto ou receptor), ele apresenta a mesma função: seleção e realce para levar a conclusões sobre um determinado problema e suas causas, avaliações e soluções (p. 53).

Entre os vários estudiosos que contribuíram para a compreensão dos efeitos dos enquadramentos no público estão Cappella e Jamieson (1997). Os pesquisadores

analisaram como a cobertura das notícias políticas nos Estados Unidos poderiam afetar a visão da população sobre o mundo político, através do enquadramento estratégico. A cobertura estratégica "sugere motivações que são de interesse próprio, que por sua vez levam à interpretação de que as ações políticas são por interesse próprio e não visam ao interesse público" (CAPPELLA; JAMIESON, 1997, p. 117, tradução nossa). Segundo os autores, a cobertura feita pela mídia, privilegiando o "enquadramento estratégico", contribuiu para o ceticismo e a desconfiança do público americano frente aos seus líderes políticos. Quando a única motivação para as ações políticas é vencer, o público fica "contaminado" por essa interpretação enviesada, gerando cidadãos cada vez mais descrentes no governo e na política em geral (CAPPELLA; JAMIESON, 1997, p. 36).

No Reino Unido, Jackson (2011) também estudou os efeitos do enquadramento estratégico durante os debates sobre a adoção do euro, em 2003. Os grupos de participantes da pesquisa, compostos majoritariamente por estudantes universitários, foram divididos entre notícias com enquadramento estratégico e notícias com enquadramento temático (que foca no assunto, nas consequências, dá um contexto mais analítico). Em seguida, os participantes dos dois grupos deveriam classificar o nível de concordância (de 1 a 5) para afirmações como "Os políticos estão desconexos com a vida real" e "Parece que os políticos só se preocupam com eles mesmos ou com interesses especiais" (JACKSON, 2011, p. 85, tradução nossa).

Os resultados reiteraram pesquisas como a de Cappella e Jamieson (1997), demonstrando que cidadãos expostos a notícias com enquadramento estratégico tinham tendência a ser mais céticos (JACKSON, 2011, p. 88). No entanto, segundo os resultados da pesquisa, quanto mais engajados politicamente e mais informados, menores eram os impactos do enquadramento estratégico na opinião dos participantes (JACKSON, 2011, p. 89).

É importante considerarmos os possíveis efeitos dos enquadramentos quando estudamos temas políticos, especialmente se levarmos em conta a tendência de alguns setores da mídia de adotarem o enquadramento estratégico nas coberturas. Guazina (2011) estudou os enquadramentos adotados pelo Jornal Nacional durante a cobertura do "Mensalão" e constatou que, em 26% das matérias, a política era retratada como "um jogo de cenas ou de estratégias, em que não se sabe o que é falso e o que é verdadeiro" (GUAZINA, 2011, p. 112). Como exposto, sabe-se que esses

enquadramentos têm efeitos potencialmente nocivos à opinião pública, gerando cidadãos cada vez mais desconfiados e desacreditados da política (como discutido também no subtópico 2.2.3 deste trabalho).

Valkenburg, Semetko e Vreese (1999) também demonstraram os efeitos de vários enquadramentos na audiência. Os autores realizaram uma pesquisa para determinar se enquadramentos como o "Interesse Humano" ajudariam a audiência a lembrar as matérias lidas. Segundo os autores,

o enquadramento Interesse Humano traz a história de um indivíduo ou um ângulo emocional à apresentação de um evento, tema, ou problema. [...] Enquadrar notícias em termos de interesse humano é uma forma de personalizar, dramatizar, e dar emoção à notícia (VALKENBURG; SEMETKO; VREESE, 1999, p. 551, tradução nossa).

Os pesquisadores dividiram os grupos de participantes entre controle (que liam matérias sem enquadramento) e enquadramento "Interesse Humano". Os resultados da pesquisa demonstram que os participantes que leram notícias com o enquadramento "Interesse Humano" não conseguiam lembrar as informações essenciais da matéria. Apesar de estimular a empatia dos leitores para com os indivíduos (outra consequência do enquadramento), os autores sugerem que emoções "exageradas" na verdade prejudicam o conteúdo do texto (VALKENBURG; SEMETKO; VREESE, 1999, p. 566).

Enquadramentos devem ser levados em consideração também na cobertura de movimentos sociais e protestos. Como já exposto por Gitlin (1980) e por outros autores aqui, a mídia tem o potencial de "impor" seus enquadramentos para o público. Gamson e Wolfsfeld (1993, p. 116) explicam ainda que os movimentos sociais dependem dos canais midiáticos para gerar "simpatia do público" para sua causa. Mesmo que as redes sociais (como discutido no capítulo 1 deste trabalho) tenham possibilitado mais liberdade aos movimentos, Gamson e Wolfsfeld (1993, p. 116, tradução nossa) lembram que os manifestantes ainda precisam conseguir validação, e "os refletores da mídia validam o fato de que o movimento é um ator importante".

No entanto, um grande problema é a forma como protestos e movimentos sociais por vezes são enquadrados nos noticiários. Boykoff (2006) estudou o enquadramento de movimentos sociais em grandes mídias (como o *The New York Times* e as redes de televisão americanas *CBS* e *CNN*). Seu estudo foi baseado em protestos

realizados pelo *Global Justice Movement* durante as reuniões da Organização Mundial do Comércio em Seattle, em 1999, e as reuniões do Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional em Washington, no ano 2000.

O autor encontrou cinco enquadramentos principais, sendo que o mais utilizado foi o de conflito (ênfase na violência ocorrida nos protestos), especialmente na televisão (BOYKOFF, 2006, p. 225). Boykoff percebe que houve uma escalada na cobertura midiática quando houve uma escalada nos conflitos, mas questiona se essa atenção é, afinal, benéfica para o movimento (BOYKOFF, 2006, p. 227). Outros enquadramentos encontrados apontam para a tendência da mídia em utilizar "personagens" e focar em características pessoais, na idade e na aparência dos manifestantes (BOYKOFF, 2006, p. 216). Essa tendência também foi apontada por Gitlin (1980), como vimos anteriormente.

Gottlieb (2015) também estudou os enquadramentos utilizados pelo *The New York Times* para noticiar os eventos do *Occupy Wall Street* no ano de 2011. Após a análise de 228 matérias publicadas pelo jornal, o autor chegou a conclusões semelhantes às de Boykoff (2006): a maior ênfase foi dada nos conflitos entre manifestantes e policiais e entre manifestantes e políticos (GOTTLIEB, 2015, p. 14). O aumento dos confrontos com a polícia e com os políticos (especialmente o prefeito Michael Bloomberg) também gerou um aumento de cobertura, mas as notícias não enfatizavam as causas, motivações e mensagens dos protestos, e sim os confrontos (GOTTLIEB, 2015, p. 17).

A análise das teorias e estudos do enquadramento feita neste capítulo nos servirá de apoio para este estudo. Como vimos, não existe ainda consenso sobre qual seria a melhor definição para "enquadramento", e Porto (2004) argumenta que não seria desejável limitar uma corrente teórica tão vasta e que toca tantos assuntos. As escolhas quanto a definições e nomenclatura dos enquadramentos serão abordados no capítulo 4 (Procedimentos Metodológicos).

CAPÍTULO 3: JORNALISMO INTERNACIONAL

Na sociedade atual, as notícias internacionais são cada vez mais importantes. Desde o fim da Guerra Fria e a instauração de uma nova ordem mundial, passando por eventos como o 11 de setembro, conhecer sobre o mundo e seus variados acontecimentos é uma necessidade (WANTA et al., 2004). O jornalismo internacional assume, portanto, um papel essencial nesta nova sociedade, já que poucos podem ter acesso a esses acontecimentos em primeira mão. Os cidadãos dependem cada vez mais da grande mídia para se informar sobre questões internacionais (BREWER et al., 2003).

Para Natali (2015), os primórdios do jornalismo internacional datam de muito antes do século XVIII, como muitas vezes se acredita. Ele remonta o surgimento deste gênero ao Renascimento, por volta de 1500, quando Jacob Függer criou as primeiras *newsletters* (NATALI, 2015, p. 21). Graças à evolução de seus negócios, Függer dependia de informações econômicas e políticas de toda a Europa, razão pela qual montou uma "agência" de notícias para manter-se informado. Desde então, o jornalismo voltado para assuntos internacionais passou por profundas mudanças até chegar aos moldes como é conhecido hoje.

Natali cita o século XIX como uma época marcante para o jornalismo internacional. A Guerra Civil norte-americana (1861-1865) foi acompanhada por 150 correspondentes de guerra, e em 1835 surgiu o embrião da primeira agência de notícias nos padrões atuais, a *France Presse* (AFP). A Reuters veio depois, em 1851, e em 1848, após a cobertura da guerra dos Estados Unidos contra o México, surgiu a *Associated Press* (AP).

Como afirma Natali (2015, p. 31), as agências tornaram o jornalismo internacional muito mais viável economicamente, visto que manter correspondentes internacionais nos países de interesse da empresa tem um custo elevado. Quanto à relevância do papel das agências de notícias para a cobertura internacional, Wu (2000) demonstra em sua pesquisa que a presença de agências no país é um fator determinante para que o mesmo figure nos noticiários internacionais do mundo.

Finalmente, o século XX trouxe diversos avanços tecnológicos como o teletipo, a televisão, os satélites de comunicação e a internet. Não haveria espaço suficiente neste trabalho para analisar minuciosamente o impacto das duas últimas

invenções para o jornalismo internacional, em termos de custo, praticidade e, ao mesmo tempo, desafios. A instantaneidade e a "aproximação" dos jornalistas aos acontecimentos impõem às redações toda uma nova série de exigências por parte do público (MOURA e AGNEZ, 2014).

O jornalismo internacional se estabeleceu, portanto, como "janela para o mundo" (DURPREE, 1971). No entanto, pesquisas demonstram que, apesar das facilidades trazidas por inovações tecnológicas como a internet, esta janela é bastante limitada, ao menos na grande mídia. Por esse motivo, desde a década de 1950 há uma preocupação em se estudar os fatores que determinam como a informação circula no mundo, ou seja, o "fluxo" das notícias internacionais (SEGEV, 2015).

Existem diversas variáveis, identificadas por pesquisadores, que podem influenciar a cobertura internacional e o volume de "atenção" recebido por cada país, mas Segev (2015) afirma que atualmente são aceitos três grupos principais: as características do país em questão (por exemplo, seu poder econômico, seus índices populacionais etc.); os relacionamentos entre países (seja por proximidade física ou por questões histórico-culturais, entre outras); e eventos (acontecimentos que fogem da ordem normal, como guerras, desastres naturais ou revoltas populares).

Segev (2015) identificou em sua pesquisa que mais de 70% do conteúdo publicado em sites de notícias de 11 países podem ser explicados por uma combinação de três fatores: renda per capita, população estrangeira no país e intensidade de conflitos. Isso significa que países com baixa renda per capita, poucos estrangeiros e que não passem por conflitos intensos têm poucas chances de aparecer nos noticiários internacionais de outros países. A pesquisa mostra ainda que mesmo países que passam por dificuldades, como grandes conflitos sociais (como Angola e Etiópia) permanecem invisíveis. Ou seja: o fluxo de notícias não segue uma fórmula exata, ou justa.

Nesta mesma linha, Wu (2000) estudou o fluxo de informação entre as nações, em uma pesquisa com 38 países. Ele identificou que entre os 10 países mais presentes nos noticiários internacionais, sete eram potências econômicas. Os Estados Unidos sozinho carregaram quase 18% do noticiário internacional entre os jornais analisados. Determinados países não receberam nenhuma citação nos noticiários. Segundo o autor, "os resultados desta representação de notícias também indicam claramente que a cobertura noticiosa internacional é desigual não só a nível de cada

país, mas também ao nível do mundo como um todo" (WU, 2000, p. 121, tradução nossa). A África e a América Latina foram "excluídas" em bloco, com baixíssima representação geral (como mencionado antes, outra determinante para a representatividade do país é a presença de agências de notícias).

Esse cenário de desigualdade é ainda mais preocupante quando se leva em consideração a influência do noticiário internacional sobre os cidadãos. Wanta et al. (2004) identificaram efeitos de agendamento quando relacionaram os países mais citados pela mídia americana e aqueles considerados mais importantes pelo público daquele país. Ou seja: quanto maior o espaço recebido por um país na mídia americana, mais importante o mesmo foi considerado pelo público (evidências de primeiro nível de agendamento). Ademais, quanto pior (negativa) foi a cobertura recebida por um país, pior foi a percepção daquele país pelo público (evidências de segundo nível de agendamento).

Da mesma forma, Brewer et al. (2003) identificaram efeitos de enquadramento em sua pesquisa. Os autores concluíram que a mídia pode influenciar a forma como os cidadãos avaliam outras nações. No experimento conduzido pelos pesquisadores, 199 entrevistados responderam a questionários sobre sua percepção de países ligados a assuntos como terrorismo e combate ao tráfico de drogas. Os resultados mostraram que a audiência adotou os enquadramentos proposto pela mídia em três dos quatro casos apresentados.

Considerando a importância do jornalismo internacional na sociedade atual, é de grande relevância analisarmos como se dá a cobertura do Brasil em dois dos maiores jornais da atualidade, por vezes identificados como "de referência" (analisaremos essa questão a seguir). Se levarmos ainda em conta os efeitos de enquadramento, demonstrados nos estudos relatados acima, e as desigualdades nos fluxos de informação, torna-se ainda mais essencial conhecermos como o país é enquadrado, e como sua imagem pode estar sendo formada no mundo através da cobertura desses dois veículos.

3.1 Os jornais *The New York Times* e *Le Monde*

3.1.1 Breve histórico

O jornal *The New York Times* começou em 1851, lançado por Henry J. Raymond e George Jones sob o título de *New-York Daily Times*. Em pouco tempo, o novo diário ganhou espaço na cidade, vendendo 10 mil exemplares nos primeiros 15 dias, 26 mil no primeiro ano e chegando a 40 mil em 1857 (MOLINA, 2007, p. 135), ano em que o nome foi alterado para *The New-York Times*. Em 1896, após uma fase de franca decadência, causada pelas dívidas acumuladas, o jornal foi comprado por Adolph Simon Ochs (MOLINA, 2007, p. 136). Com a mudança de dono, e o jornal passou a chamar-se *The New York Times* (sem hífen) em dezembro daquele ano (MOLINA, 2007).

O diário havia ganho prestígio por seu tom conservador e moderado, apoio a Abraham Lincoln e luta contra a escravidão. Segundo Molina (2007, p. 135), o grande investimento na cobertura da Guerra de Secessão também foi essencial para a ascensão do NYT. No início do século XX, o jornal fez uma parceria com o *The Times* de Londres para compartilhar informações e dividir despesas em coberturas caras, como a de guerras (MOLINA, 2007, p. 139). Com o passar dos anos, o jornal foi ganhando prestígio nacional, graças a algumas decisões editoriais acertadas (MOLINA, 2007)²¹, e tornou-se cada vez mais um jornal de referência internacional (MOLINA, 2007).

Já o *Le Monde* foi fundado em 1944, "meses depois da entrada dos aliados em Paris e pouco antes do fim da Segunda Guerra Mundial" (MOLINA, 2007, p. 31), como um "ato de vontade do general Charles de Gaulle, então primeiro-ministro" (MOLINA, 2007, p. 31). Ele sucederia o *Le Temps*, jornal de baixa circulação mas muito influente, descrito por Molina (2007, p. 32) como "a essência do liberalismo burguês e republicano com forte influência protestante, a essência do poder na França, e seguia as orientações do Ministério das Relações Exteriores em seu noticiário internacional". O *Le Monde* deveria, portanto, ocupar a posição de destaque do *Le Temps* mas assumir outra posição ideológica:

A única orientação dada por De Gaulle foi que ele queria um jornal que fosse o instrumento da consciência nacional. Ele queria uma instituição, um órgão "oficioso em política estrangeira que conserve toda a sua liberdade em política interna". Beuve-Méry [antigo correspondente do *Le*

²¹ Para um histórico mais completo do diário, com eventos marcantes e curiosidades, ver Molina (2007).

Temps em Praga, escolhido para dirigir o *Le Monde*], segundo suas palavras, sempre se considerou como o gestor de uma espécie de serviço de interesse público. Rigoroso com a precisão da informação e com a qualidade dos colaboradores, ele fez de *Le Monde* o jornal mais respeitado da França [...]. Como corresponde a seu nome, deu ênfase aos assuntos internacionais e montou uma densa rede de correspondentes internacionais (MOLINA, 2007, p. 32-33).

Com sua cobertura pretendida independente, o *Le Monde* passou por diversas crises com a sociedade francesa e com o governo, como nos anos da Guerra Fria e quando se mostrou favorável à independência das colônias francesas. As posições adotadas pelo diário chegaram a incomodar jornalistas da redação, mas as opiniões divergentes contribuíram para dar ao jornal a alcunha de "neutro" e consagrá-lo como referência na França (MOLINA, 2007, p.38).

3.1.2 Jornalismo de referência

Os jornais analisados neste trabalho são frequentemente classificados como entre os melhores do mundo, ou jornais "de referência". John C. Merrill realizou em diversas ocasiões pesquisas ao redor do globo para classificar os jornais considerados "de elite" ou "de referência". Em 1968, para escrever *The elite press*, o pesquisador analisou questionários feitos com diplomatas, figuras influentes e jornalistas do mundo todo para classificar os 40 melhores jornais da época. O pesquisador pediu aos participante da pesquisa para listar os 10 melhores jornais no plano internacional e as razões que motivaram a classificação (MERRILL, 2000, p. 11). Desde então, *The New York Times* e *Le Monde* já figuravam na lista (MERRILL, 2000, p. 12). Entre as características dos jornais citadas nos questionários, estão o grande espaço para a cultura e assuntos internacionais, o tom sério e escrita sofisticada e o fato de exercerem influência em grandes líderes e servirem de exemplo para jornalistas, entre outros pontos (MERRILL, 2000, p. 11).

Após diversas atualizações, a última em 1999, o autor refez a lista, e apenas o *New York Times*, o *Monde* e o alemão *Neue Zürcher Zeitung* permaneceram entre os 10 primeiros (MERRILL, 2000, p. 12). Para este último *ranking*, os entrevistados utilizaram os seguintes critérios (em ordem):

1. notícias internacionais de alta qualidade;
2. total liberdade editorial;
3. tratamento rigoroso de questões políticas e econômicas;
4. cobertura sólida a nível nacional e regional;
5. posições editoriais claras;
6. grande espaço dado ao científico, cultural e artístico;
7. um layout sóbrio e claro;
8. algumas ilustrações e grande cuidado dado à qualidade da linguagem;
9. um mínimo de conteúdo "espetacular";
10. numerosos textos

explicativos em profundidade; 11. liderança na reforma social e cooperação internacional (incluindo objetivo educacional); 12. um correio do leitor amplo e de alta qualidade (MERRIL, 2000, p. 13, tradução nossa).

Tanto o *New York Times* quanto o *Le Monde* gozavam portanto de um alto conceito entre os entrevistados. É interessante ressaltar que a cobertura internacional de qualidade é o primeiro critério citado. Além disso, os textos de conteúdo em profundidade também são apreciados pelos participantes da pesquisa.

Em seu livro "Os melhores jornais do mundo" (MOLINA, 2007), o jornalista nascido em Madri e radicado no Brasil Matías Molina lista aqueles que são, a seu ver, os 17 melhores diários na época. Para fazer a difícil classificação, o jornalista levou certos aspectos em consideração, entre os quais o principal foi a capacidade das publicações de exercerem influência sobre a agenda de debate dos países onde são editados, refletida também na frequência com que são citados por outras mídias (MOLINA, 2007, p. 11). De forma semelhante a Merrill (2000), Molina considera também o prestígio usufruído pelos diários nos altos círculos do poder internacional:

[...] todos se destacam pela relevância, que vem do fato de serem lidos por uma elite e pelos ocupantes de altos cargos públicos, cuja opinião ajudam a formar. Estes jornais, por sua vez, refletem as ideias e as preocupações de certos setores do "Establishment" - embora nem sempre dos governos. Todos eles são vistos como porta-vozes de uma burguesia esclarecida e contribuem para enriquecer o ambiente intelectual. Todos eles respeitam a inteligência do leitor e mostram grande interesse pelos assuntos internacionais, pelos negócios globais, pelas questões culturais e pela coisa pública (MOLINA, 2007, p. 11).

Molina (2007, p. 31) considera ainda que a influência do *Le Monde* é evidenciada pela presença "obrigatória nas chancelarias, nas bibliotecas das universidades e nas redações das principais publicações mundiais". Quanto ao *New York Times*, o autor afirma:

[...] não é o jornal de maior circulação do mundo e está longe de ser o mais rentável. Mas suas informações e suas opiniões têm um peso extraordinário na Casa Branca, no Congresso, em Wall Street, nas chancelarias, nas universidades, nos organismos internacionais e no resto da mídia. Seria uma questão acadêmica avaliar se é ou não "o melhor jornal do mundo". É, com certeza, o jornal mais importante do país mais poderoso (MOLINA, 2007, p. 110)

Portanto, o fato desses jornais estarem entre os mais influentes nos seus países, que por sua vez têm grande peso na comunidade internacional, contribui para afirmarmos que ambos são, definitivamente, jornais de referência. Isso quer dizer que as

matérias, artigos e reportagens publicados nas páginas desses diários têm capacidade significativamente maior de influência que outras publicações, tanto nacional quanto internacionalmente.

Golan (2006) analisou o agendamento intermediático na editoria internacional nos Estados Unidos a fim de determinar a diversidade na cobertura (em número de países). Foram selecionados os noticiários noturnos de três canais de televisão (*ABC*, *NBC* e *CBS*) e as primeiras páginas do noticiário internacional do *New York Times*. O pesquisador examinou a influência das notícias internacionais do jornal, publicado pela manhã, nas notícias divulgadas no canais. Para comprovar o agendamento, Golan usou como amostras as três primeiras matérias internacionais do NYT e as três primeiras matérias internacionais do canais.

O pesquisador concluiu que os resultados indicavam o foco da cobertura em um número relativamente pequeno de países (GOLAN, 2006, p. 328). Além disso, "os resultados indicam claramente que as agendas de notícias internacionais dos três canais foram muito semelhantes às agendas de notícias do *New York Times*" (GOLAN, 2006, p. 328, tradução nossa). Quanto mais uma nação era coberta pelo NTY, tão mais ela era coberta pelos noticiários das redes *ABC*, *NBC* e *CBS*. Considerando pesquisas anteriores (WANTA et al., 2004), que demonstram a influência do noticiário internacional sobre os americanos, os resultados são ainda mais relevantes.

Os jornais *New York Times* e *Le Monde* também têm influência significativa na cobertura internacional de outros países. Ao analisar os enquadramentos adotados pela imprensa brasileira durante a Guerra do Iraque, Silva (2006) constatou que o NYT foi a fonte internacional mais usada na cobertura da Folha de S. Paulo, com 37 matérias reproduzidas. O *Le Monde* também teve alguns textos reproduzidos pelo jornal (14 no total), ainda que em quantidade bem menor que o NYT²². Zamin (2011) também identificou *Le Monde* e *New York Times* como meios-fonte importantes no jornal O Estado de S. Paulo. Na Grécia, Roberts e Bantimaroudis (1997) analisaram a influência de outras mídias na cobertura feita pela imprensa nacional. Através de entrevistas realizadas com jornalistas e editores de seis jornais gregos, os autores concluíram que o *Le Monde* era a mídia internacional mais influente entre os jornalistas, seguido pelas revistas *Time* e *Newsweek*.

²² O autor analisa os possíveis motivos para essas diferenças em seu trabalho. Ver Silva (2006).

A influência dos jornais analisados não se limita, portanto, ao país onde são editados. Pelas pesquisas realizadas e aqui expostas, pode-se afirmar que tanto o *Le Monde* quanto o *New York Times* têm espaço privilegiado (se comparado a outras mídias) no noticiário de outras nações. Além disso, por serem lidos por jornalistas e líderes mundiais, podem ser grandes responsáveis na construção da agenda internacional, bem como na formação da opinião pública em seus países de origem.

A cobertura dada por esses jornais ao Brasil merece então atenção especial, quando levamos em conta que os jornais têm capacidade de influenciar a percepção dos leitores e de públicos diversos (governantes, formadores de opinião etc.). Isso é especialmente importante no jornalismo internacional, dado que por vezes é a única "janela para o mundo" disponível aos leitores, e que estes tendem a adotar os enquadramentos apresentados pelas publicações (WANTA ET AL., 2004; BREWER ET AL., 2003).

3.1.3 Cobertura internacional do The New York Times e Le Monde

Pelo que analisamos até aqui, os jornais observados nesta pesquisa são considerados de referência não apenas em seus países, mas em todo o mundo. Um dos motivos pelos quais eles são citados como "os melhores" é pela sua ampla cobertura internacional, com correspondentes e escritórios em várias partes do mundo (MOLINA, 2007). Faremos então uma breve análise da cobertura de outros países nesses jornais. Esta análise será baseada em artigos, dissertações e teses publicados sobre o tema, que nos ajudarão a fazer considerações ao fim da pesquisa.

Em sua análise das primeiras páginas dos jornais Folha de S. Paulo e *Le Monde*, Fernandes A. (2011) tomou como *corpus* 15 edições seguidas do jornal francês. Nas edições analisadas, os temas internacionais foram os que mais apareceram em primeira página, totalizando 39 manchetes. Segundo a autora, isso denota a marca do *Le Monde*, como já explicado, de priorizar temas internacionais:

O jornal *Le Monde* tem um compromisso de falar da França para o mundo e do mundo para a França, como se fosse um espaço de "debate diplomático". Além disso, o jornal pretende retratar a França e sua vocação histórica para a política e para a cultura (FERNANDES, A., 2011, p. 132).

Fernandes A. (2011) considera ainda, a partir das análises da primeira página do jornal, que o *Le Monde* é um diário polifônico, com diversidade social e de pontos de vista:

O *Le Monde* representa o grupo de leitores interessados em política nacional e internacional, meio-ambiente, cultura, economia, direitos humanos e na França. A maioria das chamadas considera o leitor como um cidadão esclarecido, que quer análises e questionamentos sobre os fatos (FERNANDES, A., 2011, p. 211).

O jornal seria marcado, portanto, por uma diversidade e profundidade nos assuntos abordados. O diário procura oferecer interpretações sobre os fatos apresentados, tanto nas editoriais de assuntos nacionais, quanto na editorial internacional (FERNANDES, A., 2011). No período em análise pela autora (2009), por exemplo, a crise internacional teve destaque e foi interpretada como uma crise do capitalismo global, uma consequência do neoliberalismo, duramente criticado pelo jornal (FERNANDES, A., 2011, p. 211). O amplo espaço da editoria internacional também é evidenciado na cobertura das eleições de diversos países:

Um dos temas políticos mais recorrentes no *Le Monde* são as eleições em diversos países. O jornal elogia os processos democráticos e critica países em que os governos são, de alguma maneira, cerceadores do direito ao voto. As eleições em Israel e o crescimento do eleitorado de direita preocupam o jornal, que tenta entender os motivos dessa radicalização. A perspectiva do jornal é de que o avanço da direita atrapalha os planos de paz e as conversações com a Palestina. As eleições na Venezuela também são alvo de críticas, já que o plebiscito dará condições para que o presidente se reeleja quantas vezes ele queira. Já no Iraque, o elogio é para a tentativa de normalização e o mérito de se afastarem os radicais religiosos do processo democrático. Em relação à situação política no Irã, o jornal mostra o quanto a população está sofrendo, desde a revolução islâmica iraniana, com a decadência econômica (FERNANDES, A., 2011, p. 214).

Apenas no curto período analisado pela pesquisadora, é possível perceber uma diversidade de temas internacionais tratados pelo jornal, como greves na Inglaterra, debates sobre o Holocausto, crise humanitária na África, entre outros. As notícias são apresentadas, ainda, com forte cunho analítico, sempre oferecendo um ponto de vista pró ou contra (FERNANDES, A., 2011, p. 216). Dessa leitura podemos concluir, portanto, que *Le Monde* oferece um jornalismo interpretativo e opinativo, não restrito apenas às colunas de opinião, fornecendo ao leitor uma "bússola interpretativa" (FERNANDES, A. 2011, p. 218).

Em sua pesquisa sobre representações do Brasil no jornal *Le Monde*, Carvalho (2013) identificou certos aspectos recorrentes no jornal em relação ao país.

Entre os aspectos culturais abordados no *Le Monde*, estão o Brasil como "país do futebol" e do samba, de diversidade musical e sincretismo cultural. Quanto aos brasileiros, estes eram representados sob a identidade étnica mestiça e com um caráter alegre e descontraído. É interessante ressaltarmos a questão do futebol, que aparecerá novamente na nossa análise de enquadramentos. A autora fez ainda pesquisa entre estudantes franceses, que reverberaram as representações apresentadas pelo jornal *Le Monde*, confirmando novamente a influência do jornal (que era o mais lido entre os participantes da pesquisa) e dos enquadramentos e representações por ele fornecidos. Quanto à representação do país no *Le Monde*, a autora conclui:

Sobre as tradicionais representações imputadas ao Brasil e aos brasileiros, que parecem não se esgotar, é necessário considerar que o discurso colonizador, extravasando o contexto espaço-temporal de sua aparição continua produzindo efeitos de sentido, fornecendo subsídios para os discursos cotidianos que estão circulando na atualidade, reconstruindo e legitimando uma identidade brasileira que funciona ao modo de estereótipos que, como representações sociais, cumprem a função de eternizar uma característica que parece desde sempre associada ao Brasil e aos brasileiros [...] (CARVALHO, 2013, p. 151)

Desde sua fundação, o *Le Monde* se propôs um jornal analítico e interpretativo. Por vezes é difícil equilibrar imparcialidade e interpretação dos fatos. Segundo Molina (2007), um dos lemas do chefe da seção de política do jornal, Pierre Viansson-Ponté era "dizer a verdade, custe o que custar. Sobretudo se custar". Ele partiria ainda do princípio de que "a objetividade não existe, mas a honestidade, sim" (MOLINA, 2007, p. 34), dando a entender que o foco do jornal era ser honesto, mesmo quando assumia posicionamentos.

Já o *New York Times* é mais baseado na tradição jornalística americana de "objetividade", mas buscou tornar-se mais analítico (MOLINA, 2007, p. 116). O jornal foi bastante criticado pela enorme quantidade de informação oficial, sem interpretação (PAGANOTTI, 2010, p. 46). Segundo Paganotti (2010), foram necessárias "algumas décadas" para que a interpretação dos fatos chegasse às páginas internacionais do NYT. Segundo o autor, durante anos o jornal "focou mais os atos de governos do que as mudanças sociais de seus povos" (PAGANOTTI, 2010, p. 47).

Em sua pesquisa sobre as representações do Brasil no *New York Times*, Paganotti (2010) analisou os textos publicado no jornal pelo correspondente à época, Larry Rohter. O pesquisador conclui que a maioria dos textos reproduzidos no NYT

reproduzem certos estereótipos do país, como a corrupção generalizada, a pobreza, a impunidade, a discriminação e a incompetência. Além disso, o samba e o futebol também são utilizados para representar o país (PAGANOTTI, 2010, p. 170). O autor conclui, portanto, que no *New York Times* a maioria dos textos reproduz imagens cristalizadas sobre o Brasil (PAGANOTTI, 2010, p. 171).

Ao analisar matérias publicadas na imprensa internacional sobre o Brasil às vésperas da Copa do Mundo de 2014, Rossi (2015) chegou a conclusões semelhantes a Paganotti (2010). Apesar do texto escolhido para análise do NYT ressaltar vários aspectos positivos do país (como a democracia e os recursos naturais), apesar de apresentar alguns aspectos negativos, como os problemas sociais. As notícias reproduzem, no entanto, os estereótipos de "paixão pelo futebol" e o improvisado, ou a mania do brasileiro de deixar tudo para a última hora (ROSSI, 2015, p. 688).

Dota (2010) também analisou a cobertura dos aspectos sociais do Brasil feita pelo *New York Times*. Tomando como amostra textos publicados em 2004, durante o segundo ano do primeiro mandato do ex-presidente Lula, os temas publicados envolviam conflitos de terra, rebeliões em prisões, favelamento, questões decorrentes da pobreza ou de dificuldades econômicas do país, desabrigados pela chuva e união entre pessoas do mesmo sexo.

A autora conclui que, no momento da pesquisa, o jornal construiu uma visão predominantemente negativa do país. Os textos enfatizam os conflitos, a violência, o descaso do governo brasileiro, a miséria, a pobreza e as dificuldades econômicas do Brasil, dando prioridade, segundo a autora, aos temas negativos: "A maneira como tais assuntos são engendrados enfatiza, principalmente pelas escolhas lexicais e pela argumentação, um clima de violência, miséria e desorganização do poder público. A imagem que se projeta é, sem sombra de dúvida, desfavorável ao país" (DOTA, 2010, p. 402).

Dessa breve análise podemos concluir que, apesar do prestígio inegável desfrutado pelos dois jornais, ele não se dá sem críticas. Ambos apresentam esforço de reportagem internacional e desejam ser reconhecidos pelas matérias analíticas e em profundidade. No entanto, especialmente no que tange ao Brasil, ambos têm dificuldade em superar estereótipos, ao menos na visão dos pesquisadores citados. Veremos em que

medida alguns desses estereótipos se reproduzem nas coberturas e enquadramentos adotados pelos jornais durante as manifestações de junho de 2013 no país.

CAPÍTULO 4: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Escolhas metodológicas

Uma vez que a pesquisa teve como objetivo principal encontrar os enquadramentos utilizados na cobertura das manifestações de junho de 2013, fizemos um recorte na amostragem dos jornais *The New York Times* e *Le Monde*. Escolhemos o período de maior concentração de notícias, por conta do maior número de manifestações: entre 14/06/2013 e 30/06/2013. Utilizamos as classificações propostas por Silva (2006) e Porto (2004), como explicaremos adiante, e classificamos os textos conforme o gênero e conforme o enquadramento: noticioso ou interpretativo. Em seguida, apresentaremos como foi realizada a Análise de Conteúdo para localizar os enquadramentos noticiosos e os enquadramentos interpretativos, que serão analisados no capítulo seguinte.

a) Quanto à classificação dos textos

Para auxiliar nossa análise, optou-se por classificar os textos segundo gênero. A classificação deu-se de acordo com a proposta de Silva (2006) quando da análise dos enquadramentos adotados na cobertura internacional dos jornais Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil na Guerra do Iraque. Segundo a proposta do autor, os gêneros identificados são: matérias factuais²³, matérias analíticas²⁴, artigos e entrevistas.

b) Quanto à classificação dos enquadramentos

Optamos também por seguir a proposta de Porto (2004) e dividir os enquadramentos entre noticiosos e interpretativos. Como explica o autor, existem na literatura corrente diversos conceitos de enquadramento (TUCHMAN, 1978; GITLIN, 1980; GOFFMAN, 1986; GAMSON; WOLFSFELD, 1993; ENTMAN, 1993, entre outros), que tocam em diversos níveis de análise. Alguns autores distinguem entre enquadramento da mídia, criados pelos jornalistas, e enquadramentos culturais, que

²³ Segundo definição do autor, "textos que possuem *lead*, que significa na língua inglesa 'guia ou o que vem a frente', e consiste basicamente na exposição logo nos primeiros parágrafos das principais informações que estruturam a notícia. Também conhecidos como regra dos seis Q's (que, quem, quando, como, onde e porque)" (SILVA, 2006, p. 92).

²⁴ Segundo definição do autor, matérias em que "privilegiam-se as avaliações e interpretações dos fatos e eventos sobre algum aspecto do conflito em detrimento dos detalhes ou da riqueza de informações" (SILVA, 2006, p. 93).

existem no plano externo aos jornalistas, diga-se na cultura (MAHER, 2001). Vreese (2005) também diferencia entre enquadramentos genéricos (*generic frames*) e enquadramentos específicos (*issue specific frames*), ou seja, aqueles desenvolvidos de acordo com o evento/tema noticiado.

Nelson e Willey (2001) oferecem também uma distinção entre "enquadramentos noticiosos" (*news frames*) e enquadramentos temáticos (*issue frames*) (PORTO, 2004, p. 90). Segundo os autores,

relegados de algum modo pela preocupação com os enquadramentos noticiosos estão os trabalhos sobre os enquadramentos temáticos. A distinção é, admitimos, um pouco obscura, inclusive porque os enquadramentos noticiosos são os portadores mais prováveis dos enquadramentos temáticos. Ainda assim, é importante definir uma linha separando os enquadramentos temáticos que a mídia simplesmente *relata* e aqueles que ela *impõe* a partir de hábito organizacional ou demandas de mercado. Enquadramentos noticiosos, como o de *conflito*, surgem a partir da necessidade de atrair audiência através da ênfase em confrontações exageradamente dramáticas [...] Enquadramentos temáticos têm uma especificidade em termos de conteúdo (ainda que não exclusivamente) e são geralmente formulados por políticos profissionais, anunciantes, porta-vozes, editorialistas, assessores, e outros atores que se preocupam em moldar a opinião pública [...] Enquadramentos temáticos são descrições de problemas e políticas sociais que influenciam o entendimento do público sobre a origem destes problemas e sobre os critérios mais importantes a partir dos quais as soluções propostas devem ser avaliadas (NELSON; WILLEY, 2001, p. 247 *apud* PORTO, 2004, p. 91).

Portanto, enquadramentos noticiosos seriam semelhantes aos "enquadramentos genéricos" propostos por Vreese (2005). Esses enquadramentos "transcendem as limitações temáticas e podem ser identificados em relação a temas diferentes, alguns até mesmo ao longo do tempo e em diferentes contextos culturais" (VREESE, 2005, p. 54, tradução nossa). A título de exemplo, podemos citar o trabalho de Semetko e Valkenburg (2000), que identificou cinco enquadramentos utilizados nos países da Europa para noticiar a política da União Europeia: atribuição de responsabilidade, interesse humano, conflito, moralidade (que faz um julgamento moral) e econômico (SEMETKO; VALKENBURG, 2000, p. 100).

Neste trabalho, utilizaremos a definição proposta por Porto para enquadramentos noticiosos:

Enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos. No jargão jornalístico seria o "ângulo da notícia", o ponto de vista adotado pelo

texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros (PORTO, 2004, p. 91).

Porto afirma ainda que os enquadramentos noticiosos são consequência de escolhas feitas por jornalistas quanto ao que evidenciar em uma realidade percebida (PORTO, 2004, p. 92). A definição do autor aproxima-se também daquela proposta por Gitlin, segundo a qual "enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira" (GITLIN, 1980, p. 7 *apud* PORTO, 2004, p. 80; tradução de Porto). Considerando que enquadramentos da mídia ou noticiosos (ou ainda "genéricos") são padrões gerais, presentes na mídia, consultamos a literatura para identificar os enquadramentos noticiosos que poderiam ser utilizados nessa pesquisa. Eles serão discutidos e nomeados adiante.

O segundo nível de análise diz respeito aos enquadramentos interpretativos. O autor define da seguinte forma:

Enquadramentos interpretativos são padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento etc. Estas interpretações são promovidas por atores sociais diversos, incluindo representantes do governo, partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, associações profissionais. Embora os jornalistas também contribuam com seus próprios enquadramentos interpretativos ao produzir notícias, este tipo de enquadramento tem origem geralmente em atores sociais e políticos externos à prática jornalística. Trata-se aqui de interpretações oriundas de um contexto mais amplo que podem ser incorporados ou não pela mídia (PORTO, 2004, p. 92).

Apesar de serem promovidos principalmente pelas fontes, isso não significa que jornalistas estejam alheios a esse processo. Através da escolha de "aspas", o repórter também pode promover determinadas interpretações em detrimento de outras. Como explica Tuchman (1999, p. 81-82), "os jornalistas veem as citações de opiniões de outras pessoas como uma forma de prova suplementar. [...] Ao acrescentar mais nomes e citações, o repórter pode tirar as suas opiniões da notícia, conseguindo que os outros digam o que ele próprio pensa". As fontes podem ser utilizadas, portanto, para corroborar as opiniões do repórter. No processo de construção da notícia, a seleção de aspas e argumentos funciona também como seleção de interpretações.

Porto (2004) lembra ainda que a pluralidade de interpretações também deve ser indicada, e pode ser "medida" pela pluralidade de enquadramentos interpretativos presentes na cobertura. Como afirma o autor, "o conceito de enquadramento permite entender o processo político como uma disputa sobre qual interpretação prevalecerá na formação, desenvolvimento e resoluções de controvérsias políticas" (PORTO, 2004, p. 93). Portanto, quanto maior a diversidade de enquadramentos, maior a diversidade de "disputas": se vários pontos de vista são apresentados, é possível garantir a pluralidade interpretativa.

4.2 Caminhos metodológicos

4.2.1 Análise de Conteúdo

Neste trabalho, usaremos como metodologia a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin, aplicada à análise de enquadramentos. Como a própria autora explica, essa metodologia se tornou bastante popular a partir dos anos 1960, apesar de não ser de modo algum uma "ciência" inédita: hermenêutica, retórica e lógica são exemplos citados de outras práticas que também se propunham a assumir uma atitude interpretativa diante dos textos (BARDIN, 2011). O fato é que atualmente existem muitas propostas para o que seria a metodologia análise de conteúdo, dentre as quais se destacam a americana e a francesa. Bardin localiza-se nesta última visão e define a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48)

Portanto, a análise de conteúdo se utiliza de técnicas para conseguir extrair do texto em estudo mais informações do que uma primeira leitura, ou uma leitura despreziosa alcançaria. Essa análise procura tornar mais evidente determinados aspectos do texto. Por exemplo, neste trabalho, a análise de conteúdo ajudará a tornar evidentes os enquadramentos utilizados pelos jornais em questão. Uma leitura despreocupada não seria tão eficiente em revelar esse sentido "oculto" do conteúdo.

Além disso, a análise de conteúdo oferece um caminho para chegarmos a essas inferências. Segundo proposta por Bardin, a análise de conteúdo se desdobra em

três fases: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2011, p. 125).

Na primeira fase, realiza-se a organização da pesquisa. Nesta fase ocorrem a escolha dos documentos (caso não seja determinado *a priori*), a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que irão sustentar as inferências. Antes de mais nada, deve-se proceder a uma "leitura flutuante", estabelecendo um primeiro contato com os documentos (BARDIN, 2011, p. 126) para obter as primeiras impressões. Após isso, passa-se à seleção daqueles documentos considerados pertinentes para a pesquisa. Os documentos selecionados devem obedecer às regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Não se pode deixar fora do *corpus* um determinado texto sem uma razão "justificável no plano do rigor" (exaustividade), mas pode-se realizar uma análise em amostras, desde que sejam representativas. Os documentos devem também ser homogêneos, ou seja, obedecer a critérios de escolha que os tornem semelhantes entre si. Finalmente, os documentos escolhidos devem ser pertinentes para os objetivos propostos na pesquisa. Em seguida, ainda na fase da pré-análise e após uma leitura mais atenta, passa-se à fase de elaboração das hipóteses.

Bardin propõe também uma forma sistemática de tratamento da informação. É necessário fazer a "aplicação sistemática das decisões tomadas" na fase anterior (BARDIN, 2011, p. 131). Em primeiro lugar, deve-se codificar a informação, ou seja, transformar os dados brutos do texto em unidades que "permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo" (HOLSTI, 1969, *s/p apud* BARDIN, 2011, p. 133). Nessa fase devemos ainda determinar a unidade de registro (por exemplo: tema, palavra, frase ou mesmo o artigo de jornal como um todo) e as categorias (por exemplo, os temas abordados).

Finalmente, passa-se à última fase: a inferência. Nesta fase o analista procede à análise de fato do material, com apoio nas teorias pertinentes para a pesquisa. É o quadro teórico escolhido que dará sentido à análise e poderá embasar a interpretação. Como explica a autora, essa análise pode centrar-se em um dos elementos constitutivos clássicos da comunicação: a mensagem, o seu suporte, seu emissor ou o receptor (BARDIN, 2011, p. 165). No caso desta pesquisa, centraremos nossa análise apenas na mensagem.

Nossa pesquisa baseia-se na análise de 37 textos, publicados no período de 14/06/2013 a 30/06/2013 nos jornais *The New York Times* e *Le Monde*. O corpus de pesquisa foi montado com consultas à base de dados Eureka.cc, à qual tive acesso durante o período de intercâmbio estudantil na *Université du Québec à Montréal*. Para realizar a busca, foram utilizadas as palavras-chave "Brazil" e "Brésil", no período de 01/06/2013 a 30/06/2013. Foram selecionados todos os textos que tratavam especificamente das manifestações no país em junho de 2013. No total, serão analisados 16 textos do *The New York Times* e 21 do *Le Monde*.

Para realizar a análise, elaboramos um roteiro (disponível no Anexo deste trabalho) levando em consideração alguns aspectos considerados relevantes. Por exemplo, o título, subtítulo e *lead*, por terem destaque no texto, também são importantes para análise de enquadramentos (TANKARD, 2001). As declarações (diretas ou indiretas) das fontes, selecionadas por jornalistas, também têm grande relevância para a pesquisa, bem como o uso de estatísticas (TANKARD, 2001, p. 100). O roteiro foi elaborado tomando por base outros trabalhos na área (GUAZINA, 2001; GUAZINA, 2011; ALVES, 2013).

Após a realização da análise de conteúdo, foram encontrados três enquadramentos noticiosos ("Conflito", "Estratégia/Jogo de Interesses" e "Interesse Humano") e quatro enquadramentos interpretativos ("O retrato do Brasil atrasado", "O gigante acordou", "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'" e "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos"). Os quadros-resumo (apresentados a partir da página 64) indicam os enquadramentos encontrados em cada jornal, bem como os principais termos da análise de conteúdo.

1.2.2 Enquadramentos encontrados

De acordo com a metodologia proposta por Porto, este trabalho dividiu os enquadramentos presentes nos textos entre noticiosos e interpretativos. Os enquadramentos noticiosos, como explicado anteriormente, são usados como uma linha condutora pelos jornalistas, o "ângulo da notícia", como explicou Porto (2004). Dentro dessa definição, foram identificados três principais enquadramentos: "Conflito", "Estratégia/ Jogo de Interesses" e "Interesse Humano"²⁵. Optou-se por utilizar

²⁵ Apesar do título "enquadramento noticioso" sugerir que estes se encontram apenas em notícias ou matérias factuais, esta pesquisa identificou enquadramentos noticiosos também em textos analíticos.

nomenclaturas já presentes na literatura (MATTHES, 2009) para contribuir com a pesquisa de análise de enquadramentos.

Quanto aos enquadramentos interpretativos, foram encontrados quatro principais: "O retrato do Brasil atrasado", "O gigante acordou", "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'" e "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos". Abaixo, seguem definições e noções gerais de cada enquadramento. Estes enquadramentos foram identificados com o auxílio da análise de conteúdo, buscando padrões de interpretações promovidos por fontes e jornalistas, de modo que definissem o problema (no caso, as manifestações de junho de 2013) em questões de "causa", "responsabilidade" e "recomendações". Como explica Entman (1993, p. 52), uma única frase pode promover todas essas funções, enquanto alguns enquadramentos podem não incluir todas.

Com base nessas conceituações, faremos a seguir uma breve definição de cada um os enquadramentos encontrados neste estudo.

1.2.2.1 Enquadramentos noticiosos

a) Conflito

O enquadramento "conflito", muito encontrado na literatura da análise de enquadramentos (SEMETKO; VALKENBURG, 2000; MATTHES, 2009), caracteriza-se pela ênfase nas confrontações, seja físicas ou verbais, entre os atores. Nas palavras de Semetko e Valkenburg (2000, p. 95, tradução nossa) "este enquadramento enfatiza conflito entre indivíduos, grupos ou instituições como meio de captar o interesse do público". Dentro deste enquadramento, optamos por dividir ainda em dois tipos: o conflito entre manifestantes e policiais e o conflito entre manifestantes e políticos. É importante frisar, no entanto, que se trata do mesmo enquadramento.

No caso do conflito entre manifestantes e policiais, este enquadramento foi evidenciado na análise de conteúdo por termos como "confronto", "forças de segurança", "polícia", "prisão" (e termos como prenderam, presos, detidos etc.), "agressão", "gás lacrimogêneo/bala de borracha/spray de pimenta", "repressão" e

De forma semelhante ao que propõem Nelson e Willey (2001), consideramos que os enquadramentos noticiosos são formas mais gerais, presentes em coberturas diversas, ao passo que enquadramentos interpretativos (ou temáticos) são específicos ao tema da cobertura (no caso desta pesquisa, as manifestações de junho de 2013).

"vandalismo", entre outros²⁶. Já o conflito entre manifestante e políticos ficou evidenciado em termos como "culpam líderes", "condenação do governo", "crítica ao Congresso" e em ações dos manifestantes, consideradas como afrontas aos governantes (ocupação de prédios público, vaias, palavras de ordem contra líderes políticos). Fica evidenciado também quando jornais citam a "raiva", "fúria" ou "ódio" dos manifestantes frente aos líderes políticos. Aqui, é importante lembrar a definição de Nelson Willey (2001, p. 247): "os enquadramentos noticiosos são os portadores mais prováveis dos enquadramentos temáticos". Relembramos isso porque, em diversos textos, o conflitos entre manifestantes e políticos aparece associado ao enquadramento "Crise de representação".

b) Estratégia/ Jogo de Interesses

Este enquadramento é caracterizado pelo relato das notícias do âmbito político como um jogo de interesses e de estratégias, enfatizando quem está na frente, "perdendo" ou "ganhando". Muito utilizado durante as campanhas eleitorais, pesquisas apontam que é também cada vez mais encontrado em notícias de eventos políticos em geral (JACKSON, 2011; LAWRENCE, 2000), como as manifestações de junho de 2013. Segundo Jackson (2011, p. 76, tradução nossa), essas notícias enfatizam "as táticas empregadas pelos estadistas ao perseguir objetivos políticos, bem como o seu desempenho, estilos de campanha e batalhas pessoais na arena política, seja durante o mandato, na oposição, ou durante as eleições". Porto (2001, p. 13) afirma ainda que este enquadramento se caracteriza pela cobertura dos eventos "em termos das estratégias e motivações dos políticos e outras elites".

O enquadramento "Estratégia/Jogo de Interesses" ficou evidenciado na nossa análise através de termos como "eleições de 2014", "fragilização de Dilma" e "disputas dentro do PT", entre outros. É evidenciado também no uso de pesquisas para eleições presidenciais e nas estatísticas de aprovação/reprovação da presidenta.

c) Interesse Humano

Este enquadramento caracteriza-se pela ênfase nos "personagens", no caso de manifestantes, em suas características e experiências pessoais. Na definição de Semetko e Valkenburg (2000, p. 95, tradução nossa), "este enquadramento traz um rosto

²⁶ O quadro completo da análise de conteúdo encontra-se no anexo, ao fim do trabalho.

humano ou um ângulo emocional à apresentação de um evento, assunto ou problema". Porto (2001, p. 13) define este enquadramento como a "tendência da mídia de dar preferência a atores individuais e de focalizar eventos a partir de dramas humanos". Novamente, este enquadramento é utilizado para atrair a atenção da audiência (SEMETKO; VALKENBURG, 2000, p. 96).

Na nossa análise, o enquadramento "Interesse Humano" foi identificado na ênfase nas características ou vidas pessoais dos manifestantes, bem como nos tons emotivos utilizados pelos jornais para descrever as ações dos manifestantes. A título de exemplo, podemos citar a matéria do *Le Monde*, do dia 29/06/2013, que descreve um dos manifestantes como alguém que "aproveita a vida plenamente, com a confiança daqueles que aprenderam a saborear cada segundo da existência" (BOURCIER; HOPQUIN, 2013c, p. 21, tradução nossa).

1.2.2.2 Enquadramentos interpretativos

a) O retrato do Brasil atrasado

Como explicado anteriormente, enquadramentos interpretativos oferecem interpretações de eventos políticos *definindo* problemas, *avaliando* sobre *causas* e *responsabilidades* e *recomendendo* soluções (PORTO, 2004, p. 92). Com base nisso, identificamos este enquadramento pela interpretação das manifestações de junho de 2013 como consequência de um atraso geral percebido no país. Tal atraso se daria especialmente no que se refere ao sistema público de serviços (transporte, saúde e educação), mas também no que diz respeito à economia em desaceleração, inflação e a uma alta carga tributária, que não traz retornos para os cidadãos brasileiros.

Na análise de conteúdo, este enquadramento foi evidenciado por termos como "sistema de serviços públicos medíocre/deplorável/miserável", "transporte caro e ineficiente", "falta de estrutura", "infraestrutura pobre", "ausência de políticas públicas", "economia perde fôlego", entre outros termos.

b) O gigante acordou

Este enquadramento interpreta as manifestações de junho de 2013 como um "despertar social", o fim da "letargia" na qual estava o povo brasileiro. Parte do pressuposto que a cultura política brasileira é apática, de baixa participação e que existe uma "maioria silenciosa" no país, que não toma parte nas decisões políticas. Por outro

lado, interpreta as manifestações como a quebra desse paradigma, como uma "explosão" democrática. Faz referências a outras grande manifestações ocorridas no país (Diretas Já e *impeachment* do ex-presidente Collor) e a um povo conformado com sua condição de atraso social.

Na análise de conteúdo, este enquadramento foi evidenciado por termos como "cultura política tolerante com atraso", "finalmente estamos vivos", referência a uma "nova fase de interação" entre políticos e eleitores, e ênfase nos "manifestantes de primeira viagem", que nunca haviam participado de manifestações anteriormente.

c) Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"

Este enquadramento interpreta as manifestações como consequência dos megaeventos esportivos que o Brasil recebeu e receberá, em especial a Copa do Mundo. O enquadramento parte dos estereótipos da "paixão" dos brasileiros pelo futebol e os relaciona aos atrasos percebidos pela população. Quando os "atrasos" percebidos no país foram relacionados com a Copa do Mundo, optamos por localizá-los neste enquadramento (e não em "O retrato do Brasil atrasado"). "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'" foca ainda na existência de dois "Brasis": aquele que os governantes gostariam de mostrar nos megaeventos (com avanços sociais, na educação e na segurança pública) e aquele que *realmente* existe. Na interpretação deste enquadramento, a Copa acabou sendo um "tiro pela culatra" para os governantes: o Brasil "pra inglês ver" não foi entregue durante os eventos esportivos.

Na análise de conteúdo, este enquadramento foi evidenciado pelos termos "Copa do Mundo/Copa das Confederações", "megaeventos esportivos", "atraso das obras", "elefante branco", "supercustos de estádios", "país do futebol", "país onde futebol é rei" e "brasileiros entre razão e emoção", entre outros termos.

d) Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos

Enquadramento muito utilizado, interpreta as manifestações como uma consequência da crise de representação vivida no país. Essa crise seria causada pelos inúmeros casos de corrupção e impunidade dos políticos, bem como uma distância entre os políticos e o povo. O enquadramento evidencia os casos de corrupção como o Mensalão, entre outros crimes praticados por congressistas. Considera ainda a ocupação de prédios e espaços públicos como uma evidência dessa crise, e se utiliza de fontes

para demonstrar a alta rejeição das figuras políticas e dos partidos de todos os espectros. Neste enquadramento, políticos brasileiros são descritos como figuras indignas de confiança, incompetentes, que têm apenas interesses próprios. Este é o único enquadramento que chega a ventilar uma possibilidade de solução: a reforma política.

Na análise de conteúdo, este enquadramento foi evidenciado por termos como "corrupção", "impunidade", "crise", "estruturas políticas tradicionais", "ceticismo", "Mensalão", "condenação do governo" e "desconexão entre população e governantes", entre outros.

A análise de enquadramentos será dividida em enquadramentos noticiosos e interpretativos e por jornal. Assim, iremos analisar todos os enquadramentos noticiosos no *The New York Times*, seguido dos enquadramentos noticiosos presentes no *Le Monde*. Então analisaremos os enquadramentos interpretativos em cada jornal. Todos os 37 textos publicados entre 14/06/2013 e 30/06/2013 foram analisados de acordo com a análise de conteúdo e classificados segundo o gênero, o enquadramentos noticioso (caso haja) e o enquadramento interpretativo (caso haja)²⁷.

No capítulo seguinte, serão apresentadas as matérias que melhor tipificam cada enquadramento, analisadas segundo os títulos, subtítulos e o corpo do texto. Não foram consideradas as imagens nem as legendas das imagens para esta análise. Durante o período de coleta dos materiais, duas matérias do *The New York Times* ("A lecture FIFA didn't need to make e Saying it all by not mentioning soccer) foram incluídas na busca feito pelo Eureka, mas não sabemos se de fato foram publicadas no jornal. Entramos em contato com a redação e aguardamos retorno, mas optamos por mantê-las na análise. Feita a análise segundo os jornais e enquadramentos respectivos, faremos uma breve comparação dos resultados encontrados em cada jornal.

²⁷ O quadro completo de matérias e enquadramentos encontra-se no anexo, ao fim do trabalho.

Quadro 1: Enquadramentos no *The New York Times*

JORNAL	ENQUADRAMENTO	MATÉRIAS	PALAVRAS-CHAVE EXPRESSÕES
THE NEW YORK TIMES	Conflito	<ol style="list-style-type: none"> 1. Bus-Fare Protests Hit Brazil's 2 Biggest Cities 2. Thousands Gather for Protests in Brazil's Largest Cities 3. Protests Grow As Brazilians Blame Leaders 4. Brazil's Leftist Ruling Party, Born of Protests, Is Perplexed by Revolt 5. Brazil Seeks Answers to Protesters' Concerns While Rebuking Some for Unrest 6. Brazil's Vinegar Uprising 7. Despite Assurances by Brazil's President, Protesters Stage Another Day of Demonstrations 8. Public Rage Catching Up With Brazil's Congress 	<p>Confronto com forças de segurança; presos/detidos; gás lacrimogêneo/bala de borracha/spray de pimenta; feridos; danos ao patrimônio; vandalismo; repressão; violência; vândalos (declarações Alckmin); brasileiros culpam líderes; denunciaram líderes; condenação do governo; fúria/raiva/ódio; atos de "vandalismo" em prédios governamentais etc.</p>
	Estratégia/Jogo de Interesses	<ol style="list-style-type: none"> 1. Responding to Protests, Brazil's Leader Proposes Changes to System 2. After Protests, Brazilian President's Popularity Plummets 	<p>Esforço para amenizar protesto; alianças no Congresso; pesquisas de aprovação da presidente (popularidade despenca); críticas de rivais políticos etc.</p>
	Interesse Humano	<ol style="list-style-type: none"> 1. Level of Unrest In Brazil Stuns Even Protesters 	<p>Mayara Vivian se sentiu muito bem; estupefata, sem palavras; olhos turvos devido à falta de sono etc.</p>
	O retrato do Brasil atrasado	<ol style="list-style-type: none"> 1. Thousands Gather for Protests in Brazil's Largest Cities 2. Protests Grow As Brazilians Blame Leaders 3. Social Awakening in Brazil 4. Brazil's Vinegar Uprising 	<p>Inflação; desaceleração da economia; transporte público: ineficiência, superlotação, crimes, caótico, caro; fim do <i>boom</i> econômico; escolas ruins etc.</p>

	O gigante acordou	<ol style="list-style-type: none"> 1. Thousands Gather for Protests in Brazil's Largest Cities 2. Level of Unrest In Brazil Stuns Even Protesters 3. Social Awakening in Brazil 4. Brazil's Vinegar Uprising 	Cultura política tolerante com desigualdades; enfim estamos vivos; as pessoas acordaram; despertar social; maioria silenciosa etc.
	Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"	<ol style="list-style-type: none"> 1. Thousands Gather for Protests in Brazil's Largest Cities 2. Protests Grow As Brazilians Blame Leaders 3. Brazil's Leftist Ruling Party, Born of Protests, Is Perplexed by Revolt 4. Social Awakening in Brazil 5. A Lecture FIFA Didn't Need to Make 6. How Angry Is Brazil? Pelé Now Has Feet of Clay 7. Let Them Eat Soccer 8. Saying It All by Not Mentioning Soccer 	Copa do Mundo; misturando futebol e política; gastos com a Copa do Mundo; elefantes brancos; atrasos em obras; comparações com serviços públicos; jogadores e ex-jogadores (Neymar, David Luiz, Pelé etc.) como heróis; Copa como vitrine para mudanças; referência aos títulos mundiais; futebol como orgulho inigualável, laço comum etc.
	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Protests Grow As Brazilians Blame Leaders 2. Brazil's Leftist Ruling Party, Born of Protests, Is Perplexed by Revolt 3. Level of Unrest In Brazil Stuns Even Protesters 4. Brazil Seeks Answers to Protesters' Concerns While Rebuking Some for Unrest 5. Despite Assurances by Brazil's President, Protesters Stage Another Day of Demonstrations 6. Let Them Eat Soccer 7. Public Rage Catching Up With Brazil's Congress 	Condenação do governo; encurralaram prefeito; invadiram reuniões; referências a "ataques" em prédios públicos como simbólicos (prefeituras, Congresso etc.); povo furioso com os políticos; impunidade dos políticos; políticos perdidos em meio aos protestos; descrença dos brasileiros; referência a crimes cometidos por governantes (crimes políticos, mas também assassinato, sequestro) etc.

Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *The New York Times*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

Quadro 2: Enquadramentos no *Le Monde*

JORNAL	ENQUADRAMENTO	MATÉRIAS	PALAVRAS-CHAVE EXPRESSÕES
LE MONDE	Conflito	<ol style="list-style-type: none"> 1. La contestation sociale enflamme le Brésil 2. La colère sociale met Dilma Rousseff sous pression 	Forças de segurança; invasão a prédios públicos; gás lacrimogêneo; confrontos com a polícia; dispersar; diatribes contra políticos; noite de raiva etc.
	Estratégia/Jogo de Interesses	<ol style="list-style-type: none"> 1. Au Brésil, Dilma Rousseff tente de reprendre la main 2. Brésil: faille sociale et risque politique 3. Au Brésil, la poursuite de la contestation sociale fragilise Dilma Rousseff 4. Dilma Rousseff contrainte de réformer dans l'urgence 	Retomar controle; desejo de afirmar autoridade pessoal; risco político; eleições presidenciais 2014; volta do ex-presidente Lula; críticas à falta de "diplomacia" da presidenta; crise; alianças; acalmar manifestantes etc.
	Interesse Humano	<ol style="list-style-type: none"> 1. Au Brésil, les manifestants restent mobilisés après le recul des autorités 2. La génération Lula, entre agacement et désillusions 3. Après vingt ans d'anesthésie, le réveil! 4. Brésil: une déferlante de revendications 5. Brésil "J'ai mal à mon pays" 	Testa alta e sorriso generoso; taça de vinho na mão; riso exasperado; exegese apaixonada; estupefatos; encantados etc.
	O retrato do Brasil atrasado	<ol style="list-style-type: none"> 1. "Les villes concentrent toutes les inégalités" 2. Brésil: faille sociale et risque politique 3. Brésil: la revolte des citadins 4. Les classes moyennes au coeur de la mobilisation 5. Brésil « J'ai mal à mon pays » 	Falta de infraestrutura; desigualdade; transportes públicos arcaicos/em estado deplorável; abismo entre ricos e pobres; saúde pública em estado deplorável; educação precária etc.

	<p>O gigante acordou</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Au Brésil, les manifestants restent mobilisés après le recul des autorités 2. Les classes moyennes au coeur de la mobilisation 3. Après vingt ans d'anesthésie, le réveil! 4. Brésil: une déferlante de revendications 	<p>Primeira manifestação (dos participantes); anestesia; longo sono etc.</p>
	<p>Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"</p>	<ol style="list-style-type: none"> 2. La crise des transports provoque un début de fronde sociale au Brésil 3. Les dépenses somptuaires en vue du Mondial 2014 ont attisé la frustration de la population 4. Quand la FIFA attise le mécontentement des Brésiliens 5. La population doit tirer profit du Mondial 	<p>Copa do Mundo de 2014; passar imagem de país livre da violência; país onde futebol é rei; efeito contrário do Mundial; má gestão e gastos colossais com estádios; elefantes brancos; templos do futebol e fiel rebanho etc.</p>
	<p>Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. La crise des transports provoque un début de fronde sociale au Brésil 2. La contestation sociale enflamme le Brésil 3. Au Brésil, un mouvement social né en marge des partis politiques 4. La colère sociale met Dilma Rousseff sous pression 5. Au Brésil, Dilma Rousseff tente de reprendre la main 6. La génération Lula, entre agacement et désillusions 7. Brésil: faille sociale et risque politique 8. Dilma Rousseff propose de réformer la Constitution brésilienne 9. Dilma Rousseff contrainte de réformer dans l'urgence 10. Brésil « J'ai mal à mon pays » 	<p>Sem convencer manifestantes; tomada de prédios públicos (símbolo da revolta com governantes); não representam mais; fim da era PT; risco de divórcio; movimento à margem de partidos políticos; sem fé em qualquer partido; desilusão; partidos não têm muito a oferecer; dificuldade em diferenciar partidos; sistema partidário fragmentado; partidos gangrenados por corrupção; corrupção endêmica etc.</p>

CAPÍTULO 5: ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS

5.1 The New York Times

a) Conflito

Este foi o enquadramento noticioso mais usado pelo *The New York Times* (NYT), em oito dos 16 textos publicados. Como explicamos anteriormente no capítulo 3, o enquadramento "Conflito" enfatiza as confrontações entre manifestantes e políticos, ou manifestantes e a polícia. No NYT, foi identificado por palavras-chave como "confronto", "forças de segurança", "bala de borracha/gás lacrimogêneo/spray de pimenta", "vandalismo", "repressão" e "fúria/ódio/raiva", entre outros termos e expressões.

Logo na primeira matéria, no dia 14/06/2013, o repórter abre o texto afirmando que os protestos estavam crescendo no Brasil, "em demonstrações que foram marcadas por confrontos com as forças de segurança" (ROMERO; BARNES, 2013a, p. A8, tradução nossa). O primeiro texto não oferece nenhum enquadramento interpretativo, uma linha de análise que sugira ao leitor possíveis perspectivas sobre as causas mais profundas das manifestações. O texto continua: "Os protestos têm sido notavelmente descontrolados na maior cidade do Brasil, São Paulo, onde policiais prenderam dezenas de manifestantes na quinta-feira à noite" (ROMERO; BARNES, 2013a, p. A8, tradução nossa). Da mesma forma, os atos de vandalismo também foram apontados pelo jornal, mencionando manifestantes que atiraram pedras contra as forças policiais e danificaram igrejas e monumentos históricos no Rio de Janeiro.

O conflito entre manifestantes e os governantes também serviu de "ângulo" para a notícia, que menciona a fala do governador Geraldo Alckmin ao classificar os manifestantes de "vândalos" e "baderneiros" (ROMERO; BARNES, 2013a, p. A8, tradução nossa). Da parte dos manifestantes, uma fonte fecha a matéria afirmando que "existe uma tentativa de fazer aqueles que vão aos protestos parecerem arruaceiros para nos desacreditar" (ROMERO; BARNES, 2013a, p. A8, tradução nossa).

As matérias dos dias 18/06/2013, 19/06/2013 e 20/06/2013 também usam este enquadramento. Na primeira, o texto cita "grupos e indivíduos enfurecidos", "forte repressão policial" e a ação policial, marcada por agressões a manifestantes desarmados,

tiros de bala de borracha e gás lacrimogêneo (ROMERO; RAMÓN; BARNES, 2013, p. A5, tradução nossa). Uma manifestante reafirma a violência policial, e o texto passa a citar os casos de Belo Horizonte, Porto Alegre e do Rio de Janeiro, onde a televisão mostrou "manifestantes mascarados tentando invadir prédios públicos, incluindo a Câmara Legislativa estadual, parte da qual foi incendiada" (ROMERO; RAMÓN; BARNES, 2013, p. A5, tradução nossa).

Na segunda matéria (19/06/2013), o foco dos conflitos é entre manifestantes e políticos. A matéria, intitulada "Protestos crescem enquanto brasileiros culpam líderes" (ROMERO; BARNES, 2013b, tradução nossa), demonstra a fúria dos manifestantes, que estavam nas ruas "extravasando sua ira contra a corrupção política", em uma "convulsão que pegou muitos no Brasil afora de surpresa" (ROMERO; BARNES, 2013b, p. A1, tradução nossa). O título da matéria já demonstra uma clara oposição entre o "povo brasileiro" e os políticos, e esse conflito será reforçado no texto com o enquadramento interpretativo escolhido (Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos). Os ataques dos manifestantes a prédios públicos e representantes do poder indicam essa oposição:

Abalados pela maior desafio à sua autoridade em anos, os líderes do Brasil fizeram gestos conciliatórios na terça-feira para tentar acalmar os protestos que estão tomando as cidades do país. Mas os manifestantes permaneceram desafiadores, saindo às ruas aos milhares e extravasando sua ira sobre a corrupção política, o alto custo de vida e os enormes gastos públicos para a Copa do Mundo e as Olimpíadas. [...] As demonstrações começaram inicialmente como uma fúria contra o aumento nas passagens de ônibus, mas, como em muitos outros movimentos de protesto nos últimos anos - na Tunísia, no Egito ou, mais recentemente, na Turquia - rapidamente evoluíram para uma mais ampla *condenação do governo*. [...] Em Juazeiro do Norte, manifestantes *encurralaram o prefeito dentro de um banco por horas e exigiram seu impeachment*, enquanto outros milhares protestaram pelos salários dos professores. No Rio de Janeiro, milhares protestaram em uma área arenosa longe dos luxuosos bairros à beira-mar da cidade. Em outras cidades, os manifestantes bloquearam estradas, *invadiram reuniões de conselho da cidade ou interromperam sessões de legisladores locais, batendo palmas e, por vezes, tomando o microfone* (ROMERO; BARNES, 2013b, p. A1, grifo nosso, tradução nossa).

No dia 20/06/2013 o jornal segue linha similar à da matéria anterior. "Partido de esquerda no poder no Brasil, nascido de protestos, está perplexo com a revolta" (ROMERO; NEUMAN; DOWNIE, 2013, tradução nossa) mostra a fúria dos manifestantes contra o prefeito Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT):

Uma semana depois [das primeiras manifestações], o prefeito [...] estava enfurnado em seu apartamento enquanto dezenas de manifestantes se reuniam do lado de fora e outros quebravam janelas do prédio do seu escritório, furiosos porque ele havia se recusado a reunir-se com eles, muito menos render-se à demanda para revogar um controverso aumento da tarifa de ônibus (ROMERO; NEUMAN; DOWNIE, 2013, p. A8, tradução nossa).

O enquadramento aparece novamente na matéria publicada no dia 22/06/2013, quando os manifestantes "execraram o governo em uma ampla gama de questões" (ROMERO; NEUMAN; RAMÓN, 2013, p. A7, tradução nossa). Apesar de mencionar que "a maioria dos manifestantes expressou suas frustrações pacificamente" (ROMERO; NEUMAN; RAMÓN, 2013, p. A7, tradução nossa), o texto dá mais espaço aos atos de violência e vandalismo que às manifestações pacíficas. A rápida escalada da violência é demonstrada nas falas do secretário de Segurança do Rio de Janeiro, que ventilou a possibilidade de chamar o Exército para "proteger a integridade do povo e a propriedade pública e privada" (ROMERO; NEUMAN; RAMÓN, 2013, p. A7, tradução nossa). A matéria cita ainda a morte de duas pessoas, uma em Ribeirão Preto e outra em Belém.

Na matéria do dia 23/06/2013, o conflito aparece novamente, tanto entre manifestantes e policiais, quanto entre manifestantes e líderes políticos. O primeiro caso é evidenciado em novos confrontos com a polícia, que usou gás lacrimogêneo para conter os manifestantes, e em novos atos de vandalismo. O segundo aparece logo no primeiro parágrafo, quando manifestantes "recusaram violentamente o esforço da presidente Dilma Rousseff" (NEUMAN; ROMERO; RAMÓN, 2013, p. A8, tradução nossa) em responder às demandas.

No dia 28/06/2013, "Fúria pública alcança Congresso brasileiro" (ROMERO; JORDAN; MORICONI, 2013, p. A1, tradução nossa) mostra a escalada do conflito entre manifestantes e políticos. Já no título, a matéria expressa as animosidades dos protestos reservadas aos congressistas. A matéria continua:

"Em todo o país, manifestantes continuam tomando as ruas aos milhares, extravasando seu ódio contra uma ampla gama de políticos e problemas, incluindo altos impostos e serviços públicos deploráveis. *Mas uma ira especial foi reservada para o Congresso e sua propensão a abrigar dezenas de legisladores [...] acusados [...] de crimes como lavagem de dinheiro, corrupção, tráfico de drogas, sequestro e assassinato [...]* 'O Congresso é, sem dúvida, a instituição mais desprezada no Brasil', disse Maurício Santoro, cientista político. 'Grande parte desse ódio deve-se ao fato do Congresso ter uma tradição de prevenir que seus membros

condenados por crimes cheguem a ser presos". [...] "Esses lobos, aquele lixo lá, eles roubam o povo, se banqueteam com a carne do povo com roubo de dinheiro público destinado a fazer coisas para nós", disse Caio Fabio de Oliveira, 45 anos, um funcionário público no Ministério da Saúde, que estava entre os manifestantes contra o Congresso esta semana na capital, Brasília. "É uma vergonha para o povo brasileiro, eu trabalho para o governo, e me sinto envergonhado todos os dias." (ROMERO; JORDAN; MORICONI, 2013, p. A1, grifo nosso, tradução nossa).

b) Estratégia/ Jogo de Interesses

O enquadramento "Estratégia/Jogo de Interesses", como explicamos no capítulo anterior, caracteriza-se pelo relato das notícias e temas do mundo político a partir de um ângulo de "jogo", com ênfase nas estratégias empregadas por governantes e outras elites para alcançar objetivos políticos, bem como nos resultados (quem está "perdendo" ou "ganhando"). No *The New York Times*, encontramos duas matérias com este enquadramento, identificado na análise de conteúdo a partir de expressões como "alianças no Congresso", "popularidade despenca", "eleições 2014" e pelo uso de estatísticas de aprovação da presidenta.

Com o agravamento do que o NYT percebe como "crise política", muitas das ações tomadas pelos governantes são vistas como estratégias do jogo político. A questão fica mais evidente por conta das eleições presidenciais de 2014, e os movimentos da presidenta Dilma Rousseff são muitas vezes interpretados como estratégias visando as presidenciais.

Após o discurso da presidenta na reunião com governadores e prefeitos, quando foram anunciadas as cinco medidas em respostas às demandas apresentadas nas manifestações, o NYT publicou no dia 25/06/2013 a matéria "Respondendo aos protestos, Líder do Brasil propõe mudanças no sistema" (ROMERO, 2013b, p. A9, tradução nossa). As propostas da presidenta foram descritas como "relativamente conciliatórias", sugerindo um "esforço para amenizar as preocupações dos manifestantes" (ROMERO, 2013b, p. A9, tradução nossa). Entre as proposições, a de realizar um plebiscito para a reforma política foi descrita como uma "jogada que pode sacudir as alianças do Partido dos Trabalhadores no Congresso" (ROMERO, 2013b, p. A9, tradução nossa).

As eleições de 2014 são abordadas diretamente na matéria do dia 30/06/2013, intitulada "Após protestos, popularidade da presidente despenca" (ROMERO, 2013c, p. A8, tradução nossa). Utilizando dados da pesquisa realizada pelo

Datafolha, a matéria afirma que a queda na popularidade da presidenta "reflete a crescente raiva contra o governo" (ROMERO, 2013c, p. A8, tradução nossa). A pesquisa poderia ainda "levantar dúvidas quanto ao que poderá acontecer nas eleições presidenciais do próximo ano. Até as revoltas, ela desfrutava de índices de aprovação resistentemente altos, o que fazia dela uma favorita para a reeleição" (ROMERO, 2013c, p. A8, tradução nossa). Enquanto isso, políticos da oposição aumentavam as críticas ao governo, segundo o jornal, indicando que o governo estava agora "na defensiva".

c) Interesse Humano

Como dito anteriormente, o enquadramento "Interesse Humano" se caracteriza pelo uso de "personagens", ou seja, ênfase nos aspectos pessoais de uma fonte, bem como pelo tom emotivo. Apenas uma matéria no *The New York Times* usou este enquadramento.

Apesar das manifestações não apresentarem lideranças que pudessem ser usadas neste enquadramento, a matéria do dia 21/06/2013 conta a história de Mayara Vivian, uma das participantes do Movimento Passe Livre. O texto começa pela perspectiva da estudante, uma das organizadoras dos protestos:

Apenas algumas semanas atrás, Mayara Vivian se sentiu muito bem quando algumas centenas de pessoas apareceram para um protesto que ela ajudou a organizar para ridicularizar o governo por conta de uma proposta de aumento da tarifa de ônibus. Ela tenta levar os brasileiros às ruas desde 2005, quando tinha apenas 15 anos, e a essa altura pensava que já sabia o que esperar. Mas, quando dezenas de milhares de manifestantes lotaram as ruas esta semana, sacudindo cidades em todo o país em um ajuste de contas como esta nação não tinha experimentado em décadas, ela estava estupefata, sem palavras para explicar como isso poderia ter acontecido. "Cem mil pessoas, nós nunca teríamos imaginado", disse Vivian, uma das fundadoras do Movimento Passe Livre, que ajudou a iniciar os protestos que estão dominando o Brasil. "É como a tomada da Bastilha." [...] Vivian, atualmente estudante de geografia e garçonne, com os olhos turvos devido à falta de sono depois de dias de protestos contínuos, riu quando pensou em seus primeiros dias de organizadora: "Em 2005, nós éramos um bando de adolescentes que nunca haviam organizado qualquer tipo de demonstração." (ROMERO; NEUMAN; BARNES, 2013, p. A1, tradução nossa).

Percebe-se o tom emotivo da história, partindo da ótica extremamente pessoal de uma das fontes. Mayara Vivian é a "personagem" que dá o tom da matéria, conta sua história envolvendo o Movimento Passe Livre e sua trajetória particular que permitiu os acontecimentos. Por esse motivo, o uso desse enquadramento é considerado

por muitos autores (GITLIN, 1980; BOYKOFF, 2006) prejudicial para a cobertura de protestos e manifestações, justamente por diminuir eventos de grande profundidade interpretativa à perspectiva de uma única fonte.

5.2 Le Monde

a) Conflito

Como explicado anteriormente, o enquadramento "Conflito" é caracterizado pela ênfase nos confrontos ocorridos durante as manifestações, seja entre manifestantes e policiais, seja entre manifestantes e políticos. O *Le Monde* utilizou o enquadramento em duas das matérias publicadas. As palavras-chave encontradas foram "forças de segurança", "invasão", "bala de borracha/gás lacrimogêneo/spray de pimenta", "confrontos com a polícia", entre outras.

A primeira matéria do jornal a utilizar o enquadramento foi publicada no dia 19/06/2013. O título, "A contestação social inflama o Brasil" (BOURCIER, 2013b, p. 2, tradução nossa), já demonstra que os ânimos estavam elevados no país. Em São Paulo, a manifestação foi descrita como "violentamente reprimida pela polícia", e "confrontos ocorreram tarde da noite em frente ao palácio do governador do estado de São Paulo" (BOURCIER, 2013b, p. 2, tradução nossa). Novamente, apesar de frisar que os atos violentos vinham de uma minoria, a matéria dedica mais espaço à descrição do conflito que às manifestações pacíficas:

Pouco antes da meia-noite, um pequeno grupo de cerca de 30 pessoas, lançando coquetéis Molotov e pedras contra o parlamento do estado do Rio, entrou pelas janelas no prédio, surpreendentemente pouco vigiado pelas forças de segurança, enquanto a maior parte da manifestação permanecia reunida pacificamente fora do teatro municipal. As forças anti-motim dispersaram-nos no meio da noite. 20 policiais e sete manifestantes ficaram feridos durante os confrontos. [...] Em Belo Horizonte, onde acontecia um jogo da Copa das Confederações [...], a manifestação terminou em confusão e tiros de gás lacrimogêneo. Um homem caiu de um viaduto (BOURCIER, 2013b, p. 2, tradução nossa).

Além dos confrontos com a polícia, a matéria também enfatizou o conflito entre manifestantes e políticos, evidenciado pela ocupação do teto do Congresso na noite anterior:

Um dos pontos altos da noite foi certamente o momento em que um grupo de jovens - eram cerca de 200 - subitamente investiu sobre o teto do Parlamento nacional em Brasília, sob os olhares incrédulos dos policiais. Uma imagem forte e simbólica daquela noite de raiva, que ultrapassou em

muito a questão do aumento nos transportes. Desde a rampa de acesso e no grande gramado de frente para as portas do edifício futurista projetado pelo arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, as cerca de dez mil pessoas vaiaram durante toda a noite uma parte dos eleitos, entoando suas diatribes em estrofes do hino nacional (BOURCIER, 2013b, p. 2, tradução nossa).

No dia 22/06/2013, após as históricas manifestações do dia 20/06/2013, a matéria "Fúria social coloca Dilma Rousseff sob pressão" (BOURCIER; HOPQUIN, 2013a, p. 2, tradução nossa) também evidenciou os confrontos com a polícia. Segundo o jornal, como a expansão das manifestações veio também o aumento dos casos de violência:

Em alta igualmente está o número de confrontos com a polícia, deixando dezenas de feridos e um morto. Marcos Delefrate, 18 anos, faleceu depois de ser atropelado por um carro em Ribeirão Preto, a 300km de São Paulo. De acordo com um vídeo postado pelo jornal Folha de S. Paulo em seu site, o veículo tentou forçar a passagem pelo meio de um grupo de manifestantes, derrubando várias pessoas, inclusive a vítima. Em Salvador da Bahia, confrontos violentos explodiram entre uma parte dos 20 mil manifestantes e as forças de ordem despachadas em grande número. Em Brasília, onde 30 mil pessoas se encontravam na esplanada dos Ministérios, os afrontamentos iniciaram no momento em que alguns manifestantes entraram no Itamaraty [...]. [No Rio de Janeiro] Os primeiros confrontos começaram tarde da noite, em frente ao prédio da prefeitura, situado a apenas dois quilômetros do mítico estádio Maracanã. A polícia atirou bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha contra os grupos de manifestantes. As cenas de violência se multiplicaram em seguida pelos bairros da Lapa, Glória e Cinelândia. Pelo menos 40 pessoas foram presas (BOURCIER; HOPQUIN, 2013a, p. 2, tradução nossa).

b) Estratégia/ Jogo de Interesses

O enquadramento "Estratégia/Jogo de Interesses" foi usado em quatro matérias publicadas no *Le Monde*, enfatizando as ações da presidenta e do governo para "conter" a fúria das ruas e evitar possíveis consequências negativas para as eleições de 2014. As palavras-chave e expressões encontradas foram: "retomar controle", "risco político", "afirmar autoridade pessoal", "volta do ex-presidente Lula", entre outras.

No dia 24/06/2013, a matéria "No Brasil, Dilma Rousseff tenta retomar o controle" (BOURCIER, 2013f, p. 3, tradução nossa) já demonstra no título as supostas motivações da presidenta ao anunciar as cinco medidas: com a situação fora de controle, a governante precisou apaziguar os manifestantes, ainda que sem sucesso, segundo o jornal.

"Ordem e progresso". A divisa da bandeira brasileira inspirada por Auguste Comte nunca impregnou tanto o discurso da presidente Dilma

Rousseff. Sexta-feira, 21 junho, em seu primeiro discurso à nação desde o início da agitação social que está varrendo o país desde 13 de junho, a chefe de Estado comprometeu-se a "ouvir as vozes da rua" e assegurar, com firmeza, "a segurança". No dia seguinte a uma mobilização histórica, quando mais de um milhão de pessoas marcharam pelas ruas de uma centena de cidades, o discurso de dez minutos passou a imagem de uma presidente buscando retomar o controle depois de ser pega de surpresa por esta onda de indignação. Em um claro desejo de afirmar sua autoridade pessoal, ela alternou uma série de propostas mais ou menos específicas, ao mesmo tempo em que criticou repetidas vezes os atos de vandalismo. Ela avisou que não iria tolerar que uma "minorias violenta e autoritária manche um movimento democrático e pacífico," destruindo "os bens públicos e privados" (BOURCIER, 2013f, p. 3, tradução nossa).

Como se percebe, a intenção da presidenta ao propor tais medidas seria reafirmar sua autoridade, abalada pelas manifestações. Como cita o jornal, segundo uma pesquisa do Datafolha, a avaliação da presidenta frente ao movimento estava muito ruim entre os manifestantes. O discurso em rede nacional seria, portanto, uma estratégia para recuperar o controle.

No dia 25/06/2013, o jornal publicou editorial intitulado "Brasil: ruptura social e risco político" (BRÉSIL..., 2013, p. 4, tradução nossa). O risco, no caso, não seria para o país, mas para o PT, visto que as manifestações tinham o potencial de mudar o cenário das eleições de 2014:

No Brasil, a persistente agitação social, que começou em 13 de junho, está se transformando em uma crise política. A contestação dos partidos, gangrenados pela corrupção, e a revolta contra a mediocridade dos serviços públicos, indignos de uma potência emergente, já alteraram as perspectivas da eleição presidencial de 2014. Apesar de uma popularidade relativamente elevada, a reeleição da presidente Dilma Rousseff não é mais garantida. Dentro de sua formação, o Partido dos Trabalhadores (PT, esquerda), a corrente que nunca aceitou que ela fosse escolhida para suceder Luiz Inácio Lula da Silva levanta sua cabeça. Os "lulistas" históricos defendem o retorno do ex-presidente carismático, em vez de uma chefe de Estado que provou ser muito técnica, não suficientemente política ou diplomática (BRÉSIL..., 2013, p. 4, tradução nossa).

O editorial adiciona ainda outro aspecto ao enquadramento: os jogos políticos que acontecem dentro dos partidos políticos, especialmente do PT. A presidenta é avaliada como o oposto do ex-presidente Lula: enquanto este é carismático, político e diplomático, a presidenta não consegue negociar com os partidos aliados nem tem "jogo de cintura" na política. Essa ideia fica mais clara em outras matérias, mas também já havia sido demonstrada em outras pesquisas sobre o jornal *Le Monde* (FERNANDES, C., 2013).

A mesma ideia perpassa a matéria publicada no mesmo dia, intitulada "No Brasil, a contínua contestação social fragiliza Dilma Rousseff", e com subtítulo "Uma parte da esquerda exige o retorno do ex-presidente Lula para as presidenciais de 2014" (BOURCIER, 2013g, p. 4, tradução nossa):

Após a pior semana conhecida pela coalizão governamental de centro-esquerda, a presidente Dilma Rousseff teve de resignar-se a criar um gabinete informal de crise e quebrar seu isolamento em Brasília. A mão que ela estendeu aos manifestantes na sexta-feira, em seu primeiro discurso televisionado para estabelecer um cronograma de reuniões com os diversos atores do movimento, foi bem recebida por seus aliados. Este gesto também foi visto como uma tentativa de sufocar, nos mais altos círculos do poder, uma corrente favorável ao retorno do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, seu antecessor e mentor, para a eleição presidencial de 2014 (BOURCIER, 2013g, p. 4, tradução nossa).

Aqui, novamente, o jornal deixa a ideia de uma presidenta pouco adepta à diplomacia, "acuada" e obrigada a criar um "gabinete de crise" para conter seus próprios partidários, contrários à sua candidatura à reeleição. Não apenas isso, como também o discurso proferido foi visto como uma mensagem para essa corrente favorável ao retorno do ex-presidente Lula. Essas informações de "bastidores", que tentam mostrar o mundo político ao leitor, reforçam a ideia da política como um jogo de interesses, ataques e contra-ataques, onde tudo tem um propósito estratégico. Por conta disso, este enquadramento por vezes aparece associado ao enquadramento interpretativo "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos".

Finalmente, no dia 28/06/2013, em artigo intitulado "Dilma Rousseff pressionada a reformar com urgência" (MONCLAIRE, 2013, p. 16, tradução nossa), a proposta da reforma política é analisada como uma estratégia para acalmar os ânimos dos manifestantes:

Para acalmar as ruas e na esperança de estabilizar uma situação cujo controle lhe escapa, a presidente Dilma Rousseff multiplica as iniciativas. Muitas delas consistem em receber líderes militantes de coletivos que iniciaram as recentes mobilizações. A presidente do Brasil quer mostrar que está ouvindo os manifestantes. Mas estas breves reuniões, por agora, têm prejudicado a sua imagem mais do que ajudado. Pois os jovens aprendizes líderes do movimento têm confiado à imprensa como Rousseff parece pouco familiarizada com os problemas concretos para os quais eles queriam atrair sua atenção, enfrentados por milhões de brasileiros. Este tipo de crítica corrói ainda mais a representação habitual e legitimadora de uma Dilma Rousseff competente e compassiva, que ela emana de personalidades que desfrutam de um forte capital de simpatia entre os manifestantes. Essas reuniões também têm a desvantagem de objetivar e piorar a baixa representação dos partidos, já que a presidente não julgou necessário consultar publicamente seus líderes desde o início

da crise. Os manifestantes não se identificam com os partidos existentes, e desvalorizá-los, como tende a fazer Dilma Rousseff, é pouco inteligente quando ela precisa do apoio do Congresso (MONCLAIRE, 2013, p. 16, tradução nossa).

A "crise" política é por vezes limitada às disputas partidárias, e aqui novamente aparece a imagem da presidenta como uma política pouco hábil, que não sabe lidar com seus aliados. As "iniciativas" propostas pela presidenta também são interpretadas como mera estratégia para conter a situação nas ruas, uma situação sobre a qual ela não tem controle. Como dito anteriormente (CAPPELLA; JAMIESON, 1997), esse enquadramento que limita a política a jogos de estratégia tende a alimentar o ceticismo dos cidadãos, agravando ainda mais a crise de representação vivenciada em várias democracias do mundo, como explicado no capítulo de contextualização.

c) Interesse Humano

Este foi o enquadramento noticioso mais utilizado pelo *Le Monde*, em cinco matérias. Como dito anteriormente, o enquadramento "Interesse Humano" foca em uma fonte, também chamada "personagem", para contar a história. O jornal *Le Monde* demonstra uma certa preocupação em identificar os manifestantes (de qual classe vêm, como pensam, qual seu alinhamento político etc.), e essa preocupação transparece nesse tipo de cobertura. Especialmente neste jornal, esse enquadramento é marcado por comentários e fala sentimentais e emotivas, metáforas que ilustram os dramas e as vidas pessoais das fontes/personagens. As palavras-chave e expressões encontradas na análise de conteúdo foram: "testa alta e sorriso generoso", "riso exasperado", "exegese apaixonada", entre outras.

No dia 21/06/2013, na matéria "No Brasil, manifestantes continuam mobilizados mesmo após recuo das autoridades" (BOURCIER, 2013e, p. 5, tradução nossa), o personagem utilizado é Diogo Grael, um jovem de 19 anos:

A testa alta e o sorriso generoso, Diogo Grael veio juntar-se, na quarta-feira (19 de junho), aos milhares de manifestantes de sua cidade de Niterói, em frente ao Rio de Janeiro, do outro lado da Baía de Guanabara, para participar, como todos os dias há pouco menos de uma semana, da enorme agitação social que incendeia o Brasil. Para este jovem estudante de Administração, é a primeira vez: ele nunca havia participado em qualquer reunião antes deste movimento, iniciado em São Paulo após o anúncio de um aumento de preço nas passagens de transporte. "É a primeira vez que vejo os brasileiros juntos, diz ele, sem ser no carnaval ou no futebol." Quando um representante da Câmara Municipal pega um microfone para anunciar que o Município iria baixar os preços das passagens de ônibus, Diogo inicialmente gritou de alegria e aplaudiu com

a multidão. Antes de afirmar em coro: "A luta continua". "Nós não podemos parar por aqui, explica ele. Todo mundo sabe que as nossas reivindicações vão além do aumento do preço dos transportes. Há ainda muito a fazer para combater a corrupção e recuperar um serviço público digno desse nome " (BOURCIER, 2013e, p. 5, tradução nossa).

Como vemos nessa primeira matéria, o texto começa do particular para entrar no geral. Através do drama ou da experiência da fonte, o jornalista traça o perfil das manifestações que aconteciam no Brasil.

Novamente, no dia 24/06/2013, o jornal utiliza o enquadramento para explicar as angústias e o "mal-estar" dos brasileiros. Em "A geração Lula, entre irritação e desilusões" (HOPQUIN, 2013a, p. 3, tradução nossa), o jornal mostra um grupo de jovens da classe média, desiludido com a situação no país:

Religiosamente, uma taça de vinho argentino na mão, eles assistiram na televisão Dilma Rousseff na sexta-feira, 21 de junho. Eles ouviram em silêncio os argumentos da presidente do Brasil, seus apelos maternais à razão. Mas quando ela falou sobre as ameaças que pesavam sobre a organização da Copa do Mundo de 2014 e recordou os cinco títulos da Seleção nesta competição, eles não puderam suprimir um riso exasperado diante da chantagem. No ponto final, eles desligaram a TV e embarcaram em uma exegese apaixonada, gritando como só os amigos de verdade podem fazer. Ana Cecília, Lucas, Sahba, Andrea e Daniel têm entre 25 e 28 anos. Estes jovens diplomados trabalham, e têm bons empregos: engenheiro, médico, consultor. Eles tiraram proveito do boom econômico. "Eu tive a sorte de viver sempre com esperança", Lucas concorda. "Somos uma geração privilegiada", opina Daniel (HOPQUIN, 2013a, p. 3, tradução nossa).

O texto continua com outros exemplos e opiniões emotivas dos entrevistados, que se mostram desencantados com a política (o texto será revisitado na análise dos enquadramentos interpretativos).

No dia 28/06/2013, foi publicado um artigo de Julián Fuks, escritor brasileiro, intitulado "Após 20 anos de anestesia, o despertar!" (FUKS, 2013, p. 17, tradução nossa). De cunho bastante pessoal, o texto parte das impressões do autor sobre os acontecimentos em uma das manifestações na qual ele participou:

Andamos pelas ruas aos milhares, às dezenas ou centenas de milhares, não sabemos quantos somos. É somente quando um grupo grita que ocupamos, pelo menos, quatro das maiores avenidas de São Paulo, e que outros de nós ocupam o centro do Rio de Janeiro, que um de nossos tentáculos conquistou o Congresso Nacional [Parlamento brasileiro, localizado em Brasília], é apenas quando ouço esses exageros de euforia que recupero a consciência de que formamos um só corpo, um corpo que paralisou o país, ou pelo menos um grande número de suas capitais. Somos uma multidão convocada pelo precioso poder das redes sociais, que agora permeia as ruas em uma gigantesca marcha proteica. Não há

unidade entre nós, sabemos que nunca haverá unidade entre centenas de milhares de pessoas, mas uma bandeira flutua sobre a cabeça de todos os desfiles, um objetivo concreto e pré-determinado: a queda do preço dos transportes públicos e, especificamente, a anulação de um novo aumento do preço dos transportes públicos, fazendo sequência a uma série de aumentos que tem imobilizado as classes mais pobres. [...] Durante um daqueles longos silêncios que às vezes tomam conta de nós, um manifestante um pouco mais exaltado nota que nós refletimos sobre a face de um grande edifício com paredes de vidro. Por um momento, estamos estupefatos com nosso próprio tamanho, encantados por esta visão: a avenida, sempre lotada com a frieza das caixas de metal, com carros sem expressão que veem sua própria imagem apenas imobilizada, é agora ocupada por milhares de homens e mulheres. Tomamos de volta a cidade que nos foi usurpada por máquinas, e percebemos o erro de julgamento que fizemos ainda há pouco: nós não tínhamos paralisado a cidade, esta cidade sempre em trânsito. Ela nunca tinha sido tão móvel, tão viva como agora (FUKS, 2013, p. 17, tradução nossa).

O enquadramento é novamente utilizado na matéria publicada no dia 29/06/2013, com o título "Brasil: 'Me sinto mal pelo meu país'" (BOURCIER; HOPQUIN, 2013c, p. 21, tradução nossa). O texto trata novamente do "mal-estar" dos manifestantes em relação ao Brasil, não apenas em questões isoladas, mas de todo um contexto social e estrutural, revelado durante as manifestações. O jornalista usa dois exemplos: Pablo de Amorin Ribeiro, da classe "média baixa" e a família Pacito, da classe "média alta", em uma tentativa de mostrar quão representativas são as manifestações:

Eles estavam na maré humana que tomou há mais de uma semana as ruas do Brasil. Como mais de um milhão de compatriotas, com o apoio de três de quatro cidadãos, segundo as pesquisas, eles protestaram contra um sistema político equivocados. Pablo Amorin Ribeiro e a família Pacito são membros sintomáticos desse movimento social que atravessa categorias, estudantes, classe média, pequena burguesia, esquerda e direita misturados em uma revolta em massa. No Rio de Janeiro, na última quinta-feira, o jovem Pablo tinha amarrado um lenço em torno de sua cintura antes de sair de casa. Não que ele esteja habituado a confrontos contra a polícia - ele nunca havia manifestado antes - mas as cenas de violência a golpes de gás lacrimogêneo causadas por alguns membros das forças de segurança, observadas na TV e nas redes sociais desde o início das manifestações, levou-o a se prevenir, "nunca se sabe", ele sorri. Aos 24 anos, Pablo faz parte da "geração Facebook", como ele diz, há quase oito anos, um terço de sua jovem vida. Pai dentro de alguns meses do primeiro filho, ele aproveita a vida plenamente, com a confiança daqueles que aprenderam a saborear cada segundo da existência. [...] Em São Paulo, na mesma quinta-feira, a família Pacito estava um pouco surpresa ao perceber-se no meio da enorme massa que tomou conta da avenida principal da cidade. Paulo, 50, e sua esposa, Dialze, 49, nunca manifestaram. Estas queixas coletivas em vias públicas, isso não está realmente nos costumes da pequena burguesia brasileira a qual pertencem. Eles se sabem "privilegiados" e, como tal, constrangidos pela decência a se calar. Jamais lhes ocorrera a ideia de vir sem a insistência de Luiza, 17, sua única filha. "Eu chorei tanto que eles cederam". "Tudo

bem, vamos todos", decretou então Paulo. Diailze escreveu um slogan no papelão para contar sua insatisfação com a corrupção e partiram todas as três rumo à Avenida Paulista. Dois dias mais tarde, voltando para casa, em seu prédio superprotegido no bairro bem frequentado do Palmeiras, o metro quadrado a 3800 euros, explicam as razões para tal revolta. Eles estão felizes por terem ido contra sua natureza e estado lá, em meio a 100.000 outros, a gritar seu descontentamento com um sistema político que não faz sentido. "Eu estava perdida no meio da multidão, mas eu tive pela primeira vez a impressão de contar, de ser ouvida", diz Luiza. Eles tiveram que fazê-lo. Eles contam o porquê (BOURCIER; HOPQUIN, 2013c, p. 21, tradução nossa).

O enquadramento "Interesse Humano" foi o mais utilizado no jornal *Le Monde*, em seis textos. Os textos buscam "dar um rosto" às manifestações, demonstrar aos leitores quem são os participantes dos protestos. Como explicamos anteriormente, no entanto, esse enquadramento pode diminuir as interpretações e análises do movimento, e impedir que os manifestantes passem a mensagem principal à sociedade (GITLIN, 1980).

CAPÍTULO 6: ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS

6.1. The New York Times

a) O retrato do Brasil atrasado

O enquadramento "O retrato do Brasil atrasado" interpreta as manifestações de junho de 2013 como consequência de um conjunto de problemas do Brasil, identificados nas palavras-chave "inflação", "fim do *boom* econômico", "transporte público caótico", "escolas ruins", dentre outras. Este enquadramento foi usado em quatro textos no *The New York Times*.

Em "Milhares se reúnem para protestos nas maiores cidades do Brasil" (ROMERO; RAMÓN; BARNES, 2013, p. A5, tradução nossa), o texto dá uma pequena amostra dos problemas estruturais dos país, que podem ter levado os milhares de brasileiros às ruas:

Apesar do aumento vir em um *momento de crescente preocupação com a inflação, que continua elevada mesmo quando o crescimento econômico diminui consideravelmente*, a fúria causada pela alta também reflete uma indignação mais ampla com o sistema de transporte público em São Paulo e em outras grandes cidades, *atormentados pela ineficiência, superlotação e crimes*. "Os protestos de hoje são o resultado de *anos e anos de dependência de um transporte caótico e caro*", disse Érica de Oliveira, 22 anos, estudante que estava entre os manifestantes. Um grande número de manifestantes em São Paulo na segunda-feira eram estudantes universitários, mas os profissionais e pais de meia-idade com crianças em carrinhos também estavam presentes. A cena parecia ao mesmo tempo furiosa e festiva. Alguns manifestantes haviam enrolado bandeiras do Brasil sobre os seus ombros; um segurava um cartaz que dizia: "*Brasil colônia, até quando?*" (ROMERO; RAMÓN; BARNES, 2013, p. A5, grifo nosso, tradução nossa).

Já em "Protestos crescem enquanto brasileiros culpam líderes" (ROMERO; BARNES, 2013b, p. A1, tradução nossa), o *New York Times* cita o alto custo de vida do Brasil, bem como os serviços básicos "inadequados" para a nação emergente, além de uma "separação entre as aspirações globais do país e a realidade para milhares de cidadãos" (ROMERO; BARNES, 2013b, p. A1, tradução nossa). O texto continua:

Os protestos no Brasil estão evoluindo ao mesmo tempo que seu *boom* econômico de longa data pode estar chegando ao fim. A economia desacelerou para uma pálida sombra de seu crescimento dos últimos anos; a inflação está alta, a moeda está caindo acentuadamente em relação ao dólar - mas as expectativas dos brasileiros nunca foram tão altas, alimentando forte intolerância com a *corrupção, escolas ruins e outras falhas do governo* (ROMERO; BARNES, 2013b, p. A1, grifo nosso, tradução nossa).

A economia em queda é citada novamente na matéria publicada no dia seguinte, intitulada "Partido de esquerda no poder no Brasil, nascido de protestos, está perplexo com a revolta" (ROMERO; NEUMAN; DOWNIE, 2013, p. A8, tradução nossa):

O crescimento econômico que antes impulsionava as ambições globais do Brasil diminuiu consideravelmente, e a inflação, um flagelo até meados da década de 1990, ressurgiu como uma preocupação para muitos brasileiros. Mas as expectativas entre os brasileiros continuam elevadas, graças em grande parte ao próprio sucesso do governo em diminuir a desigualdade e aumentar os padrões de vida para milhões de pessoas ao longo da última década. O número de estudantes universitários dobrou entre 2000 e 2011, de acordo com Marcelo Ridenti, sociólogo proeminente. "Isso gera enormes mudanças na sociedade, incluindo mudanças nas expectativas entre os jovens", disse ele. "Eles esperam obter não apenas empregos, mas bons empregos." O desemprego ainda está em níveis historicamente baixos - em parte por causa dos próprios estádios e outros projetos de construção, que se tornaram a fonte de fúria entre alguns manifestantes. Mas empregos bem remunerados continuam fora do alcance para muitos graduados universitários, que veem uma diferença nítida entre as suas perspectivas e os dos líderes políticos (ROMERO; NEUMAN; DOWNIE, 2013, p. A8, grifo nosso, tradução nossa).

É importante ressaltar que o enquadramento "O gigante acordou" reconhece os avanços do país nos últimos anos, mas relembra constantemente que ainda não é o suficiente. E mais: apesar de tudo que o Brasil cresceu nas últimas décadas, a economia está ameaçada e a inflação, um velho fantasma dos anos 90, parece voltar para assombrar os brasileiros.

b) O gigante acordou

O nome dado ao enquadramento (O gigante acordou) faz referência ao *slogan* usado por vários manifestantes durante os protestos de junho de 2013. Pressupõe o fim de um "longo período de letargia" do povo brasileiro, dando a impressão de que, desde as manifestações pelo *impeachment* do presidente Collor, o país estava estacionado em sua apatia. É identificado no *The New York Times* pelas expressões "enfim estamos vivos", "as pessoas acordaram", "despertar social" e "maioria silenciosa", dentre outras.

Em "Milhares se reúnem para protestos nas maiores cidades do Brasil" (ROMERO; RAMÓN; BARNES, 2013, p. A5, tradução nossa), as manifestações são enquadradas como o fim de um longo período de apatia política e o rompimento com uma cultura de tolerância com os problemas do país:

Protestos dessa amplitude são relativamente raros no Brasil, com alguns analistas políticos brasileiros descrevendo o que parecia ser uma cultura política mais tolerante com elevados níveis de desigualdade de longa data e serviços públicos precários do que os cidadãos de alguns países vizinhos da América do Sul. "A notícia perigosa anunciada pelas ruas, a novidade que o Estado tentou esmagar com os cascos dos cavalos da polícia paulista, é que, enfim, estamos vivos", disse a escritora Eliane Brum em um ensaio sobre os protestos. O Brasil agora parece estar indo em direção a uma nova fase de interação entre manifestantes e líderes políticos com essa onda de protestos, que se cristalizou este ano, em Porto Alegre. Lá, um grupo chamado Movimento Passe Livre, que defende tarifas de transporte público mais baixas, organizou manifestações contra a subida das passagens de ônibus. Protestos similares surgiram em maio, em Natal, uma cidade no nordeste do Brasil, e este mês, em São Paulo, depois de as autoridades elevarem as tarifas de ônibus em o equivalente a cerca de 9 centavos, a 3,20 reais, cerca de US\$ 1,47, o que levou a uma onda de manifestações que tem crescido intensamente (ROMERO; RAMÓN; BARNES, 2013, p. A5, tradução nossa).

Como explicado no capítulo de contextualização (Capítulo 2 deste trabalho), o MPL é um movimento organizado, existente há mais de dez anos, e que tem obtido sucesso em várias manifestações pelo país, com revogações de aumentos de tarifas e conquistas como o passe livre estudantil. Se, por um lado, a matéria cita o sucesso do MPL em outras manifestações, por outro ela também explicita a cultura política apática dos brasileiros. "Protestos dessa amplitude são relativamente raros no Brasil" demonstra a dúvida do próprio autor, sem saber bem como definir a cultura política do país. Tem-se também a impressão de que, com a situação social e estrutural vivida pelos brasileiros, os protestos deveriam pipocar nos quatro cantos da nação. No entanto, as manifestações surpreendem justamente porque o país não teria essa cultura política de contestação.

É importante ressaltar que este enquadramento foi promovido não apenas pelos jornalistas, mas principalmente pelos manifestantes. É evidente que, como dito anteriormente, os jornalistas selecionam suas fontes e suas falas. Em "Nível de agitação no Brasil atordoado até manifestantes" (ROMERO; NEUMAN; BARNES, 2013, p. A1, tradução nossa), o texto segue a mesma linha do anterior, partindo da perspectiva da integrante do MPL, Mayara Vivian:

Mas, quando dezenas de milhares de manifestantes lotaram as ruas esta semana, sacudindo cidades em todo o país em um ajuste de contas como esta nação não tinha experimentado em décadas, ela estava estupefata, sem palavras para explicar como isso poderia ter acontecido (ROMERO; NEUMAN; BARNES, 2013, p. A1, tradução nossa).

O texto procura explicar, afinal, o que pode ter acontecido para, depois de tantos anos de suposta letargia, o povo ter decidido finalmente tomar as rédeas da situação:

Questionado [refere-se ao professor de história Lincoln Secco, da Universidade de São Paulo] sobre o porquê dos protestos terem surgido agora, ele disse: "Por que não agora? Isso não é algo acontecendo apenas no Brasil, mas é uma nova forma de protestar, que não é canalizada através de instituições tradicionais." Todd Gitlin, professor de jornalismo e sociologia na Universidade de Columbia, que estudou os movimentos sociais, incluindo o Occupy Wall Street e a Primavera Árabe, disse que é difícil saber exatamente quais faíscas podem detonar um movimento mais amplo. "É semelhante à maneira como um certo tipo de música de repente está em toda parte, e não há nenhuma teoria que possa explicar qual vai ser e quando", disse ele. Mas os ativistas que estão no centro do movimento - eles se recusam a chamar-se líderes - insistem que o que está acontecendo no Brasil não explodiu do nada (ROMERO; NEUMAN; BARNES, 2013, p. A1, tradução nossa).

Podemos considerar essas falas como pequenos enquadramentos concorrentes a "O gigante acordou". Como explica o professor, esse aparente "despertar" não é uma característica apenas do Brasil: muitos países, mais ou menos desenvolvidos, mais ou menos pobres, também experimentaram ondas de protestos nos últimos anos. No entanto, esse enquadramento não tem espaço suficiente na cobertura para chegar a competir com os demais, e a matéria fecha com a seguinte declaração:

Ainda assim, Vivian e seus colegas ativistas não sabiam explicar a mudança que de repente trouxe grandes multidões para as ruas em todo o país. "As pessoas finalmente acordaram", disse Vivian. Questionada por que isso aconteceu agora, ela encolheu os ombros e disse: "Nós realmente não sabemos" (ROMERO; NEUMAN; BARNES, 2013, p. A1, tradução nossa).

É interessante notar que os próprios ativistas do MPL, mesmo reconhecendo que existem anos de trabalho e manifestações crescentemente maiores e mais abrangentes dando sustento a um movimento como esse, também adotam o enquadramento, que, de certa forma, diminui e desvaloriza as conquistas e manifestações anteriores do grupo.

Finalmente, o editorial "Despertar social no Brasil" (SOCIAL..., 2013, p. 22, tradução nossa) também contribui para o enquadramento, afirmando que "a maioria há anos silenciosa parece estar encontrando sua voz política" (SOCIAL..., 2013, p. 22, tradução nossa). Dessa frase denotam-se duas ideias: a de que os protestos representavam a maioria dos cidadãos e que existia até então uma maioria apática e silenciosa (ou silenciada) no país, que não exercia seus direitos até então. Resta a dúvida

se as manifestações realmente foram um momento de expressão democrática dessa maioria.

c) **Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"**

O enquadramento "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'" foi o mais utilizado pelo *The New York Times*. Este enquadramento relaciona as manifestações de junho de 2013 à Copa do Mundo e a outros eventos esportivos, e demonstra a diferença entre o país propagandeado pelos governantes (o Brasil "pra inglês ver") e o país "real" (com diversos problemas sociais e econômicos). Evidentemente, a coincidência dos protestos com a Copa das Confederações ofereceu uma oportunidade de enquadrar as manifestações dessa forma, que também relaciona o "amor pelo futebol" dos brasileiros às manifestações. O enquadramento foi identificado neste jornal por palavras-chave como "Copa do Mundo", "elefantes brancos", "Neymar", "Pelé", bem como pelas referências aos títulos do país no Mundial.

A Copa do Mundo é citada como uma das causas dos protestos em matéria publicada no dia 18/06/2013, intitulada "Milhares se reúnem para protestos nas maiores cidades do Brasil", ainda que de forma discreta:

Uma das questões que tem vindo à tona envolve a fúria causada pelos projetos dos estádios em várias cidades por conta da Copa do Mundo de 2014, que o Brasil se prepara para sediar. Alguns projetos foram prejudicados por terem excedido os custos e por atrasos, e as estruturas inacabadas servem de testemunho de uma injeção de recursos em arenas esportivas quando as escolas e o sistema de transporte público precisam de melhorias. "Os maiores protestos estão acontecendo em cidades que sediarão os jogos da Copa do Mundo", disse Malini [Fabio Malini, especialista em análise de redes sociais]. "Os brasileiros estão misturando futebol e política de uma forma totalmente nova, e as vozes minoritárias estão se fazendo ouvir" (ROMERO; RAMÓN; BARNES, 2013, p. A5, tradução nossa).

Em "Protestos crescem enquanto brasileiros culpam líderes", a Copa do Mundo é novamente citada pelo NYT como razão do descontentamento dos manifestantes. Os custos extras e atrasos nas obras também são apontados pela matéria como causa para os protestos:

Alguns dos estádios sendo construídos para o torneio de futebol da Copa do Mundo, previsto para o próximo ano, também têm sido criticado por atrasos e custos, e tornaram-se motivo de escárnio, enquanto os manifestantes se questionam se eles vão se tornar elefantes brancos. Um deles em Manaus, a maior cidade da Amazônia, terá capacidade para 43 mil pessoas, mas está localizado em uma cidade onde o comparecimento

médio em partidas de futebol profissional é de menos de 600 fãs. As instituições governamentais parecem preparadas para continuar a injetar fundos públicos nos projetos. Um jornal brasileiro noticiou nesta terça-feira que o Banco Nacional do Desenvolvimento aprovou um novo empréstimo de cerca de US\$ 200 milhões para o Itaquerao, um novo estádio em São Paulo, que está previsto para sediar o jogo de abertura do Mundial. "Quando você vê os investimentos em saúde e educação e, em seguida, compara com os investimentos maciços para realizar a Copa do Mundo, é claro que isso provoca uma certa indignação", disse Adão Clóvis Martins dos Santos, sociólogo da Universidade Católica de Porto Alegre. [...] "As pessoas estão passando fome e o governo constrói estádios", disse Eleutina Scuilgaro, uma aposentada de 83 anos de idade nos protestos aqui em São Paulo (ROMERO; BARNES, 2013b, p. A1, tradução nossa).

Nesta matéria, vemos como a Copa do Mundo acabou se tornando a evidência da existência de dois "Brasis": o Brasil organizado e preparada para o Mundial, "pra inglês ver", e o Brasil onde "as pessoas estão passando fome" e as escolas, transportes e saúde pública não entregam o que prometem.

Os autores dos textos denotam certo tom de surpresa com a indignação dos manifestantes com a Copa do Mundo, justamente em um país onde o futebol teria um espaço tão importante. Em "Partido de esquerda no poder no Brasil, nascido de protestos, está perplexo com a revolta", a matéria cita o contraste entre as celebrações quando do anúncio do Brasil como país-sede da Copa e as manifestações:

Desde então, o sentimento em torno da preparação do Brasil para a Copa do Mundo [...] mudou. O próprio Ricardo Teixeira [ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol] renunciou no ano passado, sob uma nuvem de acusações de corrupção, e enquanto o governo brasileiro diz estar gastando cerca de US\$ 12 bilhões para preparar a Copa do Mundo, a maioria dos estádios estão acima do orçamento, de acordo com o tribunal de contas do próprio governo (ROMERO; NEUMAN; DOWNIE, 2013, p. A8, tradução nossa).

O enquadramento "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'" é novamente utilizado no artigo publicado no NYT, "Um sermão que a FIFA não precisava dar" (HUGHES, 2013a, s/p, tradução nossa), do dia 21/06/2013, fazendo referência às declarações polêmicas dos dois principais líderes da instituição: o presidente Sepp Blatter e o secretário-geral, Jérôme Valcke. O artigo faz ainda a relação entre o futebol brasileiro e os protestos, passando pela Copa do Mundo e pelos gastos com o Mundial:

A ação nos estádios do Brasil tornou-se atraente no meio da semana, mas os protestos nas ruas continuavam a crescer. *Neymar, herói da nação anfitriã*, apresentou outra de suas performances quixotescas na quarta-feira, em uma vitória por 2-0 sobre o México no calor sufocante de Fortaleza na Copa das Confederações. Ele marcou com um remate magistral, mas desapareceu por longos períodos. Perto do fim, correu

entre dois defensores mexicanos, enganou-os com o suas jogadas e armou o segundo gol, marcado por Jo. Lá fora, a polícia usava spray de pimenta e força para manter os manifestantes à distância. [...] Não é por acaso que o Brasil, assim como a Turquia, que inicia a Copa do Mundo Sub-20 da FIFA neste fim de semana, esteja lutando para enfrentar enormes protestos públicos. Estas são nações em desenvolvimento, gastando bilhões de dólares para usar o esporte como *uma vitrine para suas mudanças políticas e econômicas*. [...] "Eu posso entender que as pessoas estejam infelizes", disse Blatter, no Rio de Janeiro. "Mas o futebol está aqui para unir as pessoas. O futebol está aqui para construir pontes, para gerar emoção, para trazer esperança." *Nenhum país espera mais do futebol que o Brasil. Ele ganhou mais Copas do Mundo, e deu ao jogo mais estilo, do que qualquer outra nação. Manifestou o seu amor pelo jogo - sua obsessão - durante a ditadura militar e a democracia*. Mas estes protestos - muitos pacíficos até que os manifestantes sejam atacados - são específicos quanto ao que eles querem. "Os professores valem mais do que Neymar", dizia um cartaz. "Queremos escolas e hospitais, e não estádios", lia-se em outro (HUGHES, 2013a, s/p, grifo nosso, tradução nossa)

O enquadramento do *The New York Times* se utiliza, então, de certos pressupostos do país, como sua "obsessão" pelo futebol. Fica claro aqui também que a Copa do Mundo queria mostrar um Brasil "pra inglês ver". Essa seria a chance do país de revelar todos seus avanços sociais e políticos dos últimos anos, especialmente se comparado à última Copa realizada no país, em 1950. No entanto, o que se produziu foi o efeito contrário: usando-se do Mundial, os manifestantes estariam protestando também contra esse Brasil de impressões.

Os manifestantes "surpreendem" novamente o autor do texto em "Quão irritado está o Brasil? Pelé agora tem pés de barro" (ROMERO, 2013a, p. A1, tradução nossa), ao atacarem dois dos maiores símbolos do futebol brasileiro, segundo a matéria: Pelé e Ronaldo:

Ele tem sido uma *fonte de orgulho inigualável*, um *laço comum que une uma nação tão diversa*, algo para onde os brasileiros poderiam sempre apontar - mesmo em tempos de ruína econômica ou governo autoritário - *que os fazia os melhores do mundo*. Mas hoje em dia o Brasil, *a nação mais bem sucedida na história da Copa do Mundo, o lar de lendas como Pelé e Ronaldo*, está encontrando pouco consolo no "jogo bonito". Na mais inesperada das maneiras, a *obsessão do Brasil com o futebol* tornou-se um *símbolo poderoso do que aflige o país*. Desde que grandes protestos começaram a varrer todo o Brasil esta semana, os manifestantes tomaram as ruas às centenas de milhares de pessoas para desabafar sua raiva contra os líderes políticos de todos os matizes, o reinado de corrupção, o estado lastimável dos serviços públicos. Os protestos têm crescido de forma tão grande e perturbadora que na sexta-feira a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, propôs medidas para resolver algumas das queixas. Mas, apontando para os bilhões de dólares gastos em estádios em detrimento das necessidades básicas, um número crescente de manifestantes estão dizendo aos fãs ao redor do mundo para

fazer o que uma vez teria parecido impensável: boicotar a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Em um sinal de quão completamente o país foi virado de cabeça para baixo, até mesmo alguns dos heróis do futebol reverenciados pela nação tornaram-se alvos de ódio por se distanciarem da revolta popular. [...] Com hordas de manifestantes ajuntando-se do lado de fora durante as partidas de futebol, entrando em confronto com a polícia e colocando fogo em veículos, a FIFA, organismo internacional que controla o futebol, se esforçou para tranquilizar o mundo na sexta-feira, afirmando que tinha "confiança total" na capacidade do Brasil de fornecer segurança e que não considerava o cancelamento da Copa do Mundo de 2014 ou da Copa das Confederações, um grande torneio internacional que ocorre atualmente no país. Mas o fato de que as autoridades do futebol terem de lidar com a questão foi um grande constrangimento para as autoridades brasileiras, que lutaram tanto para conquistar eventos internacionais como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos de 2016, a fim de mostrar a nação democrática e estável que o Brasil se tornou (ROMERO, 2013a, p. A1, grifo nosso, tradução nossa).

Por diversas vezes no enquadramento "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'" o Brasil é visto a partir de sua "obsessão" pelo futebol, de seus títulos mundiais e de seus ídolos do esporte. A Copa é novamente citada como uma oportunidade para o país mostrar seus avanços, mas o evento acabou confrontando o Brasil "pra inglês ver" com uma nação cujos serviços públicos estão defasados, onde a corrupção impera e os líderes políticos não são representativos. A matéria cita ainda o desespero de certos brasileiros, divididos entre a "razão e a emoção" por conta do Mundial e dos gastos mal alocados.

Em "Que comam futebol" (GASPARI, 2013, p. A25, tradução nossa), o autor do NYT confronta os gastos com a Copa do Mundo e a falta de investimento nos transportes públicos, bem como o "modernismo ilusório" do país: "É como se houvesse dois Brasis. De um espera-se que grite - mas apenas nos estádios. O outro faz o que bem entende" (GASPARI, 2013, p. A25, tradução nossa), afirma o texto. Novamente, o enquadramento demonstra que a Copa seria uma oportunidade de mostrar um "falso" Brasil, moderno e evoluído.

No dia 26/06/2013, o artigo "Dizendo tudo sem mencionar futebol" (HUGHES, 2013b, s/p, tradução nossa) refere-se ao discurso da presidenta Dilma Rousseff e às cinco propostas anunciadas. Para o autor, o fato da presidenta não ter mencionado o futebol seria um erro:

Quando a Presidente Dilma Rousseff discursou para governadores e prefeitos sobre os protestos que acompanharam o torneio-ensaio para a Copa do Mundo, nenhuma vez ela mencionou esportes. O futebol tem sido usado como um catalisador para as revoltas públicas contra os problemas sociais e econômicos do Brasil. Os bilhões sendo gastos em

estádios para a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 - e os lucros que vão para fora do país a partir desses eventos - são claramente uma causa de alguns dos desafetos do público. [...] Houve pactos para lidar com a corrupção, reforma da saúde, transporte público, educação e ilegalidade. Havia uma proposta do governo de usar futuros *royalties* do petróleo para reverter o atraso de um século no sistema de ensino e de importar médicos do exterior para reforçar os cuidados da saúde. *Nada sobre que papel que o futebol pode desempenhar neste reconstrução do Estado nacional. Nenhuma menção de Neymar, ou David Luiz ou do técnico Luiz Felipe Scolari*, todos dizendo que os jogadores estavam do lado do povo. "Todos nós queremos justiça em nosso país, com tudo o que nós imaginamos possível", afirmou Scolari após a vitória do seu time sobre a Itália na noite de sábado. [...] O futebol não foi mencionado no discurso da presidente, mas na verdade é central nele (HUGHES, 2013b, s/p, grifo nosso, tradução nossa).

Fica claro, portanto, que no enquadramento "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'" usa não apenas a Copa do Mundo, mas todo o imaginário que relaciona o Brasil ao futebol como linha para interpretar os protestos. O esporte é citado por diversas vezes como um fator "unificante" dos brasileiros, um motivo de orgulho. Os jogadores de futebol são muitas vezes alçados à categoria de "heróis". Por outro lado, o enquadramento enfatiza também os gastos com os eventos esportivos frente às necessidades básicas dos brasileiros, como saúde e educação, que não estariam sendo supridas.

d) Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos

Como explicamos anteriormente, o enquadramento "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos" interpreta as manifestações como consequência da crise de representação do país, evidenciada pelo descrédito dos manifestantes no sistema político e nos governantes. No *The New York Times*, este enquadramento foi identificado através das palavras-chave "condenação do governo", "povo furioso com os políticos", "corrupção" e "impunidade", bem como por referências aos crimes cometidos pelos governantes.

A crise de representação foi uma das principais linhas interpretativas utilizadas pelo *New York Times* para compreender as manifestações de junho de 2013. Na matéria publicada no dia 19/06/2013 no NYT intitulada "Protestos crescem enquanto brasileiros culpam líderes", o texto aponta que os manifestantes estava furiosos com os políticos brasileiros:

As demonstrações começaram inicialmente como uma fúria contra o aumento nas passagens de ônibus, mas, como em muitos outros

movimentos de protesto nos últimos anos - na Tunísia, no Egito ou, mais recentemente, na Turquia - rapidamente evoluíram para uma mais ampla *condenação do governo*. [...] Em Juazeiro do Norte, manifestantes *encurralaram o prefeito dentro de um banco por horas e exigiram seu impeachment*, enquanto outros milhares protestaram pelos salários dos professores. No Rio de Janeiro, milhares protestaram em uma área arenosa longe dos luxuosos bairros à beira-mar da cidade. Em outras cidades, os manifestantes bloquearam estradas, *invadiram reuniões de conselho da cidade ou interromperam sessões de legisladores locais, batendo palmas e, por vezes, tomando o microfone* (ROMERO; BARNES, 2013b, p. A1, grifo nosso, tradução nossa).

Este enquadramento por vezes se mistura com o enquadramento "Conflito", como no caso desta matéria, analisada na seção anterior. Mas por vezes o conflito percebido entre manifestantes e políticos é apontado como uma consequência da crise de representação, ao mesmo tempo que é seu indicativo. O NYT usa fala de que apontam para essa relação entre crise de representação e conflito com os políticos:

"Estes protestos são a favor do senso comum", disse Roberto da Matta, um influente comentarista cultural. "Nós pagamos uma quantidade absurda de impostos no Brasil, e agora mais pessoas estão questionando o que elas recebem em troca." [...] Uma das principais queixas entre os manifestantes é a corrupção do governo, como evidenciado pelo julgamento envolvendo figuras importantes da legenda no poder, Partido dos Trabalhadores, em um dos maiores escândalos políticos do Brasil em sua memória recente. Nenhum dos funcionários condenados nos julgamentos foi para a prisão, apesar da alegação da promotoria de que eles deveriam ter começado a cumprir suas sentenças imediatamente após o anúncio da alta corte, em novembro. "Estamos furiosos com o que nossos líderes políticos fazem, a sua corrupção", disse Enderson dos Santos, 35, um funcionário de escritório protestando em São Paulo. "Eu estou aqui para mostrar aos meus filhos que o Brasil acordou" (ROMERO; BARNES, 2013b, p. A1, grifo nosso, tradução nossa).

A corrupção dos políticos, especialmente do PT, é também um dos fios condutores para este enquadramento. Segundo descreve o *New York Times*, os brasileiros não se sentem representados pelos políticos corruptos eleitos, estão desacreditados da política e afirmam pagar muitos impostos, se comparado ao que recebem. Apesar de muitas vezes o enquadramento ser apresentado pelas fontes, sabe-se que estas também são uma escolha e seleção do jornalista (PORTO, 2004).

Na matéria publicada no NYT no dia 20/06/2013, "Partido de esquerda no poder no Brasil, nascido de protestos, está perplexo com a revolta" (ROMERO; NEUMAN; DOWNIE, 2013, p. A8, tradução nossa), o texto volta a indicar o escândalo do Mensalão como provável causa para a ruptura percebida entre manifestantes e o PT. A matéria aponta ainda para a desconexão entre o prefeito Fernando Haddad, petista, e

os manifestantes. Segundo o jornal, Haddad não teria conseguido interpretar os eventos, prova cabal de seu distanciamento do povo:

A forma como uma estrela em ascensão no partido esquerdista no poder, alguém cujo nome é frequentemente citado como um futuro candidato presidencial, interpretou tão mal o humor nacional reflete a desconexão entre um segmento crescente da população e um governo que se orgulha de políticas populares destinadas a tirar milhões de pessoas da pobreza. Após ter subido à proeminência nas costas dos enormes protestos na inauguração do período democrático, o Partido dos Trabalhadores encontra-se agora perplexo com a revolta em seu meio, olhando com espanto como a corrupção política, maus serviços públicos e o foco do governo em levantar a imagem internacional do Brasil através de eventos como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 inspiraram indignação. [...] Mas, enquanto os aumentos de tarifa podem ter sido a faísca que incitou os protestos, eles também desencadearam uma onda muito maior de frustração contra os políticos de um conjunto de partidos, que o governo reconheceu abertamente que não esperava. "Seria uma presunção imaginar que entendemos o que está acontecendo", afirmou nesta terça-feira Gilberto Carvalho, assessor da presidente. "Precisamos estar atentos à complexidade do que está ocorrendo". [...] O brilho que uma vez tinha o Partido dos Trabalhadores também tem sido manchado por um esquema de compra de votos chamado de mensalão, ou grande subsídio mensal, em referência aos pagamentos regulares que alguns parlamentares receberam. O escândalo resultou na recente condenação de vários dos altos funcionários, incluindo um presidente do partido e um chefe de gabinete de Luiz Inácio Lula da Silva, que foi um presidente brasileiro popular. "Houve uma explosão democrática nas ruas", disse Marcos Nobre, professor da Universidade de Campinas. "O Partido dos Trabalhadores pensa que representa todos os elementos progressistas do país, mas eles estão no poder por uma década. Eles fizeram bastante, mas agora são situação." [...] "Eu acho que nossos políticos recebem dinheiro demais", afirmou Amanda Marques, 23, estudante, referindo-se não às propinas, mas aos salários. No início deste ano, Alckmin, o governador, anunciou que daria a si mesmo e a milhares de outros funcionários públicos um aumento de mais de 10%; seu próprio salário deveria subir para cerca de US\$ 10 mil por mês como resultado. Altos salários para determinados funcionários públicos têm sido uma fonte de ressentimentos no Brasil, com alguns servidores ganhando bem mais do que seus colegas de nações ricas e industrializadas. Tanto Alckmin quanto Haddad acompanharam os protestos juntos em Paris na semana passada em seus *smartphones*. Mas, na época, Alckmin classificou os protestos como o equivalente a uma greve rotineira de controladores de tráfego aéreo em Paris, algo "que acontece". "O que tem que ser feito é ser forte e firme para evitar excessos", disse ele a repórteres em seguida, antes que os protestos se espalhassem nas ruas de São Paulo e dezenas de outras cidades em todo o Brasil. Nesta semana, ficou claro quão mal as autoridades tinham calculado. Em um determinado momento na terça-feira à noite, os manifestantes tentaram invadir o Teatro Municipal, onde frequentadores de ópera estavam assistindo "A Carreira do Libertino", de Stravinsky. As portas do elegante teatro permaneceram fechadas e, enquanto o show continuava, eles pintaram em spray o lado de fora da estrutura, recentemente renovada, com as palavras "Fogo na Burguesia!" (ROMERO; NEUMAN; DOWNIE, 2013, p. A8, tradução nossa).

O texto usa o enquadramento "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos" para demonstrar quão longe estão os políticos dos manifestantes. Mesmo quando são usadas fontes oficiais, elas apenas reforçam o enquadramento: os brasileiros não confiam em seus eleitos, pois estes são apresentados no NYT como totalmente desacreditados e desconexos da realidade do povo, perdidos em meio à situação de crise e completamente despreparados para lidar com a realidade do país. No caso do PT, a situação seria ainda mais irônica, visto que o partido chegou ao poder justamente através de protestos e manifestações como as que se espalharam pelo Brasil. No entanto, após dez anos de governo, os brasileiros seriam incapazes de se reconhecer no partido.

A matéria publicada no dia 21/06/2013 volta a reforçar o descrédito dos políticos. "Nível de agitação no Brasil atordoia até manifestantes" mostra como um movimento totalmente fora do circuito da política tradicional estava liderando os protestos no país: "De repente, um país que antes era visto como um exemplo estelar de um nascente poder democrático encontra-se abalado por uma revolta popular amorfa e sem liderança, com um tema unificador: uma raivosa, e às vezes violenta, rejeição da política tradicional" (ROMERO; NEUMAN; BARNES, 2013, p. A1, tradução nossa).

O texto segue expondo como os brasileiros estariam "de saco cheio" das estruturas políticas tradicionais, de forma bastante semelhante aos protestos de países como Índia, Israel e Grécia, além dos Estados Unidos, "desafiando igualmente governo e oposição. E suas demandas são tão difusas que deixaram os líderes brasileiros confusos quanto à forma de satisfazê-las" (ROMERO; NEUMAN; BARNES, 2013, p. A1, tradução nossa). Os protestos são descritos como uma clara rejeição aos políticos, citando atos onde manifestantes queimaram bandeiras de partidos "em um repúdio ao sistema político" (ROMERO; NEUMAN; BARNES, 2013, p. A1, tradução nossa). Quanto à presidenta Dilma Rousseff, esta se viu obrigada a cancelar uma viagem ao Japão por conta da "crise política".

A crise política também é tema central na matéria publicada no *New York Times* no dia 22/06/2013, intitulada "Brasil busca respostas para as preocupações dos manifestantes enquanto censura alguns pela violência" (ROMERO; NEUMAN; RAMÓN, 2013, p. A7, tradução nossa). A matéria trata do primeiro pronunciamento da presidenta, feito no dia anterior, mas enfatiza que as palavras não convenceram os

manifestantes. Segundo o jornal, aquela não era a primeira vez que Dilma Rousseff apresentava as propostas anunciadas no pronunciamento, dentre as quais a de destinar 100% dos *royalties* do petróleo para educação, "apenas para deparar-se com forte resistência dos governadores de estado, que contam com o dinheiro para satisfazer seus orçamentos, colocando em dúvida sua capacidade de decretar [a lei]" (ROMERO; NEUMAN; RAMÓN, 2013, p. A7, tradução nossa). Novamente, os políticos são retratados como dignos de desconfiança, pois trabalham apenas para seus interesses, e suas promessas são, na maioria das vezes, vazias:

Mas muitos manifestantes disseram que as medidas ficaram muito aquém do que era necessário. "Eles têm prometido muitas coisas por muitos anos, mas nada acontece além disso", disse Jeniffer Novaez, 18, fisioterapeuta. "Eu não sei se eles entendem o que realmente está acontecendo aqui, mas já se passaram anos e estamos sedentos. Nós queremos tudo, e nós queremos agora ". Outra manifestante, Bruna Santana, 22 anos, estudante, disse que o governo não estava sendo sério em sua resposta. "Eles só querem nos calar", disse ela (ROMERO; NEUMAN; RAMÓN, 2013, p. A7, tradução nossa).

A crise de representação continua a ser apresentada na matéria publicada pelo NYT no dia 23/06/2013, intitulada "Apesar das garantias da presidente do Brasil, manifestantes organizam mais um dia de manifestações" (NEUMAN; ROMERO; RAMÓN, 2013, p. A8, tradução nossa). Como o título deixa claro, as propostas da presidenta não foram suficientes para acalmar os ânimos dos protestos, pois, segundo o texto, as medidas eram muito superficiais para inspirar confiança nos manifestantes, além de incluir programas que já haviam sido rejeitados pelo Congresso no passado. Nas ruas, muitos disseram que "não sabiam que a presidente estava falando com eles":

"Eu não acredito nas promessas dela", Sergio Mazzini, 65, disse na sexta-feira à noite durante um protesto no centro da cidade de São Paulo. "Já houve muitas promessas para eu continuar acreditando. Não sabemos onde tudo isso está levando, mas eles estão tentando nos enganar". "Eles não vivem a nossa realidade, por isso é fácil falar de hospitais e escolas, quando nós é que estamos sofrendo por falta de investimento nas áreas prioritárias". Felipe Possani, 20, estagiário em um banco [...], só tinha desprezo. "Ela é uma piada", disse ele. "Ela está apenas fingindo" (NEUMAN; ROMERO; RAMÓN, 2013, p. A8, tradução nossa).

Segundo descrito pelo *The New York Times*, alguns manifestantes citaram também a necessidade de fazer profundas mudanças no sistema político, afetado por problemas "profundos". "No coração do movimento está uma rejeição da política tradicional no Brasil. Os manifestantes expressaram profundo cinismo em relação aos principais partidos políticos e seus líderes", afirma o texto. Mesmo o ex-presidente

Fernando Henrique Cardoso é usado como fonte para demonstrar quão grave era a crise instaurada no país: "Tenho minhas dúvidas de que os partidos sejam capazes de capturar tudo isso e ao menos consigam transformar essas mensagens". A matéria cita ainda uma pesquisa do Datafolha, que indica que Dilma Rousseff teria apoio de apenas 10% dos manifestantes para a reeleição. Sinal do total descrédito dos políticos tradicionais, Joaquim Barbosa, ex-ministro considerado responsável pelo sucesso da "cruzada" do mensalão, é apontado como principal candidato, com 30% das intenções de voto.

Finalmente, outro texto significativo para o enquadramento "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos" foi "Fúria pública alcança Congresso brasileiro" (ROMERO; JORDAN; MORICONI, 2013, p. A1, tradução nossa), divulgado no dia 28/06/2013. A longa matéria cita diversos casos de congressistas condenados ou suspeitos de crimes como lavagem de dinheiro, assassinato, sequestro e tráfico de drogas:

O Congresso brasileiro tem uma longa história de comportamentos entre os seus membros que tem contribuído para esses sentimentos de raiva. Em 1963, o senador Arnon de Mello assassinou um companheiro legislador no plenário do Senado, e ainda escapou da prisão, uma vez que o assassinato foi considerado um acidente, porque ele estava mirando em outro senador. O filho deste senador armado, Fernando Collor de Mello, foi eleito presidente do Brasil em 1989 e cassado em meio a uma enxurrada de acusações de corrupção em 1992. No entanto, em uma ressurreição política que tem consternado ativistas anticorrupção, foi eleito para o Senado em 2006 e mantém o seu assento, apesar de permanecer envolvido em um caso no Supremo Tribunal Federal, em que é acusado de lucrar com um regime de contrato publicitário durante sua breve presidência (ROMERO; JORDAN; MORICONI, 2013, p. A1, tradução nossa).

O texto continua com outros casos de políticos impunes, traz novamente à tona o escândalo do Mensalão e cita o caso da eleição do deputado Francisco Everardo Oliveira Silva, o Tiririca, como um sinal da total descrença dos manifestantes no Congresso. A crise de representação instaurada no Brasil é, portanto, evidenciada na desconfiança da política e dos políticos.

6.2. Le Monde

a) O retrato do Brasil atrasado

Como dito anteriormente, o enquadramento "O retrato do Brasil atrasado" explica as manifestações de junho de 2013 como consequência dos atrasos percebidos no país, evidenciados nas palavras-chave e expressões "falta de infraestrutura",

"desigualdade", "transportes públicos em estado deplorável", "educação precária", entre outras.

Em "As cidades concentram todas as desigualdades" (LES VILLES..., 2013, p. 5, tradução nossa), entrevista com o especialista em desigualdade no Brasil Hervé Théry, publicada no dia 21/06/2013, o *Le Monde* mostra uma situação de carência geral vivida pelo país. Com um sistema de transporte ineficiente e cidades desiguais, esse seria o retrato do Brasil atrasado:

Sobre os protestos desencadeados pelo aumento dos preços de transporte, o que eles dizem quanto ao estado das cidades brasileiras?

Cerca de 80% dos brasileiros moram nas cidades. As cidades atraem porque fornecem serviços e empregos, mas falta-lhes infraestrutura em transportes, saneamento, moradia. Elas concentram a desigualdade. São Paulo, 18 milhões de habitantes, 20 milhões com seus dois vizinhos, Santos e Campinas, possui apenas quatro linhas de metrô. A leste, uma área de quatro milhões de pessoas, muito pobres, atendidas apenas por transportes públicos arcaicos, ônibus em péssimo estado e trens sobrecarregados. Para vir para o trabalho no centro, essas pessoas levam duas horas de manhã e à noite. Aqui, o aumento das tarifas de transporte foi tão sentido que o prefeito, eleito pelo Partido dos Trabalhadores - o partido no poder - fez do preço dos transportes seu cavalo de batalha. [...]

O "milagre" brasileiro, então, não se traduz em termos de planejamento urbano?

O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. Há um abismo entre ricos e pobres. Enquanto na Europa a disparidade de riqueza vai de 1 a 5, no Brasil, é de 1 a 100. Em São Paulo, 10% da população vive em favelas na periferia. No Rio, o número chega a 25% da população, em áreas mais centrais (LES VILLES..., 2013, p. 5, tradução nossa).

Aqui o jornal faz referência ao "milagre" brasileiro, fase de bonança vivida pela economia do país. No entanto, os avanços não teriam sido traduzidos em igualdade social ou melhorias significativas para a maior parcela da população. O pesquisador menciona ainda a falta de segurança no Brasil, onde os mais ricos "se agrupam em condomínios fechados por medo dos pobres" (LES VILLES..., 2013, p. 5, tradução nossa). Em suma, os avanços percebidos são sempre completados com ressalvas: apesar da boa economia, desigualdade; apesar dos avanços sociais, serviços públicos deploráveis.

Em matéria intitulada "Brasil: a revolta dos moradores da cidade" (BOURCIER, 2013h, p. 20, tradução nossa), publicada pelo *Le Monde* no dia

26/06/2013, o correspondente Nicolas Bourcier também apresenta essa imagem do país. Novamente, o "milagre" econômico aparece com ressalvas:

É certo que a soma das transformações realizadas por 20 anos, desde a estabilização da moeda e o fim da inflação, devido ao ex-presidente socialdemocrata Fernando Henrique Cardoso, à mudança social e ampliação da mercado interno, impulsionado por Luiz Inácio Lula da Silva, permitiram ao país registrar um crescimento econômico forte e de aparência estável. É bem verdade, não se morre mais de fome no Nordeste, mesmo em tempos de seca e, graças a programas sociais de Lula e da atual presidente, Dilma Rousseff, os moradores das favelas podem agora comprar aparelhos eletrodomésticos. Mas alto lá. O verniz estava muito brilhante. Os 20 centavos vieram lembrar que o transporte público estava em um estado deplorável. Que este aumento, previsto ou já implementado em quase todas as cidades do país, aumentaria o orçamento de transporte de um usuário diário para quase um terço do salário mínimo. Um trajeto que exige uma média de dois ou três ônibus ou metrô diferentes. Os 20 centavos foram uma revelação do estado de abandono ou da ausência de infraestrutura, de um plano de urbanização, de uma política pública urbana a longo prazo digna desse nome (BOURCIER, 2013h, p. 20, tradução nossa).

As mudanças positivas ocorridas no Brasil são relativizadas, ou contextualizadas. "Mas alto lá. O verniz estava muito brilhante": o país na verdade ainda teria muito a avançar. Entre os problemas citados pelo autor no texto estão a corrupção, os serviços públicos medíocres, a completa falta de infraestrutura, cidades sem qualquer plano de urbanização e a violência do Estado quando das desocupações dos locais para a Copa do Mundo de 2014. Enfim, uma situação de "necessidade irreprimível de viver em um Brasil melhor" (BOURCIER, 2013h, p. 20, tradução nossa).

Finalmente, a última matéria publicada em junho no *Le Monde* sobre as manifestações é "Brasil: 'Me sinto mal pelo meu país'" (BOURCIER; HOPQUIN, 2013c, p. 21, tradução nossa), do dia 29/06/2013. Os autores do texto procuram mostrar os desenganos da "nova classe média", segundo a classificação oficial, que na verdade sofre com a situação de atraso do país:

Nascido de um mãe que foi tentar a sorte em Londres há mais de um ano e de um pai consultor em gestão que o ajuda financeiramente, Pablo afirma receber entre 300 e 500 euros por mês [...]. "É sempre a mesma coisa, diz, de acordo com o discurso oficial faço parte desta 'nova classe média', mas eu realmente não sei o que isso significa no fim das contas. Eu me sinto mais pertencente às classes mais baixas" ele acrescenta, sem lamento: "Você pode imaginar viver no Rio, uma das cidades que em poucos anos se tornará uma das mais caras do mundo, com essa quantia por mês?" Quando ele viu os preços da passagem subirem nos últimos meses, ele deu um salto. Após as primeiras manifestações de São Paulo,

Pablo, naturalmente, seguiu o movimento. "O transporte não só é caro, como também deficiente. Para todo o Rio, temos apenas duas linhas de metrô, isso é ridículo. Para ir à faculdade, eu às vezes tenho que pegar dois ônibus. Mesmo agora, depois da revogação do aumento, ainda assim preciso pagar 11 reais [mais de 3 euros] por dia de transporte, mais de 250 reais por mês, quase um terço do meu dinheiro" (BOURCIER; HOPQUIN, 2013c, p. 21, tradução nossa).

Ao citar a mãe do entrevistado, que se mudou para Londres em busca de uma vida melhor, o *Le Monde* demonstra o nível da desilusão dos brasileiros com a situação do país. E esse desencanto não seria próprio apenas das camadas mais baixas. Para dar a ideia da abrangência do movimento - o subtítulo da matéria é "Da esquerda, direita, de classe média e da pequena burguesia, o movimento dos rebeldes reúne quase todos os estratos da sociedade brasileira (BOURCIER; HOPQUIN, 2013c, p. 21, tradução nossa), os jornalistas usam também fontes da classe "média alta", ou da "pequena burguesia". Essa porção da sociedade brasileira não tem por que reclamar: consegue pagar planos de saúde e educação de qualidade. Mas mesmo eles se revoltam com as injustiças sociais enraizadas no Brasil:

Os Pacitos não têm do razões para reclamar [...]. Eles poderiam continuar em silêncio e pagar 500 euros por mês pelo plano de saúde que lhes dá acesso aos melhores cuidados, ou 350 euros pela escola particular da filha. Esta educação de qualidade irá abrir as portas das melhores faculdades de direito. "Um jovem do sistema público não tem praticamente nenhuma chance de entrar na universidade, de tanto que o nível é baixo e as vagas limitadas, diz Diailze. O mesmo para a saúde pública, que está em um estado deplorável. Conseguimos nos livrar porque podemos pagar, mas os pobres, não". "Ainda assim, não falta dinheiro neste país, tem muito dinheiro, diz Paulo. Mas, 4% da população concentram 90% da riqueza". Os Pacito não podem fechar os olhos para esta injustiça, nem que seja por convicção religiosa: eles são batistas em um país onde as igrejas evangélicas prosperam diante da necessidade de moralidade (BOURCIER; HOPQUIN, 2013c, p. 21, tradução nossa).

Como se vê, o enquadramento "O retrato do Brasil atrasado" é promovido especialmente pelos manifestantes. São as *fontes* que fazem esse desenho do país mergulhado em corrupção, com serviços públicos precários e economia ameaçada pela inflação. No entanto, isso não significa que os jornalistas não estejam promovendo esse enquadramento. Pelo contrário, como afirma Porto (2004, p. 92-93), "jornalistas frequentemente citam outros atores para promover interpretações específicas da realidade política".

O *Le Monde* adotou então o enquadramento "O retrato do Brasil atrasado" para interpretar as carências sociais e estruturais do Brasil como motivadores das

revoltas dos brasileiros. Seriam esses problemas, indicativos de um país que ainda tem muito a avançar, que teriam levado os cidadãos às ruas.

b) O gigante acordou

O enquadramento "O gigante acordou" interpreta as manifestações de junho de 2013 como um despertar social do povo brasileiro, ocorrido anteriormente apenas durante as Diretas Já e os pedidos de *impeachment* do ex-presidente Collor. No jornal *Le Monde*, foi identificado por palavras-chave como "anestesia" e "longo sono", bem como na ênfase aos manifestantes que participavam de protestos pela primeira vez.

A matéria "No Brasil, manifestantes continuam mobilizados mesmo após recuo das autoridades" (BOURCIER, 2013e, p. 5, tradução nossa), publicada no dia 21/06/2013, enfatiza também os "manifestantes de primeira viagem", que são retratados como animados por essa "onda" de democracia:

Para este jovem estudante de Administração, é a primeira vez: ele nunca havia participado em qualquer reunião antes deste movimento, iniciado em São Paulo após o anúncio de um aumento de preço nas passagens de transporte. "É a primeira vez que vejo os brasileiros juntos, diz ele, sem ser no carnaval ou no futebol." [...] Os prefeitos cederam, mas "os protestos não irão diminuir por conta disso", diz Theresa Williamson, urbanista e membro da rede RioOnWatch. Ela acrescentou: "As pessoas agora experimentarão a democracia direta. Não haverá como voltar atrás" (BOURCIER, 2013e, p. 5, tradução nossa).

É interessante notar como o enquadramento retrata as manifestações como uma "explosão" democrática no país, dando a impressão de que representam o ápice da democracia brasileira, ao mesmo tempo que critica a apatia dos brasileiros durante todos esses anos em que reuniam-se apenas para o carnaval e o futebol.

Em "Após 20 anos de anestesia, o despertar!" (FUKS, 2013, p. 17, tradução nossa), artigo publicado pelo *Le Monde* em 28/06/2013 e assinado por Julián Fuks, também existe esse sentimento do gigante que acordou de um longo sono. Apesar de mencionar os movimentos "que nunca dormiram", a impressão que o autor passa é de que *agora, finalmente*, o povo acordou e a maioria despertou de um longo período de anestesia:

O tempo em que as pessoas das cidades despertam de um longo sono, unindo-se a movimentos sociais que nunca dormiram, um povo que, há apenas algumas décadas, foi profundamente anestesiado por 20 anos de ditadura militar - perseguido, exilado, preso e assassinado sem receber qualquer justiça. Crimes do tempo, como perdoá-los? Agora que reencontramos o costume de protestar em massa, como foi o caso em

determinados momentos da nossa história, [...] agora que nos rendemos a esta nova estetização da política - a estética narcisista que caracteriza o nosso tempo - e que nos embasbacamos um pouco com nossa necessidade de mudança, por mais difusa e incompreensível que esta necessidade possa parecer a todos. [...] Mas a força que esta pequena vitória dará ao nosso corpo, há tanto tempo imóvel, não é pouca coisa. Uma flor nasceu na rua! Sua cor não se percebe. Suas pétalas não se abrem. Seu nome não está nos livros. É feia. Mas realmente é uma flor (FUKS, 2013, p. 17, tradução nossa).

No *Le Monde* este enquadramento "O gigante acordou" aparece também ligado ao termo "*ennui*", uma expressão francesa que se refere à apatia, ao desinteresse, à desmotivação. O Brasil estaria, como a França às vésperas do Maio de 68, mergulhado nesse mal-estar. O termo aparece em "Brasil, uma enxurrada de reivindicações" (BOURCIER, 2013i, p. 19, tradução nossa), do dia 29/06/2013, para indicar que o país finalmente, "após anos de retenção", saía desse estado "*d'ennui*".

c) **Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"**

O enquadramento "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'" reúne matérias e artigos que interpretam as manifestações de junho de 2013 como consequência dos gastos com o Mundial de 2014, bem como outros megaeventos esportivos. Este enquadramento também usa da "paixão pelo futebol" percebida nos brasileiros para contextualizar os protestos, e confronta o Brasil "real" (com problemas sociais e econômicos) com o Brasil "pra inglês ver", que os governantes desejariam mostrar durante os megaeventos. No jornal *Le Monde*, o enquadramento foi identificado por palavras-chave e expressões como "Copa do Mundo", "país onde futebol é rei", "templos do futebol" e "fiel rebanho", dentre outras.

A primeira matéria publicada pelo jornal *Le Monde* já utiliza o enquadramento "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'", citando manifestantes em Brasília que haviam dado "um cartão vermelho" ao Mundial de 2014 (BOURCIER, 2013a, p. 4, tradução nossa). O texto também faz referências à relação do Brasil com o futebol, como o "mítico estádio Maracanã". Além disso, reforça a ideia, que perpassa este enquadramento, dos dois "Brasis":

Pressionados há meses a responder às críticas sobre os atrasos na renovação de estádios e infraestrutura deficiente, as autoridades foram pegas de surpresa. Isso é ruim para os líderes brasileiros, diante da crise econômica e da necessidade de passar a imagem de um país livre da violência antes da Copa de 2014 e Olimpíadas de 2016. A presidente Dilma Rousseff, cuja popularidade, pela primeira vez desde que tomou posse em 2011, diminuiu significativamente em junho, defendeu na

quinta-feira a Copa do Mundo, que permite ao país ganhar, diz ela, "mais segurança pública e infraestrutura melhorada." Sem convencer os manifestantes (BOURCIER, 2013a, p. 4, tradução nossa).

No artigo "Despesas extravagantes com a Copa do Mundo de 2014 alimentaram a frustração da população" (BOURCIER, 2013c, p. 2, tradução nossa), do dia 19/06/2013, o autor relaciona as manifestações de junho de 2013 no Brasil ao descontentamento causados pelos gastos elevados com o Mundial. De maneira semelhante aos textos do NYT, os jornalistas do *Le Monde* também se mostram surpresos com a "fúria" dos brasileiros reservada à Copa do Mundo:

É o efeito contrário do Mundial. O cúmulo para um Brasil do qual se dizia ser o país onde o futebol é rei. Ao ver, dia após dia, os manifestantes cada vez mais numerosos indo às ruas para criticar a má gestão e as colossais somas investidas na organização da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, enquanto os serviços públicos tais como saúde e educação estão em um estado deplorável, a gente se pergunta se os líderes não tiveram os olhos maiores que a barriga. Cansados de ouvir seu eleitos repetindo que o investimento em eventos esportivos trariam enfim os recursos necessários para desenvolver várias partes do país, a população, à princípio confiante, de repente precisa ver para crer. Foi necessária uma combinação de fatores para romper o paradigma. E revelar as falhas das instituições e da infraestrutura (BOURCIER, 2013c, p. 2, tradução nossa).

A Copa teria produzido, segundo o *Le Monde*, um efeito totalmente inesperado no país. Em vez de vibrar com a realização do Mundial no Brasil, os brasileiros se viram frente aos problemas de infraestrutura, enquanto o governo despejava verbas públicas na construção de estádios:

Somam-se a isso os anúncios, transmitidos repetidamente pela mídia, dos aumentos dos custos astronômicos dos trabalhos nos estádios, alguns dos quais se tornarão elefantes brancos pela falta de espectadores, e outros ficarão cada vez mais inacessíveis aos menos afortunados por causa dos altos preços do ingresso. Como se os templos do futebol brasileiro ficassem restritos ao seu mais fiel rebanho (BOURCIER, 2013c, p. 2, tradução nossa).

Como explicado anteriormente, este enquadramento (Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver") utiliza-se da paixão pelo futebol dos brasileiros para construir sua linha de interpretação. Isso fica bastante claro no trecho citado, que compara os estádios a "templos" dos "fiéis" do futebol.

Em "Quando a FIFA desperta o descontentamento dos brasileiros" (BOURCIER, 2013h, p. 4, tradução nossa), publicada no dia 25/06/2013, o *Le Monde* faz a relação entre as ruas e os estádios. Afinal, os brasileiros estavam divididos entre os protestos e os jogos da Copa das Confederações, entre a razão e a emoção. Mas as festas

dos estádios estavam também nas ruas, numa descrição de um povo alegre e apaixonado pelo futebol:

Em São Paulo, 35.000 pessoas manifestaram na Avenida Paulista no sábado, 22 de junho, para denunciar a corrupção e o custo exorbitante da organização da Copa do Mundo de 2014. Vestindo as cores nacionais, eles marcharam em uma atmosfera festiva, entre canções, dança e fogos de artifício. Enquanto isso, os cafés estavam transmitindo nas grandes telas o jogo entre a equipe nacional e a Itália. Os espectadores com a camisa brasileira acompanhavam a vitória de sua equipe, comemorando cada gol - o jogo terminou com uma vitória do Brasil (4-2) - com um grito que se misturava aos *slogans* dos manifestantes. Era impossível distinguir entre os dois campos, e por uma boa razão: eles eram muitas vezes o mesmo. Os moradores da capital econômica do Brasil são a imagem de todo um país, dividido entre o amor ao futebol e o desgosto por seus excessos financeiros: segundo uma pesquisa, 75% dos brasileiros apoiam os protestos e 67% aprovam a realização da Copa do Mundo (BOURCIER, 2013h, p. 4, tradução nossa).

O ex-jogador e então deputado Romário de Souza Faria foi convidado para escrever ao *Le Monde* em "A população deve tirar proveito do Mundial" (FARIA, 2013, p. 16, tradução nossa), artigo publicado no dia 28/06/2013. O ex-jogador também contrasta os gastos com a Copa do Mundo de 2014 com a situação do sistema público brasileiro. O atual deputado termina por condenar o Mundial e sua realização no Brasil, afirmando que o país já foi mal sucedido no "campo dos princípios" ao organizar uma Copa que beneficiou apenas a FIFA.

No entanto, os fundos foram alocados para a construção ou reforma de estádios em detrimento da educação, saúde e segurança. Os problemas desses setores vêm de governos anteriores, colocando o país em situação de vulnerabilidade social, apesar das melhorias nos índices de nossa economia. O país está entre as dez maiores potências mundiais, mas como entender esta classificação honrosa frente às necessidades extremas da população, que causam danos óbvios aos seres humanos? Eu não acredito que o Mundial possa resolver todos os nossos problemas. Na verdade, pode até agravá-los. Sob o regime de Lula, a proposta era a de um Mundial apoiado na participação maciça da iniciativa privada e da transparência nos gastos públicos. O oposto aconteceu. De um orçamento inicial de 8,23 milhões de euros para a construção de estádios, mobilidade urbana e renovação de portos e aeroportos, estamos hoje a 9,7 bilhões de euros, de acordo com declarações do secretário de Estado do Ministério dos Esportes, Luis Fernandes. Por que estamos organizando a Copa mais cara dos últimos tempos? Esta já custou três vezes o orçamento utilizado pela Alemanha em 2006 e pelo Japão em 2002. E o que dizer da África do Sul, que gastou quatro vezes menos do que o Brasil, ou seja, 2,43 bilhões de euros ? (FARIA, 2013, p. 16, tradução nossa)

O enquadramento Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver", apresentado até aqui, utiliza portanto o futebol e os megaeventos esportivos para interpretar e contextualizar as manifestações de junho de 2013. Especialmente no *Le Monde*, este

enquadramento é marcado também por uma condenação do Mundial e da FIFA, quando se compara os gastos com o evento e as necessidades do Brasil em termos de transporte, saúde e educação.

Como evidenciado em várias matérias, percebe-se também que tanto o *Le Monde* quanto o NYT viam o evento como um divisor de águas entre dois "Brasis": o Brasil real e o país "pra inglês ver". Os governantes, segundo os jornais, queriam passar a imagem de um país em franco desenvolvimento. No entanto, aconteceu justamente o contrário. A Copa serviu para evidenciar todos os problemas da nação, e nem o amor pelo futebol teria sido suficiente para acalmar os brasileiros.

d) Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos

Como explicado anteriormente, o enquadramento "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos" interpreta as manifestações de junho de 2013 como consequência de uma grave crise de representação no país, que seria causada por um sistema político corrompido, com políticos e partidos "gangrenados" pela corrupção. No jornal *Le Monde*, foi identificado por expressões como "fim da era PT", "desilusão", "corrupção endêmica", "risco de divórcios", entre outras.

Na primeira matéria publicada pelo jornal *Le Monde* no dia 18/06/2013, "Crise dos transportes provoca início de agitação social no Brasil" (BOURCIER, 2013a, p. 4, tradução nossa), o enquadramento "Crise de representação" é utilizado para situar o leitor nas manifestações. Segundo o jornal, os brasileiros vivem um "profundo mal-estar", que ocasionou um desejo de mudanças nas instituições políticas tradicionais:

"Há uma clara tomada de consciência da necessidade de realizar reformas profundas nas instituições, disse o sociólogo Ricardo Antunes, professor da Universidade de Campinas, no norte de São Paulo. Todos estes problemas excedem o âmbito do aumento nos transportes. " [...] A presidente Dilma Rousseff, cuja popularidade, pela primeira vez desde que tomou posse em 2011, diminuiu significativamente em junho, defendeu na quinta-feira a Copa do Mundo, que permite ao país ganhar, diz ela, "mais segurança pública e infraestrutura melhorada." *Sem convencer os manifestantes.* [...] Fernando Haddad, um dos novos rostos do Partido dos Trabalhadores (PT, esquerda, no poder), que usou os transportes - ironia da história - como um dos seus principais argumentos de campanha nas eleições municipais de São Paulo em 2012, também suavizou sua postura. Sem sacrificar o aumento do preço das passagens. "Eles não entenderam nada, afirma Lucia Farias, designer e manifestante na Paulista. Os protestos tornaram-se o espelho deste Brasil feudal e conservador, onde políticos pensam somente na Copa e no Jogos [Olímpicos] para maximizar os lucros ". De acordo com uma pesquisa, a

maioria dos brasileiros apoia as manifestações, mas rejeita a violência (BOURCIER, 2013a, p. 4, grifo nosso, tradução nossa).

O enquadramento "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos" fica claro, portanto, na rejeição aos políticos, segundo a última fonte citada pelo jornal. Os eleitos estariam desconexos com a população, sem entender as demandas reais do movimento. O prefeito Fernando Haddad também é citado como exemplo da crise de representação: ele próprio, que havia usado os transportes como plataforma para sua campanha, não conseguiu atender às demandas apresentadas nas revoltas. Restou a ele "suavizar a postura" (em contraste com os primeiros dias de manifestação, quando tanto o prefeito como o governador Geraldo Alckmin condenaram os protestos violentos), na tentativa de fazer as pazes com os manifestantes. Estratégia que se provou infrutífera, segundo propõe a cobertura do *Le Monde*.

No dia 19/06/2013 a matéria "A contestação social inflama o Brasil" (BOURCIER, 2013b, p. 2, tradução nossa) usa o enquadramento noticioso de conflito para mostrar a crise de representação no país. Segundo o *Le Monde*, a ocupação do teto do Congresso pelos manifestantes era imagem simbólica daquela "noite de raiva":

Um dos pontos altos da noite foi certamente o momento em que um grupo de jovens - eram cerca de 200 - subitamente investiu sobre o teto do Parlamento nacional em Brasília, sob os olhares incrédulos dos policiais. Uma imagem forte e simbólica daquela noite de raiva, que ultrapassou em muito a questão do aumento nos transportes. Desde a rampa de acesso e no grande gramado de frente para as portas do edifício futurista projetado pelo arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, as cerca de dez mil pessoas vaiaram durante toda a noite uma parte dos eleitos, entoando suas diatribes em estrofes do hino nacional. [...] "Tanto dinheiro para esses eventos esportivos, enquanto temos tantas necessidades em educação, saúde e habitação, isso simplesmente não é possível", diz Thiago Ribeiro, 23, estudante de comunicação na Universidade de Brasília. Ele, como muitos aqui, diz ter votado no Partido dos Trabalhadores (PT - à esquerda - no poder), a legenda da presidente Dilma Rousseff. "Mas eles não me representam mais, é o sistema e as instituições que devem ser mudados. A nossa geração merece mais". Ao seu lado, uma jovem mulher carregava um cartaz anunciando "o começo do fim da era PT. " Pouco antes do início dos protestos, o governo e as autoridades locais alternaram entre o quente e o frio, deixando transparecer uma oscilação pouco habitual. O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, figura em ascensão do PT, reuniu-se com representantes do movimento, explicando que o aumento era inevitável por razões "técnicas". Em um tom notoriamente mais firme, o ministro dos Esportes, Aldo Rebelo, alertou que não iria "permitir que as manifestações perturbem os eventos que estamos empenhados em realizar." [...] Rousseff, por sua vez, se mostrou mais tranquila. Em um comunicado, a presidente disse que "as manifestações pacíficas são legítimas e próprias à democracia". "É característico da juventude se manifestar", acrescentou. Estas palavras foram as primeiras proferidas

pela presidente brasileira sobre os acontecimentos (BOURCIER, 2013b, p. 2, tradução nossa).

Aqui também os políticos são descritos como figuras instáveis, indignos da confiança do povo brasileiro. A alternância entre "quente e frio" demonstra a falta de competência política dos eleitos. O fechamento da matéria também reserva uma crítica à presidenta, por ter demorado, na opinião do *Le Monde*, a se pronunciar sobre os eventos. O PT é certamente o partido em maior evidência na notícia: tanto na fonte citada quanto no cartaz empunhado pela manifestante, é reportado como a legenda responsável pela crise de representação.

Na matéria do dia 20/06/2013, o *Le Monde* conta a história do Movimento Passe Livre. O título, "No Brasil, um movimento social nascido à margem dos partidos políticos" (BOURCIER, 2013d, p. 4, tradução nossa) já demonstra o enquadramento adotado pela matéria. De acordo com o texto, os partidos políticos tradicionais (a matéria dá a entender que refere-se especialmente ao PT) estão sob "risco de divórcio" com uma parcela da sociedade que julgava representar:

Os cientistas chamam isso de "efeito borboleta". Para os líderes brasileiros, a extensão do descontentamento da população, que não se enfraquece, anuncia um risco de divórcio de parte de sua base com os partidos políticos tradicionais. Um verdadeiro pesadelo a um ano da eleição presidencial, já que seu desenvolvimento é imprevisível. O movimento de protesto social que está varrendo o país encontra o seu fôlego no coração de uma pequena nebulosa de ativistas - algumas dezenas de pessoas - em sua maioria muito jovens e urbanos, dizendo não serem associados a nenhum partido político (BOURCIER, 2013d, p. 4, tradução nossa).

Segundo Carlos Vainer, urbanista citado pelo *Le Monde*, foi a "arrogância das autoridades" que deu força às manifestações. Ele considera ainda que "a chegada do PT ao poder iniciou uma década de letargia, uma letargia que acaba de terminar subitamente" (BOURCIER, 2013d, p. 4, tradução nossa). Ao fim do texto, o autor cita o assessor da presidenta, Gilberto Carvalho, "admitindo que o governo 'ainda não tinha sido capaz de entender as razões do movimento'" (BOURCIER, 2013d, p. 4, tradução nossa). Tanto no *New York Times* quanto no *Le Monde*, as fontes oficiais (e essa fala em especial) são usadas para reafirmar o distanciamento entre políticos e manifestantes.

O enquadramento "crise de representação" é utilizado novamente pelo jornal na matéria "Fúria social coloca Dilma Rousseff sob pressão" (BOURCIER; HOPQUIN, 2013a, p. 5, tradução nossa). A matéria afirma que as manifestações haviam causado

uma crise política, situação que obrigou a presidenta a cancelar sua viagem ao Japão. O texto mostra ainda o descontentamento e a desilusão dos manifestante com a classe política:

"Nós queremos mudar o nosso país. A vida é muito confortável para os nossos políticos e não o suficiente para as pessoas." A consultora [Natassia Araujo, 26 anos] estava lá desde os primeiros atos na semana passada. Ela voltou todos os dias. Ela afirma ser da "classe média", que forneceu a maior parte dos manifestantes. Nas últimas eleições ela votou em branco, sem ter fé em qualquer candidato (BOURCIER; HOPQUIN, 2013a, p. 5, tradução nossa).

No dia 24/06/2013, "No Brasil, Dilma Rousseff tenta retomar o controle" (BOURCIER, 2013f, p. 3, tradução nossa) tenta mostrar o cenário de crise de representação instaurado no país. Segundo a matéria, as propostas da presidenta, apresentadas no pronunciamento do dia 21/06/2013, não haviam sido suficientes para apaziguar os manifestantes, demonstrando novamente o distanciamento dos políticos, que não conseguem identificar as demandas da população:

O pronunciamento provocou reações mistas. O editorialista do jornal conservador O Globo, Ricardo Noblat, disse que seu discurso era "necessário, mas acrescenta pouco." As redes próximas aos movimentos criticam a falta de projetos concretos e o silêncio sobre a violência policial observada principalmente na quinta-feira no centro do Rio de Janeiro. De acordo com uma pesquisa da Datafolha, realizada sexta-feira, 55% dos habitantes de São Paulo consideram a atitude de Dilma frente aos eventos como "ruim" ou "muito ruim". Ou seja: seis pontos a mais em quatro dias (BOURCIER, 2013f, p. 3, tradução nossa).

O pronunciamento da presidenta não teria ido, portanto, ao encontro dos anseios dos manifestantes. Esses discursos "vazios" (posicionamento evidenciado na fala de Noblat) são também indicativos da crise de representação, visto que evidenciam a falta de competência e interesse real em responder à altura dos protestos.

Em "A geração Lula, entre irritação e desilusões" (HOPQUIN, 2013a, p. 3, tradução nossa), publicada no dia 24/06/2013, o *Le Monde* mostra a desilusão dos jovens brasileiros com todo o sistema político, mas em especial com o Partido dos Trabalhadores:

Os amigos fazem parte da geração Lula, e despertaram para a política com esse homem carismático que foi o presidente do Brasil entre 2003 e 2010. Então, naturalmente, "Dilma" parece um pouco maçante em comparação. Mas não é apenas essa monotonia que desperta desconforto. Há sobretudo essa impressão de que o Partido dos Trabalhadores (PT, esquerda, no poder), para quem sempre votaram, não tem mais muito a oferecer. "Ela não me convenceu", diz Daniel. "Este é o discurso de

alguém que está no poder", tenta justificar Ana Cecilia. [...] Foi por isso que eles marcharam nos últimos dias [...]. Quando a passagem de ônibus aumentou, Andrea foi para a rua, não porque não pudesse pagar, mas porque as coisas estavam indo por um "caminho errado". "Vinte centavos de aumento é nada em relação ao dinheiro. Mas, para muitos brasileiros, é um valor enorme e aqueles que decidiram este aumento parecem ter esquecido disso. " Os amigos queriam sacudir o governo para o seu próprio bem. Mas eles não gostam da virada que está vivendo o movimento, entre violência, proliferação de reivindicações bizarras e tentativa de apropriação da direita. "Estou desencantado", Lucas finalmente admitiu, antes de se servir outra taça (HOPQUIN, 2013a, p. 3, tradução nossa).

O *Le Monde* demonstra portanto a desconfiança dos eleitores em relação aos políticos. "Ela não me convenceu" é uma frase retomada, em maior ou menor medida e com pequenas alterações, em vários textos do jornal. Denota o descrédito da classe política, que não consegue passar aos brasileiros qualquer traço de confiança. Essa classe desconhece os problemas dos brasileiros e não entende o "real" significado dos 20 centavos.

O enquadramento "Crise de representação" é usado novamente no *Le Monde* na matéria "Dilma Rousseff propõe reformar a Constituição" (BOURCIER; HOPQUIN, 2013b, p. 3, tradução nossa), publicado no dia 26/06/2013, após o discurso da presidenta, no qual ela propôs os cinco pactos. Para o jornal, as propostas presidenta não foram suficientes para responder as demandas da população, que não confiaria em sua habilidade de cumprir suas promessas: "Assim que terminou o anúncio da presidente, milhares de pessoas saíram às ruas para expressar seu ceticismo" (BOURCIER; HOPQUIN, 2013b, p. 3, tradução nossa). A matéria questiona ainda se Dilma teria habilidade política suficiente para aprovar as medida no Congresso, sendo mais um de uma série de textos que questionam o capital político da chefe de Estado.

No artigo "Dilma Rousseff pressionada a reformar com urgência" (MONCLAIRE, 2013, p. 16, tradução nossa), publicado no *Le Monde* no dia 28/06/2013, a autora classifica a proposta de reforma política da presidenta como apenas uma estratégia para apaziguar os manifestantes. Estratégia essa fadada ao fracasso, diz o texto, visto que as mudanças precisam passar por um Congresso corrupto e protegido pela impunidade:

A presidente do Brasil quer mostrar que está ouvindo os manifestantes. Mas estas breves reuniões, por agora, têm prejudicado a sua imagem mais do que ajudado. Pois os jovens aprendizes líderes do movimento têm confiado à imprensa como Rousseff parece pouco familiarizada com os

problemas concretos para os quais eles queriam atrair sua atenção, enfrentados por milhões de brasileiros. Este tipo de crítica corrói ainda mais a representação habitual e legitimadora de uma Dilma Rousseff competente e compassiva, que ela emana de personalidades que desfrutam de um forte capital de simpatia entre os manifestantes. Essas reuniões também têm a desvantagem de objetivar e piorar a baixa representação dos partidos, já que a presidente não julgou necessário consultar publicamente seus líderes desde o início da crise. [...] Ela acaba de prometer uma ampla "reforma política", proposta tão antiga quanto a atual Constituição promulgada em 1988, cobrindo todas as revisões constitucionais e legislativas que poderiam conter e punir a corrupção, limpar o financiamento das campanhas, aumentar a legitimidade das autoridades eleitas, e tornar os partidos políticos mais consistentes e o regime mais democrático. Para os brasileiros, os políticos gozam de relativa impunidade em casos de corrupção. Além disso, eles atribuem a este flagelo os excessos no financiamento dos preparativos para a Copa do Mundo a ser realizada em 2014. E se eles desconhecem a miríade de dispositivos eleitorais e regras que regem os partidos políticos, o que, por sua vez, dificulta a boa representação dos eleitos, eles sabem que não se identificam com os partidos e têm dificuldades para diferenciá-los uns dos outros. Já em 1992, quando do *impeachment* do presidente Fernando Affonso Collor de Mello, acusado de corrupção, era esperado que houvesse uma grande reforma política. Nada aconteceu, porque a maioria dos dispositivos de reforma estão definidos na lei ou na Constituição, e, portanto, precisam ser alterados ou excluídos com o consentimento do Congresso - reunião de deputados e senadores, que devem seus postos à existência destes dispositivos perniciosos. Os grupos parlamentares são indisciplinados e o sistema partidário muito fragmentado para que mudanças significativas possam ser introduzidas. (MONCLAIRE, 2013, p. 16, tradução nossa).

O texto levanta novamente a questão da representação partidária: os partidos, diversos e fragmentados, na verdade não seriam tão diferentes assim uns dos outros. E se eles são muitos, ainda assim se mostram incapazes de acolher as demandas da população brasileira. Por outro lado, a legislação oferece brechas que dificultam a boa representação dos eleitos e a punição dos corruptos. Segundo a autora, não se pode esperar uma reforma política de um Congresso como esse. A presidenta também é alvo de críticas: ela estaria longe dos brasileiros, teria pouco conhecimento dos problemas por eles vividos e sua imagem de líder competente estaria em decadência. Novamente, o *Le Monde* cita a pouca habilidade política de Dilma, que não considerou necessário consultar os líderes partidários desde o início das manifestações.

Finalmente, em "Brasil: 'Me sinto mal pelo meu país'" (BOURCIER; HOPQUIN, 2013c, p. 21, tradução nossa), publicada pelo *Le Monde* no dia 29/06/2013, a crise é descrita como um "descontentamento com um sistema político que não faz sentido" (BOURCIER; HOPQUIN, 2013c, p. 21, tradução nossa). As fontes mostradas na matéria demonstram sua descrença na política e nos políticos brasileiros:

A conversa desemboca naturalmente na política e toma um rumo amargo. Como todos os brasileiros, os Pacito não têm confiança em seus representantes eleitos. "São políticos de pai e filho, por herança, explica Paulo. Tornou-se uma empresa que compartilha privilégios." E há ainda a corrupção, essa necrose que enfurece Dialze. "Os políticos ficam impunes neste país." Paulo tenta entender essa gangrena: " O Brasil é um país novo, nascido da colonização. As pessoas vieram aqui para sobreviver. Há até hoje essa ideia predatória, de concentrar-se primeiro na sua situação. Os líderes políticos pensam somente neles, em seus netos, e não no país. " Os Pacito sempre votaram na centro-direita. Eles acreditaram em Fernando Collor, eleito presidente do Brasil em 1990, com seu discurso de renovação, antes de ser destituído dois anos mais tarde por corrupção. Uma enorme decepção. Em 2002, quando Lula chegou ao poder, eles observaram o homem esquerdista com uma mistura de ansiedade e esperança. "Nós não compartilhamos suas opiniões, mas esperávamos que ele pudesse moralizar o sistema, explica Paulo. O que não aconteceu. Foi com ele que conhecemos os piores escândalos. " (BOURCIER; HOPQUIN, 2013c, p. 21, tradução nossa).

A crise de representação é apresentada no jornal *Le Monde* como inerente ao sistema político brasileiro, e compartilhada por *todos* os brasileiros. Nem a direita, nem a esquerda escapam dos escândalos de corrupção, e pelo enquadramento do jornal não restaria solução imediata para a situação: os partidos são "balcões de negócio" e a reforma política teria poucas chances de prosperar. Apesar disso, a reforma política é citada como uma solução eficaz para a crise, se conseguisse ser aprovada.

É importante ressaltar também o artigo "O Partido dos Trabalhadores pode satisfazer as aspirações do movimento" (GARCIA, 2013, p. 17, tradução nossa), escrito pelo militante petista Marco Aurelio Garcia, publicado no dia 28/06/2013. O texto funciona como um posicionamento do PT frente às críticas dos brasileiros e do próprio *Le Monde* ao partido, evidenciadas nas outras matérias analisadas. O autor afirma que os 10 anos de governo petista trouxeram diversos avanços para o país, ainda que não fossem suficientes para suprir todas as demandas. "Pela primeira vez na história, esse governo precisa encarar o principal problema social: a desigualdade" (GARCIA, 2013, p. 17, tradução nossa). O *mea-culpa* do PT reforça, no entanto, que os problemas brasileiros são consequência de anos de maus governos, e que as mudanças positivas foram instauradas pelo ex-presidente Lula e por sua sucessora, Dilma Rousseff.

O enquadramento "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos" é utilizado, portanto, para explicar as manifestações de junho de 2013 como uma consequência do sistema corrupto, dos políticos criminosos e impunes e da baixa (ou nenhuma) confiança nos políticos por parte dos brasileiros. Os eleitos e os partidos (todos eles, da extrema direita à extrema esquerda) brasileiros são desqualificados,

julgados incompetentes, perdidos em meio às demandas e anseios do movimento brasileiro, sem soluções para os problemas da população e utilizando-se apenas de estratégias políticas para acalmar os ânimos nas ruas. As medidas propostas pela presidenta são vistas como inatingíveis, não apenas porque a própria não teria as melhores intenções (tudo não passa de estratégias), mas também porque o Congresso, de quem ela necessita para aprovar as proposições, não se mostra nem um pouco interessado em legislar em favor da população.

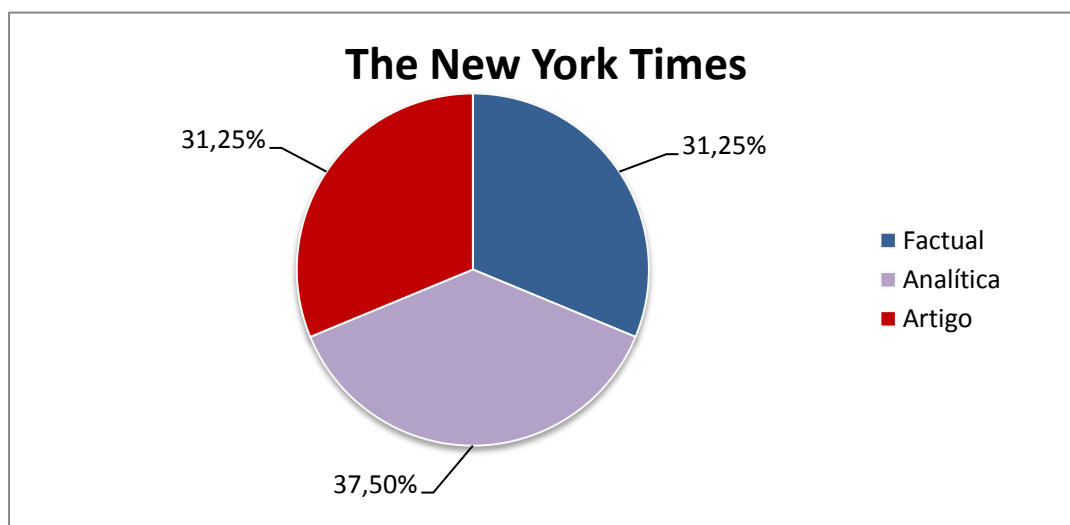
CAPÍTULO 7: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA COBERTURA

Buscamos até aqui traçar como os jornais analisados nesta pesquisa utilizaram enquadramentos noticiosos e interpretativos em seus textos para noticiar as manifestações de junho de 2013 no Brasil. Faremos agora uma breve comparação quanto ao gênero dos textos publicados, bem como os enquadramentos utilizados.

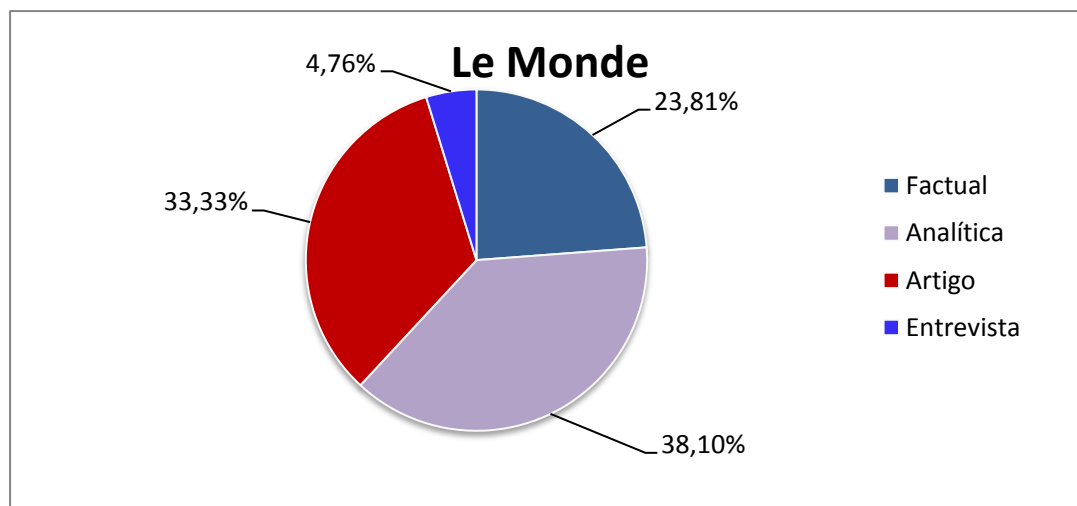
O *The New York Times* foi o primeiro a iniciar a cobertura das manifestações, com matéria publicada no dia 14/06/2013, reportando o Quarto Grande Ato do dia 13/06/2013. Como explicamos no capítulo de contextualização (Capítulo 1), esse protesto em São Paulo foi marcado pela violência e repressão policiais, e foi esse o destaque dado no jornal. Já o *Le Monde* iniciou a cobertura com uma matéria no dia 18/06/2013 sobre as manifestações do dia 17/06/2013, que a essa altura começavam tomar o Brasil.

Apesar de ter começado depois, o *Le Monde* publicou 21 textos sobre as manifestações entre o período de 14/06/2013 e 30/06/2013. Como podemos ver no gráfico abaixo, mais de 75% da cobertura do jornal foi analítica e interpretativa, com matérias factuais, artigos e uma entrevista com especialista. O *The New York Times* publicou 16 textos, sendo a maioria (68,75%) interpretativa, entre artigos e matérias. Como explica Silva (2006, p. 91), as matérias interpretativas e artigos oferecem um pano de fundo, uma contextualização do tema. Permitem ao leitor fazer uma análise mais aprofundada dos acontecimentos. Os gráficos a seguir mostram a cobertura das manifestações nos dois jornais segundo o gênero dos textos.

Gráfico 1: Porcentagem dos gêneros - *The New York Times*



Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *The New York Times*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

Gráfico 2: Porcentagem dos gêneros - *Le Monde*

Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *Le Monde*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

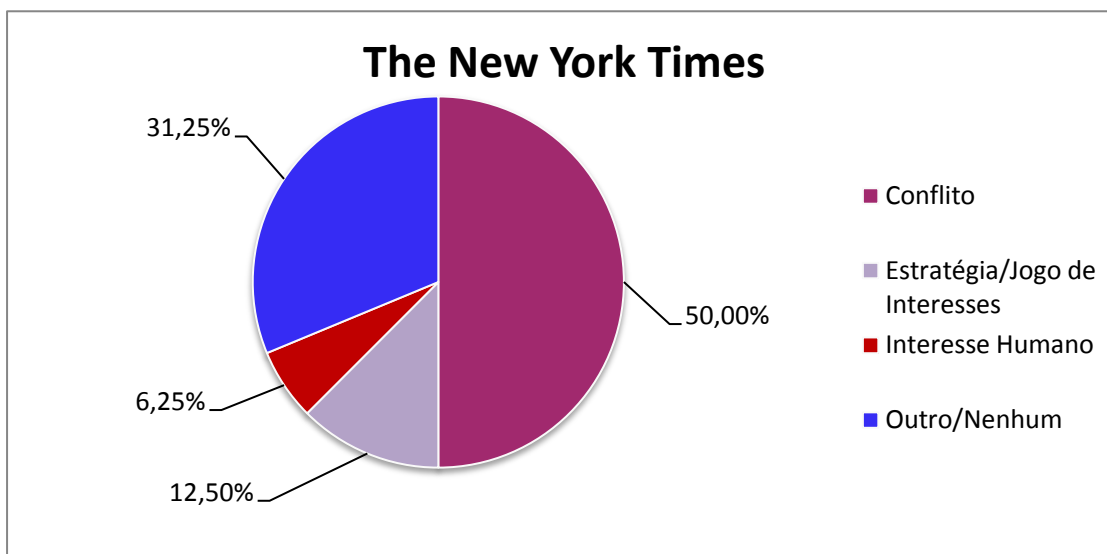
O *Le Monde* se destaca ainda pela série "Décryptage/Dialogues" (algo como decodificação, em versão livre), quando publicou vários artigos escritos por especialistas e por convidados brasileiros (entre eles o ex-jogador e atual senador Romário Faria), que também contribuíram com enquadramentos para a cobertura. Nesta seção foi ainda publicado um artigo de Marco Aurélio Garcia, militante do Partido dos Trabalhadores e assessor da presidenta. Como explicado anteriormente, foi uma forma de oferecer "respostas" às críticas dos manifestantes e do próprio jornal *Le Monde*, que adotou o enquadramento "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos", mostrando políticos de todas as alas (mas especialmente o PT) como desconexos da sociedade, sem muito a oferecer.

Quanto aos enquadramentos noticiosos, que na definição de Porto (2004, p. 91) são "padrões de apresentação, seleção e ênfase" ou o "ângulo da notícia", foi o *The New York Times* o veículo que mais se utilizou deles. Das 16 matérias publicadas pelo jornal, 8 (50%) utilizaram o enquadramento "Conflito". Como explicamos anteriormente, esse enquadramento enfatiza os confrontos entre manifestantes e policiais, ou entre manifestante e políticos, e por vezes impede que a mensagem dos manifestantes seja passada (GITLIN, 1980). Em cinco textos, não havia enquadramento noticioso ou havia outro tipo de enquadramento, que não os citados nesta pesquisa.

No jornal *Le Monde*, quase metade dos textos não apresentou enquadramento noticioso (47, 62%, ou 10 textos). Por sua vez, os dois enquadramentos

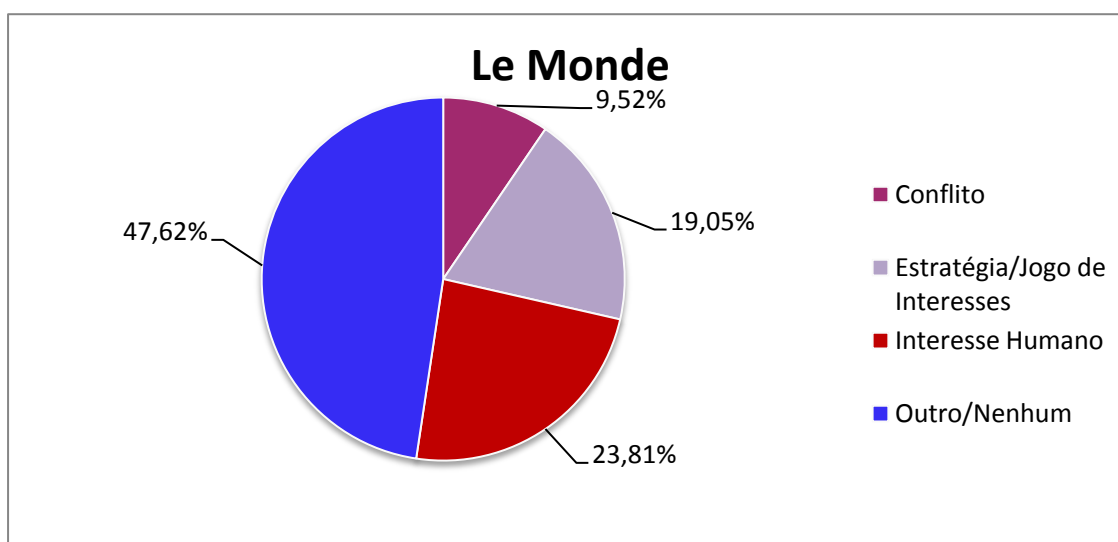
mais utilizados foram "Interesse Humano" (com cinco textos) e "Estratégia/Jogo de Interesses" (com 4 textos). Como explicamos no capítulo 2, o enquadramento "Interesse Humano" pode prejudicar o conteúdo das matérias, dificultando que leitores lembrem-se do tema central dos textos (VALKENBURG; SEMETKO; VREESE, 1999). Já o enquadramento "Estratégia/Jogo de Interesses" contribui para o ceticismo da audiência, o que poderia, inclusive, agravar crises de representação (CAPPELLA; JAMIESON, 1997). Os gráficos abaixo mostram a distribuição geral dos textos segundo enquadramento noticioso.

Gráfico 3: Porcentagem dos enquadramentos noticiosos - *The New York Times*



Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *The New York Times*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

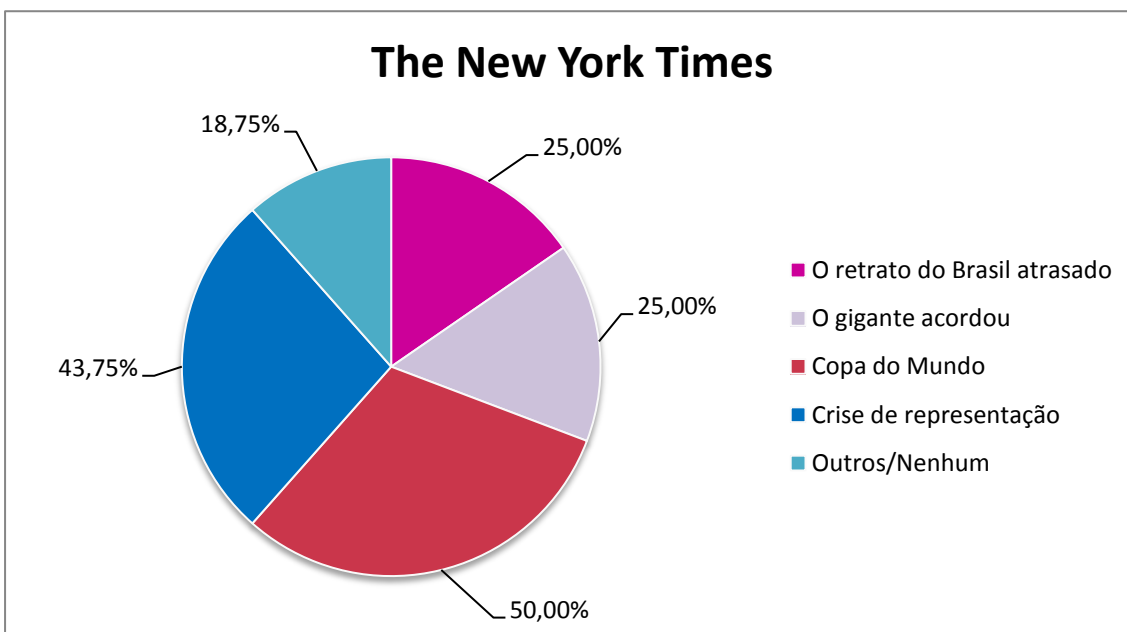
Gráfico 4: Porcentagem dos enquadramentos noticiosos - *Le Monde*



Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *Le Monde*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

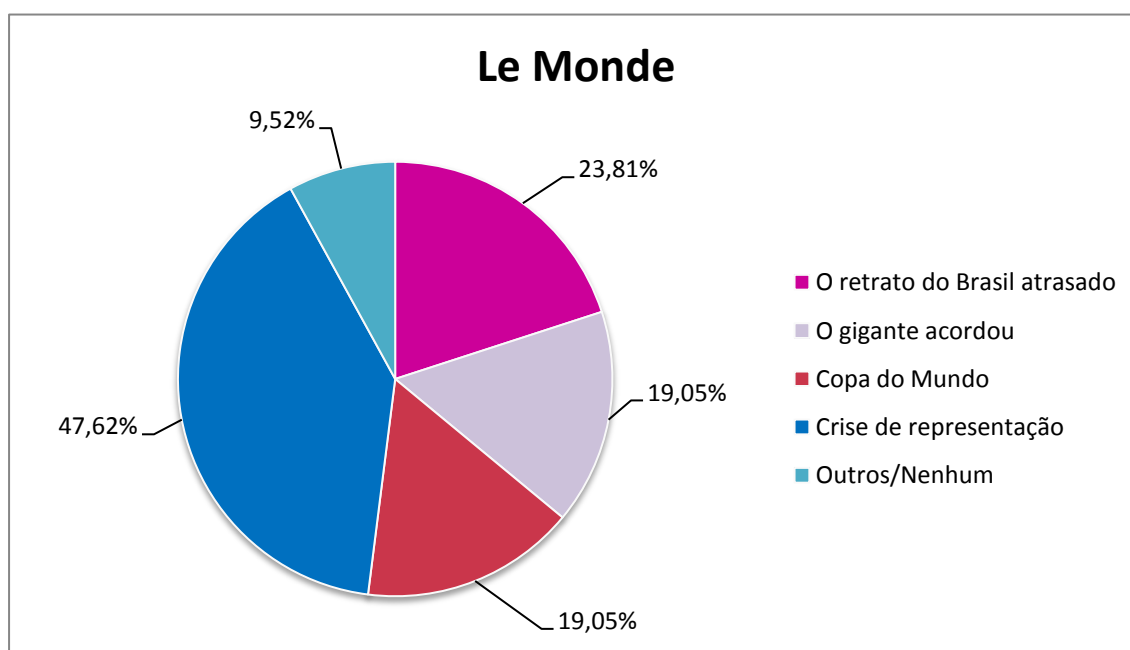
Quanto aos enquadramentos interpretativos, o *The New York Times* deu prioridade a "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver". Esse enquadramento foi usado em metade dos textos do jornal (8 de 16), seguido por "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos", usado em 7 textos. Já o *Le Monde* publicou 10 textos (de 21) com este enquadramento, seguido por "O retrato do Brasil atrasado", com metade da quantidade (5 de 21 textos).

Gráfico 5: Porcentagem dos enquadramentos interpretativos - *The New York Times*



Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *The New York Times*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

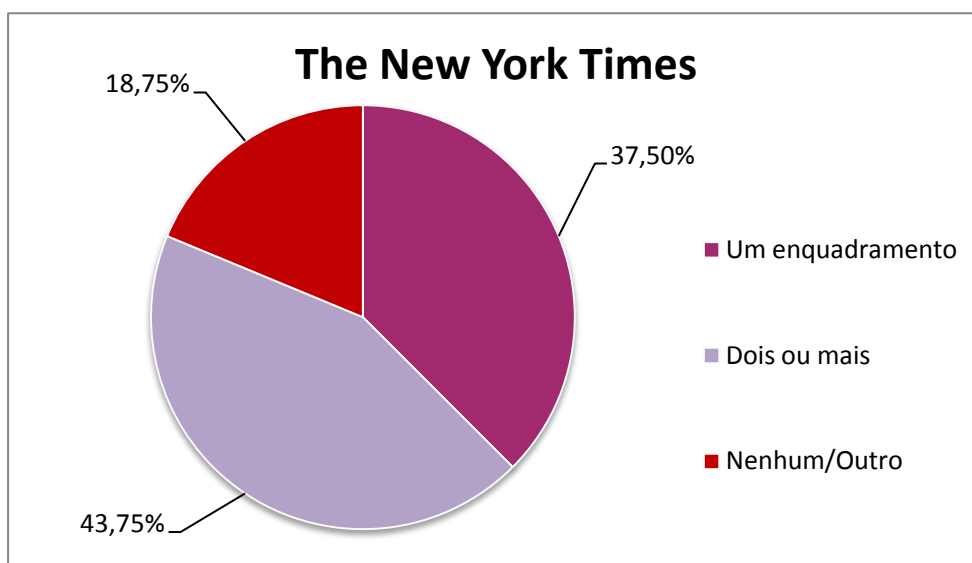
Gráfico 6: Porcentagem dos enquadramentos interpretativos - *Le Monde*



Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *Le Monde*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

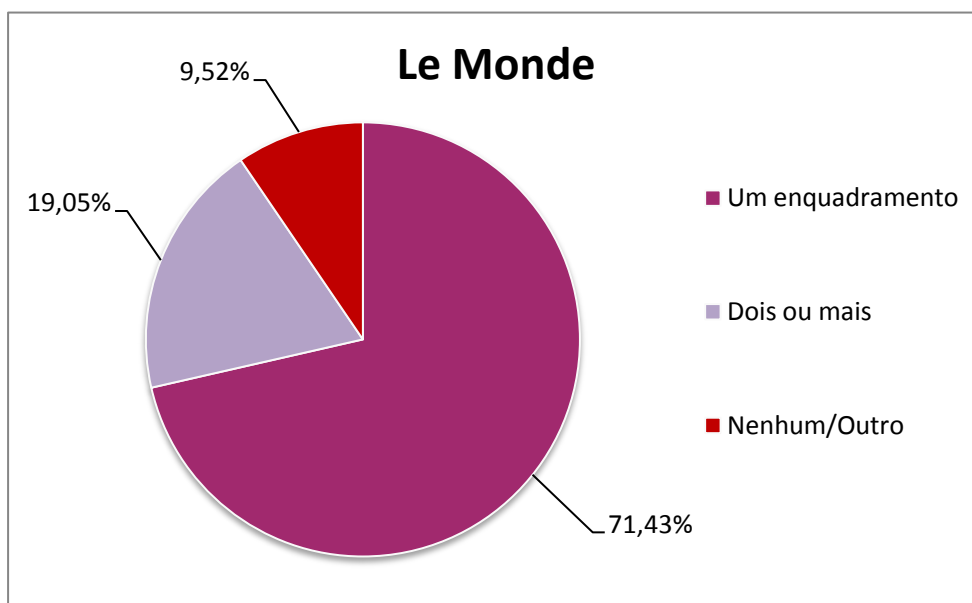
Sobre a diversidade de enquadramentos apresentados em cada matéria, nota-se que cerca de 43% (ou seja, 7 textos) da cobertura feita pelo *The New York Times* apresenta dois ou mais enquadramentos interpretativos, mas 37% (6 textos) apresenta apenas um. Por sua vez, no *Le Monde* a maioria dos textos (15 de 21, ou 71%) apresentou apenas um enquadramento. Menos de 20% da cobertura foi feita com dois ou mais enquadramentos interpretativos, prejudicando portanto a diversidade interpretativa.

Gráfico 7: Diversidade de enquadramentos interpretativos - *The New York Times*



Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *The New York Times*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

Gráfico 8: Diversidade de enquadramentos interpretativos - *Le Monde*



Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *Le Monde*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As manifestações de junho de 2013 no Brasil foram de fato um acontecimento memorável para o país. O Brasil ganhou as páginas dos jornais internacionais, que tentavam responder a pergunta: "Afiml, para onde vai o Brasil?". Se os jornais nacionais como Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo tiveram dificuldades em "acertar" a cobertura, não foi diferente com dois dos maiores jornais do mundo.

O *The New York Times* se "destaca" pela quantidade de matérias utilizando-se do enquadramento "Conflito". 50% da cobertura foi feita por esse viés. Vários pesquisadores (GITLIN, 1980; BOYKOFF, 2006; GOTTLIEB, 2015) já alertaram para os problemas da cobertura centrada no conflito. Ainda que confrontos com a polícia e os políticos funcionem para aumentar a cobertura (BOYKOFF, 2006; GOTTLIEB, 2015), é preciso questionar se apenas aumento de cobertura é suficiente para se fazer uma *boa* cobertura. Portanto, como costuma acontecer em coberturas de protestos (GAMSOM; WOLFSFELD, 1993), houve bastante ênfase por parte do jornal nos confrontos ocorridos entre manifestantes e policiais, confirmando a tendência identificada por outros autores (BOYKOFF, 2006; GOTTLIEB, 2015).

O enquadramento interpretativo mais utilizado pelo *The New York Times* foi "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'", presente também na metade dos textos publicados. Romão (2013, p. 13) também acredita que a Copa do Mundo tenha sido um símbolo das críticas dos manifestantes, que perceberam "a conexão direta entre um país moldado 'para inglês ver' – o país da Copa – e o Brasil real, que requer mais e melhores hospitais e escolas". Enquanto o governo despejava bilhões de reais na construção de estádios para o Mundial, a população percebia outras prioridades no país, como o transporte (centelha que iniciou os protestos), a saúde e a educação pública.

Concordamos com o autor, e em grande medida com este enquadramento, no que diz respeito às necessidades do país. No entanto, o perigo de "Copa do Mundo e o Brasil 'pra inglês ver'" está na reprodução de estereótipos relacionados ao Brasil, especialmente a relação do país com o futebol. Essa relação, neste enquadramento, não se dá em um nível cultural apenas. Por vezes é descrita uma "obsessão" pelo futebol (HUGHES, 2013a), ou "uma fonte de orgulho inigualável, um laço comum que une uma nação tão diversa, algo para onde os brasileiros poderiam sempre apontar - mesmo em

tempos de ruína econômica ou governo autoritário - que *os fazia os melhores do mundo*" (ROMERO, 2013a, p. A1, grifo nosso, tradução nossa), fora outras afirmações estereotipadas como "o país onde o futebol é rei" (BOURCIER, 2013c, p. 2, tradução nossa). Esse enquadramento reforça, portanto, essa visão por vezes limitada do Brasil, já identificada em outros estudos sobre o tema. Nas palavras de Carvalho (2013, p. 151), esses estereótipos apenas "cumprem a função de eternizar uma característica que parece desde sempre associada ao Brasil e aos brasileiros [...]".

O enquadramento tem ainda um certo tom depreciativo, que diminui os avanços vividos nos últimos anos pelo Brasil. Ainda que precisemos admitir que muito resta a ser feito, continuar enfatizando apenas os pontos negativos do país não seria o caminho para contribuir com coberturas mais justas. Esse mesmo aspecto negativo encontra-se no enquadramento "O retrato do Brasil atrasado". "Mas alto lá. O verniz estava muito brilhante" (BOURCIER, 2013h, p. 20, tradução nossa) sintetiza o espírito deste enquadramento, como se o progresso percebido no Brasil fosse "bom demais para ser verdade".

Outro enquadramento noticioso bastante usado (no caso, pelo *Le Monde*) foi "Interesse Humano". Como explicado anteriormente, esse enquadramento procura "humanizar" o texto, com ênfase nos aspectos emotivos. O *Le Monde* se mostrou especialmente preocupado em "dar uma cara" para as manifestações, mostrar quem seriam os manifestantes. Esse também é um enquadramento muito usado em protestos (GITLIN, 1980; BOYKOFF, 2006) e que pode prejudicar as interpretações.

Como explicado no capítulo de revisão teórica, Valkenburg, Semetko e Vreese (1999) descobriram efeitos de enquadramento na audiência quando "Interesse Humano" era utilizado nas matérias. A dramatização excessiva pode prejudicar o conteúdo do texto, já que os participantes da pesquisa não conseguiam lembrar aspectos centrais das matérias que utilizavam o enquadramento (VALKENBURG; SEMETKO; VREESE, 1999, p. 566). Gitlin (1980) também já havia alertado para esses riscos, afirmando que a cobertura realizada pela mídia americana durante os protestos da SDS contribuíram mais para tornar os líderes em celebridades que de fato apresentar a mensagem do movimento.

É necessário ainda comentarmos rapidamente o enquadramento interpretativo "O gigante acordou". Um aspecto bastante relevante deste enquadramento

é a ideia de que as manifestações foram a expressão do ápice da democracia brasileira. Ora, é fato que as manifestações foram significativas para a história do Brasil, e representaram a revolta dos brasileiros com os vários problemas do país, como explanamos amplamente do capítulo de contextualização. No entanto, é necessário fazer ressalvas: alguns autores (CHAUI, 2013; GLADWELL, 2010) questionam essa ideia de "explosão democrática" defendida pelos jornais, não apenas pela forma como foram organizadas (pelas redes sociais, privilegiando laços fracos etc.), mas também pelos diversos posicionamentos francamente *antidemocráticos* vistos durante os protestos.

Existem ainda dois enquadramentos que, mesmo sem aparecer necessariamente juntos, têm muita conexão: o enquadramento noticioso "Estratégia/Jogo de Interesses" e o enquadramento interpretativo "Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos". Como discutimos no capítulo 2, pesquisas demonstraram que o uso deste enquadramento noticioso contribui para a desconfiança da audiência nos governantes e no sistema político em geral (CAPPELLA; JAMIESON, 1997; JACKSON, 2011). Ora, se a imprensa percebe uma "crise de representação", seria interessante provocar questionamentos sobre sua participação nela.

Ainda que esta crise seja de fato evidente, ao menos no contexto das manifestações (CAVALCANTI, 2013; ROMÃO, 2013), a ênfase na "cobertura adversária" (GUAZINA, 2011), em que se privilegia as denúncias e "o jornalismo coloca-se como defensor do interesse público em contraposição a uma política permeada de interesses privados e pessoais [característica própria do enquadramento 'Estratégia/Jogo de Interesse']" (GUAZINA, 2011, p. 230), pode contribuir, se não para a criação, certamente para o agravamento desta crise (MIGUEL, 2008; SANTOS, 2014).

Poder-se-ia argumentar que, por serem jornais estrangeiros, teriam pouco efeito sobre os brasileiros. Essa afirmação não pode ser confirmada nem refutada neste trabalho, mas a título de ilustração, segue abaixo trecho de carta do leitor publicada no *The New York Times*:

Destacam-se as revelações surpreendentes sobre o descontrole em que o Congresso brasileiro está autorizado a operar [referência à matéria "Public Rage Catching Up With Brazil's Congress"]. De acordo com estas revelações, os legisladores brasileiros parecem-se mais com bandidos do que com representantes de confiança dos eleitores que os elegeram. Pior, a liderança do país parece incapaz ou sem vontade de pôr fim a tal

ilegalidade e abuso. Infelizmente para os brasileiros modernos e trabalhadores, a corrupção continua profundamente enraizada na cultura, impedindo os brasileiros de conseguir um lugar melhor na ordem mundial de hoje (PROTESTS..., 2013, p. A18, tradução nossa).

O trecho citado evidencia a crise de representação percebida no país, mas também a relação entre as notícias lidas pelo brasileiro no jornal *The New York Times* e sua percepção do Congresso. Apesar da matéria em questão citar *seis* casos de fato alarmantes da *história* do Congresso, o leitor apressa-se em fazer seu julgamento: *os legisladores brasileiros parecem-se mais com ladrões*. Sem exceção. E não apenas eles, mas também a "liderança" do país.

Não é a proposta deste trabalho analisar possíveis efeitos dos enquadramentos no público, mas é interessante relembrarmos o conceito de Aldé (2001) sobre enquadramentos como chaves interpretativas para os cidadãos. Como explica a autora, a mídia é um quadro referencial acessível para o público, e muitos de seus membros (jornalistas) usufruem de alta credibilidade na sociedade. Isso quer dizer que os enquadramentos ou chaves apresentados pela mídia podem ter grande influência na interpretação do público, na formação de opinião e na organização de caminhos cognitivos (ALDÉ, 2001, p. 187). Portanto, ainda que os *efeitos* de enquadramento não sejam identificados, pesquisas anteriores (GAMSON, 1993; ALDÉ, 2001) demonstram que o público tende a adotar, em maior ou menor medida, as chaves interpretativas da mídia.

Finalmente, precisamos analisar rapidamente a diversidade interpretativa da cobertura, levando em consideração os gráficos apresentados no capítulo anterior. Como vimos, no *Le Monde* a maior parte dos textos (71%) apresentou apenas um enquadramento interpretativo. Ora, as manifestações de junho de 2013 no Brasil foram eventos políticos complexos, com uma diversidade de causas. Como bem lembra Žižek (2013, p. 103), tanto no Brasil quanto nas outras manifestações ocorridas ao redor do mundo, é preciso "evitar o essencialismo [...]: não existe um único objetivo 'real' perseguido pelos manifestantes, algo capaz de, uma vez concretizado, reduzir a sensação geral de mal-estar".

Tanto na Tunísia como na Turquia, na Grécia ou no Brasil, as manifestações foram acontecimentos de causas profundas e múltiplas, não podendo ser reduzidos apenas a uma "crise de representação" ou a eventos como a Copa do Mundo. Como

tentamos discutir neste trabalho, gastos com o Mundial e descrença na classe política foram, com certeza, fatores dessa complexa equação. Mas, especialmente no "calor" do momento em que foram feitos os textos, é difícil (se é que possível) apontar *um* único motivo causador dos protestos.

Sabe-se hoje que o mundo tal qual vemos nos noticiários não é "a" realidade. Como explica Tuchman (1978, p. 1), notícias são quadros, molduras (ou, neste caso, enquadramentos). Mas se o jornalismo internacional (e o jornalismo como um todo) é de fato um "janela para o mundo" como sugeriu Durpre (1971), é importante garantir que esta seja a mais ampla possível, especialmente em jornais com grande aceitação no cenário internacional como são o *The New York Times* e o *Le Monde*. Quando somamos a isso os possíveis efeitos dos enquadramentos da mídia na audiência, largamente explorados neste trabalho, a questão da diversidade torna-se ainda mais relevante.

A pergunta que abriu a matéria do *Le Monde* (afinal, para onde vai o Brasil?) demonstra a complexidade dos eventos noticiados pelos jornais. O que foram estes movimentos espalhados pelo país, que levaram milhares de brasileiros às ruas? Como enquadrar eventos tão complexos, tão diversos em causas e pautas como as manifestações de junho de 2013 no Brasil? Talvez a linha defendida por Žižek (2013) seja a mais coerente. Existe algo acontecendo no mundo, em escala global, que temos ainda dificuldade de apreender e compreender de maneira clara.

Seria um problema com as democracias representativas tal qual conhecemos? Um esgotamento do sistema democrático? Seriam problemas econômicos causados por crises como a de 2008, que levaram desemprego a milhares de cidadãos no mundo inteiro? Ou seriam problemas mais profundos, localizados no sistema não apenas econômico, mas social, que domina a sociedade global? As respostas para estas perguntas não poderiam estar contidas apenas neste trabalho, que limitou sua análise aos eventos do Brasil, em apenas dois jornais. Mas talvez seria tempo de reformular a pergunta, de englobar ainda mais pautas e temas. Talvez a melhor pergunta nesse contexto de agitação social mundial seria: afinal, para onde vai o mundo?

REFERÊNCIAS

- ALFONSIN, Betânia de Moraes et al. As manifestações de junho de 2013, o processo de construção dos direitos de cidadania no Brasil e o direito à cidade. **Revista de Direito da Cidade**, Rio de Janeiro, vol. 07, nº 1, p 71-90, 2015.
- ALDÉ, Alessandra. **A construção da política**. Cidadão comum, mídia e atitude política. 2001. Tese (Doutorado). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- ALVES, Guilherme Pinheiro. **Desocupação do Pinheirinho na mídia**: Análise dos enquadramentos da cobertura da Folha de S. Paulo e do blog Solidariedade à ocupação Pinheirinho. 2013. Monografia (Graduação). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- AO MENOS 65 mil protestam nas ruas de São Paulo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 jun. 2013. Cotidiano, p. C4.
- ARAÚJO, Glauco et al. Morre jovem que caiu de viaduto durante manifestação em BH. **G1**, 27 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/morre-jovem-que-caiu-de-viaduto-durante-manifestacao-em-bh.html>>. Acesso em: 9 nov. 2015.
- ARTIGO 19 AMÉRICA DO SUL. **Relatório Protestos no Brasil 2013**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.artigo19.org/protestos>>. Acesso em: 1º nov. 2015.
- AZEVEDO, Fernando Antônio. Agendamento na política. In: RUBIM, Antonio Albinos Canelas (Org.). **Comunicação e política**: conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, 2004, p. 41-72.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, [1977] 2011.
- BERGAMIM JR., Giba. Novo ato contra tarifa faz até colégio fechar mais cedo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 jun. 2013. Cotidiano, p. C1.
- BIRD, S. Elizabeth & DARDENNE, Robert W. “Myth, chronicle, and story: exploring the narratives qualities of news”. In: CAREY, James (Ed.). **Media, myths and narratives**. Newbury Park & London: Sage, 1988.

BOFF, Leonardo. **As multidões nas ruas**: como interpretar? 28 jun. 2013. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2013/06/28/as-multidoes-nas-ruas-como-interpretar/>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

BOYKOFF, Jules. Framing dissent: mass-media coverage of the Global Justice Movement. **New Political Science**, vol. 28, n. 2, p. 201-228, jun. 2006.

BREWER, Paul R. et al. Priming or framing: media influence on attitudes toward foreign countries. **Gazette: The International Journal for Communication Studies**, vol. 65, n. 6, p. 493-508, 2003.

CARVALHO, Eneida O. D. **Representações sociais do Brasil e dos brasileiros em contexto estrangeiro**: Um estudo do jornal Le Monde e de discursos de estudantes universitários franceses. 2013. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALCANTI, Victor Reis de Abreu. **As manifestações de junho de 2013**: uma análise a partir do embate teórico entre democracia e pluralismo agonístico. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CHAUÍ, Marilena. As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. **Teoria e Debate**, Ed. 113, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/index.php?q=materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

CHEGOU a hora do basta. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,chevou-a-hora-do-basta-imp-1041814>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

CRUZ, Iasminny Thábata Sousa. **O agendamento jornalístico a partir das mídias digitais durante as Jornadas de Junho: Facebook x EBC**. 2013. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

DISCURSO da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante reunião com governadores e prefeitos de capitais. **Planalto**, 24 jun. 2013. Disponível em:

<<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discorso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-reuniao-com-governadores-e-prefeitos-de-capitais>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

DOTA, María Inez Mateus. A imagem do Brasil no discurso do New York Times: aspectos sociais. **Signo y pensamiento**, vol. XXIX, n. 56, p. 388-404, enero-junio 2010.

DURPREE, John David. International communication: view from a window on the world. **International Communication Gazette**, vol. 17, p. 224-235, nov. 1971.

ENTMAN, Robert M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, vol. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

FERNANDES, Adélia Barroso. **O contrato e as estratégias discursivas da primeira página dos jornais Folha de S. Paulo e Le Monde**. 2011. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FERNANDES, Carla Montouri. A liderança da presidente Dilma Rousseff na mídia internacional: uma análise dos jornais Le Monde, El Pais e New York Times. **Observatório (OBS*) Journal**, vol. 7, n. 2, p. 121-137, 2013.

GAMSON, William A. **Talking Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

GAMSON, William A.; MEYER, David S. Framing political opportunity. In: MCADAMS, Doug; MCCARTHY, John D.; ZALD, Meyer N. (Org.). **Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures and cultural framings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 275-290.

GAMSON, William A.; MODIGLIANI, Andre. The changing culture of affirmative action. In: BRAUNGART, Richard D. (Org.). **Research in political sociology**, vol. 3. Greenwich: JAI Press, 1987, p. 137-177.

_____ . Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. **American Journal of Sociology**, vol. 95, n. 1, p. 1-37, 1989.

GAMSON, William A.; WOLFSFELD, Gadi. Movements and media as interacting systems. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Vol. 528, Citizens, Protest, and Democracy p. 114-125, jul. 1993.

GITLIN, Todd. **The Whole World is Watching**: mass media in the making and unmaking of the new left. Berkeley: University of California Press, 1980.

GLADWELL, Malcolm. A revolução não será tuitada. **Observatório da Imprensa**, Ed. 620, dezembro, 2010. Disponível em: < <http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/a-revolucao-nao-sera-tuitada/>>. Acesso em: 6 nov. 2015.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**. Boston: Northeastern University Press, 1974.

GOLAN, Guy. Inter-media agenda-setting and global news coverage: Assessing the influence of the New York Times on three network television evening news programs. **Journalism Studies**, vol. 7, n. 2, p. 323-333, 2006.

GOTTLIEB, Julian. Protest news framing cycle: how The New York Times covered Occupy Wall Street. **International Journal of Communication**, vol. 9, p. 231-253, 2015.

GUAZINA, Liziane Soares. **Alinhados com o poder**: um estudo sobre a cobertura política do Jornal Nacional e do Jornal da Record (março-agosto/98). 2001. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

_____. **Jornalismo em busca de credibilidade**: A cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão. 2011. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

HARVEY, David. Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: HARVEY, David (Org.). **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2012, p. 57-64.

HOLSTI, Ole R. **Content analysis for the Social Sciences and Humanities**, Addison-Wesley, 1969.

JACKSON, Dan. Strategic media, cynical public? Examining the contingent effects of strategic news frames on political cynicism in the United Kingdom. **International Journal of Press/Politics**, vol. 16, n. 1, p. 75-101, 2011.

KAHNEMAN, Daniel; TVERSKY, Amos. Choices, values and frames. **American Psychologist**, vol. 39, n. 4, p. 342-350, 1984.

LAWRENCE, Regina G. Game-framing the issues: tracking the strategy frame in public policy news. **Political Communication**, vol. 17, n. 2, p. 93-114, 2000.

LIMA, Venício A. de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: MARICATO, Ermínia (Org.). **Cidades Rebeldes**, São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 89-94.

MAHER, Michael. Framing: an emerging paradigm or a phase of agenda setting? In: REESE, S.; GANDY, S. (Jr.); GRANT, A. (Org.). **Framing public life**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2001, p. 83-94.

MAIOR, Jorge Luiz Souto. A vez do direito social e da descriminalização dos movimentos sociais. In: MARICATO, Ermínia (Org.). **Cidades Rebeldes**, São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 83-88.

MALINI, Fábio et al. **#VemPraRua: Narrativas da Revolta brasileira**. Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic). Universidade Federal do Espírito Santo. 2014. Disponível em: <<http://www.labic.net/wp-content/uploads/2015/09/VemPraRua-Narrativas-da-Revolta-brasileira.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

MANIFESTAÇÕES pelo Brasil. Infográfico. **G1**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/protestos-2013/infografico/platb/>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

MARADEI, Anelisa. **Folha de S. Paulo e a cobertura dos protestos do MPL**. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013, Manaus: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013.

MARICATO, Ermínia. É a questão urbana, estúpido! In: MARICATO, Ermínia (Org.). **Cidades Rebeldes**, São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 19-26.

MATTHES, Jörg. What's in a frame? A content analysis of media framing studies in the world's leading communication journals, 1990-2005. **Journalism and Mass Communication Quarterly**, vol. 86, n. 2, p. 349-367, 2009.

MCCOMBS, Maxwell. A look at Agenda-setting: past, present and future. **Journalism Studies**, vol. 6, n. 4, p. 543-557, 2005.

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. The Agenda-setting function of mass media. **The Public Opinion Quarterly**, vol. 36, n. 2, p. 176-187, 1972.

MERRILL, John C. Les quotidiens de référence dans le monde. **Les cahiers du journalisme**, n. 7, p. 10-14, juin 2000.

MIGUEL, Luís Felipe. A mídia e o declínio da confiança na política. **Sociologias**, vol. 10, n. 19, p. 250-273, janeiro-junho, 2008.

MOLINA, Matías M. **Os melhores jornais do mundo**. São Paulo: Globo, 2007.

MORA, Marcelo; VIANA, Julia Basso. Protesto contra tarifa tem confronto, depredações e presos em SP. **G1**, 11 jun. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-contra-tarifa-tem-confronto-depredacoes-e-detidos-em-sp.html>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

MOURA, Dione O.; AGNEZ, Luciane F. Corresponsales internacionales: problematización en torno a la era digital y el periodismo. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, Ano 9, n.17. São Paulo: ALAIC, 2º sem. 2012, p. 278-288.

MOVIMENTO PASSE LIVRE - São Paulo. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: MARICATO, Ermínia (Org.). **Cidades Rebeldes**, São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 13-18.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

NELSON, Thomas; WILLEY, Elaine. Issue frames that strike a value balance: a political psychology perspective. In: REESE, S.; GANDY JR., O.; GRANT, A. (Org.), **Framing public life**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2001, p. 245-266.

NOTA sobre a manifestação do dia 6. **Movimento Passe Livre - São Paulo**, São Paulo, 7 jun. 2013. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/07/nota-sobre-a-manifestacao-do-dia-6/>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

OFFE, Claus. A atribuição de *status* público aos grupos de interesse. In: OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OUR HISTORY. Infográfico. **The New York Times**. Disponível em: <<http://www.nytc.com/who-we-are/culture/our-history/#1835-1880>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

PAGANOTTI, Ivan. **Pelos olhos de um observador estrangeiro**: Representações do Brasil na cobertura do correspondente Larry Rohter pelo New York Times. 2010. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2013.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da Mídia e Política. In: RUBIM, Antonio Albinos Canelas (Org.). **Comunicação e política**: conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, 2004, p. 73-104.

_____. A mídia brasileira e a eleição presidencial de 2000 nos EUA: a cobertura do jornal Folha de S. Paulo. **Cadernos do CEAM**, ano II, n. 6, p. 11-32, 2001.

PRIMEIRAS chamadas: os atos regionais que inauguraram as Jornadas de Junho. **Movimento Passe Livre - São Paulo**, São Paulo, 13 set. 2013. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/09/13/primeiras-chamas-os-atos-regionais-que-inauguraram-as-jornadas-de-junho/>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

PRONUNCIAMENTO da Presidenta da República, Dilma Rousseff, em cadeia nacional de rádio e TV. **Planalto**, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/pronunciamento-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-em-cadeia-nacional-de-radio-e-tv>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

PROTESTO contra aumento de ônibus tem confronto e vandalismo em SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 jun. 2013. Cotidiano, p. C1.

PROTESTOS na M'Boi Mirim no primeiro dia de aumento. **Movimento Passe Livre - São Paulo**, São Paulo, 3 jun. 2013. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/03/protestos-na-mboi-mirim-no-primeiro-dia-do-aumento/>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

RETOMAR a Paulista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>. Acesso em: 4 nov. 2015.

ROBERTS, Marilyn S.; BANTIMAROUDIS; Philemon. Gatekeepers in international news: the Greek media. **The Harvard International Journal of Press/Politics**, vol. 2, n.2, p. 62-76, 1997.

ROMÃO, Wagner de Melo. As manifestações de junho e os desafios à participação institucional. In: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Boletim de Análise Político-Institucional**, Brasília, v. 4, p. 11-17, 2013.

ROSSI, Rossana Cassanta. Análise de representações sobre o Brasil em duas notícias de jornais de língua inglesa - BBC News e The New York Times. **Forum linguistic.**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 676-678, abr./jun. 2015.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, Ermínia (Org.). **Cidades Rebeldes**, São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 95-100.

SANTOS, Eduardo Heleno de Jesus. Crise de representação política no Brasil e os protestos de junho de 2013. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 86-95, maio 2014.

SCHEUFELE, Dietram A.; TEWKSBURY, David. Framing, Agenda-setting and Priming: the evolution of three media effects models. **Journal of Communication**, vol. 57, p. 9-20, 2007.

SEGEV, Elad. Visible and invisible countries: News flow theory revised. **Journalism**, vol. 16, n. 3, p. 412-428, 2015.

SEMETKO, Holli A; VALKENBURG, Patti M. Framing European politics: a content analysis of press and television news. **Journal of Communication**, vol. 50, n. 2, p. 93-109, 2000.

SILVA, Igor Marx Freire Ferreira Lima e. **Enquadramentos de Guerra: A cobertura do recente conflito do Iraque em dois jornais brasileiros**. 2006. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SOBRE a situação dos detidos nos atos contra o aumento da tarifa de 11/06. **Movimento Passe Livre - São Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/13/sobre-a-situacao-dos-detidos-nos-atos-contr-o-aumento-da-tarifa-de-1106/>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. A nova república brasileira: sob a espada de Dâmocles. In: STEPAN, Alfred (Org.). **Democratizando o Brasil**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

TABAK, Flávio; MENEZES, Maiá; LOBO, Thaís. Protestos no túnel do tempo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 jun. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/protestos-no-tunel-do-tempo-8751109>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

TANKARD, James William. The empirical approach to the study of media framing. In: REESE, Stephen D.; GANDY, Oscar H.; GRANT, August E. (Eds.). **Framing public life: Perspectives on media and our understanding of the social world**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001, p. 95-106.

TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e Histórias**. Lisboa: Vega, 1993.

TUCHMAN, Gaye. **Making News: A study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.

VALKENBURG, Patti M.; SEMETKO, Holli A.; VREESE, Claes H. De. The effects of news frames on readers' thoughts and recall. **Communication Research**, vol. 26, n. 5, p. 550-569, october 1999.

VIANA, Silvia. Será que formulamos mal a pergunta? In: MARICATO, Ermínia (Org.). **Cidades Rebeldes**, São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 53-58.

VREESE, Claes H. de. News framing: theory and typology. **Information Design Journal + Document Design**, vol. 13, n. 1, p. 51-62, 2005.

WAISBICH, Laura Trajber. Manifestejos de junho: negação e ocupação da coisa pública. **Jornal de Psicanálise**, vol. 46, n. 84, p. 141-150, 2013.

WANTA, Wayne et al. Agenda setting and international news: media influence on public perceptions of foreign nations. **Journalism and Mass Communication Quarterly**, vol. 81, n. 2, p. 364-377, 2004.

WEAVER, David H. Thoughts on Agenda Setting, Framing and Priming. **Journal of Communication**, vol. 57, p. 142-147, 2007.

WU, Denis H. Systemic determinants of international news coverage: A comparison of 38 countries. **Journal of Communication**, vol. 50, n. 2, p. 110-130, 2000.

ZAMIN, Angela. Meios-fonte nas páginas de internacional de O Estado de S. Paulo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 250-261, dez. 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. Problemas no Paraíso. In: MARICATO, Ermínia (Org.). **Cidades Rebeldes**, São Paulo, Boitempo: Carta Maior, 2013, p. 101-108.

LISTA DE TEXTOS CONSULTADOS

THE NEW YORK TIMES

ROMERO, Simon; BARNES, Taylor. Bus-fare protests hit Brazil's 2 biggest cities. **The New York Times**, New York, 14 jun. 2013a. Foreign, p. A8.

ROMERO, Simon; RAMÓN, Paula; BARNES, Taylor. Thousands gather for protests in Brazil's largest cities. **The New York Times**, New York, 18 jun. 2013. Foreign, p. A5.

ROMERO, Simon; BARNES, Taylor. Protests grow as Brazilian blame leaders. **The New York Times**, New York, 19 jun. 2013b. Foreign, p. A1.

ROMERO, Simon; NEUMAN, William; DOWNIE, Andrew. Brazil's leftist ruling party, born of protests, is perplexed by revolt. **The New York Times**, New York, 20 jun. 2013. Foreign, p. A8.

ROMERO, Simon; NEUMAN, William; BARNES, Taylor. Level of unrest in Brazil stuns even protest. **The New York Times**, New York, 21 jun. 2013. Foreign, p. A1.

SOCIAL awakening in Brazil. **The New York Times**, New York, 21 jun. 2013. Editorial, p. A22.

HUGHES, Rob. A lecture FIFA didn't need to make. **The New York Times**, New York, 21 jun. 2013a, The International Herald Tribune, Sports, s/p.

ROMERO, Simon et al. How angry is Brazil? Pelé now has feet of clay. **The New York Times**, New York, 22 jun. 2013a, Foreign, p. A1.

ROMERO, Simon; NEUMAN, William; RAMÓN, Paula. Brazil seeks answers to protesters' concerns while rebuking some for unrest. **The New York Times**, New York, 22 jun. 2013, Foreign, p. A7.

BARBARA, Vanessa. Brazil's Vinegar Uprising. **The New York Times**, New York, 22 jun. 2013, Editorial, p. A19.

NEUMAN, William; ROMERO, Simon; RAMÓN, Paula. Despite assurances by Brazil's president, protesters stage another day of demonstrations. **The New York Times**, New York, 23 jun. 2013, Foreign, p. A8.

ROMERO, Simon. Responding to protests, Brazil's leader proposes changes to system. **The New York Times**, New York, 25 jun. 2013b, Foreign, p. A9.

GASPARI, Elio. Let the eat soccer. **The New York Times**, New York, 26 jun. 2013, Editorial, p. A25.

HUGHES, Rob. Saying it all by not mentioning soccer. **The New York Times**, New York, 26 jun. 2013b, The International Herald Tribune, Sports, s/p.

ROMERO, Simon; JORDAN, Lucy; MORICONI, Lis Horta. Public rage catching up with Brazil's Congress. **The New York Times**, New York, 28 jun. 2013, Foreign, p. A1.

PROTESTS in Brazil. **The New York Times**, New York, 29 jun. 2013, Editorial, p. A18.

ROMERO, Simon. After protests, Brazilian president's popularity plummets. **The New York Times**, New York, 30 jun. 2013c, Foreign, p. A8.

LE MONDE

BOURCIER, Nicolas. La crise des transports provoque un début de fronde sociale au Brésil. **Le Monde**, Paris, 18 juin 2013a, International, p. 4.

BOURCIER, Nicolas. La contestation sociale enflamme le Brésil. **Le Monde**, Paris, 19 juin 2013b, International, p. 2.

BOURCIER, Nicolas. Les dépenses somptuaires en vue du Mondial 2014 ont attisé la frustration de la population. **Le Monde**, Paris, 19 juin 2013c, International, p. 2.

BOURCIER, Nicolas. Au Brésil, un mouvement né en marge des partis politiques. **Le Monde**, Paris, 20 juin 2013d, International, p. 4.

LES VILLES concentrent toutes les inégalités. **Le Monde**, Paris, 21 juin 2013, Supplément Terres d'Europe, p. 5.

BOURCIER, Nicolas. Au Brésil, les manifestans restent mobilisés après le recul des autorités. **Le Monde**, Paris, 21 juin 2013e, International, p. 5.

BOURCIER, Nicolas; HOPQUIN, Benoît. La colère sociale met Dilma Rousseff sous pression. **Le Monde**, Paris, 22 juin 2013a, International, p. 2.

BOURCIER, Nicolas. Au Brésil, Dilma Rousseff tente de reprendre la main. **Le Monde**, Paris, 24 juin 2013f, International, p. 3.

HOPQUIN, Benoît. La génération Lula, entre agacement et désillusions. **Le Monde**, Paris, 24 juin 2013a, International, p. 3.

HOPQUIN, Benoît. Au Brésil, Dilma Rousseff tente de reprendre la main. **Le Monde**, Paris, 24 juin 2013b, International, p. 4.

BRÉSIL: faille sociale et risque politique. **Le Monde**, Paris, 25 juin 2013, À la une, p.1.

BOURCIER, Nicolas. Au Brésil, la poursuite de la contestation sociale fragilise Dilma Rousseff. **Le Monde**, Paris, 25 juin 2013g, International, p. 4.

BOURCIER, Nicolas. Quand la FIFA attise le mécontentement des Brésiliens. **Le Monde**, Paris, 25 juin 2013h, International, p. 4

BOURCIER, Nicolas; HOPQUIN, Benoît. Dilma Rousseff propose de réformer la Constitution brésilienne. **Le Monde**, Paris, 26 juin 2013b, International, p. 3.

BOURCIER, Nicolas. Brésil: la révolte des citoyens. **Le Monde**, Paris, 26 juin 2013i, Contre-enquête France, p. 20.

MONCLAIRE, Stéphane. Dilma Rousseff contrainte de réformer dans l'urgence. **Le Monde**, Paris, 28 juin 2013, Décryptage, p. 16.

FARIA, Romário de Souza. La population doit tirer profit du Mondial. **Le Monde**, Paris, 28 juin 2013, Dialogues, p. 16.

FAURÉ, Yves. Les classes moyennes au coeur de la mobilisation. **Le Monde**, Paris, 28 juin 2013, Dialogues, p. 17.

FUKS, Julián. Après vingt ans d'anesthésie, le réveil!. **Le Monde**, Paris, 28 juin 2013, Dialogues, p. 17.

GARCIA, Marco Aurélio. Le Parti des travailleurs peut satisfaire les aspirations du mouvement. **Le Monde**, Paris, 28 juin 2013, Dialogues, p. 17.

BOURCIER, Nicolas. Brésil: une déferlante de revendications. **Le Monde**, Paris, 29 juin 2013j, Dialogues, p. 19.

BOURCIER, Nicolas; HOPQUIN, Benoît. Brésil "J'ai mal à mon pays". **Le Monde**, Paris, 29 juin 2013c, Horizons, p. 21.

ANEXOS

Roteiro para Análise dos Enquadramentos Cobertura das Manifestações de junho de 2013

(elementos observados)

Jornal:

Data:

Gênero textual:

1. Primeiros elementos:

Título original:

Tradução:

Lead (ideia de abertura):

2. Definição do problema, causa, avaliação moral e recomendações:

Padrões de cognição, interpretação e apresentação, seleção, ênfase e exclusão:

Palavras-chave, verbos, adjetivos ou relações de causalidade e consequência entre frases (repetições, definições de lógica e de pensamento)

Ênfase (uso de fontes, declarações, "aspas", estatísticas)

3. Fechamento da matéria

Propõe solução?

Quadro 3: Textos segundo gêneros, enquadramentos e fontes - *The New York Times*

TÍTULO	DATA	GÊNERO	ENQUADRAMENTO NOTICIOSO	ENQUADRAMENTO INTERPRETATIVO	FONTES
Bus-Fare Protests Hit Brazil's 2 Biggest Cities	14.06.2013	Factual	Conflito (manif. x polícia e manif. x políticos)	—	a) Maurício Santoro, Anistia Internacional b) Geraldo Alckmin, governador de São Paulo c) Marcelo Hotimsky, manifestante (estudante)
Thousands Gather for Protests in Brazil's Largest Cities	18.06.2013	Factual	Conflito (manif. polícia e manif. x políticos)	O gigante acordou O retrato do Brasil atrasado Copa	a) Mariana Toledo, manifestante (estudante) b) Eliane Brum, jornalista c) Érica de Oliveira, manifestante (estudante) d) Fabio Malini, especialista em análises de mídias sociais
Protests Grow As Brazilians Blame Leaders	19.06.2013	Analítica	Conflito (manif. x políticos)	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos O retrato do Brasil	a) Evaldir Cardoso, manifestante (bombeiro) b) Eliane Cantanhêde, jornalista da Folha

Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *The New York Times*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

				atrasado Copa	<p>c) Dilma Rousseff, presidente</p> <p>d) Roberto da Matta, comentarista de cultura</p> <p>e) Enderson dos Santos, manifestante (funcionário de escritório)</p> <p>f) Adão Clóvis Martins dos Santos, sociólogo</p> <p>g) Eleuntina Scuilgaro, manifestante (aposentada)</p>
Brazil's Leftist Ruling Party, Born of Protests, Is Perplexed by Revolt	20.06.2013	Analítica	Conflito (manif. x políticos)	<p>Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos</p> <p>Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"</p>	<p>a) Gilberto Carvalho, assessor da presidente</p> <p>b) Ricardo Teixeira, ex-presidente da CBF</p> <p>c) Marcos Nobre, professor UNICAMP</p> <p>d) Marcelo Ridenti, sociólogo</p> <p>e) Amanda Marques,</p>

					<p>manifestante (estudante)</p> <p>f) Datafolha (pesquisa de aprovação)</p> <p>h) Geraldo Alckmin, governador de São Paulo</p>
<p>Level of Unrest In Brazil Stuns Even Protesters</p>	21.06.2013	Analítica	Interesse humano	<p>Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos</p> <p>O gigante acordou</p>	<p>a) Mayara Vivian, manifestante (MPL)</p> <p>b) Marcelo Hotimsky, manifestante (MPL)</p> <p>c) Raimundo Machado, manifestante (funcionário público)</p> <p>d) Jairo Domingos, manifestante (assistente técnico)</p> <p>e) Jean Moreira, manifestante (estudante)</p> <p>f) Raul Santiago, manifestante (organizador de um dos protestos)</p>

					g) Lincoln Secco, professor de História USP h) Todd Gitlin, professor Columbia e pesquisador de movimentos sociais i) Rafael Siqueira, manifestante (ativista)
Social Awakening in Brazil	21.06.2013	Artigo (editorial)	—	O gigante acordou O retrato do Brasil atrasado Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"	a) Banco Mundial b) Dilma Rousseff, presidente
A Lecture FIFA Didn't Need to Make	21.06.2013	Artigo	—	Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"	a) Sepp Blatter, presidente da FIFA b) Hulk, David Luiz, Fred e Neymar, jogadores
How Angry Is Brazil? Pelé Now Has Feet of Clay	22.06.2013	Analítica	—	Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"	a) Gabriela Costa, manifestante (estudante) b) Pelé, jogador c) Ronaldo, jogador

					<p>d) FIFA</p> <p>e) Arnaldo da Silva, manifestante (supervisor em uma empresa de telecomunicação)</p> <p>f) Alex Bellos, escritor e especialista em futebol</p> <p>g) Antonio Carlos Costa, manifestante (pastor presbiteriano)</p> <p>h) Ana Paula Pereira, fã do Corinthians e dona de um bar</p>
Brazil Seeks Answers to Protesters' Concerns While Rebuking Some for Unrest	22.06.2013	Analítica	Conflito (manif. polícia e manif. x políticos)	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos	<p>a) Dilma Rousseff, presidente</p> <p>b) José Mariano Beltrame, secretário de segurança</p> <p>c) Gilberto Carvalho, assessor da presidente</p> <p>d) Rafael Siqueira,</p>

					<p>manifestante (MPL)</p> <p>e) BNDES</p> <p>f) Ministério da Fazenda</p> <p>g) Jeniffer Novaez, manifestante (fisioterapeuta)</p> <p>h) Bruna Santana, manifestante (estudante)</p>
Brazil's Vinegar Uprising	22.06.2013	Artigo	Conflito (manif. x polícia)	<p>O retrato do Brasil atrasado</p> <p>O gigante acordou</p>	
Despite Assurances by Brazil's President, Protesters Stage Another Day of Demonstrations	23.06.2013	Factual	Conflito (manif. x políticos; manif. x polícia)	<p>Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos</p>	<p>a) Rede Globo</p> <p>b) Dilma Rousseff, presidente</p> <p>c) Sergio Mazzini, manifestante (65 anos)</p> <p>d) Felipe Possani, manifestante (estagiário)</p> <p>e) Selena Mokdad, manifestante (estudante)</p>

					f) Datafolha g) O Globo h) Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente que "reestruturou a economia"
Responding to Protests, Brazil's Leader Proposes Changes to System	25.06.2013	Factual	Estratégia/ Jogo de Interesses	—	a) Dilma Rousseff, presidente
Let Them Eat Soccer	26.06.2013	Artigo	—	Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver" Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos	a) Prefeito do Rio de Janeiro b) Dilma Rousseff, presidente
Saying It All by Not Mentioning Soccer	26.06.2013	Artigo	—	Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"	a) Dilma Rousseff, presidente b) FIFA c) Romário, ex-jogador e deputado federal d) Luiz Felipe Scolari, técnico da seleção

					brasileira e) Jérôme Valcke, secretário -geral da FIFA
Public Rage Catching Up With Brazil's Congress	28.06.2013	Analítica	Conflito (manif. x políticos)	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos	a) Maurício Santoro, cientista político b) Congresso em Foco, "grupo proeminente de fiscalização" c) Caio Fabio de Oliveira, manifestante (funcionário público) d) Matthew Taylor, especialista no sistema jurídico brasileiro e) Laila Oliveira, manifestante (professora)
After Protests, Brazilian President's Popularity Plummet	30.06.2013	Factual	Estratégia/ Jogo de Interesses	—	a) Datafolha b) Marina Silva, ex-ministra do Meio Ambiente

					c) Paulo Bernardo Silva, ministro das Comunicações
--	--	--	--	--	--

Quadro 4: Textos segundo gêneros, enquadramentos e fontes - *Le Monde*

TÍTULO	DATA	GÊNERO	ENQUADRAMENTO NOTICIOSO	ENQUADRAMENTO INTERPRETATIVO	FONTES
La crise des transports provoque un début de fronde sociale au Brésil	18.06.2013	Factual	—	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"	a) Ricardo Antunes, sociólogo da UNICAMP b) Dilma Rousseff, presidente c) Lucia Farias, manifestante (designer)
La contestation sociale enflamme le Brésil	19.06.2013	Factual	Conflito (manif. x polícia e manif. x políticos)	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos	a) Thiago Ribeiro, manifestante (estudante) b) Aldo Rebelo, ministro dos Esportes c) Sepp Blatter, presidente da FIFA d) Dilma Rousseff, presidente

Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados no jornal *Le Monde*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

Les dépenses somptuaires en vue du Mondial 2014 ont attisé la frustration de la population	19.06.2013	Artigo	—	Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"	
Au Brésil, un mouvement social né en marge des partis politiques	20.06.2013	Análítica	—	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos	<ul style="list-style-type: none"> a) Outras Palavras, site alternativo b) MPL c) Lucas Monteiro, manifestante (professor e membro do MPL) d) Carlos Vainer, professor UFRJ e) Ricardo Antunes, sociólogo UNICAMP f) Dilma Rousseff, presidente g) Gilberto Carvalho, chefe de gabinete da presidência
"Les villes concentrent toutes les	21.06.2013	Entrevista	—	O retrato do Brasil	a) Hervé Théry,

inégalités"				atrasado	geógrafo francês e especialista em desigualdades no Brasil
Au Brésil, les manifestants restent mobilisés après le recul des autorités	21.06.2013	Analítica	Interesse humano	O gigante acordou	<ul style="list-style-type: none"> a) Diogo Grael, manifestante (estudante) b) Geraldo Alckmin, governador de São Paulo c) Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro d) Caio Martins, militante do MPL e) Theresa Williamson, urbanista e membro da rede RioOnWatch
La colère sociale met Dilma	22.06.2013	Factual	Conflito (manif. x polícia)	Crise de representação: a	a) Folha de S. Paulo

Rousseff sous pression				desconfiança da política e dos políticos	<ul style="list-style-type: none"> b) Cleyde, manifestante (assistente social) c) Natassia Araujo, manifestante (consultora) d) Fabio Piedade, manifestante (engenheiro, acompanhando os filhos) e) Job Mendes e André Meneghetti, manifestantes (estudantes)
Au Brésil, Dilma Rousseff tente de reprendre la main	24.06.2013	Factual	Estratégia/ Jogo de Interesses	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos	<ul style="list-style-type: none"> a) Dilma Rousseff, presidente b) Ricardo Noblat, jornalista (O Globo) c) Datafolha

					d) Douglas Belomi, manifestante (membro MPL)
La génération Lula, entre agacement et désillusions	24.06.2013	Analítica	Interesse humano	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos	a) Grupo de amigos: - Ana Cecilia - Lucas - Sahba - Andrea - Daniel
Brésil: faille sociale et risque politique	25.06.2013	Artigo (editorial)	Estratégia/ Jogo de Interesses	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos O retrato do Brasil atrasado	
Au Brésil, la poursuite de la contestation sociale fragilise Dilma Rousseff	25.06.2013	Analítica	Estratégia/ Jogo de Interesses	—	a) Fernando Pimentel, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio b) Paulo Bernardo, ministro das

					<p>Comunicações</p> <p>c) MPL</p> <p>d) Sylvia Dantas, professora de psicologia</p> <p>e) José Alvaro Moisés, professor de ciência política</p> <p>f) Luis Felipe Pondé, professor de filosofia</p> <p>g) Datafolha</p>
<p>Quand la FIFA attise le mécontentement des Brésiliens</p>	25.06.2013	Analítica	—	<p>Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"</p>	<p>a) Joseph Blatter, presidente da FIFA</p> <p>b) Jérôme Valcke, secretário-geral da FIFA</p> <p>c) FIFA</p> <p>d) Rivaldo, ex-jogador de futebol</p> <p>e) Romário, ex-</p>

					jogador e deputado federal f) Ronaldo, ex-jogador
Dilma Rousseff propose de réformer la Constitution brésilienne	26.06.2013	Factual	—	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos	a) Dilma Rousseff, presidente
Brésil: la revolte des citadins	26.06.2013	Analítica	—	O retrato do Brasil atrasado	a) Duda Medonça, ex-gerente de campanha de Lula b) Hervé Théry, geógrafo francês c) Anistia Internacional d) Wilson Risolia Rodrigues, secretário de Educação do Rio de Janeiro
Dilma Rousseff contrainte de	28.06.2013	Artigo	Estratégia/ Jogo de	Crise de representação: a	

réformer dans l'urgence			Interesses	desconfiança da política e dos políticos	
La population doit tirer profit du Mondial	28.06.2013	Artigo	—	Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"	
Les classes moyennes au coeur de la mobilisation	28.06.2013	Artigo	—	Retrato do Brasil atrasado O gigante acordou	
Après vingt ans d'anesthésie, le réveil!	28.06.2013	Artigo	Interesse Humano	O gigante acordou	a) ONU
Le Parti des travailleurs peut satisfaire les aspirations du mouvement	28.06.2013	Artigo	—	—	
Brésil : une déferlante de revendications	29.06.2013	Analítica	Interesse Humano	O gigante acordou	
Brésil « J'ai mal à mon pays »	29.06.2013	Analítica	Interesse Humano	Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos O retrato do Brasil atrasado	a) Pablo de Amorim Ribeiro, manifestante (estudante e funcionário de um bar) b) Família Pacito:

					<ul style="list-style-type: none">- Paulo (empresário)- Dialze (fonoaudióloga)- Luiza (estudante)
--	--	--	--	--	---

Quadro 5: Análise de Conteúdo - Enquadramentos Noticiosos

NOTICIOSO				NOME
<i>Conflito</i>		<i>Estratégia/ Jogo de Interesses</i>	<i>Interesse Humano</i>	
Manifestantes e Polícia	Manifestantes e Políticos			
<p>Confronto; forças de segurança/polícia; perturbação; prisão (prende, prenderam, foram presos); agressão (agredidos/agrediram); bala de borracha/gás lacrimogêneo/spray de pimenta; feridos; morto/mortos; guerra; medo; tensão; danos (danificaram, danificados); vandalismo/vândalos; repressão; violência/violento; brutalidade; autoritarismo; dispersar.</p>	<p>Enfurecido/furioso; raiva/fúria/ódio; crítica ao Congresso/governo; culpa/culpar líderes; conciliatório/concessão; reclamações; obstinados; reprovação; recuar; forçar; apaziguar/aplacar; curvar-se/ceder; recuo; questionar; indignação; rejeição/rejeitar; repúdio/repudiar; desafiar; revolta; divórcio; insultos/vaias; "rejeitou furiosamente um esforço da presidente...".</p>	<p>Eleições 2014; disputas dentro do PT; retorno do ex-presidente Lula; precisa de apoio do Congresso; contestação social fragiliza Dilma Rousseff; uso de pesquisas para eleições presidenciais.</p>	<p>"sorriso generoso"; "religiosamente, uma taça de vinho na mão"; "não pudermos reprimir um riso de exasperação"; "uma exegese apaixonada"; "nós formamos um único e mesmo corpo, um corpo que paralisou o país"; "um instante, ficamos estupefatos diante do nosso próprio tamanho, encantados por essa visão"; "um entusiasmo um tanto febril"; "é preciso vê-los agachados no chão, as mãos sujas de feltro e tinta".</p>	PALAVRAS-CHAVE E EXPRESSÕES

Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados nos jornais *The New York Times* e *Le Monde*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

Quadro 6: Análise de Conteúdo - Enquadramentos Interpretativos

INTERPRETATIVO				NO
<i>O retrato do Brasil atrasado</i>	<i>O gigante acordou</i>	<i>Copa do Mundo e o Brasil "pra inglês ver"</i>	<i>Crise de representação: a desconfiança da política e dos políticos</i>	
<p>Sistema de serviços públicos medíocre/deplorável/ precário/miserável; transporte caro e ineficiente, perigoso; falha do sistema educacional e de saúde; falta de estrutura; infraestrutura pobre; ausência de políticas públicas; estado de negligência; falência; economia perde fôlego; favela; desigualdade; Brasil feudal, conservador; privilégios; teatro de boas intenções; "a separação entre as aspirações globais da nação e a realidade para milhões de brasileiros"; alta carga de impostos (sistema tributário retrógrado);</p>	<p>Cultura política mais tolerante com desigualdade; "finalmente estamos vivos"; nova fase de interação entre manifestantes e líderes políticos; maioria silenciosa; tomada de consciência; letargia; melancolia; impotência; "um grande mal-estar da democracia brasileira"; maturidade dos movimentos; nova coerência; frisa os "manifestantes de primeira viagem", que nunca haviam participado de protestos; "a população se acomodou com esses problemas"; "assim, aqueles que dispõem dos recursos - capital monetário, capital escolar e relações sociais - suscetíveis de ter peso (...) se afastaram dessa tarefa. Eles literalmente desertaram"; "o tempo em que o povo das cidades desperta de um longo sono"; anestesiado; "agora que encontramos o hábito de protestar massivamente"; "mas o vigor que dará essa pequena vitória ao nosso corpo, <i>imobilizado por tanto tempo</i>, não representa pouca coisa"; "uma flor nasce na rua!"; despertar social; "parecia tudo tão maravilhoso..."; "ainda estamos aprendendo a protestar".</p>	<p>Copa do Mundo/Confederações; Gastos com Mundial; atraso das obras; supercustos dos estádios; elefante branco; FIFA; astros do futebol (Pelé, Romário, Neymar etc.); país do futebol; país onde futebol é rei; templos do futebol; ovelhas; criação de emprego; promoção do país; "por um instante, consigo ser um jovem que se mostra mais crítico que entusiasta do futebol, ainda que eu saiba que assistirei ao próximo jogo da Seleção"; amor pelo jogo; 200 milhões de amantes do futebol; obsessão do Brasil pelo futebol; brasileiros entre a emoção e a razão; desmandos da FIFA; políticos querem apresentar uma boa <i>imagem</i> do país; diferença entre o Brasil "mostrado" e o Brasil <i>real</i>.</p>	<p>Corrupção; impunidade (dos políticos); crise; estruturas políticas tradicionais; estatísticas sobre popularidade da presidente; ocupação do Congresso; movimento "à margem" dos partidos políticos; distância dos partidos; recuperar controle; falta de projetos concretos; pesquisa sobre atitudes da presidente face às manifestações; necessidade de promover reformas; contestação dos partidos "necrosados pela corrupção"; "os partidos políticos fracassaram, mesmo aqueles vindos de movimentos sociais, como o PT"; ceticismo; manifestantes não se reconhecem nos partidos; monopólio do Estado e dos partidos; instituições inadequadas; distorções em matéria de representação;</p> <p>"Sra. Rousseff parece pouco a par do problemas"; "abala ainda mais a representação habitual e legitimadora de uma Dilma Rousseff competente e compassiva"; "agravar a fraca representatividade"; "e têm dificuldades para diferenciar uns dos outros [partidos]."; "deputados e senadores reunidos, os quais devem seus assentos à existência desses dispositivos perniciosos"; "os grupos parlamentares são muito indisciplinados e o sistema partidário muito fragmentado para que mudanças significativas possam ser introduzidas"; fragilidade governamental; sistema político que não faz sentido; "como <i>todos os brasileiros</i>, os Pacito não confiam em seus eleitos"; condenação do governo; "mas as expectativas dos brasileiros nunca foram tão altas, alimentando total intolerância com a corrupção, más escolas e outras falhas <i>do governo</i>"; Mensalão; desconexão entre população e governantes; "não acredito nas promessas"; ceticismo.</p>	ME

PALAVRAS-CHAVE E EXPRESSÕES

Fonte: classificação realizada pela autora, a partir do exame de textos publicados nos jornais *The New York Times* e *Le Monde*, publicados entre 14/06 e 30/06 de 2013.

TEXTOS CONSULTADOS

The New York Times

The New York Times
Late Edition - Final
Foreign, Friday, June 14, 2013, p. A 8

Bus-Fare Protests Hit Brazil's 2 Biggest Cities

By SIMON ROMERO; Taylor Barnes contributed reporting.

RIO DE JANEIRO -- Protests by an increasingly forceful movement coalescing against increases in bus fares shook Brazil's two largest cities on Thursday night, the fourth time in a week that activists have taken to the streets in demonstrations that have been marked by clashes with security forces.

The protesters, mainly university students but also activists from leftist political parties, appear to be loosely tied to an organization called the Free Fare Movement, which advocates sharp decreases in public transportation fares or doing away with the fares and financing transit through tax increases.

The protests have been notably unruly in Brazil's largest city, São Paulo, where police officers arrested dozens of protesters on Thursday night. The police fired rubber bullets and tear gas in São Paulo's old center on Tuesday night to disperse thousands of protesters, who tried to shut important avenues. Several journalists were also injured, including two reporters hit in the face by rubber bullets fired by the police. The police also arrested at least three journalists

covering the protests, prompting rebukes from press-freedom groups.

In Rio de Janeiro on Thursday, more than 1,000 demonstrators halted traffic at rush hour on a heavily congested avenue; on Tuesday night, rock-throwing protesters here damaged churches and historic buildings. Similar protests have also unfolded in smaller cities, including Porto Alegre in the south, Goiânia in the country's central region and Natal in the northeast.

The free-fare movement has held protests against bus-fare increases in different parts of Brazil in recent years. The latest demonstrations have crystallized around resistance to new fare increases, making it the latest in a sequence of campaigns of dissent over public transportation dating to the Vintém Revolt of 1879, when protesters in Rio de Janeiro challenged Brazil's monarchy over fares for trolley cars. "The hike in bus fares were the spark for this to happen," said Maurício Santoro, an adviser here to Amnesty International. "Public transportation in Brazil is expensive, unsafe and poorly managed, especially impacting poor

commuters who have no choice but to rely on these systems."

The protests come at a delicate time for political leaders as they are grappling with concerns over high inflation and sluggish economic growth, and are trying to promote Brazil as a safe and stable destination in advance of the 2014 World Cup and 2016 Summer Olympics, which will be held here.

São Paulo's mayor and governor were in Paris this week to lobby for the city to be chosen as the site for an international fair, the World Expo 2020. The governor, Geraldo Alckmin, called the protesters "thugs" and "vandals," insisting that the fare increase would not be revoked.

Marcelo Hotimsky, a student who has taken part in the protests, said they were an expression of frustration. "There are serious issues about mobility and life in the city," he said. Asked about violent episodes in the protests, he said, "There is a great attempt to make those who go to the protests look like rioters to discredit us."

The New York Times

The New York Times
Late Edition - Final
Foreign, Tuesday, June 18, 2013, p. A 5

Thousands Gather for Protests in Brazil's Largest Cities

By SIMON ROMERO; Paula Ramon contributed reporting from São Paulo, and Taylor Barnes from Rio de Janeiro.

SÃO PAULO, Brazil -- Protesters showed up by the thousands in Brazil's largest cities on Monday night in a remarkable display of strength for an agitation that had begun with small protests against bus-fare increases, then evolved into a broader movement by groups and individuals irate over a range of issues including the country's high cost of living and lavish new stadium projects.

The growing protests rank among the largest and most resonant since the nation's military dictatorship ended in 1985, with demonstrators numbering into the tens of thousands gathered here in São Paulo, Brazil's largest city, and other large protests unfolding in cities like Rio de Janeiro, Salvador, Curitiba, Belém and Brasília, the capital, where marchers made their way to the roof of Congress.

Sharing a parallel with the antigovernment protests in Turkey, the demonstrations in Brazil intensified after a harsh police crackdown last week stunned many citizens. In images shared widely on social media, the police here were seen beating unarmed protesters with batons and dispersing crowds by firing rubber bullets and tear gas into their midst.

"The violence has come from the government," said Mariana Toledo, 27, a graduate student at the University of São Paulo who was among the protesters on Monday. "Such violent acts by the police instill fear, and at the same time the need to keep protesting."

While the demonstration in São Paulo was not marred by the widespread repression that marked a protest here last week, riot police officers in Belo Horizonte dispersed protesters with pepper spray and tear gas. In Porto Alegre, in southern Brazil, police officers also used tear gas against protesters.

In Rio de Janeiro, where an independent estimate put the number of protesters around 100,000, televised images showed masked demonstrators trying to storm public buildings including the state legislature, a part of which was set on fire. In Brasília, the police seemed to be caught off-guard by protesters who danced and chanted on the roof of Congress, a modernist building designed by the architect Oscar Niemeyer.

Such broad protests are relatively uncommon in Brazil, with some Brazilian political analysts describing what appeared to be a political culture more accepting of longstanding high levels of inequality and substandard

public services than citizens in some neighboring countries in South America.

"The dangerous news announced on the streets, the novelty that the state tried to crush under the hooves of the horses of São Paulo's police, is that at last we are alive," the writer Eliane Brum said in an essay about the protests.

Brazil now seems to be pivoting toward a new phase of interaction between demonstrators and political leaders with its wave of protests, which crystallized this year in Porto Alegre. There, a group called the Free Fare Movement, which advocates lower public transportation fares, organized demonstrations against a hike in bus fares.

Similar protests emerged in May in Natal, a city in northeast Brazil, and this month in São Paulo, after the authorities raised bus fares by the equivalent of about 9 cents to 3.20 reais, about \$1.47, prompting a wave of demonstrations that have grown in intensity.

While the hike came at a time of growing concern over inflation, which remains high even as economic growth has slowed considerably, the anger over the increase also reflects broader indignation over public transportation systems in São Paulo

and in other large cities, which are plagued by inefficiency, overcrowding and crime.

"Today's protests are the result of years and years of depending on chaotic and expensive transportation," said Érica de Oliveira, 22, a student who was among the demonstrators.

A large number of protesters in São Paulo on Monday were university students, but middle-aged professionals and parents with children in strollers were also present. The scene seemed at once furious and festive. Some protesters had draped Brazilian flags over their shoulders; one held up a sign that read, "Brazil Colony, until when?"

While the protest in Brasília included strong criticism of congressional

leaders, many placards here in São Paulo did not direct anger at Congress, at the federal government in Brasília or even at local authorities on the state or municipal level. Still, protesters in various cities focused on symbols of government power. Here in São Paulo, they marched to the governor's palace; in Rio, to the state legislature; and in Brasília, to the Congress.

Fabio Malini, a scholar who analyzes data patterns in social media at the Federal University of Espírito Santo, said he was impressed by the movement's refusal to be defined by a single objective and by its extensive use of social media, which has enabled it to evolve fast in response to various sources of social and political tension in Brazil.

One issue surging to the fore involves anger over stadium projects in various cities ahead of the 2014 World Cup, which Brazil is preparing to host. Some projects have been hindered by cost overruns and delays, the unfinished structures standing as testament to an injection of resources into sports arenas at a time when schools and public transit systems need upgrades.

"The largest protests are happening in cities which will host World Cup games," Mr. Malini said. "Brazilians are mixing soccer and politics in a way that is new, and minority voices are making themselves heard."

The New York Times

The New York Times
Late Edition - Final
Foreign, Wednesday, June 19, 2013, p. A 1

Protests Grow As Brazilians Blame Leaders

By SIMON ROMERO; Paula Ramon contributed reporting from São Paulo, and Taylor Barnes from Rio de Janeiro.

SÃO PAULO, Brazil -- Shaken by the biggest challenge to their authority in years, Brazil's leaders made conciliatory gestures on Tuesday to try to defuse the protests engulfing the nation's cities. But the demonstrators remained defiant, pouring into the streets by the thousands and venting their anger over political corruption, the high cost of living and huge public spending for the World Cup and the Olympics.

In a convulsion that has caught many in Brazil and beyond by surprise, waves of protesters denounced their leaders for dedicating so many resources to cultivating Brazil's global image by building stadiums for international events, when basic services like education and health care remain woefully inadequate.

"I love soccer, but we need schools," said Evaldir Cardoso, 48, a fireman at a protest here with his 7-month-old son.

The demonstrations initially began with a fury over a hike in bus fares, but as with many other protest movements in recent years -- in Tunisia, Egypt or, most recently, Turkey -- they quickly evolved into a much broader condemnation of the government.

By the time politicians in several cities backed down on Tuesday and announced that they would cut or consider reducing fares, the demonstrations had already morphed into a more sweeping social protest, with marchers waving banners carrying slogans like "The people have awakened."

"It all seemed so wonderful in the Brazil oasis, and suddenly we are reliving the demonstrations of Tahrir Square in Cairo, so suddenly, without warning, without a crescendo," said Eliane Cantanhêde, a columnist for the newspaper Folha de São Paulo. "We were all caught by surprise. From paradise, we have slipped at least into limbo. What is happening in Brazil?"

Thousands gathered at São Paulo's main cathedral and made their way to the mayor's office, where a small group smashed windows and tried to break in, forcing guards to withdraw.

In Juazeiro do Norte, demonstrators cornered the mayor inside a bank for hours and called for his impeachment, while thousands of others protested teachers' salaries. In Rio de Janeiro, thousands protested in a gritty area far from the city's upscale seaside districts. In other cities, demonstrators blocked roads, barged into City Council meetings or interrupted sessions of local

lawmakers, clapping loudly and sometimes taking over the microphone.

The protests rank among the largest outpourings of dissent since the nation's military dictatorship ended in 1985. After a harsh police crackdown last week fueled anger and swelled protests, President Dilma Rousseff, a former guerrilla who was imprisoned under the dictatorship and has now become the target of pointed criticism herself, tried to appease dissenters by embracing their cause on Tuesday.

"These voices, which go beyond traditional mechanisms, political parties and the media itself, need to be heard," Ms. Rousseff said. "The greatness of yesterday's demonstrations were proof of the energy of our democracy."

Her tone stood in sharp contrast to the approach adopted by Turkey, where similar demonstrations over what might also have seemed an isolated issue -- the fate of a city park in Istanbul -- quickly escalated into a broad rejection of the government's legitimacy from a vocal section of the population.

But while Turkey's prime minister has dismissed the protesters as terrorists, vandals and "bums," Ms. Rousseff seemed acutely aware of the breadth of frustration in Brazil over the gap

between the nation's global aspirations and the reality for many millions of its people.

The protests in Brazil are unfolding just as its long and heralded economic boom may be coming to an end. The economy has slowed to a pale shadow of its growth in recent years; inflation is high, the currency is declining sharply against the dollar -- but the expectations of Brazilians have rarely been higher, feeding broad intolerance with corruption, bad schools and other government failings.

"These protests are in favor of common sense," said Roberto da Matta, a leading cultural commentator. "We pay an absurd amount of taxes in Brazil, and now more people are questioning what they get in return."

One of Ms. Rousseff's senior aides said Tuesday that tax measures already adopted by the authorities would allow São Paulo to lower bus fares considerably, though it was unclear whether the concession was too late and too limited to derail the protest movement.

One of the major complaints among demonstrators is government corruption, as evidenced by the trial

involving senior figures in the governing Workers Party in one of Brazil's largest political scandals in recent memory.

None of the officials sentenced in the trials has yet gone to prison, despite the prosecution's contention that they should have begun serving their sentences immediately after the high court announced them in November.

"We're furious about what our political leaders do, their corruption," said Enderson dos Santos, 35, an office worker protesting in São Paulo.

"I'm here to show my children that Brazil has woken up."

Some of the stadiums being built for the World Cup soccer tournament, scheduled for next year, have also been criticized for delays and cost overruns, and have become subjects of derision as protesters question whether they will become white elephants. One in Manaus, the largest city in the Amazon, will have capacity for 43,000, but it is in a city where average attendance at professional soccer games stands at fewer than 600 fans.

Government institutions seem prepared to continue plowing public funds into the projects. A Brazilian

newspaper reported Tuesday that the national development bank had approved a new loan of about \$200 million for Itaquero, a new stadium in São Paulo that is expected to host the opening match of the World Cup.

"When you see the investments in health and education and then you compare that to the massive investments to carry out the World Cup, it is clear that this provokes a certain indignation," said Adão Clóvis Martins dos Santos, a sociologist at Catholic University in Porto Alegre.

But near Avenida Paulista, São Paulo's most prominent thoroughfare, the scene was festive. Some protesters sipped cans of beer. Marijuana smoke emanated from parts of the crowd. Many painted stripes on their faces with green and yellow paint, the colors of the Brazilian flag.

"People are going hungry and the government builds stadiums," said Eleuntina Scuilgaro, an 83-year-old pensioner at the protests here in São Paulo. "I'm here for my granddaughters. If you're tired, go home, take a shower and return. That's what I'm doing."

The New York Times

The New York Times
Late Edition - Final
Foreign, Thursday, June 20, 2013, p. A 8

Brazil's Leftist Ruling Party, Born of Protests, Is Perplexed by Revolt

By SIMON ROMERO; William Neuman contributed reporting from São Paulo; and Andrew Downie from Recife.

SÃO PAULO, Brazil -- The protests were heating up on the streets of Brazil's largest city last week, but the mayor was not in his office. He was not even in the city. He had left for Paris to try to land the 2020 World's Fair -- exactly the kind of expensive, international mega-event that demonstrators nationwide have scorned.

A week later, the mayor, Fernando Haddad, 50, was holed up in his apartment as scores of protesters rallied outside and others smashed the windows of his office building, furious that he had refused to meet with them, much less yield to their demand to revoke a contentious bus fare increase.

How such a rising star in the leftist governing party, someone whose name is often mentioned as a future presidential contender, so badly misread the national mood reflects the disconnect between a growing segment of the population and a government that prides itself on popular policies aimed at lifting millions out of poverty.

After rising to prominence on the backs of huge protests to usher in democratic leadership, the governing Workers Party now finds itself perplexed by the revolt in its midst, watching with dismay as political corruption, bad public services and the government's focus on lifting

Brazil's international stature through events like the 2014 World Cup and the 2016 Olympics inspire outrage.

On Wednesday, tens of thousands protested outside the newly built stadium where Brazil faced off against Mexico in the Confederations Cup, as the police tried to disperse them with tear gas, rubber bullets and pepper spray. In what would normally be a moment of unbridled national pride, demonstrators held up placards demanding schools and hospitals at the "FIFA standard," challenging the money Brazil is spending on the World Cup instead of on health care or the poorly financed public schools.

With support for the protests escalating -- a new poll by Datafolha found that 77 percent of São Paulo residents approved of them this week, compared with 55 percent the week before -- Mayor Haddad and Geraldo Alckmin, the governor from an opposition party, bowed on Wednesday night, announcing that they would cancel the bus and subway fare increases after all. Other cities, including Rio de Janeiro, pledged to do the same.

But while the fare increases might have been the spark that incited the protests, they unleashed a much broader wave of frustration against politicians from an array of parties that the government has openly acknowledged it did not see coming.

"It would be a presumption to think that we understand what is happening," Gilberto Carvalho, a top aide to President Dilma Rousseff, told senators on Tuesday. "We need to be aware of the complexity of what is occurring."

The swell of anger is a stunning change from the giddy celebrations that occurred in 2007, when Brazil was chosen by soccer's governing body to host the World Cup. At the time, dozens of climbers scaled Rio de Janeiro's Sugar Loaf Mountain, from which they hung an enormous jersey with the words "The 2014 World Cup is Ours."

"We are a civilized nation, a nation that is going through an excellent phase, and we have got everything prepared to receive adequately the honor to organize an excellent World Cup," Ricardo Teixeira, then the president of the Brazilian Football Confederation, said at the time.

Since then, the sentiment surrounding Brazil's preparations for the World Cup, and much else overseen by the government, has shifted. Mr. Teixeira himself resigned last year, under a cloud of corruption allegations, and while the Brazilian government says it is spending about \$12 billion on preparing for the World Cup, most of the stadiums are over budget, according to the government's own audits court.

The sheen that once clung to the Workers Party has also been tarnished by a vast vote-buying scheme called the mensalão, or big monthly allowance, in a nod to the regular payments some lawmakers received. The scandal resulted in the recent conviction of several of high-ranking officials, including a party president and a chief of staff for Luiz Inácio Lula da Silva, who was a popular Brazilian president.

"There's been a democratic explosion on the streets," said Marcos Nobre, a professor at the University of Campinas. "The Workers Party thinks it represents all of the progressive elements in the country, but they've been power now for a decade. They've done a lot, but they're now the establishment."

The economic growth that once propelled Brazil's global ambitions has slowed considerably, and inflation, a scourge for decades until the mid-1990s, has re-emerged as a worry for many Brazilians.

But expectations among Brazilians remain high, thanks in large part to the government's own success at diminishing inequality and raising

living standards for millions over the last decade. The number of university students doubled from 2000 to 2011, according to Marcelo Ridenti, a prominent sociologist.

"This generates huge changes in society, including changes in expectations among young people," he said. "They expect to get not only jobs, but good jobs."

Unemployment is still at historical lows -- partly because of the very stadiums and other construction projects that have become the source of such ire among some protesters. But well-paying jobs remain out of reach for many college graduates, who see a sharp difference between their prospects and those of political leaders.

"I think our politicians get too much money," said Amanda Marques, 23, a student, referring not to graft but to their salaries.

Earlier this year, Mr. Alckmin, the governor, announced that he was giving himself and thousands of other public employees a raise of more than 10 percent; his own salary should climb to about \$10,000 a month as a

result. High salaries for certain public employees have long been a festering source of resentment in Brazil, with some officials earning well more than counterparts in rich industrialized nations.

Both Mr. Alckmin and Mr. Haddad followed the protests together in Paris last week on their smartphones. But at the time, Mr. Alckmin dismissed the protests as the equivalent to a routine strike by air traffic controllers in Paris, something "that happens."

"What has to be done is be strong and stand firm to avoid excesses," he told reporters then, before the protests had spread on the streets of São Paulo and dozens of other cities across Brazil.

By this week, it was clear how thoroughly officials had miscalculated. At one point on Tuesday night, protesters tried to break into the Municipal Theater, where operagoers were watching Stravinsky's "Rake's Progress." The doors to the elegant theater remained shut and as the show went on, they spray-painted the outside of the recently renovated structure with the words "Set Fire to the Bourgeoisie."

The New York Times

The New York Times
Late Edition - Final
Foreign, Friday, June 21, 2013, p. A 1

Level of Unrest In Brazil Stuns Even Protesters

By **SIMON ROMERO** and **WILLIAM NEUMAN**; Taylor Barnes contributed reporting from Rio de Janeiro, and Lucy Jordan from Brasília.

SÃO PAULO, Brazil -- Just a few weeks ago, Mayara Vivian felt pretty good when a few hundred people showed up for a protest she helped organize to deride the government over a proposed bus fare increase. She had been trying to prod Brazilians into the streets since 2005, when she was only 15, and by now she thought she knew what to expect.

But when tens of thousands of protesters thronged the streets this week, rattling cities across the country in a reckoning this nation had not experienced in decades, she was dumbfounded, at a loss to explain how it could have happened.

"One hundred thousand people, we never would have thought it," said Ms. Vivian, one of the founders of the Free Fare Movement, which helped start the protests engulfing Brazil. "It's like the taking of the Bastille."

The mass protests thundering across Brazil have swept up an impassioned array of grievances -- costly stadiums, corrupt politicians, high taxes and shoddy schools -- and spread to more than 100 cities on Thursday night, the most yet, with increasing ferocity.

All of a sudden, a country that was once viewed as a stellar example of a rising, democratic power finds itself upended by an amorphous, leaderless popular uprising with one unifying

theme: an angry, and sometimes violent, rejection of politics as usual.

Much like the Occupy movement in the United States, the anticorruption protests that shook India in recent years, the demonstrations over living standards in Israel or the fury in European nations like Greece, the demonstrators in Brazil are fed up with traditional political structures, challenging the governing party and the opposition alike. And their demands are so diffuse that they have left Brazil's leaders confounded as to how to satisfy them.

"The intensity on the streets is much larger than we imagined," said Marcelo Hotimsky, a philosophy student who is another organizer of the Free Fare Movement. "It's not something we control, or something we even want to control."

Even after politicians in São Paulo, Rio de Janeiro and other parts of Brazil ceded to the protesters' initial demands by rolling back bus fare increases this week, the demonstrations continued to spread on Thursday night, and President Dilma Rousseff delayed a trip to Japan amid the crisis. The increasing number of cities, the intensity -- and in a growing selection of places, the violence -- could represent a turning point in the protests.

In Brasília, the capital, the police used pepper spray and tear gas to block protesters from reaching Congress, but many marched on another Modernist landmark in the city, smashing windows at the Foreign Ministry, setting a fire in the entrance and scaling the Meteor, an iconic marble sculpture in a reflecting pool. Banners in the crowd carried slogans like "While you watch your nightly soap opera, we fight for you."

"I saw the youth taking to the streets and I wanted to support them," said Raimundo Machado, 50, a public servant in Brasília worried about the beleaguered public health system. "I pay for a health plan, but I can pay. What about those who can't?"

In Ribeirão Preto, an 18-year-old protester was killed after being struck by a car. Large turnouts shook other cities, with hundreds of thousands protesting in Rio de Janeiro, drinking beer and singing as they marched toward the city government.

But after the sun set, the police used tear gas to disperse them, causing hundreds to run on an already packed street, scrambling not to be pushed into a dirty canal and using bandannas to cover their faces. Dozens were reported injured.

"They don't invest in education, they don't invest in infrastructure, and they

keep putting makeup on the city to show to the world that we can host the World Cup and Olympics," said Jairo Domingos, 26, a technical support assistant in Rio, referring to the 2014 World Cup and 2016 Olympic Games. "We work four months of the year just to pay taxes and we get nothing in return."

In Salvador, Brazil's third-largest city, clashes broke out between protesters and the police, while in Belém, the capital of Pará State in the Amazon, demonstrators threw stones at the mayor. Here in São Paulo, thousands flowed into Avenida Paulista, the city's most prominent thoroughfare, with some protesters burning the flags of political parties in a repudiation of the political system.

"Our taxes should not go to line the pockets of Neymar and Ronaldinho," said Jean Moreira, 26, a business student, referring to the Brazilian soccer stars, as he gripped a sign that read, in English, "We won't have World Cup because the giant woke up."

The ire has extended to Brazil's established news media, which some see as tied to the elite and focused on portraying the violent minority of demonstrators. Protesters in São Paulo have burned a vehicle belonging to a television network covering the events, while in another episode, a prominent television reporter for Globo, the country's largest television network, was assaulted while covering a protest in the city center.

As an alternative, some protesters have begun covering the demonstrations themselves, distributing their reports through social media. One group, called

N.I.N.J.A., a Portuguese acronym for Independent Journalism and Action Narratives, has been circulating through the streets with smartphones, cameras and a generator held in a supermarket cart -- a makeshift, roving production studio.

And while some protesters have taken pains to distinguish themselves from the Occupy movements that have sprouted elsewhere, others have embraced the title. One group of protesters from Complexo do Alemão -- a patchwork of slums in Rio once seen as an epicenter of crime and drug trafficking -- belonged to an organization called Occupy Alemão, created to demonstrate against police abuses.

"We want a public security strategy that is made in dialogue with society," said Raul Santiago, 24, a community organizer. "We have a high cost of living and precarious services. This is for basic rights. Look at how much is being spent on the Olympics."

The array of frustrations and demands has made it difficult for Brazil's leaders to respond. Specific concessions, as on the bus fares, were not broad enough to placate the demonstrators. But the kind of sweeping, public acknowledgment of the legitimacy of the protesters' anger and ambitions -- a tactic employed by the president earlier in the week -- did not work, either.

"This is a remarkably diffuse movement; they don't even use loudspeakers to get their message across with thousands of people on the street," said Lincoln Secco, a history professor at the University of São Paulo who teaches several of the organizers in the Free Fare Movement.

Asked why the protests were emerging now, he said, "Why not now? This isn't something happening just in Brazil, but a new form of protesting, which is not channeled through traditional institutions."

Todd Gitlin, a professor of journalism and sociology at Columbia University who has studied social movements, including Occupy Wall Street and the Arab Spring, said it was hard to know exactly what sparks would set off a broader movement.

"It's similar to the way in which a certain kind of music suddenly is everywhere, and there's no theory that can tell you which it's going to be and when," he said.

But the activists at the heart of the movement -- they refuse to call themselves leaders -- insist that what is happening in Brazil did not burst out of nowhere.

"It has a spontaneous element that is important when people start going to protests," said Rafael Siqueira, 38. But he added, "It came out of a lot of work."

The Free Fare Movement was created in 2005, at a meeting in Porto Alegre, a southern city. Ms. Vivian, who is now 23, helped organize the event, which drew about 200 activists from around the country. Under a large tent at a campsite in a park, activists came up with a logo: a crude drawing of a stick figure kicking over a bus turnstile.

Ms. Vivian, now a waitress and geography student who was bleary-eyed from lack of sleep after days of continuous protests, laughed when she thought about her early days as an organizer: "In 2005 we were a bunch

of kids who had never organized any kind of demonstration."

Without the organizing grunt work over the years, she and others said, the stage for the current wave of

protests would not have been set. Still, Ms. Vivian and her fellow activists could not explain the change that had suddenly brought huge crowds into the streets all around the country.

"People finally woke up," Ms. Vivian said. Asked why it happened now, she shrugged and said, "We really don't know."

The New York Times
 Late Edition - Final
 Editorial, Friday, June 21, 2013, p. A 22

EDITORIAL

Social Awakening in Brazil

By THE EDITORIAL BOARD

The huge street protests sweeping across Brazil this week caught almost everyone by surprise. But maybe they shouldn't have.

For all of Brazil's achievements over the past few decades -- a stronger economy, democratic elections, more money and attention directed toward the needs of the poor -- there is still a huge gap between the promises of Brazil's ruling leftist politicians and the harsh realities of day-to-day life outside the political and business elite.

The World Bank lists Brazil as the world's seventh-largest economy, but puts it in the bottom 10 percent on income equality. Its 15-year-olds rank near the bottom in global rankings of

reading and math skills. A succession of its top politicians have been implicated in flagrant payoff schemes and other misuse of public funds.

No wonder that public-transit fare increases provoked outrage from the poor and middle class, who are burdened by a regressive tax system. No wonder that lavish spending on World Cup soccer stadiums while public education remains grievously underfinanced became a rallying cry. To her credit, President Dilma Rousseff has tried to be responsive to the demonstrators. She declared that she welcomes the desire for change, and will respond to it. Local authorities have rolled back the transit

fare increases that triggered the protests.

But this week's marches and demonstrations have revealed public anger at skewed spending priorities and failures in education and other social services as well as a broad constituency for change. In the northeastern city of Fortaleza Wednesday, soccer fans in the newly built stadium and star players on the field signaled their support for the protesters outside.

Brazil's long silent majority seems to be finding its political voice. Ms. Rousseff, who is up for re-election next year, will have to address new demands with substance as well as sympathy.

The New York Times
 The International Herald Tribune
 Sports, Friday, June 21, 2013

GLOBAL SOCCER

A Lecture FIFA Didn't Need to Make

By **ROB HUGHES**

The action in the stadiums of Brazil became compelling by midweek, but the protests in the streets kept on swelling.

Neymar, the home nation's hero, turned in another of his quixotic performances Wednesday in a 2-0 victory over Mexico in the steamy heat of Fortaleza in the Confederations Cup. He scored with a masterful volley but he disappeared for long spells. Toward the end, he dashed between two Mexican defenders, fooled them with his footwork and laid down the second goal to be scored by Jo.

Outside, the police were using pepper spray and force to keep protesters at bay.

Later that evening, Italy came from two goals down to wring out a 4-3 victory over Japan in the northeastern city of Recife. Once more the heat, humidity and tropical rain took players to the limits of their physical and mental stamina. Italy's willpower prevailed. But Japan -- with memorable skills from Keisuke Honda, Shinji Kagawa, Shinji Okazaki and Yuto Nagatomo -- will be back a year from now, and nobody should regard them as pushovers at the World Cup.

That is what all this is about. This Confederations Cup is a small-scale rehearsal; the 2014 World Cup is key.

It is no coincidence that Brazil, just like Turkey, which starts the FIFA Under 20 World Cup this weekend, was struggling to subdue huge public protests. They are developing nations, spending billions to use sports as a showcase for their changing political and economic status.

But there is a disturbing ignorance, at both FIFA and the International Olympic Committee, about what people are saying on the streets.

The protests are against governments, but the game is up for the stakeholders of the World Cup and the Olympics. The people are protesting that these two giants of global sports keep on making their events bigger, keep on making the host countries pay and keep on taking their circuses to places willing to pay for them.

Neither FIFA nor the I.O.C. finances the multibillion dollar stadiums, nor pays for the infrastructure, the policing or the military protection needed to secure their events, which stretch on for weeks. But it is FIFA and the I.O.C. who bank the billions from the television revenues.

The games have gotten too big, the price too high. Yet as this week unfolded, FIFA's leaders, president Sepp Blatter and general secretary Jérôme Valcke, displayed bare-faced audacity.

"I can understand that people are unhappy," Blatter said in Rio de Janeiro. "But football is here to unite people. Football is here to build bridges, to generate excitement, to bring hope."

No country hopes for more from soccer than Brazil. It has won more World Cups, and given the game more style, than any other nation. It has expressed its love of the game -- its obsession -- during both military dictatorship and democracy.

But these protests -- some not violent until the marchers are fired upon -- are specific in what they want. "Teachers are worth more than Neymar" read one placard. "We want schools and hospitals, not stadiums" read another.

The protesters booed Blatter and their own president, Dilma Rousseff, inside the costliest stadium, in the capital of Brasilia, at the opening ceremony.

Yes, soccer unites. Yes, it is a wonderful thing that South Africa could stage the World Cup, and that

Brazil, after 64 years, will get to be host to a second World Cup next year.

And it is marvelous that Brazil, which exports more soccer talent than any other nation yet seldom gets to see these players in person in their prime, has this opportunity to see them on their own soil.

The home team players -- Hulk and David Luiz and Fred and Neymar -- have started to use their social media accounts to express support for the protestors "so long as they are peaceful."

But their job is to do what they are doing, to win matches and to try to equal the standards that Spain has set as the world's best at the moment. Spain has reiterated that this week, and not just with its passing against Uruguay in the Confederations Cup --

it also won the European Under-21 tournament in Israel.

Isco and Thiago Alcântara (the latter born of Brazilian parents) showed that they are good and ready to step into the shoes of Andrés Iniesta and Xavi Hernández the moment those great players lose their touch.

So, yes, bring it on. Take it to Brazil and see if the land of nearly 200 million soccer lovers can rise to the challenge.

But, Mr. Blatter, do not dare to tell Brazilians, as he did this week, that the protests should stop because FIFA is giving the country "improved airports hotels, highways, telecommunications, sustainability programs." Blatter knows -- and the people know -- that his former boss at FIFA, João Havelange, was

responsible for the corruption that should have shamed the world governing soccer body. Havelange is Brazilian, and Havelange and his cronies were finally exposed last year as helping themselves to profits from a FIFA marketing partner that went bankrupt.

Blatter, the head of a discredited organization, chose to lecture Brazilians this week.

"Football," he said, "will always be a simple and beautiful game." FIFA did not impose the World Cup on Brazil, he continued, and the protestors should stop disrupting "the spirit, the essence and the integrity" that FIFA brings them.

The protests grew louder.

The New York Times

The New York Times
Late Edition - Final
Foreign, Saturday, June 22, 2013, p. A 1

How Angry Is Brazil? Pelé Now Has Feet of Clay

By **SIMON ROMERO** and **WILLIAM NEUMAN**; Andrew Downie contributed reporting from Salvador, Brazil, and Taylor Barnes and James Montague from Rio de Janeiro.

SÃO PAULO, Brazil -- It has long been a source of unparalleled pride, a common bond uniting a disparate nation, something Brazilians could always point to -- even in times of economic ruin or authoritarian rule -- that made them the best in the world.

But these days, Brazil, the most successful nation in World Cup history, home to legends like Pelé and Ronaldo, is finding little comfort in "the beautiful game."

In the most unexpected of ways, Brazil's obsession with soccer has become a potent symbol of what ails the country. Ever since huge protests began sweeping across Brazil this week, demonstrators have taken to the streets by the hundreds of thousands to vent their rage at political leaders of every stripe, at the reign of corruption, at the sorry state of public services.

The protests have grown so large and disruptive that on Friday, Brazil's president, Dilma Rousseff, put forth measures to address some of the grievances.

But pointing to the billions of dollars spent on stadiums at the expense of basic needs, a growing number of protesters are telling fans around the globe to do what would once have seemed unthinkable: to boycott the 2014 World Cup in Brazil. In a sign

of how thoroughly the country has been turned upside down, even some of the nation's revered soccer heroes have become targets of rage for distancing themselves from the popular uprising.

"Pelé and Ronaldo are making money off the Cup with their advertising contracts, but what about the rest of the nation?" asked one protester, Gabriela Costa, 24, a university student.

Protesters lambasted both men after Pelé, whose full name is Edson Arantes do Nascimento, called on Brazilians to "forget the protests" and a video circulated on social media showing Ronaldo, whose name is Ronaldo Luís Nazário de Lima, now a television commentator and sports marketing strategist, contending that World Cups are accomplished "with stadiums, not hospitals."

With hordes of protesters rallying outside soccer matches, clashing with the police and setting vehicles on fire, FIFA, soccer's international governing body, took pains to reassure the world on Friday that it had "full trust" in Brazil's ability to provide security and had not considered canceling either the 2014 World Cup or the Confederations Cup, a major international tournament currently taking place in Brazil.

But the fact that soccer officials even had to address the issue was a major embarrassment to Brazilian officials, who had fought so hard to land international events like the World Cup and the 2016 Olympic Games in order to showcase what a stable, democratic power their nation had become.

Now instead of being the culmination of Brazil's rise, the events -- and the enormous expense of hosting them -- have become a rallying cry for the protesters to show how out of step their government's priorities are with what the people want and need. While the government says it is spending more than \$13 billion to prepare for the World Cup, including related construction projects, most of the stadiums are over budget, according to official findings.

"I love soccer," said Arnaldo da Silva, 29, a supervisor at a telecommunications company supervisor, who celebrated back in 2007 when Brazil landed the World Cup but was also among the protesters in the streets this week, denouncing spending on stadiums when the infrastructure around those structures, like sidewalks, is crumbling. "It's as if we're divided between our heart and our head."

As far back as the 1930s, fans here swelled with pride over the feats of

players like Leônidas da Silva, a striker known as the Black Diamond who stunned European opponents with remarkably creative plays. Some Brazilian players like Sócrates, the hard-drinking doctor who was captain of Brazil's 1982 World Cup team, transcended the sport by taking part in the pro-democracy movement against Brazil's military dictatorship. But while Pelé has been faulted publicly before for his stance on various issues and for his initial failure to acknowledge an out-of-wedlock daughter, the level of criticism against him and other soccer figures has changed. Now Brazil's star players, even those speaking favorably of the current wave of protests, are suddenly finding themselves under scrutiny in new ways. "Brazil, wake up, a teacher is worth more than Neymar!" thousands of protesters shouted at a demonstration this week outside the new stadium built in Fortaleza in northeast Brazil, referring to the wealth of Neymar da Silva Santos Jr., the 21-year-old star who recently joined Barcelona, the Spanish soccer club. On the field, the national team finds itself in the doldrums, dropping to a historical low of No. 22 in the FIFA rankings. And at the Brazilian Football Confederation, which oversees the sport in the country, the longtime president, Ricardo Teixeira, resigned last year. He cited health reasons, but he had faced allegations of corruption.

Meanwhile, his successor, José María Marín, 80, has come under fire over his support for Brazil's military dictatorship and being shown on video slipping a medal from a youth tournament into his pocket. Later, he said the medal was given to him. "Brazil was coming into the preparations for the World Cup with a swagger from its growing economic clout," said Alex Bellos, a Briton who has written widely on Brazilian soccer. "But there's the sense now that the sport is beset by various problems, even before the protests erupted." In its bid to win the 2007 Pan American Games, Rio de Janeiro promised it would build a new highway, a monorail and miles of new subway lines, but none of those projects came to fruition. The games themselves were over budget, and a number of the venues were so poorly constructed that they are either being knocked down or rebuilt for the Olympics. The Engenhão stadium, built for track and field and then used by Botafogo, a Rio soccer club, was to be the main venue for the 2016 Olympics. But that is now in doubt after technicians ruled the roof could collapse in windy weather and ordered it closed. "I think Brazilians are feeling insulted to see that there was political will and large investments to construct big, FIFA-quality soccer fields," said Antonio Carlos Costa, 51, a

Presbyterian pastor and leader of Rio de Paz, a group that combats social inequalities in Brazil. "And when these stadiums went up, the people saw that there was not the same political will to use public funds to build the same standard of schools, hospitals, and public security." Outside the São Paulo construction site of a stadium being built for a local team, Corinthians, which will also be used for the World Cup, Ana Paula Pereira, 36, a fan and bar owner, was torn by the turn the protests had taken. She supported the demands of the demonstrators on the streets but did not think that it made sense to target her beloved team. "There has to be the World Cup, but there also have to be hospitals," she said.

The New York Times

The New York Times

Late Edition - Final

Foreign, Saturday, June 22, 2013, p. A 7

Brazil Seeks Answers to Protesters' Concerns While Rebuking Some for Unrest

By SIMON ROMERO and WILLIAM NEUMAN; Paula Ramón contributed reporting.

SÃO PAULO, Brazil -- With cities across the nation heaving in the biggest protests in decades, President Dilma Rousseff of Brazil convened an emergency meeting of top aides on Friday and announced that she would pursue measures touching on some of the grievances stirring the unrest, including a national transportation overhaul and the use of all oil royalties for education.

But she has floated her ambitious proposal before -- to use oil revenues to improve the beleaguered public schools -- only to run up against stiff resistance from state governors who rely on the money to meet their budgets, leaving her ability to enact it in doubt.

Her pledge came as the government put forward other small measures as well, like injecting new money to bolster transportation and pledging to better scrutinize financial corruption within its ranks.

"Brazil fought a lot to become a democratic country, and it is fighting a lot to become a country that it is more just," Ms. Rousseff said.

In a show of resolve, Ms. Rousseff and other authorities also lashed out at the growing violence among some of the protesters, denouncing recent attacks on government buildings, acknowledging their concerns about security ahead of a visit by the pope

and, in at least one case, threatening to deploy the army to the streets if the demonstrations continued to intensify.

"I assure you, we will maintain order," Ms. Rousseff said.

More than a million people protested in scores of cities across the country on Thursday night to excoriate the government on a broad array of issues, including political corruption, the high cost of living and the billions of dollars being devoted to building stadiums for the 2014 World Cup and the 2016 Olympics in a country where poverty is pervasive and public education is often in shambles.

But while most of the protesters have vented their frustrations peacefully -- even joyfully at times, singing and celebrating what they call a mass awakening across the country -- a violent subset has stormed public buildings, set fires and smashed storefronts, bus shelters, traffic lights and some A.T.M.'s.

In Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, the official in charge of security policies, said that if the unrest intensified, the army could be asked to increase patrols in various parts of the city to "protect the integrity of people and of public and private and public property."

The concern over the violent turn among protesters was enough that Gilberto Carvalho, a top aide to Ms.

Rousseff, acknowledged it could affect the visit of Pope Francis to Brazil, which is scheduled for July.

"We have a series of complications and concerns," Mr. Carvalho told reporters in the capital, Brasília. "The situation is evolving so fast that we can't predict what will happen."

Protests continued to shake cities around Brazil on Friday. In São Paulo, the nation's largest city, protesters blocked roads leading to the airport and thousands rallied at a downtown plaza to protest a measure backed by conservative legislators, known as the gay cure, that would allow psychologists to treat homosexuality as a form of mental illness.

The protests continued even though one of the main groups that had been behind the original demonstrations here said that it would not call for any more marches in São Paulo. The group indicated that it had won the concessions on bus fares it had demanded and that it was concerned that some members of allied groups, like left-wing political parties or social movements, had been singled out and beaten up at the demonstrations.

"We won the fight, so we are going to take time to think about what to do next," said Rafael Siqueira, a member of the group, Passe Livre, which had

pushed for the rollback of a bus fare increase.

In Ribeirão Preto, 1,000 people attended the funeral of Marcos Delefrate, an 18-year-old who died after being struck by a car on Thursday. Military police officers escorted the mourners, and the cavalry positioned itself in front of the cemetery.

The protests claimed a second victim on Friday, Cleonice Vieira, 51, a street cleaner in the city of Belém in the Amazon. Brazilian news organizations reported that she had

died of a heart attack after a tear-gas canister exploded nearby.

As the protests continued, the national development bank, known as BNDES, announced that it had approved more than \$1 billion in loans to expand the metro system in São Paulo, the city where the bus fare increase set off the initial protests. And in Brasília, the Finance Ministry said it had created an inspector to review allegations of corruption, one of the main issues that has driven countless thousands to the streets in recent days.

But many protesters said the measures fell far short of what was needed.

"They have been promising lots of things for many years, but it doesn't go beyond that," said Jeniffer Novaez, 18, a physical therapist. "I don't know if they understand what is really happening here, but it's been many years and we are thirsty. We want everything, and we want it now."

Another protester, Bruna Santana, 22, a student, said the government was not serious in its response. "They only want to shut us up," she said.

The New York Times

The New York Times
Late Edition - Final
Editorial, Saturday, June 22, 2013, p. A 19

OP-ED CONTRIBUTOR

Brazil's Vinegar Uprising

By VANESSA BARBARA

SÃO PAULO, Brazil -- LAST week I watched a video of a man arrested for possession of a bottle of vinegar. The man, a journalist named Piero Locatelli, was covering the protests here when a policeman asked to search his backpack. Like other demonstrators, he had brought some vinegar. The idea is that breathing through a cloth soaked in vinegar neutralizes the effects of tear gas, though this doesn't really seem to work. The police claim that the product can be used to make bombs, but this is even less true.

Mr. Locatelli was released two hours later. But the damage had been done. Over the next week, as the protests spread to cities around the country, the arrest became a mocking rallying cry. Someone started a campaign on Facebook to legalize vinegar. Another created a "V for Vinegar" page, a reference to the graphic novel "V for Vendetta." The "Salad Uprising" had begun.

The people's anger was understandable. The day Mr. Locatelli was arrested, June 13, many others in São Paulo also faced the repression of the military police: more than 100 protesters and at least 15 journalists were reported injured, including a photographer, who will probably lose some of his vision after being shot in

the eye with a rubber bullet. I rushed to join the demonstration, but I couldn't get past the clouds of tear gas and pepper spray. Some officers removed their name tags when firing stun grenades. It looked like war. And it was all triggered by the equivalent of a 9-cent increase in the city's public transport fares, to about \$1.47.

That might not sound like a lot, but it makes a big difference to someone who earns the minimum wage of just 678 reais a month (around \$300 at today's exchange rates). Getting around this city is not easy. São Paulo has roughly 11 million inhabitants and 7 million vehicles. Traffic is terrible, the buses and underground rail insufficient and overcrowded. I live in Alto do Mandaqui, a neighborhood about seven miles north of the city center, but it can take an hour and a half to get there. I spend a lot of my salary just so I can sit inside a hot bus, stuck in traffic. And Brazilians in many other cities face the same, along with the threat of increasing transportation costs.

As one of the protest chants, addressed to President Dilma Rousseff, went: "Dilma, what's the point?/To ride the bus/we're paying more than for a joint."

But the protests were about much more than transportation. This week,

even after a number of cities agreed to lower or reconsider their fares, the protests continued. After all, we were still gravely concerned about the government conspiracy to suppress our salads. A few months ago, there was a 122 percent increase in the price of tomatoes, compared with the year before. I personally stood with the leaders of the March for Vinegar Legalization, about which there have been many jokes on social media. One person wrote that, if caught in the act of handling vinegar, you should confess to being an avid user, and say you're trying to quit.

On June 16, pressed by public opinion, the government agreed to authorize vinegar possession for both revolutionary and gastronomic uses. Perhaps as a result, the next day, another protest in São Paulo was peaceful. Around 65,000 people marched (some, like my mom and me, carrying bottles of salad dressing). We were campaigning against all sorts of things: police brutality, government corruption, lousy public services and "funk alto no ônibus" (roughly: loud boom boxes playing atrocious funky music in the bus).

Another common cry, which garnered much praise despite having little purpose, was, loosely: "The people/united/are a gigantic bunch of

dudes" -- though the real version included a rowdy profanity.

Crowds were also criticizing the federal government for spending billions to host the FIFA World Cup in 2014 and the Summer Olympics in 2016 (with projected budgets of \$13.3 billion and \$18 billion, respectively). One demonstrator wrote on a sign: "When your son is ill, take him to the stadium." Some shouted, "Any good teacher is worth more than Neymar," in reference to a highly paid soccer player.

The bigger issue behind the dissatisfaction, however, is that Brazilians are still getting used to democracy. Two decades of fierce military dictatorship formally ended only in 1985. We still have a military police force to maintain public order.

We still fear them. That is why these protests are so important.

Not all Brazilians agree. Many think the demonstrations lack focus, are useless or even harmful. The press sometimes calls the protesters "vandals," "delinquents" and "terrorists." And there have been some acts of vandalism by the crowds. But that is no excuse to stay home.

On Monday night we walked more than six miles, occupying avenues usually clogged with cars and buses. We lay down in the middle of Paulista Avenue and painted all sorts of wise messages on placards, like: "I'm so pissed off that I wrote this sign." One boy was exhausted by the walking and just wrote, "for the right to stay in one place."

Most of the protesters were in their teens and 20s, and I felt very ancient in my 30s. I am sure we seemed as ineffective and foolish as our bottles of vinegar against a bomb of tear gas. But we have the right to be ineffective and foolish -- we're still learning how to protest.

On Thursday night one million Brazilians poured into the streets of some 80 cities around the country. "Bring your salad. Salt and olive oil are optional." That's our message.

Note(s) :

Vanessa Barbara edits the literary Web site *A Hortaliça* and is a columnist for the Brazilian newspaper *Folha de São Paulo*

The New York Times

The New York Times
Late Edition - Final
Foreign, Sunday, June 23, 2013, p. A 8

Despite Assurances by Brazil's President, Protesters Stage Another Day of Demonstrations

By WILLIAM NEUMAN and SIMON ROMERO; Paula Ramón contributed reporting.

SÃO PAULO, Brazil -- Another round of demonstrations unfolded in cities throughout Brazil on Saturday, after many in the country's sweeping protest movement angrily dismissed an effort by President Dilma Rousseff to address their broad demands.

The protests largely lacked the intensity of those in previous days, particularly Thursday, when more than a million Brazilians took to the streets to rail against the government on a range of issues. Protests were planned in more than 20 cities on Saturday, including São Paulo and Rio de Janeiro. In the far-flung city of Rio Branco in the Amazon, an estimated 15,000 people demonstrated without any reports of violence.

Demonstrations took place in two large cities hosting soccer games in the Confederations Cup, a major tournament under way here. In Salvador, the capital of Bahia State, the authorities said that about 2,500 people protested as the Brazilian national team played Italy. Reports said that organizers agreed to keep the march away from the stadium, but a small group of protesters approached the stadium and there was a confrontation with the police.

One of the biggest protests was in Belo Horizonte, where Mexico played against Japan. The police used tear gas to disperse a crowd estimated by the authorities at 70,000.

The police also were seeking suspects responsible for acts of violence and vandalism that have marred some of the demonstrations. And the television channel Globo showed video of recent protests in which they highlighted the faces of young men committing acts of vandalism, such as smashing automatic teller machines in a bank and knocking over a light pole.

Ms. Rousseff initially remained silent as the protest movement grew, although she publicly embraced the protesters' cause on Tuesday. Tens of thousands of people thronged the streets of São Paulo and other cities on Monday, and by Thursday more than a million demonstrators had turned out in dozens of cities.

In a speech on Friday night, Ms. Rousseff, a former guerrilla who fought the country's military dictatorship in the 1970s, praised the demonstrators for bringing a new energy to Brazilian politics and said repeatedly that she would listen to "the voice of the streets."

"If we can take advantage of the impulse of this new political energy," she said, "we can do many things better and faster that Brazil has not been able to do because of political or economic limitations."

But the proposals she offered in response to those voices were short on details, and included some programs

for which she had been unable to garner support in the past.

Ms. Rousseff said she would create a national transportation plan to promote mass transit, dedicate oil revenues to education and bring in foreign doctors to bolster the nation's health care system.

Even as Ms. Rousseff's recorded message was broadcast on television, demonstrators marched, and many said they were unaware that the president was speaking to them.

"I don't believe in her promises," Sergio Mazzini, 65, said late Friday night during a protest in the São Paulo city center. "There have been too many promises for me to keep believing. We don't know where all this is leading, but they are trying to fool us.

"They don't live our reality, so it's easy to talk about hospitals and schools when it's us who are suffering for lack of investment in priorities."

Felipe Possani, 20, an intern at a bank who was wearing a white mask in the style popularized by the hacker group Anonymous, had nothing but scorn. "She's a joke," he said. "She's just faking."

The protests were initially set off by demands for a rollback of transit fare increases, which officials in several cities agreed to last week. But citizens

have also demanded action on an array of issues, calling for improvements in health care, public transit and education, lower taxes, gay rights and an end to corruption.

Another growing issue is a proposed constitutional amendment to limit the power of the Public Ministry, a body of independent public prosecutors.

Selena Mokdad, 19, a student, said she was deeply worried that the protest movement would lose its way by making too many diffuse demands, noting that there were no clear leaders to provide focus for the grievances.

"They're fighting for everything and nothing specific, so they're not going to change anything," Ms. Mokdad said.

And while many protesters angrily rejected Ms. Rousseff's proposals as empty promises, others said she should be given a chance. "It's a bit naïve to talk about Dilma all the time," Ms. Mokdad said, adding that Ms. Rousseff had inherited a country

with deeply ingrained problems, like corruption. "She's not responsible for everything. She's like in the wrong place at the wrong time. I don't think the problem is her."

At the heart of the movement is a rejection of traditional politics in Brazil. Protesters have expressed deep cynicism toward the main political parties and their leaders.

Ms. Rousseff is expected to run for a second term next year, but a poll of protesters in São Paulo by Datafolha, a top research firm, found that only 10 percent said they would support her for re-election. Aécio Neves, a leader of the main opposition party, the Social Democrats, received just 5 percent support.

But 30 percent said they would support Joaquim Barbosa, the chief justice of the Supreme Court, who has won widespread admiration throughout Brazil for crusading against corruption and trying -- so far, without success -- to send political

leaders convicted in a huge embezzlement and vote-buying scheme to jail.

Some prominent voices have also begun lashing back at aspects of the protest movement. The Rio de Janeiro newspaper O Globo published a scathing editorial on Saturday in which it questioned the protesters' repudiation of political parties.

"It is an illusion to think that in democracy political projects can be carried out on the margin of parties," O Globo said.

And Fernando Henrique Cardoso, who restructured the economy as president in the 1990s, warned that the protests could offer more jolts to political leaders.

"I have my doubts the parties are capable of capturing all this and at least transforming their message," Mr. Cardoso said in an interview with the newspaper Folha de São Paulo.

The New York Times

The New York Times

Late Edition - Final

Foreign, Tuesday, June 25, 2013, p. A 9

Responding to Protests, Brazil's Leader Proposes Changes to System

By SIMON ROMERO

SÃO PAULO, Brazil -- President Dilma Rousseff of Brazil proposed a series of bold changes to the country's political system on Monday, including convening a constituent assembly apparently aimed at overhauling Congress and campaign-finance methods, in an effort to assuage the concerns of protesters who have stunned the nation this month with their anti-establishment demonstrations.

In detailing her plans, Ms. Rousseff seemed to be aiming for a relatively accommodating response to the protests, in contrast to how leaders elsewhere have reacted to major street mobilizations. Among them, Prime Minister Recep Tayyip Erdogan of Turkey has adopted a far more bellicose stance against residents who are furious about his plans to raze a park in the middle of Istanbul.

The protests in Brazil, the most wide-reaching in two decades, have vented

anger at the political class in general. The demonstrations continued on a smaller scale on Monday; two women who were taking part in a protest blocking a highway near the capital, Brasília, were killed when they were hit by a car, raising to four the number of people who have died amid the protests this month.

Ms. Rousseff expanded upon proposals she unveiled on Friday in a nationally televised address. She said Monday that the government would allocate more than \$22 billion to upgrading public transit systems, largely by building subways, and emphasized that hiring foreign doctors to work at beleaguered public hospitals -- an unpopular plan among Brazilian doctor groups -- would be an "emergency step."

She also proposed stiffer penalties for political corruption, which has emerged as a top concern among protesters, and increasing the pay of

teachers. And in a move that could rattle the governing Workers Party's alliances in Congress, she proposed holding a plebiscite over whether Brazil should convene a constituent assembly intended to carry out "political reform." It was not immediately clear what she meant by that, though she said it should "expand popular participation."

"Now the people out on the streets want more," Ms. Rousseff said, announcing the proposals after meeting with leaders from the Free Fare Movement, a group that set off the demonstrations with a series of smaller protests against bus-fare increases.

The proposed political changes, like other suggestions to spend 100 percent of oil royalties on education and hire foreign doctors to work in rural areas, revive a plan that has been floated before without success by the Workers Party.

The New York Times

The New York Times
Late Edition - Final
Editorial, Wednesday, June 26, 2013, p. A 25

OP-ED CONTRIBUTOR

Let Them Eat Soccer

By ELIO GASPARI

SÃO PAULO, Brazil -- SINCE early June, protests that began out of anger over public transit fare increases have spread across Brazil, filling the streets of São Paulo, Rio de Janeiro and dozens of other cities with hundreds of thousands of demonstrators. On June 13, the police cracked down violently and the protests mushroomed. Finally, after seven days, the government of President Dilma Rousseff pushed governors and mayors to cancel the fare increases they had presented as the inevitable price of a modern market economy.

The cost of public transportation for a family living in Rio or São Paulo is, proportionally, higher than in New York or Paris. Yet, the service delivered is humiliating. In 2009, security guards of a train company that services the Rio metropolitan area used whips on passengers during rush hour crowding. The mayor of Rio has proudly declared that during his tenure not a cent is being spent on subsidizing public transportation. Yet he was able to find \$560 million of public money to spend on the renovation of the iconic Maracanã stadium to meet the requirements of next year's FIFA World Cup.

At a time when federal, state and municipal taxes eat up 36 percent of

Brazil's gross domestic product without providing public services minimally compatible with what is expected from government, at least \$13 billion is being poured into 12 soccer stadiums to host the World Cup. An additional \$12 billion is being spent on projects to host the 2016 Summer Olympics in Rio.

But delusionary modernism has its pitfalls. The same day the first protests started in São Paulo, the city's mayor and the state's governor happened to be in Paris trying to land yet another global mega event -- the 2020 World's Fair. A few days later, when the protesters were climbing atop the Congress building in Brasília, a landmark of Oscar Niemeyer's architecture, the president of the House of Representatives was visiting Moscow.

The lavish lifestyle of high-ranking public servants (generous travel expenses, official cars with drivers, offensively large paychecks) has become a rallying point for the protests.

It is as if there are two Brazils. One is expected to shout -- but only in stadiums. The other does as it pleases.

When Ms. Rousseff attended a Confederations Cup soccer match between Brazil and Japan last week,

she was incensed when waiters started serving Champagne and caviar in the V.I.P. section. After she complained, popcorn soon materialized for the luminaries. Notwithstanding her protest, Ms. Rousseff was soundly booed by the rest of the crowd.

In today's Brazil, there is too much caviar for the elite -- and the people have noticed. That realization, along with outrage at widespread corruption, has helped the current outcry cross class, party and generational lines.

In 2005, the government of Luis Inácio Lula da Silva, then Brazil's president, was caught in a vast cash-for-vote scandal. The plot, which became known as "mensalão," because the bribe payments were made monthly, shattered expectations. Mr. da Silva's government had been widely trusted to lead a fight against corruption. Suddenly, a former president of his Workers' Party and his own chief of staff were caught up in a scandal.

Almost eight long years later, Brazil's Supreme Court sentenced 25 of the accused. Their sentences ranged from 2 to 40 years in prison. But none are actually behind bars yet, and legal appeals could continue for another couple of years.

To grasp the significance of this, Americans need only contemplate their rage if the Watergate scandal had dragged on, enabling Richard M. Nixon to finish his second term, help elect a handpicked successor from his own party in 1976 and then watch all those indicted, tried and convicted walk free eight years later.

When the riot police in São Paulo fired rubber bullets and tear-gas bombs at protesters, they probably thought they were dealing with a couple of thousand worthless rioters. How could a national protest against bus-fare increases averaging less than 10 cents possibly be representative of modern Brazil, where people drive cars and, whenever possible, go shopping in Miami or New York?

But all who witnessed that very first act of police aggression know it was

deliberate. It was gratuitous. And it was a colossal mistake.

In the face of growing protests, governors and mayors -- who at first were intransigent -- rushed to lower the transportation rates. Ms. Rousseff praised the shouting crowds, then conferred with Mr. da Silva and his spin doctors. Last week, in a much anticipated address to the nation, she declared that the voice of the streets was being heard and announced programs to promote better education and health care. On Monday, she took a more personal step, meeting with the leaders of the movement that triggered the protests. Her immediate aim is to survive the final week of the Confederations Cup without a major catastrophe in the streets.

As the protests have intensified, there have been cases of looting and

vandalism. But the great majority of the protesters aren't rioters, nor should the rioters be mistaken for protesters.

Indeed, it would be safe to assume that the percentage of violent troublemakers among the protesters is smaller than the number of thieves among the negotiators of government contracts.

Note(s) :

Elio Gaspari, a columnist for the Brazilian newspapers O Globo and Folha de São Paulo, is the author of a multivolume history of Brazil's military dictatorship.

The New York Times
 The International Herald Tribune
 Sports, Wednesday, June 26, 2013

GLOBAL SOCCER

Saying It All by Not Mentioning Soccer

By **ROB HUGHES**

LONDON -- When President Dilma Rousseff of Brazil addressed governors and mayors about the protests that have accompanied the World Cup rehearsal tournament, not once did she mention sports.

Soccer has been used as a catalyst for the public uprisings against Brazil's social and economic problems. The billions being spent on stadiums for the 2014 World Cup and the 2016 Olympic Games -- and the profits that will go out of the country from those events -- are clearly a cause of some of the public disaffection.

The people do not buy the spurious propaganda that these jamborees are supposed to inspire lasting urban regeneration beyond the lifecycle of the two major coming events. Montreal impoverished itself to stage the 1976 Summer Games, and South Africa is staring at white elephant stadiums after the 2010 World Cup.

Still FIFA, the world soccer authority, claims that the World Cup next year will inject 112.8 billion reais, about \$50.6 billion, into the Brazilian economy by 2014, against the cost of putting on the 64 games in the 12 new or enhanced stadiums that were paid for at public expense.

And FIFA tells us that the final tournament will provide the host

country "a fantastic platform to show itself with more than 500 broadcasters in over 200 territories covering the event." That in itself is the catalytic effect. Brazilians might adore their futebol, but in the words of Romário, a grand goal poacher turned congressman, the money spent on the Mané Garrincha stadium in the capital of Brasilia could have been used to build 150,000 houses for low-income families.

Romário is turning into as opportune a politician as he was a player.

But it was President Rousseff who gave the speech addressing the protests at the Presidential Palace on Monday. She spoke of the energy that comes from the streets. "The streets are telling us that they want more citizenship, they want full citizenship," she said. "They are telling us that the country wants quality public services, that they want more efficient mechanisms to fight corruption that ensure proper use of public money." There were 2,000 words in the presidential address. Soccer and Olympics were not among them.

There were pacts to deal with corruption, health reform, public transportation, education and lawlessness. There was a government proposal to use future oil royalties to

reverse the century-old delay in the education system and to import doctors from abroad to strengthen health care. Nothing about what role, if any, soccer might play in this rebuilding of the national state.

No mention of Neymar, or David Luiz or coach Luiz Felipe Scolari all saying that the players were on the side of the people. "All of us want justice in our country with everything that we imagine possible," Scolari had said after his team beat Italy on Saturday night.

"I hope that you from abroad, who are experiencing the Confederations Cup, know that this is not a usual situation for us." Things will change, said Scolari. "Perhaps in one, two, five, 20 years -- who knows -- we might have a better country. But it won't happen tomorrow." Clearly not. But that is where the sport, the pledges of government and of FIFA all must come together.

President Rousseff told the governors and mayors Monday that there was an emergency-driven need to find physicians in sufficient numbers to work in the poorest areas of Brazil's major cities. "There are regions in our country where the population has no health care," she stated. "This cannot continue." It cannot for the people of Brazil, and also for the million or

more visitors that the World Cup is intended to attract next year.

What provision, one wonders, have been taken or can be taken to ensure that those people going to Brazil for the tournament will be safe on the streets, or be able to receive hospital care should they need it? We asked the same questions of South Africa and, by and large, those fears were redundant.

But if there is a pact between the host country and FIFA to run an event, what duty of care should FIFA have in guaranteeing the safety of all those who come to play or to watch? Romário, again, has broadcast his concern that Brazil will become a "FIFA State" during the tournament next June and July. "FIFA," he also contended, "will profit by 4 billion reais from the World Cup, and will not pay any tax to Brazil." There must be concerns now about security, not merely around the stadiums, but in the cities and off the beaten path where the more adventurous soccer fans might travel.

Maybe the measures now proposed by the president -- in her words "emergency driven" -- will suffice.

Possibly the protests these past two weeks were timed for the Confederations Cup, the rehearsal, rather than next year's real thing, the World Cup. But that could depend on promises made under duress today being deliverable tomorrow. And if not? FIFA's general secretary, Jérôme Valcke said this week there was no Plan B, no intention to move the World Cup to another country. One would hope not, because Brazil, the most successful and most joyous of nations in soccer history, will have waited 64 years to stage its second World Cup.

The United States, one imagines, could be the backup plan if there was one. The United States has the stadiums, the capability, the organizational skills and the public spirit to take it on at the drop of a hat.

In Europe, Germany still has its 2006 infrastructure in place. England has more than a dozen stadiums, and the experience of staging Premier League soccer games three times a week in every major city.

So a Plan B there must be. But the cost to that would be in more than money. It would be the removal of hope in a nation that breathes the sport, and a nation that until now had begun to believe in its economic and structural rebirth.

Soccer didn't get a mention in the presidential speech, but it is central to it.

The New York Times
 Late Edition - Final
 Foreign, Friday, June 28, 2013, p. A 1

Public Rage Catching Up With Brazil's Congress

By SIMON ROMERO; Lucy Jordan contributed reporting from Brasília, and Lis Horta Moriconi from Rio de Janeiro.

CORRECTION APPENDED RIO DE JANEIRO -- One politician was elected to Brazil's Congress while under investigation for murder after having an adversary killed with a chain saw. Another is wanted by Interpol after being found guilty of diverting more than \$10 million from a public road project to offshore bank accounts.

And Brazil's highest court, the Supreme Federal Tribunal, convicted another congressman of having poor female constituents, who could not afford more children, surgically sterilized in exchange for their votes.

Across the nation, protesters keep taking to the streets by the thousands, venting their anger at a broad range of politicians and problems, including high taxes and deplorable public services. But a special ire has been reserved for Congress and its penchant for sheltering dozens of generously paid legislators who have been charged -- and sometimes even convicted -- of crimes like money laundering, bribery, drug trafficking, kidnapping and murder.

"Congress is without a doubt the most despised institution in Brazil," said Maurício Santoro, a political scientist. "A good deal of this hatred is related to the fact that Congress has a tradition of preventing its own

members convicted of crimes from ever going to jail."

Almost 200 legislators, or a third of Brazil's Congress, are facing charges in trials overseen by the Supreme Federal Tribunal, according to documents compiled by Congresso em Foco, a prominent watchdog group. The charges range from siphoning off public funds to far more serious claims of employing slave labor on a cattle estate or ordering the kidnapping of three Roman Catholic priests as part of a land dispute in the Amazon.

Scholars of Brazil's judicial system say legislators in corruption scandals often avoid jail, in part because of the special judicial standing enjoyed by about 700 senior political figures in the country, including all 594 members of Congress and senior cabinet members.

The standing allows these people to be tried only in the Supreme Federal Tribunal, producing years of delays in an institution bogged down by many other pressing matters in Brazilian society. Until 2001, politicians could not even be tried without the authorization of Congress, a function of the deference traditionally paid to elected officials in the legal system.

As longstanding frustrations with corruption boil over on Brazil's streets

this month, protesters have clashed with security forces in front of Congress, with some dancing on the roof in a brazen repudiation that stunned the nation.

Just as surprising to many Brazilians, Congress is now scrambling to cobble together a response. This week, legislators approved a bill to use oil royalties for education and health care. The Senate, the upper house of Congress, gave its nod to stiffer penalties for corruption, and the lower house, the Chamber of Deputies, shot down an attempt to rein in corruption investigators. Senators are elected for eight-year terms, while members of the Chamber of Deputies serve four-year terms.

Also, a powerful congressional committee approved a measure to lift the veil of secrecy when lawmakers vote on whether to strip fellow members of Congress of their seats.

On Wednesday, the Supreme Federal Tribunal ordered the immediate arrest of Natan Donadon, a congressman found guilty in 2010 of embezzlement -- a rare attempt to try to imprison a sitting congressman. The last time the high court made a similar move was during the military dictatorship in 1974, when justices ordered a legislator arrested for opposing a visit by the Chilean dictator Augusto Pinochet.

Still, the fury builds in one protest after another.

"These wolves, that trash over there, they rob the people, they feast on the meat of the people by stealing public money destined to do things for us," said Caio Fabio de Oliveira, 45, a civil servant in the Health Ministry, who was among the demonstrators against Congress this week in the capital, Brasília. "It is shameful for the Brazilian people; I work for the government, and I'm ashamed every day."

Brazil's Congress has a long history of behavior among its members that has contributed to such feelings of anger. In 1963, Senator Arnon de Mello shot dead a fellow legislator on the Senate floor, only to escape imprisonment, since the killing was considered an accident because he was aiming at another senator.

That gun-wielding senator's son, Fernando Collor de Mello, was elected president of Brazil in 1989 and impeached amid a flurry of corruption charges in 1992. Yet in a political resurrection that dismayed anticorruption activists, he was elected to the Senate in 2006 and retains his seat, even as he remains embroiled in a case in the Supreme Federal Tribunal in which he is accused of profiting from an advertising contract scheme during his brief presidency.

Even when lawmakers are convicted and sentenced for crimes, it can be difficult for them to lose their seats.

José Genoino Guimarães Neto, the former president of the governing Workers Party, was sentenced to almost seven years in prison in 2012 for his role in a vast vote-buying

scheme. But he and three other legislators found guilty in the scandal avoided expulsion from the lower house after party leaders resisted the high court's order for them to be unseated.

Despite the prosecutor general's contention that the convicted officials should have begun serving their sentences immediately after the court announced them in November, no one has gone to jail yet for the scheme, which was revealed to the public eight years ago, in 2005.

"In a universe where corrupt politicians are seldom removed from office, there are few institutional incentives for effective oversight and punishment," said Matthew Taylor, an expert on Brazil's legal system at American University in Washington.

Some crimes by lawmakers have been impossible to brush off.

Talvane Albuquerque, a legislator from Alagoas in northeast Brazil, was found guilty in 2012 of ordering the murder in 1998 of another member of Congress, Ceci Cunha. That killing allowed Mr. Albuquerque, Ms. Cunha's stand-in, to temporarily take her seat in Brasília. An appeals court rejected this month a request from Mr. Albuquerque to be paroled from prison.

Then there is Hildebrando Pascoal, commonly called the "chain saw congressman." When he ran for office, it was public knowledge that he was being investigated for operating a death squad in a remote corner of the Amazon, employing tactics like throwing victims into vats of acid or dismembering them with chain saws. But he still won by a large margin and served in Congress

before he was stripped of his seat, convicted and sent to prison.

Beyond the criminal charges, voters have expressed disdain for the benefits enjoyed by congressmen, including salaries of more than \$175,000 a year; generous stipends equaling almost that amount for items like housing, gasoline and electoral research; and budgets allowing them to hire as many as 25 aides each.

The frustration toward traditional politicians is so high that Congress now includes Francisco Everardo Oliveira Silva, a professional clown better known as Tiririca, or Grumpy, who was elected in 2010 to Brazil's lower house with more ballots in his favor than any candidate in the nation's history.

In fact, candidates from outside the establishment have been making inroads in Congress, illustrating how an institution once dominated by powerful landowners has grown more diverse. Prominent legislators now include Romário de Souza Faria, the former soccer star who is now condemning Brazil's costly preparations for the 2014 World Cup -- a rallying cry for protesters around the nation -- and Jean Wyllys de Matos Santos, an openly gay member of the lower house who has emerged as an important voice on human rights issues.

But for every such newcomer, there are established power brokers in Congress who seem to remain impervious to the calls on the streets for a radical overhaul of the legislature.

One legislator who has become a target of scorn in the protests is Renan Calheiros, who resigned as

president of the Senate in 2007 amid reports that a lobbyist paid for the child support of his daughter from an extramarital affair with a journalist who posed in the Brazilian edition of Playboy.

At the time, Mr. Calheiros, who denied the claims, comfortably survived a vote forced by some senators trying to oust him from their chamber. This year, he returned to his previous post as the Senate's president, seemingly unscathed by the scandal until his name starting appearing, alongside insults, on the signs held aloft by protesters. He remains in his post.

"Congress thinks they are the owners of the country," said Laila Oliveira, 30, a high school teacher who lives near Brasília. "And they are not."

The New York Times

The New York Times
Late Edition - Final
Foreign, Sunday, June 30, 2013, p. A 8

After Protests, Brazilian President's Popularity Plummet

By SIMON ROMERO

RIO DE JANEIRO -- The approval rating of Brazil's president, Dilma Rousseff, plunged in June to 30 percent from 57 percent, reflecting swelling anger against the government since protests spread to more than 100 cities in recent weeks in a broad repudiation of political corruption, deplorable public services and costly stadium projects for the 2014 World Cup.

A poll released on Saturday by Datafolha, a leading Brazilian research company, ratchets up pressure on Ms. Rousseff, 65, to respond more energetically to the concerns of protesters, and raises doubts over what might happen in next year's presidential election. Until the unrest, she enjoyed resiliently high approval ratings, which made her a favorite to win re-election.

More than 80 percent of respondents in the Datafolha poll, which had a sampling margin of error of plus or minus two percentage points, expressed support for the protests.

The poll also showed that support for Ms. Rousseff -- an economist who has been trying to stir Brazil's sluggish economy with huge stimulus projects -- eroded even in bastions of support for the governing Workers Party, like

northeast Brazil. Her approval rating there fell to 40 percent from 64 percent at the start of June, when the protests began escalating.

Political rivals have been increasing their criticism of her response to the protests, which has included proposals to hire thousands of foreign doctors to strengthen the public health system, channel oil royalties to education projects and hold a nationwide vote on reforming the political system. Ms. Rousseff herself has voiced some support for the protests, while also warning against the violence that has marred demonstrations.

"She spoke more than listened," Marina Silva, a former environment minister who placed third in the 2010 presidential election, said in an interview with the newspaper Estado de São Paulo. "It was obvious that doing a marketing-focused discourse wasn't going to work."

The Datafolha poll, conducted on June 27 and 28 in a survey of 4,717 people, put Ms. Rousseff's government on the defensive.

"She recognizes there's a change and thinks that the remedy is to work a lot," Paulo Bernardo Silva, the communications minister, said after

meeting with the president on Saturday. He said that the authorities planned to continue discussions with representatives of the protests, which have criticized a broad range of political leaders, in an effort to identify priorities.

Outside the executive branch, other institutions have also been scrambling to react to the protests. In a remarkable development, the federal police on Friday took into custody Natan Donadon, a legislator convicted in 2010 on corruption charges, after the high court ordered his arrest. It is rare for members of Brazil's Congress to ever serve prison time for corruption convictions, making the legislature a prominent object of ire and derision for protesters.

The authorities are bracing for more protests, including a large demonstration planned in Rio de Janeiro for Sunday near Maracanã, the stadium where the national teams of Brazil and Spain are set to play. Brazilian news organizations reported that Ms. Rousseff canceled a plan to appear at Maracanã; she and Joseph S. Blatter, the president of FIFA, soccer's governing body, were booed this month before a game between Brazil and Japan.

Le Monde

International, mardi 18 juin 2013, p. 4

INTERNATIONAL & EUROPE

REPORTAGE

La crise des transports provoque un début de fronde sociale au Brésil Les manifestations se multiplient dans les grandes villes pour protester contre la vie chère

Nicolas Bourcier

BRASILIA (BRÉSIL) ENVOYÉ SPÉCIAL - Il aura suffi d'une augmentation de 20 centimes pour mettre le feu aux poudres. Lorsque les autorités de Sao Paulo ont décidé, le 2 juin, de faire passer le billet de bus de 3 à 3,20 reais (de 1,05 à 1,12 euro), elles étaient loin d'imaginer l'onde de choc qui allait s'ensuivre. Un début de fronde sociale s'est répandu en l'espace de quelques jours dans les principales villes du pays.

D'abord quelques centaines, puis plusieurs milliers de manifestants, très jeunes pour la plupart, ont battu le pavé contre la vie chère et pour exiger de meilleurs transports publics. Mais aussi pour critiquer la gabegie et les sommes colossales investies dans l'organisation des événements sportifs en cours ou à venir, alors que les services publics comme la santé et l'éducation sont dans un état déplorable. Un maelström de revendications, révélateur d'un profond malaise dans ce Brésil où la croissance économique donne de sérieux signes d'essoufflement, mais laisse également un goût amer à une frange toujours plus grande de la population.

« Il y a une prise de conscience évidente de la nécessité d'entreprendre des réformes

profondes dans les institutions, souligne le sociologue Ricardo Antunes, professeur à l'université de Campinas, dans le nord de Sao Paulo. *Toutes ces questions dépassent le cadre de l'augmentation du ticket de transport. »*

Vendredi 14 juin, près de 400 militants du mouvement des Sem Teto, les « sans-toit », ont bloqué l'accès du stade de la capitale Brasilia pour réclamer des logements décentes et décerner un « carton rouge » au Mondial 2014. Le lendemain, lors du lancement de la Coupe des confédérations, près de 1 500 manifestants ont été tenus à distance par les troupes de choc et la police montée. *« Je renonce à la Coupe, je veux plus d'argent pour la santé et l'éducation »*, scandaient les protestataires. Certains arborant des affichettes *« Pour un Brésil sans corruption »*. Au même moment, 8 000 personnes défilaient dans le calme à Belo Horizonte pour réclamer l'amélioration des transports. Encore dimanche, à Rio de Janeiro, une nouvelle manifestation aux abords du mythique stade Maracanã a été dispersée par des tirs de gaz lacrymogène.

Contraintes depuis des mois de répondre aux critiques sur les retards

accumulés dans la rénovation des stades et la faiblesse des infrastructures, les autorités ont été prises de court. Cela tombe mal pour les dirigeants brésiliens, confrontés au ralentissement économique et à l'exigence de renvoyer l'image d'un pays débarrassé de sa violence avant la Coupe du monde 2014 et les Jeux olympiques de 2016.

La présidente, Dilma Rousseff, dont la cote de popularité a, pour la première fois depuis sa prise de fonctions en 2011, sensiblement baissé en juin, a défendu, jeudi, la Coupe du monde, qui permet au pays de gagner, selon elle, *« une meilleure sécurité publique et des infrastructures améliorées »*. Sans convaincre les manifestants.

Le soir même, à Sao Paulo, la tension de la rue a connu son point d'orgue. Quelque 10 000 personnes s'étaient retrouvées devant le théâtre municipal, à l'appel notamment du Movimento Passe Livre (MLP, le Mouvement libre passage), un collectif créé à Porto Alegre en 2005 et l'un des principaux instigateurs de la contestation. Une pancarte résumait : *« La Coupe coûte 33 milliards de reais, les Jeux 26 milliards, la corruption 50 milliards, le salaire minimum est à 678 reais :*

et vous pensez que nous manifestons pour 20 centimes? »

Lorsque les manifestants se sont rapprochés de la grande avenue Paulista, les forces de l'ordre ont dispersé la foule avec une extrême brutalité. Plus de 240 personnes ont été arrêtées. Des dizaines de blessés ont été recensés, dont sept journalistes pour le seul quotidien *Folha de Sao Paulo*. Deux d'entre eux ont été atteints à la tête par des balles en caoutchouc.

L'événement fut jugé suffisamment sérieux pour que le grand quotidien change de ligne éditoriale. Alors que, la veille, il qualifiait encore en « une » les manifestants de « vandales », il titrait le lendemain sur les violences policières.

Fernando Haddad, l'une des nouvelles figures du Parti des travailleurs (PT, gauche au pouvoir), qui avait fait des transports - ironie de l'histoire - l'un de ses principaux arguments de campagne pour remporter la mairie de

Sao Paulo en 2012, a lui aussi adouci son verbe. Sans toutefois renoncer à l'augmentation du prix du billet.

« *Ils n'ont rien compris*, analyse Lucia Farias, designer et manifestante pauliste. *Les manifestations sont devenues le miroir de ce Brésil féodal et conservateur, où les politiques ne pensent qu'à la Coupe et aux Jeux pour en tirer le maximum de profits.* » D'après un sondage, une majorité des habitants soutient le mouvement, tout en rejetant les violences.

Le Monde

Le Monde

International, mercredi 19 juin 2013, p. 2

INTERNATIONAL

La contestation sociale enflamme le Brésil

Des dizaines de milliers de personnes ont manifesté dans les principales villes du pays contre la hausse des prix

Nicolas Bourcier

BRASILIA ENVOYÉ SPÉCIAL - C'est une marée humaine qui vient de déferler sur le Brésil. De mémoire de manifestants, jamais le pays n'avait connu un tel mouvement de protestation sociale depuis la fin de la dictature en 1985 et les marches contre la corruption de l'ancien président Fernando Collor de Mello en 1992.

Dans quasiment toutes les villes moyennes et grandes, des dizaines de milliers de personnes, très jeunes pour la plupart, se sont rassemblées, lundi 17 juin, contre la hausse du coût des transports publics et les dépenses colossales investies dans l'organisation de la Coupe du monde de football de 2014 et des Jeux olympiques de 2016.

Une fronde sociale aux revendications multiples qui n'a eu de cesse de s'amplifier tout au long de la soirée, dans la rue et sur les réseaux sociaux. Certaines sources avancent le chiffre de plus de 350 000 manifestants sur l'ensemble du territoire.

Ils étaient près de 70 000 à Sao Paulo, la capitale économique du pays, à l'origine du mouvement après que les autorités eurent décidé d'augmenter, le 2 juin, le prix du billet de bus de 3 à 3,20 reais (1,05 à 1,12 euro). La colère rassembla d'abord quelques

centaines de protestataires avant d'atteindre 10 000 personnes, jeudi 13 juin, lors d'une manifestation violemment réprimée par la police, suscitant une vague d'indignation dans tout le pays.

Lundi soir, les forces de l'ordre sont restées discrètes et à distance des manifestants, en majorité des étudiants et de jeunes quadragénaires. Des heurts sont survenus tard dans la nuit devant le palais du gouverneur de l'Etat de Sao Paulo.

A Rio, plus de 100 000 personnes, selon la police, ont défilé dans le calme en fin de journée dans le centre-ville. Une participation record pour protester contre la hausse générale des prix et la corruption. Peu avant minuit, un petit groupe violent et déterminé d'une trentaine de personnes, tirant des cocktails Molotov et des pierres contre le Parlement de l'Etat de Rio, est entré par les fenêtres dans le bâtiment, étonnamment peu gardé par les forces de l'ordre, tandis que le gros de la manifestation restait massé pacifiquement devant le théâtre municipal. Les forces antiémeute les ont dispersés dans la nuit. Vingt policiers et 7 manifestants ont été blessés durant ces affrontements.

Des rassemblements moins importants ont également eu lieu à Salvador de Bahia lundi, où 5 000 personnes ont défilé dans le calme. A Belém, près de 10 000 personnes sont sorties dans la rue. Plusieurs milliers encore à Porto Alegre et à Curitiba. A Belo Horizonte, où se jouait un match de la Coupe des confédérations, répétition générale en miniature du Mondial 2014, la manifestation s'est terminée dans la confusion et les tirs de gaz lacrymogène. Un homme est tombé d'un viaduc.

Un des points d'orgue de la soirée fut très certainement cet instant où une foule de jeunes - ils étaient 200 environ - investirent subitement le toit du Parlement national de Brasilia sous l'oeil incrédule des policiers. Une image forte et symbolique de cette nuit de colère, qui dépassa largement le cadre de l'augmentation des transports. Depuis les rampes d'accès et la grande pelouse faisant face aux portes d'entrée de ce bâtiment futuriste dessiné par l'architecte brésilien Oscar Niemeyer, les quelque 10 000 personnes ont conspué toute la soirée une partie des élus, scandant leurs diatribes de strophes de l'hymne national. « *Le Brésil se réveille* », pouvait-on lire sur de nombreuses pancartes.

« *Tant d'argent pour ces événements sportifs alors que nous avons un tel besoin en matière d'éducation, de santé et de logement, ce n'est tout simplement plus possible* », explique Thiago Ribeiro, 23 ans, étudiant en communication à l'Université de Brasilia. Lui-même, comme beaucoup ici, confie avoir voté pour le Parti des travailleurs (PT - gauche -, au pouvoir), la formation de la présidente Dilma Rousseff. « *Mais on ne m'y reprendra plus, c'est le système et les institutions qu'il faut changer. Notre génération mérite mieux.* » A ses côtés, une jeune femme porte un panneau annonçant « *le début de la fin de l'ère PT* ». Peu avant le départ des manifestations, le gouvernement et les élus locaux ont alterné le chaud et le froid, laissant transparaître un flottement peu habituel. Le maire de Sao Paulo, Fernando Haddad, figure montante du PT, a rencontré des représentants du mouvement, expliquant que l'augmentation était inévitable pour des raisons « *techniques* ».

Sur un ton nettement plus ferme, le ministre des sports, Aldo Rebelo, a averti qu'il ne « *permettra pas que des manifestations perturbent les événements que nous nous sommes engagés à réaliser* ». De son côté, le président de la Fédération internationale de football (FIFA), Sepp Blatter, a affirmé que le football était « *plus fort* » que la contestation des rues, faisant monter la tension d'un cran.

De son côté, Dilma Rousseff s'est voulue plus apaisante. Dans un communiqué, la présidente a affirmé que « *les manifestations pacifiques sont légitimes et propres à la démocratie* ».

« *C'est le propre de la jeunesse de manifester* », a-t-elle ajouté. Ces mots ont été les premiers prononcés par la présidente brésilienne sur ces manifestations.

Le Monde

Le Monde

International, mercredi 19 juin 2013, p. 2

INTERNATIONAL

La contestation sociale enflamme le Brésil ANALYSE

Les dépenses somptuaires en vue du Mondial 2014 ont attisé la frustration de la population

N. Bo.

BRASILIA ENVOYÉ SPÉCIAL - C'est le contre-effet du Mondial. Un comble pour le Brésil dont on disait qu'il est le pays où le football est roi. A voir ainsi, jour après jour, ces manifestants toujours un peu plus nombreux battre le pavé pour critiquer la gabegie et les sommes abyssales investies dans l'organisation de la Coupe du monde de football 2014 et des Jeux olympiques 2016, alors que les services publics comme la santé et l'éducation sont dans un état déplorable, on se demande si les dirigeants n'ont pas eu les yeux plus gros que le ventre.

A force d'entendre leurs élus répéter que les investissements dans les événements sportifs à venir allaient permettre enfin de développer les différentes régions du pays, la population, confiante au départ, a voulu soudainement juger sur pièce. Il aura fallu une conjonction de différents facteurs pour faire s'effondrer le paradigme. Et révéler les failles des institutions et des infrastructures.

D'abord, la croissance économique, qui donne de sérieux signes d'essoufflement. Une inflation ensuite - sujet sensible pour les Brésiliens - qui donne, par à-coups suivis de légères accalmies, des signes d'intense fébrilité : la tomate, pour ne prendre qu'elle, a connu en avril un pic de plus de 125 % d'augmentation. A cela s'ajoutent les annonces, relayées en boucle par les médias, des dépassements astronomiques de coûts des travaux pour des stades, dont certains demeureront des coquilles vides par manque de spectateurs et dont les autres seront de plus en plus difficilement accessibles aux moins fortunés en raison du prix des billets revu à la hausse. Comme si les temples du football brésiliens allaient devenir interdits à leurs ouailles les plus fidèles. « *Le Brésil change, cela me dérange* », avait écrit sur une pancarte une jeune manifestante de Brasilia.

Il aura donc suffi d'une augmentation du prix du ticket de bus à Sao Paulo de 20 centimes de real (7 cents d'euro), couplé à une répression disproportionnée des forces de police, soutenues au départ par les dirigeants locaux, pour mettre le feu aux poudres. Non seulement les autorités avaient oublié de rappeler que le coût de transport pauliste devenait ainsi un des plus chers au monde (un usager utilise en moyenne deux à trois tickets par trajet). Ils avaient aussi omis d'évoquer l'état même du réseau et du système des transports, déplorables.

Si on ajoute le terme de « *vandales* » utilisé par la presse et les responsables politiques pour qualifier les premiers débordements, rappelant directement les propos utilisés par les dirigeants turcs lors de la répression contre les manifestants de la place Taksim, on décèle tous les ingrédients d'une fronde annoncée. Le gouvernement de Dilma Rousseff en paie aujourd'hui le prix. A charge pour lui d'écouter cette jeunesse qui gronde.

Le Monde

International, jeudi 20 juin 2013, p. 4

INTERNATIONAL

Au Brésil, un mouvement social né en marge des partis politiques Les militants hostiles à l'augmentation du prix des transports veulent éviter toute récupération

Nicolas Bourcier

RIO DE JANEIRO CORRESPONDANT - Les scientifiques appellent cela « l'effet papillon ». Pour les dirigeants brésiliens, l'ampleur de la grogne de la population qui ne faiblit pas préfigure un risque de divorce d'une partie de leur base avec les formations politiques traditionnelles. Un véritable cauchemar à un an de l'élection présidentielle, tant son développement est imprévisible.

Le mouvement de contestation sociale qui déferle sur le pays trouve son impulsion au coeur d'une petite nébuleuse de militants - quelques dizaines de personnes -, très jeunes et urbains pour la plupart, disant n'être liés à aucun parti politique. Ce Movimento Passe Livre (Mouvement libre passage ou MPL), qui défend le principe de la gratuité des transports publics, est le principal instigateur des manifestations de Sao Paulo. Celles-ci ont suivi l'annonce, le 2 juin par le maire Fernando Haddad du Parti des travailleurs (PT, gauche au pouvoir), d'une augmentation du prix du billet de bus.

Le MPL tire son origine d'une révolte populaire survenue en 2003 à Salvador de Bahia. Pendant dix jours, des milliers d'habitants ont bloqué les rues pour protester contre une augmentation du prix des transports. L'événement a eu un retentissement

national. Un documentaire a été réalisé, *A Revolta do Buzu (La révolte du bus)*, qui donnera son nom au mouvement.

L'année suivante, c'était un groupe de Florianopolis qui s'inspirait de l'expérience de Salvador. Prenant ses distances avec les partis politiques et mouvements étudiants, il se rapprochait des associations de quartiers, professeurs, marginaux et autonomes. Et empêchait l'augmentation des tarifs.

En 2005, le mouvement a pris forme au Forum social mondial de Porto Alegre. Il adopte alors le principe de la gratuité des transports. L'organisation est hétérogène dans sa composition. « Certains membres flirtent avec le marxisme et les mouvements anarchistes », précise le site alternatif Outras Palavras. Le MPL se dit indépendant, horizontal (une voix, un vote, pas de chef) et sans affiliation politique. Très vite, il s'implante dans une quinzaine de villes.

Lorsqu'en début d'année, Porto Alegre décide d'augmenter le prix des bus, les manifestations font plier les autorités. Le mouvement s'étend à Natal, une ville du Nordeste, où la même réforme est en cours. Mais c'est à partir de Sao Paulo, la mégapole du sud, capitale économique du pays, la

plus riche du sous-continent, que l'onde de choc se propagera sur tout le territoire.

D'abord pour le sérieux des revendications, veut croire Lucas Monteiro de Oliveira, professeur d'histoire et membre actif du MPL. « Il y a huit ans d'expertises et de débats derrière nous, a-t-il expliqué sur une chaîne culturelle. Avec 20 centimes d'augmentation, nous savons que certains travailleurs dépenseront 31 % de leur revenu dans les transports. Même des économistes de renom nous soutiennent désormais. Il y a peu, on nous prenait encore pour des fous. »

Ensuite, parce que « le fruit est mûr », souligne Carlos Vainer. Professeur à l'Université fédérale de Rio de Janeiro, il explique : « Les mouvements de résistance et d'opposition existent depuis longtemps, de façon peu visible, certes, en raison du rideau de fumée mis en place par les médias, mais ils sont là, avec leur savoir-faire. »

Urbaniste et observateur critique des grands travaux en cours au Brésil, il dit avoir observé une convergence de ces groupes militants dès le lancement des activités liées au Mondial 2014. « Un peu par hasard, l'histoire a voulu que l'étincelle soit provoquée par le MPL. L'arrogance et la répression

des autorités ont fait le reste, unissant tous ces mouvements. »

Organisés, efficaces, actifs sur les réseaux sociaux et évitant scrupuleusement toute récupération, les membres du MPL s'en tiennent au refus d'augmenter les tarifs, le socle de la contestation. *« Cette thématique touche à toutes les contingences de la vie quotidienne, souligne Ricardo Antunes, sociologue à l'université de Campinas. Elle a permis de révéler le fossé qui sépare le simple citoyen de ses dirigeants. Un peu comme si l'arrivée au pouvoir du PT en 2003 avait accouché d'une décennie de léthargie, une léthargie qui vient subitement de prendre fin. »* Il ajoute : *« Le mécontentement était compensé par une légère amélioration des salaires et de l'emploi. Aujourd'hui, cette petite classe moyenne qui survit avec 1 000 à 1 500 reais [entre 430 et 500 euros] veut plus. Pour elle et sa dignité. »*

Quelque 50 000 personnes ont à nouveau manifesté, mardi 18 juin, à Sao Paulo. Des marches ont également eu lieu dans une trentaine de petites villes. Le matin, la présidente Dilma Rousseff a promis qu'elle prêterait une « écoute » attentive aux aspirations des manifestants. Une réunion a eu lieu plus tard avec l'ancien président Lula auquel, selon le site de la *Folha de Sao Paulo*, aurait également participé Fernando Haddad. Peu avant, le chef de cabinet de la présidence Gilberto Carvalho avait admis que le gouvernement *« n'avait pas encore réussi à comprendre les raisons du mouvement. »*

Le Monde

Supplément Terres d'Europe, vendredi 21 juin 2013, p. 5

ENTRETIEN

" Les villes concentrent toutes les inégalités "

Hervé Théry, géographe français, chercheur au CNRS-Creda et spécialiste des disparités au Brésil, enseigne à l'université de Sao Paulo.

Le mouvement de protestation déclenché par la hausse du prix des transports éclaire-t-il sur l'état des villes brésiliennes?

Quelque 80 % des Brésiliens sont des citadins. Les villes attirent, car elles offrent des services et des emplois, mais elles manquent d'infrastructures en matière de transports, d'assainissement, de logements. Ce sont des concentrés d'inégalités. Sao Paulo, 18 millions d'habitants, 20 millions avec ses deux voisines, Santos et Campinas, ne compte que quatre lignes de métro. A l'est, une zone de quatre millions d'habitants, très pauvres, n'est desservie que par des transports publics archaïques, des bus en très mauvais état et des trains surchargés. Pour venir travailler dans le centre, ces habitants mettent deux heures matin et soir. Ici, l'augmentation des tarifs des transports a été d'autant plus mal vécue que le maire, élu par le Parti des travailleurs - *parti au pouvoir* -, avait fait du prix des transports son cheval de bataille.

A Rio, le téléphérique a bien désenclavé les

favelas...

En partie, oui, dans le centre. Il a facilité la vie des habitants, mais

aussi l'accès de la police à ces quartiers.

Peu de transports collectifs, donc beaucoup de pollution?

Oui, même si la situation est moins catastrophique qu'à Mexico, car nous ne sommes qu'à 800 m d'altitude. Cinq millions de voitures circulent chaque jour à Sao Paulo, et on estime qu'il y en a mille de plus chaque jour. L'un des axes principaux de circulation le long du fleuve Tietê est devenu une autoroute urbaine de deux fois onze voies. La pollution ne se limite pas à l'air, elle concerne aussi l'eau; les pauvres habitent souvent des zones inconstructibles, sans égouts, instables et soumises à des risques importants d'éboulements.

Le " miracle " brésilien ne se traduit donc pas en termes d'urbanisme?

Le Brésil est un des pays les plus inégalitaires. Il y a un véritable abîme entre les riches et les pauvres. Quand, en Europe, l'écart de richesse va d'1 à 5, au Brésil, il est d'1 à 100. A Sao Paulo, 10 % de la population vit en bidonville, à la périphérie. A Rio, c'est 25 % de la population, dans des quartiers beaucoup plus centraux.

Les villes, l'Etat développent-ils du logement social?

Il n'y a pas d'habitat locatif social, comme en Europe. Mais, le gouvernement a promu un

programme, " Minha casa, Minha vida " (" *ma maison, ma vie* "), de construction de centaines de maisons, pimpantes, toutes identiques, qui sont pratiquement données aux habitants. Ces ensembles sont construits très loin des centres, car il faut beaucoup d'espace.

La physionomie des villes du Brésil est-elle très différente de celle des autres pays émergents?

Par rapport à la Chine et à l'Inde, qui ont encore des populations rurales nombreuses, le Brésil est un pays beaucoup plus urbanisé. Il compte déjà une dizaine de villes " millionnaires " avec souvent, comme en Amérique du Nord, un abandon du centre par les riches.

Où vont ces riches?

Par peur des pauvres, les classes moyennes et les riches se regroupent dans des communautés fermées comme dans le reste de l'Amérique du Sud. Alphaville, la première ville nouvelle brésilienne construite près de Sao Paulo dans les années 1970, s'est franchisée dans tout le pays. Même dans les quartiers tranquilles du centre, les immeubles cossus sont entourés de grilles de fer, protégés par des clôtures électriques et des sas d'entrée.

Propos recueillis par Sophie Landrin

Le Monde

International, vendredi, 21 juin 2013, p. 5

Au Brésil, les manifestants restent mobilisés après le recul des autorités Une quinzaine de municipalités ont suspendu la hausse du prix des transports en commun

Le front haut et le sourire généreux, Diogo Graef est venu se joindre, mercredi 19 juin, aux milliers de manifestants de sa ville de Niteroi, située en face de Rio de Janeiro, de l'autre côté de la baie de Guanabara, pour prendre part, comme chaque jour depuis un peu moins d'une semaine, à l'immense fronde sociale qui embrase le Brésil.

Pour ce jeune étudiant en gestion, il s'agit d'une première : il n'avait jamais participé à un quelconque rassemblement avant ce mouvement, surgi à Sao Paulo après l'annonce d'une hausse du prix du ticket de transport. " C'est bien la première fois que je vois les Brésiliens ensemble, glisse-t-il, en dehors du carnaval et du football. "

Lorsqu'un représentant de la mairie s'empare d'un micro pour annoncer que la municipalité allait baisser les prix du ticket de bus, Diogo a d'abord poussé des cris de joie et applaudi avec la foule. Avant de reprendre en chœur : " *La lutte continue* ". " *On ne peut pas s'arrêter là*, explique-t-il. *Tout le monde sait que nos revendications dépassent le cadre du relèvement du tarif des transports. Il reste tant à faire pour combattre la corruption et retrouver un service public digne de ce nom.* "

" Grand sacrifice "

Totalement dépassées par l'ampleur de la mobilisation, survenue en pleine Coupe des confédérations, répétition

générale en miniature du Mondial 2014, les autorités ont donc fait un premier pas. Les maires de Sao Paulo et Rio de Janeiro, après avoir répété, jour après jour, qu'ils ne reviendraient pas sur leur décision d'augmenter les prix, se sont résolus à baisser le tarif des transports en commun de 20 centimes de reais (7 centimes d'euros). Une initiative reprise quasiment au même moment par plus d'une quinzaine de villes brésiliennes, provoquant quelques rassemblements spontanés comme à Sao Paulo.

" *Nous allons suspendre l'augmentation* " des tickets du métro, de train et d'autobus, a annoncé le gouverneur de l'Etat de Sao Paulo, Geraldo Alckmin, le même qui avait encore qualifié, en milieu de semaine dernière, les manifestants de " *vandales* ", après des affrontements avec les forces de police. Il a précisé que ce " *grand sacrifice* " budgétaire aurait une incidence sur d'autres secteurs publics. " *La réduction est une façon de montrer le respect aux personnes qui sont descendues dans les rues pour protester* ", a affirmé de son côté le maire de Rio, Eduardo Paes, ne pouvant toutefois s'empêcher d'ajouter : " *Mais je ne cautionnerai jamais ceux qui pratiquent des actes de vandalisme.* "

Au vu des premières réactions de rue et des réseaux sociaux mercredi soir, il paraît peu probable que ces annonces infléchissent le mouvement, du moins dans l'immédiat. Elles

interviennent à la veille d'une journée de très forte mobilisation, où des manifestations sont prévues un peu partout dans le pays. " *Nous allons d'abord faire la fête et continuer ensuite à revendiquer pour des transports de meilleure qualité et des tarifs plus bas*, a déclaré Caio Martins, 19 ans, militant depuis 2011 du Movimento Passe Livre (Mouvement libre passage, MPL), un des principaux instigateurs des manifestations et qui défend le principe de la gratuité des transports. *S'ils peuvent augmenter de 20 centimes et ensuite baisser d'autant, ils peuvent aller beaucoup plus loin.* "

Dans la soirée, on apprenait qu'au cours d'une réunion avec des représentants locaux du MPL, les autorités du district de Brasilia s'étaient engagées à étudier la gratuité des transports publics dans la capitale. Toute la journée, de nombreuses villes ont été le théâtre de manifestations aux revendications multiples. Environ 10 000 personnes ont défilé à Florianopolis, et près de 20 000 à Fortaleza, où des heurts violents ont eu lieu en marge du match Brésil-Mexique.

Les maires ont cédé mais " *les protestations ne vont pas diminuer pour autant* ", assure Theresa Williamson, urbaniste de Rio et membre du réseau RioOnWatch. Elle ajoute : " *Les gens ont désormais goûté à la démocratie directe. Il n'y aura pas de retour en arrière.* "

Diogo est rentré chez lui à Niteroi, vers 21 heures, peu avant que des manifestants ne saccagent quelques vitrines de la zone portuaire. Il annonce, sur le ton de l'évidence, qu'il a d'ores et déjà l'intention d'aller à la manifestation prévue à Rio le jour de la finale de la Coupe des confédérations, le 30 juin. " *Quoiqu'il arrive, je serai là, et cela sera incroyable, croyez-moi.* "

Nicolas Bourcier

Le Monde

Le Monde

International, samedi 22 juin 2013, p. 2

INTERNATIONAL

La colère sociale met Dilma Rousseff sous pression

Plus d'un million de Brésiliens sont descendus dans les rues, poussant le pouvoir à convoquer une réunion de crise

Nicolas Bourcier et Benoit Hopquin

RIO DE JANEIRO ET SAO PAULO ENVOYÉS SPÉCIAUX - Une mer humaine, un déluge de pancartes et de banderoles colorées avec humour et malice, les trottoirs, les avenues et les voies rapides prises d'assaut et transformées en estrades improvisées : le Brésil a connu, jeudi 20 juin, une journée de manifestation exceptionnelle, d'une ampleur encore bien plus grande que les précédentes. Plus d'un million de personnes, d'après les derniers chiffres de la nuit, suffisamment pour pousser la présidente Dilma Rousseff à annuler un voyage prévu au Japon et convoquer une réunion de crise avec ses ministres les plus proches, vendredi matin.

Avec quelque 300 000 manifestants dans la seule ville de Rio de Janeiro, la cité carioca a fait descendre dans ses rues trois fois plus de personnes que lors de la journée de lundi, déjà considérée comme un des rassemblements les plus importants depuis plus de vingt ans. Ils étaient des dizaines de milliers dès le début de l'après-midi à défiler dans une centaine de villes.

Selon les décomptes des médias, 110 000 manifestants ont battu le pavé à Sao Paulo, 110 000 à Vitoria, 50 000 à Recife, 30 000 à Goiana, Cuiaba et Manaus. Fait marquant, la fronde

sociale s'est diffusée dans les plus petites villes du pays. A Buzios, la cité balnéaire située au nord de Rio et surnommée le « Saint-Tropez brésilien », quelque 2 000 personnes ont exprimé leur ras-le-bol des structures politiques traditionnelles, la corruption, les services publics précaires - comme dans la santé et l'éducation - et les sommes colossales investis dans les événements sportifs à venir (Coupe du monde de football 2014 et Jeux olympiques 2016).

En hausse également, le nombre d'affrontements avec la police, faisant des dizaines de blessés et un mort. Marcos Delefrate, 18 ans, est décédé après avoir été renversé par une voiture à Ribeirao Preto, à 300 km de Sao Paulo. D'après une vidéo diffusée par le quotidien *Folha de Sao Paulo* sur son site, le véhicule a tenté de forcer le passage au milieu d'un groupe de manifestants renversant plusieurs personnes, dont la victime.

A Salvador de Bahia, des heurts violents ont éclaté entre une partie des 20 000 manifestants et les forces de l'ordre dépêchées en nombre. A Brasilia, où 30 000 personnes s'étaient retrouvées sur l'esplanade des Ministères, des affrontements ont éclaté au moment où des manifestants sont entrés dans l'enceinte

d'Itamaraty, le ministère des affaires étrangères. Une foule immense, jeune et aussi moins jeune, issue de toutes les classes sociales, tous quartiers confondus, s'est retrouvée dès 17 heures et dans le calme sur l'immense avenue du Président Vargas, au coeur du quartier d'affaires et commercial de la cité carioca. Le maire Eduardo Paes, qui avait annoncé la veille une baisse des tarifs des transports en commun, comme dans une quinzaine d'autres villes, a été copieusement raillé par les manifestants.

« Des personnes ont été expulsées de force de chez elles en raison des travaux liés à la Coupe et aux Jeux, et pour quel résultat? Elles habitent désormais à plus de deux heures de trajet de leur travail », lâche Cleyde, jeune travailleuse sociale. Debout, serrée contre ses copines, elle distribuait, dans un joyeux brouhaha, des affiches sur lesquelles était inscrit « Nous sommes Facebook », « Coupe des manifestations », « V comme vinaigre » ou « Demain sera un jour meilleur ».

Les premiers affrontements sont survenus tard dans la soirée, devant le bâtiment de la mairie, situé à peine à 2 km du mythique stade Maracana. La police a tiré des gaz lacrymogènes et des balles en caoutchouc contre des

groupes de manifestants. Les scènes de violences se sont ensuite multipliées autour des quartiers de Lapa, Gloria et Cinelandia. Au moins 40 personnes ont été arrêtées.

A Sao Paulo, dans l'avenue Paulista, vitrine du miracle économique brésilien, plus de 100 000 manifestants sont revenus jeudi crier qu'ils ne se retrouvaient pas dans cette image idéalisée. Ils ont défilé dans le calme entre les immeubles de verre, sièges d'entreprise ou succursales de banque, arguant qu'ils n'avaient pas les dividendes de cette prospérité étalée avec ostentation. Jeunes pour l'essentiel, drapés dans l'emblème national et grimés aux couleurs *auriverde* (vert et or) pour beaucoup, ils appelaient à plus de justice sociale.

Ils avaient griffonné à la hâte sur des bouts de carton leurs colères et leurs espoirs. Ils ont fait assaut d'imagination et de rime, les envolées lyriques côtoyant les insultes contre les responsables politiques. Natassia

Araujo, 26 ans, a écrit : « *Nous voulons changer notre pays. La vie est trop confortable pour nos politiciens et pas assez pour le peuple.* » Cette consultante était là dès les rassemblements de la semaine dernière. Elle est revenue tous les jours. Elle se revendique de la « *classe moyenne* », celle qui a fourni l'essentiel des protestataires. Aux dernières élections, elle a voté blanc, n'ayant plus foi en aucun candidat.

Fabio Piedade, 52 ans, un ingénieur, est venu accompagner son jeune fils.

« *Je trouve ce mouvement magnifique, explique le père. A mon époque, nous n'avions pas la chance de faire ça.* » On lui parle du boom de l'économie brésilienne. « *Oui, je sais, on nous dit que tout va bien dans notre pays. Mais, derrière les slogans, il y a le quotidien. Le coût de la vie ne cesse de s'élever et les salaires ne suivent pas.* »

Job Mendes et André Meneghetti, âgés de 16 ans, sont venus parce que

les copains étaient là et parce qu'il y a « *une chance de changer les choses dans notre pays* ». Ils brandissent une pancarte fustigeant la FIFA, la Fédération internationale de football. C'est que la Coupe du monde et les milliards dépensés ont ici écoeuré tout autant que les vingt centimes de real (7 centimes d'euro) d'augmentation sur le ticket de bus. Lu sur un panneau : « Les professeurs ont autant de valeur que Neymar », référence à la nouvelle étoile du football brésilien.

En fin de soirée, les manifestants ont peu à peu libéré l'avenue Paulista. Avant de repartir, plusieurs centaines d'entre eux ont abandonné leurs cartons sur le trottoir, près de la station de métro Trianon-Masp. Etaient ainsi étalés les rêves d'une jeunesse que les balayeurs ramasseront au petit matin. Qu'importe! Demain ou après-demain, ils en trousseront d'autres. A Sao Paulo, Rio où ailleurs.

Le Monde
International, lundi 24 juin 2013, p. 3

INTERNATIONAL

Au Brésil, Dilma Rousseff tente de reprendre la main La présidente appelle les protestataires et les élus à nouer un pacte pour les services publics

Nicolas Bourcier

RIO DE JANEIRO CORRESPONDANT - *Ordre et progrès* ». La devise du drapeau brésilien inspirée par Auguste Comte n'a jamais autant imprégné un discours de la présidente Dilma Rousseff. Vendredi 21 juin, dans sa première adresse à la nation depuis le début de la fronde sociale qui déferle sur le pays depuis le 13 juin, la chef de l'Etat s'est engagée à « *écouter les voix de la rue* » et assurer, avec fermeté, « *la sécurité* ».

Au lendemain d'une mobilisation historique, où plus d'un million de personnes ont défilé dans les rues d'une centaine de villes, l'allocution d'une dizaine de minutes a renvoyé l'image d'une présidente cherchant à reprendre la main après avoir été prise de court par cette vague d'indignation.

Dans une volonté claire d'affirmer son autorité personnelle, elle a alterné une série de propositions plus ou moins concrètes, tout en critiquant à plusieurs reprises les actes de vandalisme. Elle a averti qu'elle ne tolérerait pas qu'une « *minorité violente et autoritaire emmène un mouvement démocratique et pacifique* », en « *le patrimoine public et privé* ».

Dilma Rousseff a admis que les manifestations ont donné d'importantes leçons : « *Les tarifs des transports ont baissé et les*

revendications sont devenues une priorité nationale. » Près d'une soixantaine de villes ont annoncé, sous la pression populaire, une réduction du prix de leurs billets de bus ou métro. Dans le même élan, la présidente a affirmé qu'elle recevrait « *les leaders des manifestations pacifiques* ». Une proposition qui s'annonce ardue, comme l'ont immédiatement fait remarquer les réseaux sociaux, du fait de l'absence, depuis le début du mouvement, de figures tutélaires.

« *Je vais m'entretenir, ces prochains jours, avec les chefs des différents organes de l'Etat, inviter les gouverneurs et les maires des principales villes à former un grand pacte pour l'amélioration des services publics* », a-t-elle promis, évoquant un plan national de mobilité urbaine avec « *des transports en commun de qualité à des tarifs justes* ». Et de réitérer son souhait de consacrer 100 % des recettes pétrolières à venir à l'éducation, un projet qui avait provoqué un tollé sur les bancs du Congrès. Sans plus de précisions,

Rousseff a estimé que le pays avait besoin d'« *oxygéner* » son système politique pour le rendre « *plus perméable à l'influence de la société* » et de trouver des « *moyens*

plus efficaces pour combattre la corruption ». Face aux critiques sur les dépenses engagées pour l'organisation de la Coupe du monde de football, en 2014, elle a soutenu, d'un ton sec mais toujours sans entrer dans le détail, que « *l'argent dépensé pour les stades par le gouvernement sera dûment remboursé par les entreprises et les gouvernements des Etats qui les exploiteront* ».

Cette prise de parole a suscité des réactions mitigées. L'éditorialiste du journal conservateur *O Globo*, Ricardo Noblat, a estimé que son discours était « *nécessaire, mais qu'il apporte peu* ». Les réseaux proches des mouvements de protestation critiquent le manque de projets concrets et le silence au sujet des violences policières observées notamment jeudi soir dans le centre de Rio de Janeiro.

Selon un sondage Datafolha, réalisé vendredi, 55 % des habitants de Sao Paulo considèrent l'attitude de Mme Rousseff face aux événements comme « *mauvaise* » ou « *très mauvaise* ». Dans la matinée, le Mouvement

Livre (MPL), à l'origine de la contestation, a annoncé son intention de ne plus convoquer de manifestations. Selon l'un de ses représentants, Douglas Belomi, le

collectif a pris sa décision après avoir observé des revendications contraires aux idées du MPL et la présence de personnes conservatrices au sein des cortèges. Une façon de noter le danger de récupération du mouvement.

Le Monde

Le Monde

International, lundi 24 juin 2013, p. 3

INTERNATIONAL

Au Brésil, Dilma Rousseff tente de reprendre la main La génération Lula, entre agacement et désillusions

Benoît Hopquin

SAO PAULO ENVOYÉ SPÉCIAL - Religieusement, un verre de vin argentin à la main, ils ont regardé Dilma Rousseff à la télévision, vendredi 21 juin. Ils ont écouté en silence les arguments de la présidente du Brésil, ses appels maternels à la raison. Mais quand elle a évoqué les menaces qui pesaient sur l'organisation de la Coupe du monde de 2014 et rappelé les cinq titres de la *Seleçao* dans cette compétition, ils n'ont pu réprimer un rire d'exaspération devant ce chantage. Au point final, ils ont éteint le poste et se sont lancés dans une exégèse passionnée, se sont engueulés comme seuls peuvent le faire les vrais amis.

Ana Cecilia, Lucas, Sahba, Andrea ou Daniel ont entre 25 et 28 ans. Ces jeunes diplômés travaillent. Ils ont de bons postes même : ingénieur, médecin, consultant. Ils ont profité du boom économique. « *J'ai eu la chance de toujours vivre avec l'espoir* »,

convient Lucas. « *Nous sommes une génération privilégiée* », opine Daniel.

Molle conviction

Les amis appartiennent à la génération Lula, se sont éveillés à la politique avec les envolées de celui qui fut le charismatique président du Brésil, entre 2003 et 2010. Alors forcément, « Dilma » semble un peu terne en comparaison. Mais il n'y a pas que cette fadeur qui suscite le malaise. Il y a surtout l'impression que le Parti des travailleurs (PT, gauche au pouvoir), pour qui ils ont toujours voté, n'a plus grand-chose à proposer. « *Elle ne m'a pas convaincu* », dit Daniel. « *C'est le discours de quelqu'un qui est au pouvoir* », tente de justifier Ana Cecilia. Molle déception et molle conviction après une molle prestation.

C'est pour cela qu'ils ont défilé ces derniers jours, pas comme on tue le

père, plutôt comme on tente de le réveiller, de lui rappeler ses élans passés. Quand le ticket de bus a augmenté, Andrea est descendue dans la rue, non parce qu'elle ne pouvait se le permettre, mais parce que cela allait pour elle « *dans le mauvais sens* ». « *Vingt centimes d'augmentation, c'est rien quant à l'argent. Mais, pour beaucoup de Brésiliens, c'est énorme et ce fait, ceux qui ont décidé cette augmentation semblent l'avoir oublié.* »

Les amis ont voulu secouer le gouvernement pour son bien. Mais ils ne goûtent guère la tournure que prend le mouvement, entre dérive violente, multiplication des revendications farfelues et tentative de récupération par la droite. « *Je suis désenchanté* », finit par admettre Lucas, avant de se resservir un verre.

Le Monde

Le Monde

A la Une, mardi 25 juin 2013, p. 1

ÉDITORIAL

Brésil : faille sociale et risque politique

Au Brésil, la poursuite de la fronde sociale, commencée le 13 juin, est en train de se transformer en crise politique. La contestation des partis, gangrenés par la corruption, et la révolte contre la médiocrité des services publics, indignes d'une puissance émergente, ont d'ores et déjà modifié les perspectives de l'élection présidentielle de 2014.

Malgré une popularité assez élevée, la réélection de la présidente Dilma Rousseff n'est plus assurée. A l'intérieur de sa formation, le Parti des travailleurs (PT, gauche), le courant qui n'a jamais accepté qu'elle soit choisie pour succéder à Luiz Inacio Lula da Silva relève la tête. Les « lulistes » historiques prônent le retour du charismatique ancien président, à la place d'une chef de l'Etat qui s'est avérée trop gestionnaire, pas assez politique ni diplomate.

Le PT, au pouvoir depuis 2003, n'avait jamais imaginé être contesté par des manifestations de rue en guise d'anniversaire. Même si les mérites et les responsabilités sont assez largement partagés aujourd'hui au

Brésil entre la coalition gouvernementale et l'opposition.

Le Brésil émergent est la somme des transformations opérées depuis une vingtaine d'années, depuis la stabilisation de la monnaie et la fin de l'inflation, due à l'ancien président social-démocrate Fernando Henrique Cardoso, et l'infléchissement social et l'élargissement du marché intérieur, impulsés par Lula.

Les anciens soixante-huitards le savent : la prospérité - un début de prospérité - n'empêche pas l'insatisfaction des nouvelles générations. Des jeunes Brésiliens d'extraction modeste accèdent à l'université, avec une foi dans l'éducation comme moteur de l'ascenseur social qu'on retrouve rarement ailleurs. Et découvrent que leurs études secondaires étaient nulles, qu'ils maîtrisent à peine l'orthographe et la syntaxe, et qu'à la fin leur diplôme, délivré par une des nouvelles facs à but lucratif et payantes, ne leur ouvrira pas les portes du marché...

La propagande destinée aux investisseurs ou aux touristes étrangers a occulté l'immense dette sociale du Brésil. Grâce à Lula, on ne meurt plus de faim dans le Nordeste, même en période de sécheresse. Grâce à ses programmes sociaux, les habitants des favelas peuvent désormais acquérir de l'électroménager.

Mais le Brésil songe à importer des médecins et des ingénieurs pour l'extraction du pétrole en eaux profondes, parce que aucun gouvernement n'a fait de l'éducation une priorité absolue, même pas celui du brillant universitaire Cardoso. Et aucune majorité n'a entamé une réforme politique pour éviter que la presque totalité des partis ne soit autre chose que des « guichets d'affaires » pour attirer les prébendes de l'Etat.

A force de repousser les réformes, le centre gauche comme l'opposition de centre droit risquent d'enfanter un populisme conservateur qui compromettrait l'avenir du pays.

Le Monde
International, mardi 25 juin 2013, p. 4

INTERNATIONAL

Au Brésil, la poursuite de la contestation sociale fragilise Dilma Rousseff Une partie de la gauche réclame le retour de l'ancien président Lula pour la présidentielle de 2014

Nicolas Bourcier

RIO DE JANEIRO (BRÉSIL) CORRESPONDANT
- Mais où va le Brésil? Alors que la contestation semblait avoir perdu en intensité après la journée historique du jeudi 20 juin, la fronde sociale a soudainement repris du souffle, renvoyant l'image d'une situation définitivement plus complexe que ne l'escomptait le pouvoir.

Au terme de la pire semaine qu'ait connue la coalition gouvernementale de centre gauche, la présidente Dilma Rousseff a dû se résigner à créer un cabinet de crise informel et à rompre son isolement à Brasilia. La main qu'elle a tendue aux protestataires, vendredi, lors de sa première adresse télévisée visant à établir un calendrier de rencontres avec les différents acteurs du mouvement, a été saluée par ses proches. Ce geste a été aussi perçu comme une tentative d'étouffer, au sein des plus hauts cercles du pouvoir, un courant favorable au retour de l'ancien président Luiz Inacio Lula da Silva, son prédécesseur et mentor, pour l'élection présidentielle de 2014.

« *Quelque chose d'étrange et de pas très clair est en train de se passer* » au Brésil, a admis le ministre du développement et de l'industrie, Fernando Pimentel, membre du Parti des travailleurs (PT, gauche au pouvoir). Une impression complétée

par son collègue Paulo Bernardo, ministre des communications, qui a déclaré, lucide : « *Ce qui est sûr, c'est que l'on va tirer une leçon de cette catharsis.* »

Soutenu par trois quarts de la population, selon un sondage publié samedi, le mouvement s'est étendu tout le week-end. A Belo Horizonte, capitale du Minas Gerais, il a été capable de rassembler 70 000 personnes. Dimanche, ils étaient 30 000 à Sao Paulo, capitale économique du pays à l'origine de la contestation, pour défiler contre le projet de loi PEC 37 visant à restreindre le pouvoir des procureurs, les plus en pointe dans les affaires de corruption.

Illustration d'une nouvelle tendance de fond qui consiste à protester sur un seul thème à la fois, comme l'indiquent les réseaux sociaux, qui viennent de lancer l'idée d'une grève générale le 1er juillet, au lendemain de la finale de la Coupe des confédérations. Le signe, peut-être, d'une maturité nouvelle des différents collectifs et mouvements de protestation, décidés à imposer une certaine cohérence à la profusion de revendications entendues ces derniers jours. Même le Movimento Passe Livre (MPL, Mouvement libre passage) de Sao Paulo - à l'origine de cette vague de manifestations -, qui

avait annoncé, vendredi, se retirer de la contestation en raison des tentatives de récupération par « *des groupes conservateurs* » avant de se dédire quelques heures plus tard, a annoncé sur son site de « *grandes actions* » ces prochains jours, ciblées dans la banlieue de la mégapole.

Pendant le week-end, les médias de tous bords ont fait montre d'une volonté d'introspection peu commune. Dans les colonnes des journaux et les plateaux télévisés, tout ce que le pays compte de spécialistes ou d'experts s'est soudainement penché sur le cas du Brésil. Un pays où « *la mélancolie* » et « *l'impuissance* » ont soudainement fait place à l'expression d'« *une insatisfaction* », a estimé Sylvia Dantas, professeur de psychologie, lors d'un débat à l'université de Sao Paulo. « *Un énorme mal-être de la démocratie brésilienne*, a précisé José Alvaro Moisés, professeur de sciences politiques. *Les partis politiques ont échoué, même ceux issus des mouvements sociaux comme le PT.* »

Sur la chaîne G1 du groupe Globo, Luis Felipe Pondé, professeur de philosophie de l'université de Rio de Janeiro, a affirmé que le mouvement va se poursuivre et que sa durée « *dépendra de comment va réagir la classe politique* ».

Un sondage de l'institut Datafolha indique que la majorité des manifestants à Sao Paulo se disent de « *gauche* » ou du « *centre* » de l'échiquier politique - 72 % étant « *sans parti* ». Quelque 30 % d'entre eux souhaitent que le premier président noir de la Cour suprême,

Joaquim Barbosa, soit candidat à la présidentielle de 2014. Ce juge s'est rendu populaire en dirigeant le vaste procès pour corruption de l'affaire dite du « *mensalao* », portant sur l'achat de votes de députés en 2005, lors du premier mandat du président Lula (2003-2010).

Les manifestants citent ensuite à 22 % l'écologiste Marina Silva, candidate en 2010 et aujourd'hui à la tête d'un nouveau parti, le Réseau durable. Mme Rousseff recueille 10 % des intentions de vote. Des manifestations devaient reprendre dès lundi dans la soirée.

Le Monde

Le Monde

International, mardi 25 juin 2013, p. 4

INTERNATIONAL

Au Brésil, la poursuite de la contestation sociale fragilise Dilma Rousseff Quand la FIFA attise le mécontentement des Brésiliens

Benoît Hopquin

SAO PAULO (BRÉSIL) ENVOYÉ SPÉCIAL - A Sao Paulo, 35 000 personnes manifestaient sur l'avenida Paulista, samedi 22 juin, pour dénoncer la corruption et le coût exorbitant de l'organisation de la Coupe du monde 2014. Parés des couleurs nationales, elles défilaient dans une ambiance festive, entre chants, pas de danse et pétards.

Au même moment, les cafés de l'artère retransmettaient sur grand écran le match qui opposait la sélection nationale à l'Italie. Des téléspectateurs avec le maillot brésilien suivaient la victoire de leur équipe, saluant chaque but - le match s'est terminé sur une victoire du Brésil (4-2) - de cris de joie qui se mêlaient aux slogans des manifestants. Impossible de distinguer les deux camps, et pour cause : c'était souvent les mêmes.

Les habitants de la capitale économique du Brésil sont à l'image de tout un pays, tiraillés entre amour du foot et écoeurement devant ses dérives financières : selon un sondage, 75 % des Brésiliens soutiennent les protestations et 67 % approuvent la venue de la Coupe du monde.

Les Brésiliens sont surtout choqués par la condescendance de la

Fédération internationale de football (FIFA). Joseph Blatter, son président, a moqué les manifestants dans un entretien au journal *Estado de Sao Paulo* : « *Le football est plus fort que l'insatisfaction des gens.* » « *Cela va se calmer* », avait-il conclu, non sans mépris.

Ces propos sont venus après les saillies de Jérôme Valcke, secrétaire général de la FIFA, qui avait décrété que les Brésiliens devaient se mettre « *un coup de pied aux fesses* » s'ils voulaient être prêts à temps. Le Français avait, en comparaison, salué la Russie de Vladimir Poutine, responsable de l'édition 2018, et tiré cette conclusion : « *Un moindre niveau de démocratie est parfois préférable pour organiser une Coupe du monde.* » Les oukases de la Fédération pour obtenir une exonération d'impôt ou pour que soit retirée la loi interdisant l'alcool dans les stades, afin de satisfaire un sponsor brasseur, ont ajouté à l'exaspération.

« Manque de scrupules »

La FIFA est brocardée par les manifestants, et deux de ses véhicules ont été incendiés. Après tant d'impairs, les caciques du football ont rétro-pédalé dans un communiqué mea culpa : « *Nous soutenons et*

reconnaissons le droit à la liberté de parole et de manifester pacifiquement. »

Le débat sur la facture de la Coupe du monde, qui pourrait s'élever à 11 milliards d'euros, divise jusqu'aux anciennes stars du sport national. Le « roi » Pelé avait critiqué les manifestations avant de s'excuser. Rivaldo, champion du monde 2002, a estimé au contraire que c'était « *une honte de dépenser tant d'argent pour cette Coupe du monde et [de] laisser les hôpitaux et les écoles dans des conditions précaires* ».

Deux autres champions du monde, Romario et Ronaldo, se sont affrontés par médias interposés. Le premier, devenu député d'un parti de gauche, a critiqué la FIFA, son « *manque de respect et son manque de scrupules* ». Le second, qui est membre du comité d'organisation, l'a taxé d'opportunisme. Ronaldo s'était illustré il y a peu en assurant : « *On ne fait pas une Coupe du monde avec des hôpitaux.* » Un impair dont il avait dû s'excuser.

Le Monde

Le Monde

International, mercredi 26 juin 2013, p. 3

INTERNATIONAL

Dilma Rousseff propose de réformer la Constitution brésilienne Les promesses de la présidente du Brésil sont accueillies avec scepticisme par la société civile

Nicolas Bourcier et Benoît Hopquin

RIO DE JANEIRO ET SAO PAULO ENVOYÉS SPÉCIAUX - La mine défaite, les yeux cernés, le sourire forcé, la présidente Dilma Rousseff a annoncé, lundi 24 juin, à Brasilia, cinq propositions - allant d'une baisse des taxes dans les transports à de nouveaux investissements dans la santé et l'éducation - afin d'apaiser la colère qui s'est déversée dans les rues depuis près de deux semaines.

La mesure la plus spectaculaire, mais aussi la plus discutée par les commentateurs politiques, est de proposer au Congrès « *un débat sur la convocation d'un référendum populaire qui autorise le fonctionnement d'un processus constituant spécifique pour mener la réforme politique dont le pays a tant besoin* ». Derrière cette formule alambiquée, il s'agit de demander au peuple brésilien s'il veut une Assemblée constituante qui modifierait les institutions actuelles afin de mettre en place une réforme politique.

La dernière Assemblée constituante remonte à 1986, après le renversement de la dictature militaire et la restauration de la démocratie. Mais les experts font valoir que le chemin semble long avant d'en arriver là. Seul le Congrès peut décider d'un référendum, et le Parti des travailleurs

(PT) de Dilma Rousseff n'y a pas la majorité. Par ailleurs, la présidente n'a pas expliqué le contenu des réformes qu'elle souhaitait entreprendre. Selon les médias, la révision pourrait comporter une modification du système proportionnel et du financement des campagnes.

L'annonce a été accueillie plutôt froidement par les constitutionnalistes. Selon eux, une Assemblée constituante ne peut pas être organisée pour un seul sujet, puisque, par essence, elle permet de changer toute la Constitution.

La présidente a promis d'investir 18,5 milliards d'euros dans les transports publics, mais sans donner d'échéance. La hausse des prix des billets de bus et de métro avait servi d'étincelle à l'explosion populaire. La présidente a aussi promis de durcir les peines contre les acteurs de la corruption.

Les nouvelles annonces de Dilma Rousseff, lundi, s'ajoutent à celles faites lors d'un discours télévisé, vendredi 21 juin, notamment le versement de l'intégralité des futures royalties tirées du pétrole au développement de l'éducation.

Peu avant son discours, la présidente avait reçu des représentants du Mouvement Passe Livre (« libre

passage »). Fer de lance de la contestation, le MPL a annoncé qu'il allait continuer « *la lutte pour des transports gratuits* ».

Nouvelles manifestations

De son côté, la société civile se prépare à des consultations d'ampleur nationale. Des réunions publiques ont eu lieu, lundi, dans de nombreuses villes du pays pour mettre en forme les revendications. A Rio de Janeiro, avocats, médecins, urbanistes, représentants locaux de partis de gauche et de la Commission des droits de l'homme se sont retrouvés au siège de l'ordre des avocats pour évoquer une réforme du système politique.

Sitôt faites les annonces de la présidente, des milliers de personnes sont descendues dans les rues pour exprimer leur scepticisme. De nouvelles manifestations ont eu lieu dans huit capitales d'Etats du Brésil. A Rio de Janeiro, quelque 2 000 personnes se sont réunies dans le centre-ville. Lors d'un rassemblement dans un groupement de 17 favelas de la zone nord, une intervention musclée des forces de l'ordre contre des jeunes casseurs, selon la police, a entraîné la mort par balle d'un individu. Ce décès porte à trois le nombre de morts depuis le début du mouvement.

Le Monde

Contre-enquête France, mercredi 26 juin 2013, p. 20

L'Oeil du Monde

Brésil : la révolte des citoyens

Les soulèvements sont aussi le révélateur de l'absence de politiques publiques de la ville dignes de ce nom

Nicolas Bourcier

RIO DE JANEIRO (BRÉSIL) CORRESPONDANT - Il aura suffi d'une poussière d'euro, 20 centimes de real, pour enflammer les rues du Brésil. Lorsque les autorités de Sao Paulo ont décidé, le 2 juin, de faire passer le prix du billet de bus de 3 reais à 3,20 reais (1,12 euro), elles étaient loin d'imaginer l'onde de choc qu'elles allaient provoquer. La fronde sociale s'est répandue en quelques jours dans tout le pays. Elle atteint désormais plus d'une centaine de villes et bénéficie de l'approbation des trois quarts de la population.

La force symbolique de cette hausse d'apparence minime a poussé plus d'un million de personnes à manifester contre la corruption, la gabegie financière provoquée par les grands événements sportifs et la médiocrité des services publics, indignes d'une puissance émergente. Des revendications multiples sont apparues spontanément, comme un besoin irrépressible de vivre dans un Brésil meilleur.

Certes, la somme des transformations opérées depuis une vingtaine d'années, depuis la stabilisation de la monnaie et la fin de l'inflation, due à l'ancien président social-démocrate Fernando Henrique Cardoso, l'infléchissement social et l'élargissement du marché intérieur,

impulsés par Luiz Inacio Lula da Silva, ont permis au pays de connaître une croissance économique forte et d'apparence stable. Certes, on ne meurt plus de faim dans le Nordeste, même en période de sécheresse et, grâce aux programmes sociaux de Lula et de l'actuelle présidente, Dilma Rousseff, les habitants des favelas peuvent désormais acquérir des produits électroménagers.

Seulement voilà. Le vernis était trop brillant. Les 20 centimes sont venus rappeler que les transports en commun étaient dans un état déplorable. Que cette augmentation prévue ou déjà appliquée dans quasiment toutes les villes du pays faisait plafonner le budget des transports d'un usager quotidien à près du tiers du salaire minimum. Un trajet comprenant en moyenne deux, voire trois bus ou métros différents.

Les 20 centimes ont été un révélateur de l'état de délabrement ou de l'absence d'infrastructures, de plan d'urbanisation, d'une politique publique de la ville sur le long terme et digne de ce nom. On pointe du doigt la corruption (51 milliards de reais détournés des caisses de l'Etat par an). On rappelle la défaillance des systèmes de santé et d'éducation. Après des années de croissance, au moment même où l'économie donne

des signes d'essoufflement, les citoyens sont arrivés au stade où ils en veulent « plus », comme l'a souligné Duda Mendonça, ancien responsable de campagne de Lula.

Près de 80 % des Brésiliens sont des citoyens. Les villes attirent, parce qu'elles offrent des services et des emplois. « Mais elles manquent d'infrastructures en matière de transports, d'assainissement, de logements. Ce sont des concentrés d'inégalités », rappelle le géographe français Hervé Théry (*Le Monde* daté 21 juin). A Sao Paulo, 10 % de la population vit dans les favelas, à la périphérie. Plus du double environ dans des zones dites « intermédiaires », entre favela et petite classe moyenne. A Salvador de Bahia, ce chiffre atteint plus de 40 %. A Rio, les études dénombrent 1 071 favelas éparpillées façon puzzle dans toute la ville, sur les morros (collines) - du Centre et du Sud, partout ailleurs au nord et à l'ouest. Près de 25 % de la population carioca vit dans ces « communautés », comme les appellent leurs habitants.

La précipitation et parfois la brutalité dont ont fait preuve les autorités cariocas depuis plus d'un an pour rénover et réhabiliter certains quartiers ont eu tôt fait d'alimenter la rancœur des populations. Des

dizaines de cas d'éviction ont été dénoncés par Amnesty International. Des centaines de familles se sont ainsi vu proposer de quitter leur favela Metro, près du stade Maracana, pour intégrer des logements neufs mais situés à plus de deux heures de trajet, à Cosmos.

Partout des mobilisations ont eu lieu. Des réseaux se sont organisés, comme à Vila Autodromo, une favela paisible, située à proximité du futur Parc olympique, ou comme dans cette première favela de l'histoire du Brésil, la Providencia, située près du vieux port de la ville et promise à un gigantesque aménagement urbain. Des réseaux prêts à descendre dans les rues au moindre grain de poussière.

« *Le pays est en train de payer cinquante ans d'absence de politique publique* », affirmait au *Monde* Wilson Risolia Rodrigues, le secrétaire d'Etat à l'éducation de Rio de Janeiro, quelques mois avant le déclenchement du mouvement de protestation. Il aurait peut-être suffi de prendre une carte pour s'en rendre compte.

Le Monde

Le Monde

Dialogues, vendredi 28 juin 2013, p. 16

Décryptage

Brésil, crise de croissance ou révolution?

Dilma Rousseff contrainte de réformer dans l'urgence

Les Brésiliens manifestent contre la corruption, l'insuffisance des services publics et les dépenses jugées faramineuses de l'organisation de la Coupe du monde de football en 2014. Après plus de deux semaines de mobilisation, dont le mouvement « Passe livre » (« Libre passage », favorable au transport gratuit) est à l'origine, la présidente Dilma Rousseff peine à trouver une réponse adaptée. Comment interpréter cette agitation sociale? S'agit-il d'une crise de croissance de la part d'un pays émergent? D'une version brésilienne de Mai 68? Quelle issue pour la contestation?

Stéphane Monclair

Pour calmer la rue et dans l'espoir de stabiliser une situation qui lui échappe, la présidente Dilma Rousseff multiplie les initiatives. Plusieurs d'entre elles consistent à recevoir les dirigeants des collectifs militants qui ont initié les récentes mobilisations. La présidente du Brésil veut ainsi montrer qu'elle est à l'écoute des manifestants. Mais ces brèves réunions, pour l'instant, ont plus écorné son image qu'elles ne l'ont magnifiée.

Car les jeunes apprentis leaders du mouvement confient à la presse combien Mme Rousseff semble peu au fait des problèmes concrets sur lesquels ils voulaient attirer son attention et qu'affrontent des millions de Brésiliens. Ce genre de critiques entame d'autant plus la représentation habituelle et légitimatrice d'une Dilma Rousseff compétente et compatissante, qu'elle émane de personnalités jouissant d'un fort capital de sympathie parmi les manifestants. Ces rencontres ont aussi l'inconvénient d'objectiver et d'aggraver la faible représentativité

des partis, puisque la présidente n'a pas jugé bon de consulter publiquement leurs chefs depuis le début de la crise. Les manifestants ont beau ne pas se reconnaître dans les partis existants, dévaloriser ceux-ci, comme tend à le faire Dilma Rousseff, n'est guère habile alors qu'elle a besoin de l'appui du Congrès.

Elle vient de promettre une vaste « *réforme politique* », appellation aussi vieille que l'actuelle Constitution promulguée en 1988, recouvrant tous les toilettages constitutionnels et législatifs susceptibles d'endiguer et de réprimer davantage la corruption, d'assainir le financement des campagnes électorales, d'accroître la légitimité des élus, de rendre les partis plus consistants et le régime plus démocratique. Pour les Brésiliens, leur personnel politique bénéficie d'une relative impunité en matière de corruption.

En outre, ils imputent à ce fléau la plupart des dépassements dans le financement des préparatifs de la Coupe du monde de football qui aura lieu en 2014. Et s'ils méconnaissent la

myriade de dispositifs électoraux ou de règles régissant les partis politiques, qui, par avance, nuisent à une bonne représentativité des élus, ils ne s'identifient guère aux formations politiques et peinent à les différencier les unes des autres. Déjà en 1992, l'*impeachment* du président Fernando Affonso Collor de Mello, poursuivi pour corruption, était censé devoir donner naissance à une grande réforme politique. Il n'y en eut point, car l'essentiel des dispositifs à réformer sont énoncés dans la loi ou la Constitution, et requièrent donc pour être modifiés ou supprimés l'assentiment du Congrès - députés et sénateurs réunis, lesquels doivent leur siège à l'existence de ces dispositifs pernicieux.

Les groupes parlementaires sont trop indisciplinés et le système partisan trop fragmenté pour que des changements significatifs puissent être introduits. Sous la présidence Cardoso (1995-2002), diverses minorités de blocage ont empêché toute avancée. L'ex-président Lula (2003-2010) n'a pas cherché à concrétiser la réforme

politique qu'il engagea en 2005, peu après que la direction du Parti des travailleurs (PT) eut été décapitée par un scandale de corruption, dont le feuilleton judiciaire s'éternise aujourd'hui encore. Bref, sans la grave crise sociale et politique actuelle et la nécessité de devoir reprendre la main - ou au moins d'en donner l'impression -, Dilma Rousseff n'aurait pas pris le risque de mettre la réforme politique à son agenda.

Le 24 juin, elle a annoncé la convocation par référendum d'une assemblée constituante restreinte, c'est-à-dire seulement chargée de traiter des questions de réforme politique. Beaucoup sur les réseaux sociaux se sont réjouis que le peuple soit consulté. Mais face au tollé que l'évocation de cette procédure contestable a aussitôt provoqué parmi les plus éminents juristes et jusque dans son propre camp, face aussi aux incertitudes portant sur la composition de cette mini-constituante et sur l'issue possible de ses travaux, Mme Rousseff dut, dès le lendemain, renoncer à cette manœuvre pour le moins précipitée.

Ne voulant pas se dédire complètement, ni décevoir les partisans d'un vote référendaire, la présidente et ses proches conseillers ont donc opté pour un scénario de sortie de crise plus réaliste : le Congrès établira une liste de modifications qui seront, ensemble, soumises à référendum. Toutefois, les rivalités intra- et inter-partisanes, déjà attisées par la perspective des élections de l'automne 2014 (législatives, présidentielle, et des gouverneurs de province), sont à la fois accrues et modifiées par le flot des manifestations pacifiques et violentes, par les lectures qu'en font les médias et par les phénomènes de politisation que génère cette crise au sein de l'électorat. Tout cela, combiné à la dégradation des indicateurs économiques, laisse mal augurer du plein succès de l'opération. D'autant que toute nouvelle règle électorale, pour être en vigueur lors des scrutins de 2014, devra être promulguée avant la fin septembre 2013. C'est bien court pour dégager des compromis satisfaisants.

Si le Congrès n'y parvenait pas ou si le peuple ne ratifiait pas les changements préconisés, les cadres du PT, adossés aux prébendes de l'Etat, douteraient des chances de réélection de Mme Rousseff et s'inquiéteraient pour leur avenir. Lula leur paraîtrait alors comme le candidat du recours. Il s'y prépare.

Note(s) :

Enseignant à l'université Paris-I et chercheur au Centre de recherche et de documentation des Amériques (Creda)

Le Monde

Le Monde

Dialogues, vendredi 28 juin 2013, p. 16

Décryptage

Brésil, crise de croissance ou révolution?

La population doit tirer profit du Mondial

Les Brésiliens manifestent contre la corruption, l'insuffisance des services publics et les dépenses jugées faramineuses de l'organisation de la Coupe du monde de football en 2014. Après plus de deux semaines de mobilisation, dont le mouvement « Passe livre » (« Libre passage », favorable au transport gratuit) est à l'origine, la présidente Dilma Rousseff peine à trouver une réponse adaptée. Comment interpréter cette agitation sociale? S'agit-il d'une crise de croissance de la part d'un pays émergent? D'une version brésilienne de Mai 68? Quelle issue pour la contestation?

Romário de Souza Faria

La Coupe des confédérations, qui a lieu actuellement au Brésil, événement préparatoire à la Coupe du monde de football de 2014, partage l'espace médiatique avec les grandes manifestations qui exigent du gouvernement fédéral qu'il donne une nouvelle direction à sa politique économique.

Derrière des banderoles sans mot d'ordre partisan, la population demande que soit mis fin à la corruption et au gaspillage de l'argent public. C'est dans la rue que naît l'appel au renforcement de la justice. Du fait d'une législation fragile, il est courant de voir repousser l'exécution des décisions de la Cour suprême, ce qui contribue à pérenniser la corruption et l'impunité dont jouissent les voleurs de l'argent public.

J'étais avec le gouvernement fédéral lorsque le Brésil a obtenu l'organisation de la Coupe du monde. A ce moment, l'espoir que le Mondial soit un instrument efficace pour créer des emplois, promouvoir le tourisme et renforcer l'image du Brésil dans le monde m'ont encouragé à appuyer

notre candidature. Comme champion du monde, je sais l'importance de cet événement pour les villes hôtes. Mais nous avons été rattrapés par les turbulences de l'économie mondiale, chose qui aurait dû amener le gouvernement à revoir sa politique de dépenses et d'investissements.

Or, des crédits ont été attribués aux travaux de construction ou de réaménagement des stades au détriment de l'éducation, de la santé et de la sécurité. Les problèmes de ces trois secteurs viennent des gouvernements antérieurs, mettant le pays en situation de vulnérabilité sociale, malgré le renforcement des indices de notre économie. Le pays se trouve parmi les dix plus grandes puissances mondiales, mais comment comprendre ce classement honorable face aux besoins extrêmes de la population, lesquels entraînent des préjudices humains évidents?

Je ne crois pas que le Mondial résolve tous nos problèmes. Ce méga-événement risque même de les aggraver. Sous le régime de Lula, la proposition était celle d'un Mondial

s'appuyant sur la participation massive de l'initiative privée et la transparence des dépenses publiques. Le contraire s'est produit. D'un budget initial de 8,23 milliards d'euros pour la construction de stades, de mobilier urbain, la rénovation des ports et des aéroports, nous en sommes aujourd'hui à 9,7 milliards d'euros, d'après les déclarations du secrétaire d'Etat au ministère des sports, Luis Fernandes. Pour quoi sommes-nous en train d'organiser la plus chère des dernières Coupes? Cela a déjà coûté trois fois les budgets engagés par l'Allemagne en 2006 et par le Japon en 2002. Et que dire de l'Afrique du Sud, qui a dépensé quatre fois moins que le Brésil, soit 2,43 milliards d'euros?

Quant aux transports, des 82 travaux initiaux, vingt-cinq n'ont pas respecté le calendrier et trois seulement ont respecté le budget et les délais prévus. Une honte pour le gouvernement et d'excellents motifs de protestation pour la population. Ce sont ces dysfonctionnements qui nous indignent et contribuent à ce que nous

soutenions les manifestants. Ce n'est pas dans un stade de football que les Brésiliens iront chercher la réponse à leurs problèmes de santé.

Pendant ce temps, la Fédération internationale de football (FIFA) annonce un bénéfice de 4 milliards de reals libres d'impôts grâce à ce Mondial 2014. Cet excès de profits

faciles contraste avec l'absence totale de legs effectifs, comme celui de la mobilité urbaine. La présidente Dilma Rousseff reprend les termes de l'ex-président Lula, en affirmant : « *Nous aurons le meilleur Mondial de tous les temps.* » Je ne le crois pas, car nous avons failli sur le plan des principes, qui supposaient que

l'organisation du Mondial laisse à la population un héritage qui soit un véritable motif d'orgueil pour nous tous. Jusqu'ici, seule la FIFA engrange des bénéfices et c'est aussi pour cela que la population descend, à juste titre, dans la rue pour protester.

Traduction du portugais (Brésil) par Danielle Schramm

Le Monde

Le Monde

Dialogues, vendredi 28 juin 2013, p. 17

Décryptage

Brésil, crise de croissance ou révolution?

Les classes moyennes au coeur de la mobilisation

Les Brésiliens manifestent contre la corruption, l'insuffisance des services publics et les dépenses jugées faramineuses de l'organisation de la Coupe du monde de football en 2014. Après plus de deux semaines de mobilisation, dont le mouvement « Passe livre » (« Libre passage », favorable au transport gratuit) est à l'origine, la présidente Dilma Rousseff peine à trouver une réponse adaptée. Comment interpréter cette agitation sociale? S'agit-il d'une crise de croissance de la part d'un pays émergent? D'une version brésilienne de Mai 68? Quelle issue pour la contestation?

Yves Fauré

La misère des services publics de base, la faiblesse des investissements, l'insuffisance quantitative et la piètre qualité des infrastructures, les criantes et persistantes inégalités sociales et spatiales, une corruption endémique qui handicape démarches administratives et initiatives privées et qui génère des surcoûts, caractérisent l'état du pays.

Pour autant, les populations se sont accommodées de ces défaillances et, si celles-ci constituent un terrain favorable aux attitudes critiques, elles ne sauraient être érigées en causes immédiates des récentes révoltes de rue. Depuis dix à douze ans, sous l'effet d'une dynamique, modeste mais réelle, de création d'emplois, et à la suite de décisions institutionnelles et de mesures de politique publique non

croissance économique, les conditions de vie d'une importante partie de la population se sont réellement améliorées, nombre de familles échappant à la pauvreté et intégrant les catégories au moins inférieures, et

nouvelles, de ce qu'il est convenu d'appeler la « classe moyenne ».

Les carences dans les secteurs publics de l'éducation et de la santé ne datent pas d'hier. Mais ceux qui en ont les moyens - classe aisée et classe moyenne supérieure - peuvent échapper aux maux de ces services en adhérant à des plans de santé privés qui leur donnent accès à des médecins généralistes, à des spécialistes et à des cliniques privées qui ont signé des conventions avec les compagnies d'assurances.

Cela est vrai aussi dans le domaine de l'éducation : les mêmes catégories sociales épargnent à leurs enfants les graves déficiences de l'enseignement public en les envoyant dans des écoles et collèges privés. Le paradoxe étant

les enfants des couches populaires, intègrent massivement les meilleures universités brésiliennes - c'est-à-dire les universités fédérales, qui sont donc des universités publiques -, ne laissant que peu de places à ceux qui

publics - ce qui a conduit les autorités

à mettre en place une politique de quotas, difficilement acceptée par les universités - ou les obligeant à fréquenter des facultés privées aussi coûteuses que de qualité douteuse.

Ainsi, ceux qui disposent des ressources - capital monétaire, capital scolaire et relations sociales - susceptibles de peser en interne, au sein des structures concernées, en vue d'améliorer les services publics se sont détournés de cette tâche. Ils ont littéralement fait défection. Et si l'on ajoute que ces dépenses privées d'éducation et de santé sont déductibles des revenus déclarés au fisc, on a là un mécanisme, savamment entretenu, qui maintient les privilèges de certains, qui peuvent s'adresser au secteur privé, et oblige les individus et les familles moins

défaillances des services publics. On pourrait aussi appliquer ce schéma à la question des transports publics, aux affres desquels échappent les nantis qui disposent de véhicules particuliers.

Or, disions-nous, de nouveaux entrants ont intégré la classe moyenne sous l'effet de la progression de leur niveau de vie, et il semble que nombre d'entre eux aient pris une part importante aux protestations de rue. On émet ici une hypothèse pour tenter de comprendre leur comportement. Que leurs conditions se soient améliorées ne fait guère de doute, argument étayé notamment par l'expansion des ventes de biens de consommation durables dans le pays. Mais les changements positifs qu'ils ont perçus dans leur sphère privée, individuelle ou familiale, ne se sont pas prolongés dans des améliorations symétriques au sein des services publics.

Frustration

Autrement dit, ces personnes et ces groupes ont disposé d'assez de ressources pour rejoindre désormais la

classe moyenne - plus probablement moyenne inférieure - et pour entretenir des aspirations nouvelles, mais sans détenir suffisamment de moyens (de négociation, d'influence, etc.) pour réorienter le cours de ces services publics et faire en sorte que des investissements massifs viennent en relever la qualité et en augmenter le nombre. On peut comprendre cette frustration de la part de gens qui cumulent à la fois l'impossibilité de faire défaut et l'empêchement d'agir à l'intérieur des services.

Il reste évidemment, dans cette timide tentative de compréhension, à expliquer le choix du moment où se produisit cette explosion sociale. On avancera cette idée que les autorités brésiliennes ont en quelque sorte offert sur un plateau la possibilité que la révolte survienne, en ces temps marqués par de fabuleuses dépenses

largement improductives (Coupe du monde de football, Jeux olympiques) qui ne font que mettre en évidence, par contraste, la disette dont souffrent les services publics. Et la maladresse rhétorique d'un ministre communiste, qui a d'emblée fustigé les manifestants en affirmant que les grands événements sportifs auraient lieu coûte que coûte, n'a fait, de son côté, que confirmer la fragilité gouvernementale dans un éventuel rapport de force, ce qui n'a pas échappé aux révoltés et indignés.

Note(s) :

Enseignant-chercheur invité par des universités fédérales au Brésil

lire de Gaël Raballand et Sébastien Dessus : « La FIFA fait payer l'ardoise au peuple »

Sur Lemonde.fr

Le Monde

Le Monde

Dialogues, vendredi 28 juin 2013, p. 17

Décryptage

Brésil, crise de croissance ou révolution?

Après vingt ans d'anesthésie, le réveil!

Les Brésiliens manifestent contre la corruption, l'insuffisance des services publics et les dépenses jugées faramineuses de l'organisation de la Coupe du monde de football en 2014. Après plus de deux semaines de mobilisation, dont le mouvement « Passe livre » (« Libre passage », favorable au transport gratuit) est à l'origine, la présidente Dilma Rousseff peine à trouver une réponse adaptée. Comment interpréter cette agitation sociale? S'agit-il d'une crise de croissance de la part d'un pays émergent? D'une version brésilienne de Mai 68? Quelle issue pour la contestation?

Julián Fuks

Nous marchons dans la rue par milliers, par dizaines ou centaines de milliers, nous ne savons pas combien nous sommes. Ce n'est que lorsqu'un groupe crie que nous occupons au moins quatre des plus grandes avenues de Sao Paulo, que d'autres que nous occupent le centre de Rio de Janeiro, que l'un de nos tentacules s'est emparé du Congresso nacional [*le Parlement brésilien situé à Brasilia*], ce n'est que lorsque j'entends ces exagérations euphoriques que je reprend conscience que nous formons un seul et même corps, un corps qui a paralysé le pays, ou tout du moins nombre de ses capitales [*D'ETAT*].

Nous sommes une foule convoquée par le pouvoir précieux des réseaux sociaux, qui maintenant se répand dans les rues en une gigantesque marche protéiforme. Il n'y a pas d'unité entre nous, nous savons qu'il n'y aura jamais d'unité entre des centaines de milliers de personnes, mais un drapeau flotte à la tête de tous les défilés, un objectif concret et prédéterminé existe : la baisse du prix

des transports en commun et, plus précisément, l'annulation d'une nouvelle hausse du prix des transports en commun faisant suite à une série d'augmentations qui a immobilisé les classes les plus pauvres. L'immobilisation n'est pas complète, bien sûr, mais le coût des transports parvient à leur voler un tiers de leur salaire pour qu'ils puissent simplement aller tous les jours au travail et en revenir.

Nous demandons peu, nous voulons la baisse du prix du ticket de bus de 20 centimes de real, 7 centimes d'euro, mais cela ne nous empêche pas d'y voir une dimension utopique des plus concrètes. Nous réprouvons, comme l'explique une gamine dans notre marche, la collusion qui s'est créée entre nos mairies ainsi que nos gouvernements et un certain nombre d'entreprises privées, les gouvernants inféodés aux intérêts de la minorité privilégiée, tournant le dos à la majorité, abandonnant leur peuple - la jeune fille s'enflamme. Des marchandises nous guettent, mais nous ne sommes pas de simples

consommateurs insatisfaits de la mauvaise qualité des produits et des services : nous n'abandonnons pas l'idéologie, nous ne croyons pas à la fin de l'histoire.

Durant l'un de ces longs silences qui parfois s'emparent de nous, un manifestant un peu plus exalté fait remarquer que nous nous reflétons sur la face d'un grand bâtiment aux parois de verre. Un instant, nous restons ébahis devant notre propre taille, enchantés par cette vision : l'avenue toujours bondée par la froideur des caisses métalliques, des voitures sans expression qui renvoient seulement à l'immeuble sa propre image, est maintenant occupée par des milliers d'hommes et de femmes. Nous reprenons la ville qui nous a été usurpée par les machines, et nous prenons conscience de l'erreur de jugement que nous avons faite peu de temps avant : nous n'avons pas paralysé la ville, cette ville à la circulation toujours dense. Elle n'avait jamais été aussi mobile, aussi vivante que maintenant.

Des femmes et des hommes se mobilisent alors devant leur propre image : ils s'animent, se mettent brusquement à chanter, protestent, hilares, avec une énergie redoublée. Ils s'exaltent devant leur propre exaltation, s'enthousiasment devant leur propre enthousiasme, tombent amoureux d'eux-mêmes, ce qu'avait déconseillé Slavoj Žižek [*aux manifestants d'Occupy Wall Street*]. C'est juste pour un temps, pourraient promettre certains. Le temps que le peuple des villes se réveille d'un long sommeil, se ralliant à des mouvements sociaux qui n'ont jamais dormi, un peuple qui, il y a seulement quelques décennies, a été profondément anesthésié par vingt ans de dictature militaire - persécuté, exilé, emprisonné et mort sans obtenir une quelconque justice par la suite. Crimes du temps, comment les pardonner? Alors que nous venons de retrouver l'habitude massive de protester, comme ce fut le cas à certains moments de notre histoire, alors que, j'en suis désolé, Žižek, nous nous abandonnons à cette nouvelle esthétisation de la politique - l'esthétique narcissique qui caractérise notre époque - et que nous nous entichons quelque peu de notre besoin de changement, si diffus et incompréhensible que ce besoin puisse paraître à tous.

L'instrument taillé sur mesure spécialement pour la répression a pour nom police militaire, la principale expression de l'autoritarisme et de la violence toujours enracinés dans notre culture nationale. Un organisme que des membres du Conseil des droits de l'homme de l'ONU ont déjà appelé à éliminer, et qui, entre autres maux, pratique dans les banlieues la tuerie au jour le jour de jeunes Brésiliens, noirs et pauvres pour la plupart, la part quotidienne d'erreur distribuée dans les favelas.

J'apprécie ceux qui brandissent des pancartes inattendues, qui préfèrent gaspiller leur encre contre la Fédération internationale de football (FIFA) et contre la Coupe du monde, contre cette entité qui veut s'introduire dans le pays et y établir un régime d'exception fondé sur un monopole des marques, des expulsions et de la spéculation. Pendant un instant, je réussis à être un jeune qui se montre plus critique qu'enthousiaste pour le football, bien que je sache que j'assisterai au prochain match de la sélection nationale.

Distrait, je m'approche soudainement de certaines factions qui n'ont pas ma faveur : de jeunes inconnus en pleine effusion patriotique enveloppés dans

un drapeau du Brésil, chantant l'hymne comme on ne le chante jamais par ici, avec un enthousiasme quelque peu enfiévré. Dois-je continuer jusqu'à la nausée? Je me le demande, ressentant pour la première fois la fatigue dans mes jambes, un découragement qui ne s'était pas emparé de moi jusqu'alors.

Il y a peu de choses abstraites dans ce que nous voulons, il est important de le dire. Il n'y a pas de choses abstraites dans ce que beaucoup demandent : nous voulons l'annulation de l'augmentation du prix des transports en commun, et il est possible que nous puissions vaincre sur ce plan. Certains argueront que c'est peu de chose, et sans doute en est-il ainsi. Mais la vigueur que donnera cette petite victoire à notre corps, si longtemps immobilisé, ne représentera pas peu de chose. Une fleur est née dans la rue! On ne peut voir sa couleur. Ses pétales ne s'ouvrent pas. Son nom reste inconnu des livres. Elle est laide. Mais c'est vraiment une fleur.

Traduit du portugais (Brésil) par Daniel Matias

Le Monde

Le Monde

Dialogues, vendredi 28 juin 2013, p. 17

Décryptage

Brésil, crise de croissance ou révolution?

Le Parti des travailleurs peut satisfaire les aspirations du mouvement Il doit renouer avec l'esprit de générosité et de réforme de ses origines

Marco Aurélio Garcia

Les Brésiliens manifestent contre la corruption, l'insuffisance des services publics et les dépenses jugées faramineuses de l'organisation de la Coupe du monde de football en 2014. Après plus de deux semaines de mobilisation, dont le mouvement « Passe livre » (« Libre passage », favorable au transport gratuit) est à l'origine, la présidente Dilma Rousseff peine à trouver une réponse adaptée. Comment interpréter cette agitation sociale? S'agit-il d'une crise de croissance de la part d'un pays émergent? D'une version brésilienne de Mai 68? Quelle issue pour la contestation?

Dans un célèbre éditorial paru avant les événements de Mai 1968, l'éditorialiste du *Monde* Pierre Viansson-Ponté écrivait : « *La France s'ennuie.* » Le Brésil aussi s'ennuyait, tout semble l'indiquer, en dépit des métamorphoses économiques et sociales traversées depuis ces dix dernières années, grâce notamment aux réformes engagées par les présidences de Lula, puis de Dilma Rousseff.

Le thème de l'« ennui », dans le contexte du Brésil, a quelque chose de paradoxal. Après tout, le pays n'a-t-il pas renoué avec la croissance depuis dix ans, après plus de vingt ans de stagnation? Même les problèmes

conjoncturels que son économie doit affronter n'ont pas ébranlé les perspectives de développement.

Toutefois, pour la première fois de son histoire, ce gouvernement doit affronter le problème social principal : l'inégalité. Cela, il le fait sans sacrifier la démocratie et les libertés, ce qui n'est pas rien. Ainsi, la présidente a-t-elle salué les « *voix de la rue* » et condamné les excès de la police. Elle a également invité à Brasilia les principaux porte-parole du mouvement pour entamer avec eux un débat en toute franchise.

On ne saurait cependant nier l'existence d'un mal-être, perceptible à tous les niveaux dans la société brésilienne. Ce sentiment naît, premièrement, des conditions de vie qui persistent à demeurer difficiles, même pour les millions de Brésiliens qui ont bénéficié du progrès économique et social.

La démocratisation du système éducatif n'a pas été partout appliquée à qualité égale. Le système de santé laisse perdurer, à côté de lieux d'excellence, de larges dysfonctionnements. L'urbanisation déchaînée dans un pays de près de 200 millions d'habitants met à nu les insuffisances en matière de transports urbains. Ce sont des heures entières

de sa journée que perd chaque travailleur pour se rendre de son domicile à son travail.

Ces trois thèmes reviennent sans cesse sur les banderoles brandies par les manifestants de ces derniers jours. Cela montre leur impact sur la vie quotidienne de milliers de citoyens.

La deuxième cause du mal-être actuel est d'ordre politique. Les bouleversements économiques et sociaux des dernières années n'ont pas été suivis par des réformes institutionnelles adéquates. Le pouvoir - mais aussi les moyens de communication - reste principalement le monopole de l'Etat ou des partis. Les manifestants réclament des services publics qui fonctionnent et s'insurgent contre la bureaucratie et la corruption. Même au « pays du football », les dépenses engagées pour la Coupe du monde de 2014 ou la Coupe des confédérations ont mis dans la rue des foules protestant contre le manque de transparence dans le financement des travaux.

Améliorer les politiques publiques

Dans les deux discours qu'elle a prononcés depuis le début des manifestations, la présidente a repris l'initiative. Elle met l'accent sur l'urgence d'une réforme politique de

grande envergure, au-delà de la nécessité de l'amélioration des politiques publiques en place.

L'accroissement de l'espace dévolu aux services publics et l'intégration de nouveaux sujets de droit ont trouvé sur leur route des institutions honteusement inadaptées, au Brésil comme ailleurs dans le monde, y compris en Amérique latine.

Les événements en cours peuvent avoir deux conséquences. La première débouche sur une régression autoritaire et l'appel à un « homme providentiel » capable d'opérer une

contre-réforme institutionnelle et sociale.

L'autre, de nature démocratique, impose au gouvernement de réformer de fond en comble les institutions et les partis. Cela suppose une modification rapide de la loi électorale, afin de corriger au plus vite les graves distorsions en matière de représentation. Cela suppose d'adopter aussi une loi de financement des partis politiques, fonctionnant comme une sorte de « contrôle technique » pour les élus comme pour les consultations populaires.

Le défi du changement est aussi lancé à la démocratie et à la politique. Le Parti des travailleurs n'y est pas opposé. N'a-t-il pas lui-même assumé les transformations considérables que le Brésil a connues dans la période la plus récente? Né il y a trente-trois ans dans le terreau des luttes sociales, engagé aux côtés de tous ceux qui étaient les laissés-pour-compte de la politique, c'est bien à lui de renouer avec l'expérience généreuse de ses origines.

*Traduit du portugais (Brésil) par
Mélanie Nunes*

Le Monde

Le Monde

Dialogues, samedi 29 juin 2013, p. 19

Décryptages

Corruption, dépenses somptuaires pour le Mondial 2014 et médiocrité des services publics : les griefs s'accumulent

Brésil : une déferlante de revendications

Je te fais un dessin - PAGE COORDONNÉE PAR PLANTU ET CARTOONING FOR PEACE -

Nicolas Bourcier

RIO DE JANEIRO CORRESPONDANT - Il faut les voir accroupis par terre, les mains barbouillées de feutre et de peinture. Ils sont des dizaines, quelques milliers, davantage peut-être encore, jeunes et moins jeunes, pauvres ou riches, installés pêle-mêle au coin des rues, dans des ateliers d'artiste, bistrots, maisons de jeunes ou salles de sport. Une ruche créatrice et bouillonnante s'étend sur le Brésil depuis ce 13 juin, depuis qu'une petite manifestation violemment réprimée par la police contre la hausse des tarifs des transports publics à Sao Paulo a déclenché une fronde sociale d'une ampleur inédite depuis la fin de la dictature en 1985.

Ils étaient plus d'un million à manifester le 20 juin contre la corruption, les dépenses somptuaires engagées pour les équipements sportifs du Mondial 2014 et la médiocrité des services publics, indignes d'une puissance émergente. Des dizaines de milliers encore ces derniers jours, dans des centaines de villes. Quelque 50 000 personnes, mercredi 26 juin, à Belo Horizonte, 10 000 à Brasilia, autant à Porto Alegre et 7 000 à Sao Luis encore la veille. Une déferlante de

revendications mêlées. Toujours avec ces pancartes à bout de bras, accompagnées de chants, de rires et de danses, comme si une formidable parole populaire venait de s'être soudainement libérée dans une effervescence créatrice spontanée ou confirmée, après des années de retenue, d'« ennui », oseront certains.

Echos lointains

Florilèges : « *Nous ne sommes pas l'avenir de la nation, nous sommes son présent* » ; « *Les mensonges des autres ne sont pas notre vérité* » ou « *Je pense donc je résiste* ». Les mots en appellent d'autres comme autant d'échos lointains ou si proches de ce Mai 68 à Paris et ses formidables affiches des Beaux-Arts. Aux slogans plus récents, entendus lors des mouvements Occupy ou des « indignés ». A Taksim aussi, en Turquie, sur ce bout de terre du jardin de Gezy d'Istanbul. Une internationale de la parole poétique s'est installée sur l'asphalte de ce grand Brésil avec un humour nourri d'un sens tragique de la dérision.

Avec ici des résultats déjà palpables. Après deux semaines de

manifestations, les protestataires ont obtenu l'annulation de la hausse des prix des transports dans plus d'une soixantaine de villes. Le Congrès vient de rejeter un projet de loi, la PEC 37, qui limitait le pouvoir des enquêteurs et des magistrats, un texte qui favorisait l'impunité des corrompus. Après l'avoir bloqué durant des années, les députés ont approuvé cette semaine un projet de loi pour destiner 75 % des revenus du pétrole au secteur de l'éducation et 25 % à la santé. Surtout, la Cour suprême a ordonné mercredi l'incarcération immédiate de Natan Donadon, membre d'un parti de la coalition au pouvoir, condamné en 2010 à treize ans de prison pour détournement de fonds publics, une première à l'encontre d'un élu en fonctions depuis l'adoption de la Constitution de 1988.

Et puis, il y a eu cette exigence, « *une réforme politique maintenant* », une des revendications les plus reprises par les manifestants. La présidente Dilma Rousseff s'est engagée à faire un référendum sur la question. De quoi donner du sens à cet autre slogan dessiné sur une pancarte carioca : « *Transformons l'euphorie en héritage.* »

Le Monde

Horizons, samedi 29 juin 2013, p. 21

ENQUETE

Brésil « J'ai mal à mon pays »

De gauche, de droite, de la classe moyenne, de la petite-bourgeoisie, le mouvement des révoltés rassemble presque toutes les strates de la société brésilienne. Portraits croisés de «frondeurs»

Nicolas Bourcier et Benoît Hopquin

RIO DE JANEIRO ET SAO PAULO ENVOYÉS SPÉCIAUX - Ils étaient de la marée humaine qui a déferlé depuis plus d'une semaine dans les rues du Brésil. Comme plus d'un million de compatriotes, avec le soutien de trois citoyens sur quatre, selon les sondages, ils ont protesté contre un système politique dévoyé. Pablo de Amorin Ribeiro et la famille Pacito sont des membres symptomatiques de ce mouvement social qui traverse les catégories, étudiants, classes moyennes, petite-bourgeoisie, gauche et droite mêlées dans une révolte commune.

A Rio de Janeiro, ce jeudi-là, le jeune Pablo avait noué un foulard autour de sa ceinture avant de sortir de chez lui. Non pas qu'il soit un habitué des coups de force contre les policiers - il n'a jamais vraiment manifesté auparavant -, mais les scènes de violence à coups de gaz lacrymogène provoquées par certains membres des forces de l'ordre, observées à la télévision et sur les réseaux sociaux depuis le début des rassemblements, l'ont incité à être prévoyant, « *on ne sait jamais* », sourit-il.

A 24 ans, Pablo est de la « *génération Facebook* », comme il dit, depuis déjà huit ans, un tiers de sa jeune vie. Père dans quelques mois d'un premier fils,

il croque la vie à pleines dents, avec l'assurance de ceux qui ont appris à savourer chaque seconde de l'existence. « *Je descends manifester parce que ma génération mérite mieux que ce que nos dirigeants nous offrent.* »

Etudiant le soir dans un établissement privé de Botafogo, un quartier du centre de Rio de Janeiro, il vit à la Rocinha, la plus grande favela du Brésil avec quelque 120 000 habitants (peut-être plus, personne ne sait vraiment), surplombant les quartiers les plus chics de la ville avec la mer pour seul trait d'union.

Comme tous ses copains de fortune, il se marre quand on lui parle de la police de pacification (UPP), ces unités installées dans trente-trois favelas de la cité carioca dont sa Rocinha, « *occupée* » depuis novembre 2011. « *C'est une fausse sécurité, comme une paix factice*, précise-t-il. *On voit moins d'armes au grand jour, c'est vrai, mais elles sont là, cachées quelque part, parce que le trafic, lui, il n'a pas changé.* » Les UPP sont un peu à l'image de tout le pays, souligne-t-il, une sorte de théâtre des bonnes intentions, où les choses vont peut-être un peu mieux, mais pas comme on le raconte dans les médias traditionnels. « *Tellement*

de choses sont fausses, tellement d'espoirs ont été déçus toutes ces années, on nous a trop bercés, il faut que cela s'arrête. »

Né d'une mère partie tenter sa chance à Londres voilà plus d'un an et d'un père conseiller en gestion lui venant en aide financièrement, Pablo affirme disposer de 300 à 500 euros par mois, selon ses vacances de barman qu'une boîte d'intérim lui propose. « *C'est encore la même chose*, dit-il, *d'après le discours officiel je fais partie de cette «nouvelle classe moyenne», mais je ne sais vraiment pas ce que cela veut dire au final. Moi, je me sens davantage appartenir aux classes les moins élevées.* » Il ajoute, sans aucune plainte : « *Vous imaginez vivre à Rio, une des villes devenues en quelques années une des plus chères au monde, avec pareille somme par mois?* »

Lorsqu'il a vu les prix des tickets de bus augmenter ces derniers mois, il a bondi. Après les premières manifestations de Sao Paulo, Pablo a naturellement suivi le mouvement. « *Les transports sont non seulement chers, mais en plus ils sont déficients. Pour tout Rio, nous avons deux lignes de métro, c'est ridicule. Pour ma fac, je dois prendre parfois deux bus. Même maintenant, après l'abandon*

par les autorités d'augmenter ses tarifs, je paie donc 11 reais [plus de 3 euros] par jour de transports, soit plus de 250 reais par mois, presque un tiers de mon argent. »

Lui-même dit avoir voté pour le candidat d'extrême gauche Marcelo Freixo, contre le maire actuel Eduardo Paes, appartenant au Parti du mouvement démocratique brésilien (centre), membre de la coalition gouvernementale. *« Mon père votait autrefois de temps en temps pour le PT [Parti des travailleurs, gauche], mais il ne le fait plus. Il ne vient pas plus à la manif, je le fais à sa place »,* s'amuse-t-il. Sa jeune culture politique, il dit l'avoir apprise auprès d'un oncle, un proche de Leonel Brizola, le flamboyant leader de gauche (1922-2004), ancien gouverneur et maire de Rio, fondateur du Parti démocratique du travail. Dilma Rousseff faisait partie de cette formation avant de rejoindre le PT. *« Cela ne veut pas dire que je suis dans l'obligation de la suivre. Je ne crois pas que ça soit avec elle qu'un jour j'obtienne un salaire digne »,* lâche-t-il avant de disparaître parmi la foule des manifestants.

A Sao Paulo, ce même jeudi, la famille Pacito était un peu surprise de se retrouver au milieu de la masse immense qui déferlait sur la principale avenue de la ville. Paulo, 50 ans, et sa femme, Dialize, 49 ans, n'ont jamais manifesté. Ces plaintes collectives sur la voie publique, ce n'est pas vraiment dans les moeurs de la petite bourgeoisie brésilienne à laquelle ils appartiennent. Ils se savent *« privilégiés »* et, à ce titre, contraints par la décence de se taire. Il ne leur serait jamais venu à l'idée de venir

sans l'insistance de Luiza, 17 ans, leur fille unique. *« J'ai tant pleuré qu'ils ont fini par céder. » « Très bien, nous irons tous »,* a alors décrété Paulo. Dialize a écrit sur un carton un slogan pour dire son ras-le-bol de la corruption et ils sont partis tous trois vers l'avenida Paulista.

Deux jours plus tard, revenus chez eux, dans leur immeuble surprotégé, dans le quartier bien fréquenté de Palmeiras, à 3 800 euros le mètre carré, ils expliquent les raisons de ce coup de sang. Ils sont heureux d'avoir forcé leur nature et d'avoir été là, au milieu de 100 000 autres, pour crier leur mécontentement d'un système politique qui ne tourne pas rond. *« J'étais perdue dans la foule mais j'ai eu pour la première fois l'impression de compter, d'être entendue »,* dit Luiza. Il fallait qu'ils le fassent. Ils racontent pourquoi.

Paulo Sergio Pacito est concessionnaire automobile. Né dans une petite ville d'une famille modeste, il colle assez bien au rêve brésilien. Employé de banque, il a créé son entreprise à partir de rien, quand il avait 28 ans. S'amorçaient alors les années 1990, qui virent le décollage économique de son pays. Il a *« travaillé dur »* pour accompagner ce boom jusqu'à avoir aujourd'hui une entreprise de onze salariés. A 39 ans, il a même entamé les études que ses parents n'avaient pu lui payer et est devenu avocat.

Sa femme, Dialize Viera Rocha Pacito, a un parcours presque opposé. Elle est issue d'une riche famille de Sao Paulo, à moitié ruinée par l'hyperinflation qui a sévi dans le pays à la fin des années 1980. Quand on a retiré trois zéros à la monnaie

nationale, la fortune a fondu d'autant et enterré les rêves de rente à vie. Dialize a étudié l'orthophonie, ouvert son cabinet qui s'est mis à tourner à plein régime, au diapason de l'économie de son pays.

Les Pacito ne sont pas à plaindre, donc, et ne cherchent pas à l'être. Ils pourraient continuer en silence à payer chaque mois les 500 euros d'une assurance qui leur donne accès aux meilleurs soins ou les 350 euros de l'école privée de leur fille. Cet enseignement de qualité lui ouvrira les portes des meilleures facultés de droit. *« Un jeune issu du système public n'a quasiment aucune chance d'intégrer l'université, tant le niveau est faible et les moyens dérisoires, constate Dialize. Même chose pour la santé publique, qui est dans un état déplorable. Nous nous en sortons car nous pouvons payer, pas les gens pauvres. » « Pourtant, il y a de l'argent dans ce pays, beaucoup d'argent, explique Paulo. Mais 4 % de la population détiennent 90 % de la richesse. »* Les Pacito ne peuvent fermer les yeux sur cette injustice, ne serait-ce que par conviction religieuse : ils sont baptistes dans un pays où les Eglises évangéliques prospèrent sur le besoin de morale.

De ses fenêtres, la famille voit avancer la rénovation somptueuse du stade de Palmeiras, un des grands clubs de football de la ville. *« Il n'y a pas de bonnes écoles, pas de bons hôpitaux, pas de bons transports mais on va dépenser 11 milliards d'euros pour la Coupe du monde, enrage Paulo. On nous donne le football et le carnaval pour que nous ne pensions pas. C'est de l'aliénation mentale. »*

La conversation débouche naturellement sur la politique. Elle rend un tour acrimonieux. Comme tous les Brésiliens, les Pacito n'ont

aucune confiance en leurs élus. « *On est homme politique de père en fils, par héritage, explique Paulo. C'est devenu une corporation qui se partage les privilèges.* » Et puis il y a la corruption, cette nécrose qui fait enrager Dialze. « *Les hommes politiques ont l'impunité dans ce pays.* » Paulo essaye de comprendre cette gangrène : « *Le Brésil est un pays neuf, issu de la colonisation. Les gens sont venus ici pour survivre. Il y a toujours cette idée de prédation, de s'intéresser d'abord à sa situation. Les leaders politiques pensent à eux, à leurs petits-enfants, pas au pays.* »

Les Pacito ont toujours voté centre droit. Ils avaient cru en Fernando

Collor, élu président du Brésil en 1990, avec un discours rénovateur, avant d'être destitué deux ans plus tard pour corruption. Une énorme déception. En 2002, quand Lula est arrivé au pouvoir, ils ont observé l'homme de gauche avec un mélange d'inquiétude et d'espoir. « *Nous ne partageons pas ses opinions mais nous espérons qu'il allait peut-être moraliser le système, explique Paulo. Il n'en a rien été. C'est avec lui que nous avons connu les pires scandales.* »

Leur fille les rabroue gentiment, leur reproche leur pessimisme. Elle fonde de grands espoirs dans le mouvement social qu'elle voit grandir. « *Je ne*

m'intéressais pas à la politique auparavant. Il y a trop de corruption à droite comme à gauche. Mais ces manifestations marquent pour moi un réveil de la société. J'ai envie de croire qu'elles vont changer les choses. » A ses côtés, Paulo et Dialze laissent dire leur fille. Eux sont revenus de ce genre d'espoir. Paulo soupire : « *Je suis triste d'avouer ça à un étranger mais j'ai mal à mon pays.* »

Sur Lemonde.fr

Note(s) :

Voir le portfolio

